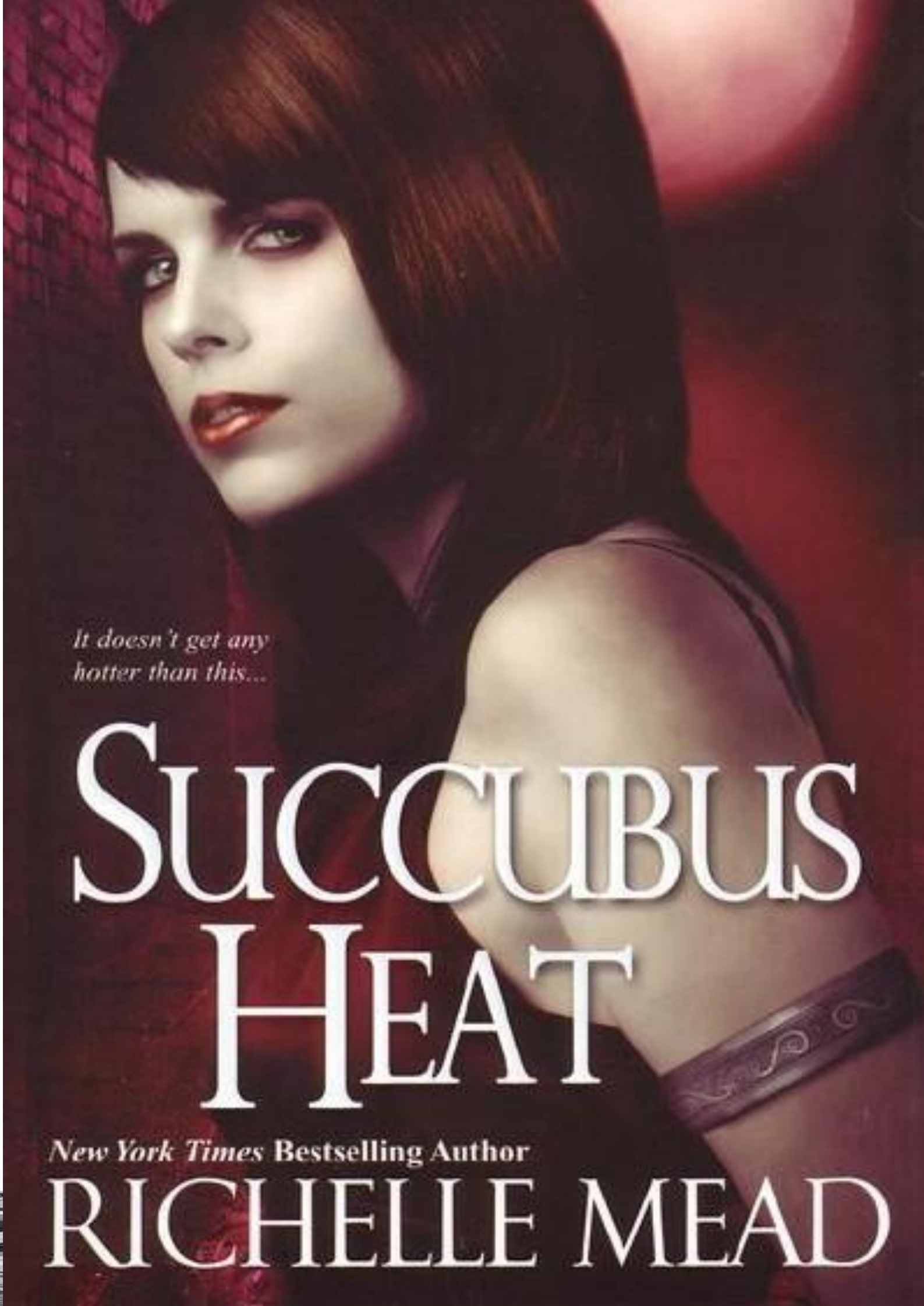


The background of the cover is a close-up portrait of a woman with dark, shoulder-length hair and bangs. She has pale skin, dark eye makeup, and red lipstick. She is looking slightly to the left. She is wearing a dark, possibly black, sleeveless top. On her left wrist, there is a dark, wide band with a light-colored, swirling pattern. The background behind her is dark and out of focus, with a large, glowing red sphere visible in the upper right corner.

*It doesn't get any
hotter than this...*

SUCCUBUS HEAT

New York Times Bestselling Author

RICHELLE MEAD



Georgina Kincaid 4 - Succubus Heat

Richelle Mead

"Georgina Kincaid tem sido uma súcubos muito, muito má...

... O que deveria ser uma coisa boa. Mas ultimamente, graças a seu péssimo humor por ter terminado seu namoro com o escritor de Best-Sellers, Seth Mortensen, ela tem sido tão inconveniente que o arquidemônio de Seattle, Jerome, decidiu "terceirizar" Georgina para um rival - e pede para que ela o espione durante o processo.

Ser exilada no Norte congelante - tá certo, Vancouver - e deixar Seth confortavelmente nos braços de sua nova namorada já era desagradável o suficiente.

Então Jerome é raptado, e todos os imortais sob seu comando misteriosamente perdem seus poderes. Digno de nota: sem sua habilidade de sugar vidas, não há nada que impeça Georgina de deitar e rolar com Seth - nada, a não ser sua namorada. Agora, com a população sobrenatural tendo que se virar por conta própria, a recém-mortal Georgina deve resgatar seu chefe e descobrir quem os está enganando - ou o Inferno se desintegrará...

Títulos anteriores da série Georgina Kincaid:

1: Succubus Blues 2: Succubus on Top 3: Succubus Heat

Créditos: Comunidade Traduções de Livros

[<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=25399156>]

Tradução: Grazi

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=10803005155040813750>]

Tradução: Jaqueline

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=451645816339257869>]

Tradução: Amanda

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=3844082435795292963>]

Tradução: Carol

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=16592676966293637234>]

Tradução: Alba

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=14657458809865260903>]

Tradução: Thábata

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=1224165313819057875>]

Tradução: Mariana

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=5298624630443160772>]

Tradução: Deise

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=625413317238133255>]

Colaboração: Pâmela

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?rl=pv&uid=17042180859827724872>]

Colaboração: Alba

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=14657458809865260903>]

Revisão Final: Tata

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?rl=mp&uid=5334391235273105549>]

Dormir com meu terapeuta foi uma má idéia.

Eu sabia disso também, mas eu realmente não poderia ajudá-lo. Houve tantas vezes que eu apenas pude ouvir "Por que você não me explica isso" e "Diga-me como se sente." Então, eu finalmente improvisei e decidi mostrar ao cara como eu me sentia. Eu tenho que dizer que para um cara decente que nunca tinha traído a esposa, ele não era assim tão difícil de tirar vantagem. E por "não difícil quero dizer "ridiculamente fácil". A pseudo-moral dele me deu uma forte recarga de energia súcubos, e quando você considera que o que nós fizemos foi provavelmente a coisa mais produtiva que já aconteceu no seu sofá, isso foi quase como se eu fizesse uma boa ação.

Ainda assim, eu sabia que meu chefe ia ficar chateado, visto que foi ele que me mandou procurar aconselhamento em primeiro lugar.

"Não conte ao Jerome", Eu avisei meus amigos, batendo meu cigarro contra o cinzeiro. "Eu não quero lidar com esse tipo de consequência".

Meus amigos e eu estávamos sentados em um estande no frio de julho, num baixo clube industrial no distrito de Seattle Belltown. O local era escuro e barulhento, com tubos entrecruzados nas paredes e no teto formando a maior parte da decoração. Por ser um clube privado, não teve que aderir a proibição de fumar em lugares públicos, o que foi um privilégio para mim. Nos últimos meses, eu encontrei na nicotina uma das principais coisas que me ajudaram a enfrentar a situação. Outras coisas essenciais na lista: vodka, Nine Inch Nails*, uma fonte constante de homens com moral, e uma atitude-de-vadia que servia para todas as ocasiões.

(*banda de rock industrial)

"Olha, Georgina", disse o meu amigo Hugh. Ele era um imp, um tipo de assistente jurídico do inferno que comprava almas para nossos mestres, e fazia diversas tarefas pequenas de gestão. Ele tinha o cabelo preto aparado e era grande sem ser gordo. "Eu não sou especialista em saúde mental, mas eu te dizer uma coisa, na estrada para cura, isso provavelmente não foi uma etapa útil".

Eu dei de ombros e deixei meus olhos passarem pela sala lotada de vítimas em potencial. Havia algumas escolhas muito boas aqui. "Bem, ele não foi tão bom. Na terapia, eu quero dizer. Além disso, eu acho que não é mais necessário."

O silêncio me encontrou, na medida em que o silêncio pode me encontrar um lugar tão barulhento. Voltei para meus amigos. Hugh não estava fazendo nenhuma pretensão de

esconder seu olhar —você é uma louca fodidall. Nossos amigos vampiros, Peter e Cody, pelo menos tiveram a decência de afastar seus olhos. Eu me encolhi e apaguei o cigarro.

"Eu não acho", disse Peter finalmente, "que se trata de alguém que você talvez, uh, gostaria de namorar a longo prazo?"

"Sim", concordou Cody, os olhos arregalados e esperançosos. "Aposto que um terapeuta seria um grande ouvinte. E você nem teria que pagar por isso".

"O meu seguro paga por isso", eu repreendi. "E eu realmente não aprecio sua atitude passiva-agressiva com meu namorado".

"Não é tão passiva", disse Hugh. "Você poderia fazer melhor, querida."

"O cara é corrupto e vai para o inferno. Como isso é um problema para você? E você também não gostou do meu último namorado. Talvez você deva parar de se preocupar com a minha vida amorosa e voltar a tentar descobrir como levar a sua última secretária para a cama."

Das estranhas mudanças no meu universo, nenhum dos meus amigos gostou do meu atual namorado, um mago sombrio chamado Dante. A moral de Dante era bastante inexistente, e ele era proprietário de um estoque de amargura e cinismo. Isso faria você achar que ele iria se encaixar perfeitamente com este grupo de almas condenadas, mas por alguma razão, ele não se encaixou.

"Você não está destinada a estar com alguém ruim", disse Cody. Nós éramos todos imortais agora, mas éramos considerados "imortais menores". Isso significava que havíamos sido humanos antes de vender nossas almas para os serviços do Inferno. Cody era jovem, em comparação com o resto de nosso pequeno grupo. Hugh alegava quase um século. Peter e eu tínhamos milênios. Como tal, havia quase uma ingenuidade em Cody, um idealismo encantador que rivalizava com o tipo que eu costumava ter.

Isso tinha sido quebrado quando o meu namorado anterior, um humano chamado Seth, tinha me deixado por uma amiga minha. Seth tinha uma alma boa, calma e infinitamente agradável. Ele me fez acreditar em coisas melhores, como se talvez houvesse esperança para uma súcubos como eu. Eu pensei que estava apaixonada - não, eu estou apaixonada. Mesmo eu podia admitir isso. Mas, como uma súcubos, eu trouxe um elemento perigoso para qualquer relacionamento. Quando eu tinha relações sexuais com um homem (ou uma mulher - isso funcionava de qualquer forma), eu roubava a sua energia vital, que era o poder que alimentava toda a alma humana. Ele me mantinha viva e sustentava minha existência imortal. Quanto mais puro o cara, mais a energia que eu levava. Quanto mais energia tomava, mais eu encurtava sua vida. Com Dante, eu quase não tinha efeito. Ele tinha pouca energia para dar, então nossa vida sexual era relativamente "segura", e então eu obtinha meus fixes* de outros caras insignificantes nas horas vagas.

(*Fixes, dentre outras coisas, é usado como gíria para injeção de heroína. Nesse caso, é como se a Georgina comparasse a necessidade de energia vital que ela sente com a necessidade de um viciado em drogas.)

Com Seth ... bem, isso tinha sido uma história diferente. Dormir com ele teria tido muitos efeitos prejudiciais - então eu me recusei a fazê-lo. Por um tempo, nós tínhamos vivido no amor por si só, o nosso relacionamento era sobre muito mais do que um ato físico. Ao longo do tempo, porém, isto cobrou o seu preço, tal como tinha um número de relacionamentos comuns complicados. Finalmente, as coisas explodiram quando Seth dormiu com a minha amiga Maddie. Eu acho que ele fez isso para me encorajar a

terminar, na esperança de me poupar a dor futura. Seja qual for à intenção inicial, ele e Maddie tinham seguido e, estabelecido uma relação bastante séria nos meses seguintes.

Eu não tinha aceitado isso muito bem.

"Não há como agradar vocês", eu rosnei, chamando o garçom para outra bebida. Ele me ignorou, irritando-me ainda mais. "Vocês não gostam dos bons. Vocês

não gostam dos maus. Pra onde essa merda leva?"

Uma nova voz subitamente cortou nosso círculo. "Por favor, me diga que estamos discutindo suas conquistas amorosas, Georgie. Não há nada que eu aprecie mais".

Lá estava ele, de pé ao lado da nossa mesa: o meu chefe Jerome, arquidemônio de Seattle e sua grande região metropolitana. Eu olhei furiosa. Eu não apreciei o tom zombeteiro - ou ele me chamando de Georgie. Ele se sentou ao lado de Hugh, e o garçom que eu estava tentando chamar veio imediatamente. Pedimos uma nova rodada de bebidas.

Jerome estava claramente de bom humor hoje, o que sempre fazia nossa vida mais fácil. Ele estava em um terno preto de grife, e seu cabelo estava moldado exatamente como o de John Cusack em uma entrevista recente que eu assisti. Isso provavelmente merece ser mencionado: O corpo humano que Jerome escolheu era um clone de John Cusack. Súcubos podem mudar de forma porque isso faz parte do que nos ajuda com a sedução. Demônios podem mudar de forma simplesmente porque - como os anjos - eles são seres imensamente poderosos que existem desde o início dos tempos.

Eles são "imortais maiores". Por causa de uma estranha obsessão de fã que ele negou veementemente, Jerome escolheu parecer com o ator para interagir no mundo mortal. O estranho foi que, quando saíamos, os humanos nunca pareciam notar a semelhança.

"Você não sai conosco há um tempo", salientei, na esperança de mudar de assunto. "Eu pensei que você estava ocupado com coisas de demônio". Rumores diziam que Jerome estava praticando boxe com outro demônio, embora nenhum de nós soubesse dos detalhes.

Ele pegou um dos meus cigarros do pacote sem pedir. Um minuto depois, a ponta do cigarro acendeu por conta própria. Exibicionista.

"As coisas têm tomado um rumo realmente agradável", disse ele. Ele respirou profundamente e deixou a fumaça girar em torno dele. "Uma coisa a menos para lidar. Eu esperava que a tagarelice incessante sobre suas aflições românticas também tivessem acabado, mas eu acho que é esperar demais. Você ainda está com aquele charlatão?"

Eu joguei minhas mãos para cima.

—Por que todo mundo odeia o Dante? Vocês rapazes deveriam abraçá-lo como um irmão.

Jerome considerou pensativo.

—Ele me aborrece. Você pode fazer melhor.

—Jesus Cristo, Eu disse.

—Talvez ela visse isso se parasse de fazer merdas estúpidas como dormir com seu terapeuta, salientou Hugh, no que aparentemente supôs ser um tom de ajuda.

Eu virei para ele, surpresa.

—Você escutou alguma coisa do que eu disse?

—O suficiente, Ele disse.

Enquanto isso, a expressão preguiçosa, satisfeita de Jerome desapareceu. Ele fixou seu olhar em mim, os olhos queimando como uma chama que inexplicavelmente me fizeram sentir gelada. Ele esmagou o cigarro e se levantou do seu assento. Agarrando o meu braço, empurrou-me para fora do meu próprio assento e começou a me arrastar da mesa.

"Venha comigo", ele assobiou.

Eu tropecei com ele para fora da sala que levava aos banheiros. Uma vez fora da vista dos outros, ele me empurrou contra a parede e inclinou-se para mim, o rosto cheio de fúria. Sua agitação era um sinal que ele estava se comportando como um ser humano. Ele poderia simplesmente ter-nos transportado para algum lugar isolado. "Você fodeu seu terapeuta?", Exclamou.

Engoli em seco. "Eu não estava fazendo muito progresso".

—Georgie!

—Por que isto é um problema? Ele tinha uma alma boa. Eu pensei que isso era o que você queria que eu fizesse!

—Eu queria tirar esta porcaria de peso dos seus ombros desde que aquele tedioso mortal te chutou.

Eu vacilei. Foi meio que uma coisa estranha. Eu estava tão deprimida depois que Seth terminou que Jerome tinha finalmente enlouquecido e me dito para ir procurar ajuda porque estava cansado de ouvir minhas

—amarguras e lástimas. A estranheza de um demônio encorajando aconselhamento psicológico a um de seus empregados não passou despercebida por mim. Mas, honestamente, como ele poderia entender? Como ele podia entender o que era ter seu coração despedaçado? Ser retirado da pessoa que você mais amava no mundo? Minha existência inteira tinha perdido o sentido, e a eternidade parecia algo impossível de suportar. Por semanas, eu não sai e nem falei muito com ninguém. Eu me isolei, perdida na minha própria dor. Foi quando Jerome tinha jogado as mãos para o alto e exigido que eu acabasse com isso.

E eu fiz, de certo modo. Eu balancei para outro caminho. Eu de repente me tornei agressiva - tão, tão agressiva da maneira como a vida tinha me tratado. Alguns dos meus infortúnios foram minha culpa. Mas Seth? Eu não sei. Eu não sabia o que tinha acontecido ali, e me senti injustiçada pelo mundo e pelas vidas de sofrimento que continuaram me dando. Então, eu comecei a lhe dar isso de volta. Eu parei de me

preocupar. Eu tinha me jogado no modo súcubos completo: buscando os homens mais morais que eu poderia, roubando suas vidas, e quebrando seus corações com pouco remorso. Isso ajudava com a dor.

Às vezes.

"Eu estou fazendo o que eu devo!" Eu gritei. "Estou marcando alma após alma. Você não tem do que reclamar".

"Você tem uma atitude de vadia e continua provocando briga com todo mundo - e você não está melhorando. Estou cansado disso. E eu estou cansado de você".

Eu gelei, meu antagonismo voltando-se para o medo puro. Quando um demônio diz que está cansado de você, isso freqüentemente resulta em ser re-locado de volta para o inferno. Ou ser destruído.

"Jerome ..." Tentei avaliar minha melhor estratégia aqui. Charme? Arrependimento?

Ele afastou-se e tomou uma respiração profunda, calmante. Isso não ajudou muito. Sua raiva veio alta e clara.

"Eu estou te mandando embora. Eu vou terceirizá-la para a alguém." "O que?" Minha raiva voltou, empurrando meu medo para longe

momentaneamente. Terceirização era um enorme insulto para uma súcubos.

"Você não pode fazer isso."

"Eu posso fazer qualquer merda que eu quiser. Você responde a mim". Um cara magro virou o corredor, dirigindo-se para o banheiro. Jerome encarou-o com um olhar penetrante, assustador. O cara ganiu e voltou às pressas para o outro lado. "Há um arquedemônio em Vancouver, que quer alguém para manter um olho em uma seita que ele tem interesse lá em cima".

"Lá em cima..." Minha boca caiu. "Você quer dizer Vancouver, BC? Você está me mandando para o Canadá?" Porra. Eu realmente tinha ido longe demais.

Havia também uma Vancouver em Washington. Isso não teria sido tão ruim. Pelo menos eu teria ficado em casa.

"Ele queria uma súcubos desde que ele ficou com apenas uma e não poderia poupa-lá. Eles têm que cortar alguém do trabalho para mandar lá para cima, você sabe. Eu quase considerei enviar Tawny". Ele fez uma cara à menção de sua recém-adquirida e muito, muito inapta súcubos. "Mas, bem, ela não é... ótima. Eu não queria desistir de você, mas agora acho que eu vou ser digno deixando minha preciosa súcubos por um tempo, para tirar você do meu pé^{*}. Eu preciso de alguma paz e sossego".

(*A expressão original foi: "but now I think it'll be worth missing my useful succubus for a while to get you out of my hair.". - mas agora acho que eu vou ser digno deixando minha preciosa súcubos por um tempo para tirar você do meu cabelo.)

"Olhe, Jerome", eu disse, esperando soar arrependida. "O que você quer que eu faça? Conseguir outro terapeuta? Eu posso fazer isso. Vou pegar uma mulher. Uma feia. E eu vou tentar deixar de lado a atitude e - "

"Essa é a minha decisão, Georgie. Você precisa de algo para ocupar você, e isso vai fazer Cedric feliz. Ele calcula que uma súcubos é a melhor escolha para se infiltrar em sua pequena adoração ao demônio."

"Adoração do Dem - o que, você quer dizer como, os satanistas?" "Algo como isso."

Eu o encarei. "Satanistas canadenses? Você está me mandando para um grupo de satanistas canadenses?"

Sua única resposta foi um encolher de ombros.

"Se isso estivesse acontecendo com outra pessoa, poderia até ser hiláριο, eu disse. "Mas por que você está fazendo isso? Desde quando você ajuda alguém -

muito menos outro demônio?" Demônios tendiam a ser insanamente competitivos com os outros.

Novamente, Jerome não respondeu. Ele tirou um cigarro - sinceramente, se ele tinha o seu próprio, por que ele roubou o meu antes? - e fez o truque de iluminação novamente. Ele pareceu um pouco menos tenso depois de dar uma profunda tragada nele.

"Algo está acontecendo", eu disse cautelosamente. "Você está me usando para usá-lo. Sobre o que é isto realmente?"

"Altruísmo", disse ele, revirando os olhos. "Jerome..."

"Georgina", ele retornou, os olhos duros. "Você não tem direito de questionar isso, não com o tanto que você me encheu o saco ultimamente. Agora, vá arrumar suas coisas e reavaliar sua lista de prioridades".

DOIS

Eu realmente não tinha nada contra os canadenses. Eles são legais. Realmente legais. Mas isso não significava que eu queria jogar Curling* com eles, e sempre havia o perigo de se Jerome estava no bom humor, ele poderia decidir fazer dessa atribuição temporária algo permanente. Apesar de achar que ele não faria.

Debaixo de toda a grosseria, Jerome gostava de mim - na medida em que um demônio poderia verdadeiramente gostar de alguém. É certo que ele gostava um pouco menos de mim desde que Seth tinha virado minha vida de pernas pro ar no último outono, mas quando eu não estava bancando uma atitude pesada eu acho que divertia Jerome. Coisas divertidas são raras na eternidade, então eu esperava que fosse o suficiente para garantir a segurança do meu trabalho.

(*Curling é um esporte de equipe com similaridades ao Lawn Bowls e a Bocha. Nele duas equipes de quatro participantes cada, competem entre si com o objetivo de lançar, deslizando 8 pedras de granito sobre um corredor de gelo. Esse esporte é praticado em todo o Canadá, no norte do Estados Unidos e no norte da Europa.)

Eu deixei Belltown e me encaminhei para Queen Anne, um outro bairro de Seattle. Eu tanto morava como trabalhava na Queen Anne e se eu estava prestes a desaparecer por um tempo, meu chefe mortal provavelmente precisava saber. Infelizmente ir para o trabalho significava encarar coisas desagradáveis para as quais eu realmente não estava com humor esta noite.

—Georgina! O que você está fazendo aqui?

Maddie Sato, o Brutus para o meu César*, veio correndo até mim quando entrei no Emerald City Livros e Café. Na defesa de Maddie, ela não sabia que Seth e eu estávamos namorando quando eles dormiram juntos. Então não era como se ela tivesse conhecimento de que estava roubando ele de mim. Isso realmente não mudava meus sentimentos em relação a qualquer um deles, no entanto.

(*Marco Júnio Brutus (85 - 42 a.C.), foi um líder político e militar romano e um dos assassinos do general Júlio César.)

—Eu preciso ver Warrenll, eu disse, suspeitando que eu provavelmente cheirava a vodka e fumo.

—Ele está aqui?

Ela balançou a cabeça, agitando seu cabelo preto brilhoso. Ele estava comprido, em um estilo elegante que eu ensinei a ela como fazer.

—Ele foi embora há cerca de uma hora. Não queria ficar para o fechamento.

Olhei para um relógio. Eu quase cheguei na hora de trancarem as portas. Eu bati meu pé impacientemente, me perguntando se deveria ligar para a casa de Warren. Finalmente eu perguntei

—Você tem um segundo para te passar algumas coisas de programação? Vou estar fora por uns dias ... ou talvez mais.

—Claro, ela disse, sorrindo e mostrando as covinhas.

—Você quer que eu pegue Doug também?

—Ele está aqui?

Ambos assistentes da gerência no fechamento na mesma noite. Isso foi um golpe de sorte. Eu fui para o meu escritório, enquanto ela foi buscar o irmão Doug. Minha mesa estava organizada para variar e eu encontrei a prancheta com a programação para as próximas semanas. Folheei-a, aliviada em ver que nós tínhamos um complemento de pessoal suficiente para uma mudança. Meus amigos imortais não entendiam porque eu me preocupava tanto com esse emprego. Recentemente houve dias - dias que eu nem queria sair da cama de tão deprimida - que eu me perguntava a mesma coisa. Mas a verdade era que a eternidade era um tempo extremamente longo e eu gastava a maior parte do meu tempo sempre ocupada com alguma atividade. Isso era parte da minha natureza; eu não podia ficar ociosa. E às vezes - às vezes - eu conseguia ficar tão presa no dia a dia do mundo humano que eu podia quase fingir, no período de uma batida de coração, que eu era um deles novamente.

—Eu não acho que vamos precisar de alguém para me cobrir,|| eu disse quando eu ouvi a porta do escritório ser aberta uns poucos minutos depois.

—Alguém só vai precisar assumir meu...,eu olhei para cima.

Maddie voltou, junto com Doug, mas eles não estavam sozinhos. Seth estava com eles.

Toda a fácil confiança que eu tinha mostrado na loja, toda a audácia e intrepidez que eu tinha mostrado no clube... tudo se encolheu em um frio e apertado nó assim que eu olhei para ele. Paredes foram ao chão ao meu redor. Como ele podia me afetar dessa maneira, particularmente enquanto vestia uma camiseta do Buck Rogers? * Fazia três meses. Por que eu não o tinha superado? Por que eu ainda queria chorar ou quebrar alguma coisa toda vez que o via?

(*Buck Rogers foi um seriado de televisão transmitido originalmente entre os anos de 1979 e 1981 e conta a história de um astronauta militar do século XX, é acidentalmente congelado durante uma missão espacial e desperta no século XXV, passando a atuar como patrulheiro.)

—Uau, Kincaid,|| Doug disse, parcialmente distraído-me de minha angústia. Ele olhou para a minha roupa e levantou uma sobrancelha. "Estamos interrompendo sua vida social?"

Eu vestia um casaco preto na altura do joelho sobre um curto vestido vermelho. Minha maquiagem foi feita para a perfeita sedução, delineador preto, cafetina e batom para combinar com o vestido. Uma transformação no carro teria sido o toque final, mas eu não sentia que precisava provar nada aqui. Na verdade, eu meio que estava aliviada com

meu visual vagabunda desta noite.

—Aparentemente, esta é minha vida social já que eu sou patética o suficiente para vir aqui num sábado à noite.

Eu tentei me focar somente em Doug e Maddie, tentando muito não olhar para o cabelo macio castanho acobreado de Seth ou seus olhos suaves. Dentre todas as noites, por que ele tinha que estar aqui hoje? A resposta: ele estava aqui todas as noites. Ele era um escritor e fazia melhor o seu trabalho em cafeterias. Quando nós terminamos ele tentou encontrar uma outra e ficar longe de mim, mas Maddie - obviamente por causa dele - implorou para que ele ficasse na livraria.

—Onde você está indo? perguntou Maddie.

—Está tudo bem?

—Sim, sim, eu disse bruscamente

—Longa história.

Eu mostrei para Maddie e Doug a prancheta, explicando novamente que tinha certeza que a loja ficaria bem sem o meu trabalho desde que eles pudessem cobrir as tarefas que eu fazia como gerente. Nós esboçamos uma pequena lista das minhas responsabilidades, como a folha de pagamento e estoque, e começamos a dividi-la.

Doug tocou a lista

—Eu já fiz tudo isso antes uma vez ou outra. Não tem problema. Eu vou pegar a primeira metade. Ele deu uma cotovelada na irmã.

—E você? Você vai pegar o resto e esta parte aqui?

Maddie mordeu os lábios. Ela era imensamente talentosa, mas sofria com crises de insegurança, o que eu repetidamente dizia ser ridículo. Ela melhorou muito com o passar dos meses - de novo, graças a mim - mas continuava vacilando.

—Eu não tinha percebido que você fazia tanto. Eu espero poder aprender tudo isso.

—Pare de bancar a tímida. Eu vou te ensinar, disse Doug.

—Você será tão boa quanto Kincaid em pouco tempo.

—É, eu disse secamente. "Estamos praticamente intercambiáveis de qualquer maneira." Com o rabo de olho eu vi Seth se mexer desconfortavelmente.

—A coisa toda parece meio superficial, entretanto, observou Doug inclinando a cabeça fazendo seus cabelos negros caírem longe do rosto.

—Você está partindo, mas não tem certeza quando ou por quanto tempo? Eu achei que você fosse a responsável por aqui.

—É... coisa de família, eu disse à eles.

—Só tem que ser tratada. Além do mais, agora você tem a chance de ser responsável. Você vai me agradecer, Doug.

Ele mostrou a língua para mim.

—Warren vai aceitar isso? Maddie perguntou ainda inquieta ao meu lado.

—Deixa que eu lido com o Warren, eu garanti a ela.

Doug riu, mas Maddie não percebeu. Warren, o dono da loja, tinha sido por um bom tempo meu companheiro de sexo. Ele me deu mais ou menos a mesma quantidade de energia que Dante, mas ele era conveniente e adequado. Eu tinha

parado com os nossos encontros enquanto namorava Seth, mas desde então eu voltei aos velhos hábitos. Doug sabia sobre meu caso com Warren naquela época e agora, mas foi discreto o suficiente para me deixar com minhas próprias escolhas, a não ser pelas ocasionais roladas de olho. Eu suspeitava que Seth soubesse o que estava acontecendo também, mas eu não me importava. Warren não me daria nenhuma mágoa no nosso tempo junto. Eu era muito boa no que fazia, tanto no serviço como no quarto.

Nós planejamos uma mudança antes de terminar e então eu joguei a prancheta novamente na sua pilha, de repente sentindo uma necessidade de sair de lá o mais rápido possível.

—Está certo. Obrigada, time. Vou deixar vocês trabalharem.

—Você vai sair para arrasar a cidade?, perguntou Doug, ainda divertido.

—Eu posso me juntar a você em cerca de meia hora. Eu conheço uma festa de matar.

Eu balancei minha cabeça.

—Eu já arrasei a cidade. Eu estou indo para casa. —Perdedora, ele falou para mim.

Maddie me desejou sorte com a minha misteriosa viagem e então eu os deixei, caminhando pela loja e cumprimentando meus outros colegas de trabalho enquanto eles corriam com suas tarefas de fechamento. Estava perto da porta quando ouvi alguém chamar meu nome. Eu me virei e vi Casey correndo em minha direção. Ela trabalhou aqui quase todo o tempo em que estive na faculdade e era uma das nossas melhores funcionárias. Então eu parei e forcei um sorriso, meus olhos ansiosos olhando de relance em direção à porta.

—Ei, o que foi?

Ela sorriu, seus olhos escuros brilhando.

—Eu queria saber se você vai à minha festa no próximo final de semana! ela disse

—Você nunca respondeu o e-mail.

Eu não lembrei de nenhum e-mail, mas eu estava muito rápida no gatilho* com a tecla delete ultimamente.

—Eu não recebi, menti.

—O que está acontecendo?

(*O termo usado era —trigger-happy, por falta de expressão melhor coloquei —rápida no gatilho.)

—É minha festa de formatura. Neste domingo. Eu fiz uma careta. —É abril.

—Eu estou me formando mais cedo. Eu completei minhas disciplinas, então eu não tenho que cumprir o trimestre da primavera. Bem legal, huh?

—Uau, eu disse, realmente impressionada. —Isso é legal. Matemática, certo?

—Matemática e Letão* (*Língua falada na Letônia)

—Mas por que diabos você... esquece.

Agora não era momento para seguir perguntando por que alguém com herança filipina estudaria línguas bálticas.

—Eu queria poder ir, mas estou deixando a cidade amanhã por causa de uns assuntos familiares e não sei quando estarei de volta. Eu sinto muito.

O rosto de Casey se entristeceu um pouco, mas ela disse que entendia. E, assim como Maddie, ela me desejou sorte e disse que esperava que os meus negócios de

—família fossem resolvidos com facilidade. Éramos duas. Ela me deixou e foi para as suas tarefas de fechamento.

Assim que eu fechei a porta da loja e estava do lado de fora, eu parei e exalei. O ar prazeroso da noite tomou conta de mim. Estar na presença de Seth era sufocante. Isto despertou muito em mim. Mesmo enquanto conversava sobre negócios e números com Doug e Maddie, grande parte da minha atenção estava em Seth - o quanto exatamente ele estava longe de mim, como ele cheirava, a forma como seu cabelo estava desarrumado hoje. Todo o resto era como um barulho de fundo comparado a ele.

Alcançando minha bolsa com as mãos trêmulas, eu tirei meus cigarros, precisando desesperadamente de um para a caminhada até em casa.

Eu fumei por cerca de um século e parei há dez anos, algo que me deixou muito orgulhosa, apesar de ser imune aos efeitos. O stress me levou ao hábito novamente. Eu me senti um pouco mal por sujeitar os outros ao fumo passivo, mas, honestamente, o fumo era o menor dos meus problemas agora.

—Drogall, eu apertei o interruptor do isqueiro e nada. Três novas tentativas produziram resultados similares. Segurando o isqueiro no meu ouvido, eu o sacudi. Nada. Estava sem fluído.

—Droga, eu repeti. Eu morava há algumas quadras dali, mas de algum modo, caminhar agora seria uma agonia.

De repente, eu ouvi o que soou como uma botina próximo a esquina do prédio. Franzindo a testa eu dei uns passos à frente, me perguntando se alguém estaria lá.

Esta área era bem segura, mas a parte inferior de Queen Anne continuava tendo sua quota de vagabundos. No entanto, quando eu olhei ao redor da esquina, não havia ninguém lá.

Havia, no entanto, uma caixa de fósforos no chão.

Ajoelhando-me, eu peguei a caixa e examinei. Mark's Mad Martini Bar.* Eu já estive lá há muito tempo. Era na parte superior de Queen Anne, não muito longe se você não se importa em dirigir numa ladeira. Não era absurdo que uma caixa de fósforos fosse encontrada por aqui. O estranho era que esses fósforos apareceram exatamente quando eu precisava deles.

(*Eu preferi manter o termo original do que traduzir para Bar do Martini Louco do Mark.) Atrás de mim, eu ouvi a porta da loja ser aberta.

—Georgina? Eu me levantei e me virei bruscamente. Seth.

—Ei, eu disse, esperando suavidade. A sensação de sufocamento voltou.

A luz do interior da loja iluminou seu rosto no crepúsculo e eu devorei cada linha e ângulo de seu rosto. Seus olhos pareciam negros na escuridão, mas na luz direta eles eram marrons fundidos com âmbar. Ele enfiou suas mãos nos bolsos e seus olhos não encontraram os meus. Foi doloroso lembrar como tinha sido quando nos conhecemos, muito tímido para olhar diretamente para mim.

—Eu queria ver se você estava bem,|| ele disse depois de tempo.

Eu mexi os fósforos diversas vezes na minha mão e então coloquei no bolso externo da minha bolsa.

—Eu estou bem, eu disse, mantendo minha voz fria e distante.

—É só que... ele relaxou um pouco e deu uma pequena e triste risada.

—Quando você é vaga sobre suas atividades e menciona família,, costuma significar negócios imortais. E negócios imortais sempre significam problemas.

Eu comecei a sorrir, logo em seguida parei.

—É, significam sim e, acredite em mim, é um dos grandes dessa vez.|| Mesmo depois de tudo ter dado errado entre nós, havia um tipo de conforto e familiaridade entre ele que imediatamente eu queria rir e contar toda a história para ele. Eu já podia nos ver rindo com a idéia de Satanistas Canadenses.

Eu podia imaginar perfeitamente a maneira que Seth ia balançar a cabeça em exasperação. Mas não era para ser assim. Eu estava tão machucada e era tão orgulhosa para até mesmo permitir a ele uma amizade, então eu apenas encolhi os ombros e disse

—Mas vai dar certo. Sempre dá.

—É... mas geralmente não sem um monte de problemas. Eu só estou preocupado com você, é isso.

—Você não tem que estar, não mais.

—Eu não estou em perigo. Estou mais para aborrecida.

Ele abriu a boca para falar e eu sabia o que significava. Ele queria argumentar que isso ainda era motivo para se preocupar - mas os tempos eram outros. Ele engoliu em seco e deixou o comentário passar.

Mais silêncio caiu. Eu sabia que deveria ir embora, mas, de alguma forma, eu não consegui. Aparentemente nem ele conseguia.

—Você... você realmente está ótima

hoje à noite, ele disse por fim, ainda hesitante.

Havia um entendimento em sua voz. Ele sabia que a minha aparência nessa noite não era somente por causa do meu corpo e minhas roupas. A energia que eu roubei ao dormir com o terapeuta estava me envolvendo.

Vida e seu poder eram irresistíveis para todas as criaturas, tanto para mortais quanto imortais. Imortais podiam, literalmente, ver a vida brilhando em mim. Para mortais, eu simplesmente parecia linda. Sublime. Perfeita.

Por uma questão de educação, eu fingi que ele estava elogiando somente pelas coisas normais.

—Obrigada. Eu estava na rua com os outros quando toda essa... coisa... aconteceu. Foi tipo um desmancha-prazeres.¶*

(*O termo original era —put a damper on my partying¶, por falta de expressão melhor coloquei —desmancha-prazeres¶.)

Ele acenou com a cabeça como resposta e se moveu fazendo realmente um contato visual. Eu queria que ele não tivesse feito isso. Meu coração derreteu dentro de mim e eu senti um soluço crescendo no meu peito. Desesperada por algo que pudesse ser feito, eu peguei os fósforos recém descobertos e acendi o cigarro que eu estava segurando todo o tempo. Eu dei uma longa tragada e exalei. Seth recuou. Ele não era fã de cigarro. Era como se de repente houvesse uma armadura.

—Bem, eu disse, me sentindo mais ousada.

—Eu preciso ir para casa e fazer as malas. Eu te vejo por aí.

Eu me virei e só tinha dado uns passos quando ele me chamou.

—Georgina? Olhei para trás. "Sim?"

—Você... um... ele vacilou e novamente eu lembrei do Seth de antigamente. Sentimentos agriados queimaram dentro de mim.

—Você precisa de alguém para alimentar sua gata? Eu não sabia se devia rir ou chorar.

—Não, mas obrigada. Cody fará isso. Eu falei as próximas palavras completamente consciente de que ia causar algum dano

—Ou Dante.

Seth vacilou e, de alguma forma, eu tanto me senti triunfante como triste ao mesmo

tempo.

—Sem problemas, ele disse hesitante.

—Eu só pensei em, você sabe, checar.

—Obrigado, eu disse novamente. Nós mantemos nossos olhos presos um no outro por mais alguns instantes e então eu me virei e caminhei pela noite.

TRÊS

Eu não desfiz as malas, nem liguei para o Dante quando cheguei em casa. Eu estava exausta. Conversar com Seth tinha sido muito deprimente. Eu decidi que vivia perto demais da livraria. O que uma vez foi conveniente, agora era opressivo. Poucos quarteirões simplesmente não eram distância suficiente entre mim e Seth. Eu meio que queria que Emerald City tivesse outra filial em algum lugar onde eu pudesse trabalhar. Por outro lado, talvez eu é que precisava encontrar um novo apartamento. Meu contrato de aluguel acabaria em breve e até agora eu nunca considerei nada a não ser renová-lo.

Mudar de apartamento era um pensamento assustador - e estranhamente atraente - e eu ponderei isso quando me preparava para dormir naquela noite, minha gata Aubrey se aconchegou nas minhas pernas.

Na manhã seguinte, eu tive que correr para arrumar minhas coisas na mala. Jerome não tinha me dado nenhum dia específico para estar em Vancouver, somente —em breve. Eu decidi não testar os exatos termos disso.

Felizmente, a arrumação da mala não demorou muito. Eu podia mudar de forma para qualquer roupa que quisesse, mas eu tinha algumas favoritas que preferia simplesmente levar comigo. Era outro persistente hábito humano. Também havia cosméticos e outros produtos de higiene pessoal que eu queria levar; eu gostava de fazer meu próprio cabelo e maquiagem quando tinha tempo.

Eu estava me servindo da terceira xícara de café na cozinha quando eu senti um tremor de assinaturas imortais aparecendo na minha sala. Somente um imortal de alto escalão, como um demônio ou um anjo, poderia se teletransportar diretamente, e eu imediatamente reconheci esses dois. Grace e Mei.

Elas eram demonesses tenentes de Jerome. O céu manteve sua agenda de forma casual, mas a nossa era cuidadosamente organizada. Territórios foram divididos entre arquidemônios, que por sua vez controlavam uma rede de demônios subordinados e imortais menores como eu e meus amigos: súcubos, vampiros eimps. Jerome tratava de grandes questões da área, ia a reuniões com demônios que estavam acima dele e estava no comando para disciplinar. Grace e Mei cuidavam dos detalhes e papeladas e também ficavam de olho nos lugares mais longínquos do território de Jerome, áreas para as quais ele estava muito ocupado ou desinteressado. Sua jurisdição completa era ao longo da costa ocidental de Washington, embora sua base operacional fosse a área metropolitana de Seattle.

Era aqui também que a maioria do seu pessoal estava localizado. Ele só mantinha uma atenção ocasional nos arredores e deixava que Grace e Mei o mantivesse informado

sobre alguma ocorrência.

Por alguma razão, as demonesses sempre combinavam as roupas. Hoje elas ostentaram terninhos pretos, costurados num perfeito caimento. *Grace* era loira e *Mei* tinha cabelos pretos, mas os cabelos também eram semelhantes: cortados na altura do queixo. Ambas usavam batom vermelho-tijolo.

—Bom dia, *Georgina*, disse *Grace*.

—Estamos aqui para instruções de último minuto, disse *Mei*.

—Oh, okay, eu fiquei aliviada. Eu estava com medo do Jerome ter enviado elas para descobrir por que eu ainda não tinha cruzado a fronteira do Canadá.

—Vocês, garotas, querem um pouco de café?

Eu oferecia alguma coisa toda vez que elas estavam aqui e toda vez elas recusavam. Então, eu fiquei um pouco surpresa quando Grace perguntou,

—De que tipo?

—Um... Starbucks.* A mistura da casa.

(*Starbucks é a empresa multinacional com a maior cadeia de cafeterias do mundo)

—Não, responderam Grace e Mei em coro.

Eu dei de ombros e sentei no sofá. Aubrey estava deitada lá há um minuto, mas agora não havia nem sinal dela. Ela odiava essas duas. Na maioria das vezes elas me assustavam também.

—Okay, eu perguntei

—Qual é a novidade?

Elas permaneceram de pé. Mei cruzou os braços.

—Jerome quer que você entenda a situação com Cedric. Os dois tiveram um... desentendimento sobre linhas territoriais.

Isso animou meu interesse.

—Ah, então é ele. Nós ouvimos que Jerome estava passando por algo com outro demônio.

—Um está de olho no domínio do outroll, explicou Grace.

—Na esperança de expandir seus próprios limites até ao longo do Pacífico Norte... ela pausou pensativa.

—... um império? eu sugeri. Ela deu de ombros em acordo.

—Algo semelhante, Mei disse

—Mas eventualmente, eles colocaram a disputa de lado e desistiram, cada um ficando com seus territórios atuais. É por isso que Jerome está te emprestando para Cedric, como um sinal de boa vontade.

Eu estava muito intrigada para responder sobre o desgosto em Jerome me

—emprestar para alguém.

—Jerome não faz as coisas de boa vontade, eu salientei, recordando a observação falsa dele sobre altruísmo na noite passada.

—Há mais coisa acontecendo. Grace concordou.

—De fato. Jerome suspeita que Cedric na verdade não desistiu da luta e ainda está conspirando contra ele. Jerome quer que você espione e traga as informações.

Oh, eu não gostava disso. Não mesmo.

—Ele quer eu que espione outro demônio? Um arquidemônio? Você sabe que tipo de problema eu poderia entrar se Cedric descobrir?

Nenhuma das demonesses disse nada. Não havia preocupação em nenhuma delas se eu fosse pega. Considerando a atual atitude de Jerome comigo, provavelmente também não havia muita preocupação por parte dele além de ter que enviar uma requisição para o Departamento Pessoal pedindo uma nova súcubos.

—Então, continuou Mei,

—você terá duas agendas. Você terá que deixar Jerome ciente sobre o que Cedric estiver fazendo. E você precisa se infiltrar no problema cultural de Cedric e mantê-lo na linha - embora se você deixar as coisas um pouco desconfortáveis para Cedric durante esse tempo, Jerome não se importará.

—Certo. Os satanistas canadenses. O que diabos eles estão fazendo de tão grave? Colocando 666* nas costas das camisetas de hockey?

(*666 é, de acordo com a tradição cristã, um número correspondente ao sinal da Besta.)

Minha piada não tinha surtido o efeito desejado em nenhuma das demoness. Algum dia, pensei, arrancaria delas uma risada. "Eles estão chamando a atenção, o suficiente para embarçar os superiores de Cedric. Eles prefeririam que essa seita conduzisse as coisas de uma maneira mais discreta."

—Até onde eu sei, verdadeiros satanistas não são realmente maus por si só,|| eu meditei. Imoralidade a parte, a maioria dos satanistas era mais reconhecida pelo caos e selvageria humana, a natureza básica

—A maioria realmente não deve estar realizando rituais sangrentos ou pintando pentagramas com spray nas paredes.

—Na verdade, disse Mei, —esse grupo está pintando pentagramas com spray nas paredes

—Oh,|| eu disse. —Isso é ridículo.

—Eles pensam que são malvados... começou Grace.

—... mas não são|| terminou Mei. —Eles precisam ser parados.

—Okay, certo. Sem problemas. Influenciar potenciais satanistas era mel na chupeta* comparado a espionar um demônio. Eu olhei a hora.

—Mais alguma coisa? Eu provavelmente deveria ir.

(*O termo era —piece of cakell (pedaço de bolo), mas o sentido é o mesmo: algo fácil comparado a outro mais difícil.)

—Sim, disse Mei. —Jerome quer que você dê uma checada em Tawny.

—Sério? eu gemi. —Ele me odeia.

As demoneses nem confirmaram, nem negaram essa afirmação.

—Nos vemos por aí, Georgina, disse Grace.

—Vamos verificar, disse Mei. Elas desapareceram.

Com um coração pesado eu terminei a arrumação da mala e disse adeus a Aubrey. Então eu arrastei minha mala até meu Passat, pronta para bancar a Mata Hari.* Eu só esperava que o meu fim fosse melhor que o dela.

(*Mata Hari foi uma dançarina exótica dos Países Baixos acusada de espionagem que foi condenada à morte por fuzilamento, durante a Primeira Guerra Mundial.)

Uma vez que você passa por Everett, uma cidade naval bem ao norte de Seattle, dirigir até o Canadá é realmente fácil. O limite de velocidade sobe e as mais excitantes atrações ao longo do caminho são cassinos e shoppings. Há cerca de meia hora da fronteira, eu cheguei a Bellingham, a atual residência de Tawny Johnson.

Tawny era uma súcubos, uma súcubos bem nova. Tecnicamente eu era a mentora dela, mas a sua transferência para Bellingham misericordiosamente tinha limitado nossa interação. Ela tinha voltado para Seattle em dezembro e se envolvido com um imp chamado Nippon que estava tentando fazer da minha vida um inferno maior do que já é. Ele a envolveu em seus planos e por mais raivosa que estivesse com isso eu sabia que era mais culpa dele do que dela. Ela realmente não sabia o que estava fazendo e foi convencida que ele poderia ajudá-la a acelerar sua carreira.

No entanto, ela tinha se metido em apuros suficientes para Jerome mandá-la para fora da cidade. Isso era melhor do que ser mandada de volta para o inferno, então realmente a transferência tinha sido um arranjo adequado.

Eu liguei para ela, e nos encontramos num café na saída da I-5.* Tawny era fácil de detectar quando ela entrava num lugar. Apesar do fato de que Tawny era uma vigarista quando mortal - uma profissão que você pensa que poderia contribuir bem para o trabalho como súcubos - ela era realmente muito ruim em sedução.

Oh, ela ainda conseguia arrumar caras para dormir com ela, mas isso era mais graças a sua disponibilidade do que qualquer truque especial por parte dela. Em particular, ela estava convencida de que a forma mais sedutora que ela poderia ter era de uma loira de um metro e oitenta com seios que eram um insulto para um humano. Tawny também tinha uma propensão a usar spandex e tecidos metálicos que eu achava perturbador, mas que encantava Hugh e os vampiros. Eu teria que me lembrar mais tarde de contar a eles sobre a o short mínimo verde amarelado que ela estava vestindo hoje.

(*A Interstate 5 (abreviado I-5) é uma auto-estrada interestadual de sentido sul-

norte, na região oeste dos Estados Unidos, que inicia em San Diego, Califórnia, na fronteira Estados Unidos da América-México, e termina em Blaine, Washington, na Fronteira Canadá-Estados Unidos da América.)

—Georgina! ela exclamou, dançando até minha mesa com suas sandálias douradas.

—Eu estou tão feliz em ver você. Ela estendeu os braços, como se talvez eu fosse

levantar e abraçá-la, mas eu continuei sentada.

Pegando a dica, ela então se sentou. —O que você está fazendo aqui?

—Eu estou indo para Vancouver, eu disse, envolvi minhas mãos em torno da minha mocha de chocolate branco.

—Jerome queria que eu parasse para ver como as coisas estavam indo.

Seus olhos brilharam. —Ótimo! Eu estou passando bastante tempo lá no Western* Ela se inclinou para frente e falou em voz sábia. —Você sabe, se você estiver tendo problemas em conseguir alguém para levar pra cama, você deve procurar os caras de faculdade. Eles são tão fáceis.

(*Western College (Universidade) www.westerncollege.edu)

—Obrigada pela dica, eu disse secamente. —Vou me lembrar disso.

Ela apertou os lábios e olhou para mim. —Não parece que você precisa, no entanto. Ela acrescentou melancolicamente. —Eu nunca conseguiria um brilho como esse.

Uma pena ela não ter visto o brilho com completo efeito ontem. Isso teria espantado ela.

—Você conseguirá eu disse. —Um dia. Algum dia muito, muito distante. Tawny tinha milhas a percorrer antes de ganhar as sutilezas requeridas para pegar caras com moral.

—Eu não sei como você faz isso. Você nem mesmo é loira. Quero dizer, talvez um pouco, mas no geral você é morena. Eu só não vejo os homens preferindo morenas.

Meu cabelo era longo e castanho claro, levemente dourado. Meus olhos eram cor de avelã esverdeado o que eu também imaginava não se encaixar na visão do que será sexy para ela, pelo menos seus olhos azuis bebê eram indicação disso.

—É, bem, algumas pessoas gostam de coisas excêntricas, eu acho.

O garçom apareceu e anotou nosso pedido para o almoço. Eu fiquei a vontade e fiquei preparada para fazer algumas orientações.

—Então, eu disse. —Você tem alguma pergunta?

Tawny levantou sua cabeça, seus olhos decorados com longos cílios, pareciam pensativos.

—É. Há uma coisa que eu fiquei me perguntando.

—Okay, vamos ver.

—Esses caras da faculdade... eles meio que são, tipo, rápidos.

—Rápidos?

—É. Você os leva para cama e acaba antes de começar.

—Eles têm dezoito ou vinte. Os hormônios adolescentes ainda estão pulsando. Eles não sabem realmente o que estão fazendo ainda

—É, é, eu sei,|| ela disse. —Exceto quando você está fazendo lá embaixo neles, é como se fosse pra sempre. Você entende o que eu quero dizer?

Eu forcei uma cara séria. —Isso é um dos mistérios do universo, Tawny. Você tem que se deixar levar.

—Mas minha boca fica dolorida, ela gemeu. —Faz minha mandíbula doer no dia seguinte! Não tem nenhuma maneira de acelerar isso?

Meus amigos imortais morreriam de rir se eles pudessem ouvir essa conversa.

—Você pode tentar o truque do _não pare... Ou talvez dizer para eles que você quer que faça na sua cara. Isso vai fazer as coisas andarem.

—Eca! Isso é nojento.

Eu dei de ombros. —Não pergunte se você não quer ouvir a resposta.

—Mas como eu posso ao menos dizer qualquer coisa quando minha boca está, bem, você sabe...

Assim passou o resto da nossa conversa de almoço com assuntos calamitosos sendo tratados como tópicos suaves. Felizmente, ninguém sentou a uma distância que pudesse nos ouvir. Eu comi minha salada de frango o mais rápido que pude ansiosa para retomar meu caminho. Assim que pagamos nossa conta, um pensamento veio até mim.

—Ei, Tawny. Você está praticamente na margem do Cedric aqui. Alguma vez você viu qualquer sinal dele e Jerome brigando?

Ela balançou a cabeça. —Não. Eu nunca nem sequer encontrei Cedric. Mas há um vampiro aqui na cidade que mencionou que eles brigaram antes. Ele disse que achava que era algo grande.

—Todos acham, mas ainda assim... Eu não sei. Eu tenho um sentimento estranho sobre isso. Como se alguém estivesse querendo encobrir alguma coisa.

Tawny deixou dinheiro sobre a mesa, suas unhas estilo garras cor vermelho envernizado. Por meio segundo ela pareceu extraordinariamente sábia. —Quando eu fazia as minhas armações, a melhor maneira de enganar as pessoas era fazer de uma coisa qualquer uma grande coisa. Desorientação.

Isso provavelmente era a coisa mais inteligente que eu já ouvira a Tawny dizer. —É, mas se for isso, do que eles querem desorientar?

—Não faço idéia. Isso é para pessoas espertas como você descobrir. Eu só estou tentando fazer os caras da faculdade acelerarem no boquete.

No meu primeiro minuto na Canadá, fui parada por um policial.

Logo após passar pela alfândega, havia uma pequena extensão da estrada com um limite de velocidade extremamente baixo. Todas as vezes que dirigia por aqui, eu tentava respeitar esse limite. E eu era a única a tentar fazer isso. Todos os moradores locais passavam rápido por aquele trecho, já na velocidade que seria permitida há meia milha (ou quilômetros ou seja lá o que fosse)depois.

Todas às vezes, um pouco antes de atingir oficialmente a área em que era permitida uma velocidade maior, eu finalmente cedia e pisava no acelerador - e era sempre aqui que os policiais me paravam. Eu já havia sido parada por três vezes.

Essa era minha quarta.

Entreguei minha carta e os papéis necessários para o policial. "Americana, hein?" ele perguntou, como se não fosse bastante óbvio.

"Sim senhor," eu disse.

—Você sabe que estava correndo, não sabe? ele pareceu curioso, não áspero.

—Estava? Eu respondi sem expressão, olhando para ele com olhos de compaixão. Eu vi o glamour de súcubos apreendendo ele. —Mas a placa dizia 65.

—65 quilômetros por hora, ele corrigiu gentilmente. —Nós usamos o sistema métrico aqui.

Eu pisquei. —Ohhh. Deus, esqueci. Eu me sinto tão estúpida.

—Isso acontece muito, ele disse. Eu devolveu minhas coisas sem nem ao menos conferir.

—Vou te dizer uma coisa. Vou deixar você ir desta vez. Só tenha a certeza de seguir a velocidade certa, tá? Seu velocímetro tem o quilômetros por hora embaixo do milhas por hora.

—Oh, é para isso que esses pequenos números servem - é? eu dei a ele um sorriso deslumbrante. —Muito obrigada.

Para minha sorte,* ele tirou o chapéu. —Feliz em ajudar. Seja cautelosa agora e aproveite sua estadia aqui.

(*A expressão original era —so help me, que é uma versão curta para —so help me God, usada como nós usamos o —graças a Deus. Como essa expressão ficaria super estranha, coloquei —para minha sorte, tentando manter assim o mais próximo possível do sentido inicial.)

Eu o agradei novamente e segui em frente. Vale notar aqui, que mesmo sendo parada quatro vezes nesse trecho eu me safei nas quatro vezes. Canadenses. Tão legais.

Eu dirigi pela cidade de Vancouver sem novos incidentes e segui para meu hotel. Era um elegante na Rua Robson e eu decidi que, no final das contas, talvez Jerome não me odiasse. Ou pelo menos, a agência de viagem do inferno não me odiasse. Robson era uma área divertida, cheia de restaurantes e shoppings. Eu joguei minhas coisas no meu quarto e segui para o encontro com Cedric. Ele deve ter me sentido cruzando pelo seu território, mas eu queria deixar oficializado que eu estava aqui para que não tivesse

problemas adicionais com Jerome. Ao contrário de Jerome, que era impossível de se encontrar às vezes, Cedric na verdade tinha um conjunto de escritórios no Centro Financeiro. Eu meio que gostava disso. Na recepção estava uma imp chamada Kristin. Ela Parecia suficientemente agradável, mas incrivelmente atarefada. Ela me disse que eu estava com sorte, pois Cedric poderia me atender naquela hora. Caminhando até o escritório dele, eu o encontrei na sua mesa, lendo algo na Wikipédia. Ele olhou para cima.

—Oh. A súcubos do Jerome. Ele se virou do monitor e apontou para uma cadeira no

oposto do mesa.

—Sente-se. Eu me sentei e imediatamente comecei a avaliar o escritório. Nada ali gritava o mal. Era arrumado e elegante, com uma extensa janela com vários prédios de escritórios além dela. Bolas pratas de movimento perpétuo* e um desses emoldurando um pôster motivacional pendurado na parede. Tinha a imagem de uma muda de pinheiro em frente a uma grande árvore onde se lia DETERMINAÇÃO.

(*Aqueles brinquedos de movimento cinético para colocar em mesas de escritório.

Exemplo:

http://ecx.images-amazon.com/images/I/31sf8-JF3iL._SL500_AA280_.jpg)

Cedric não parecia muito malvado. Ele tinha uma altura mediana e lindos olhos azuis cinzentos. Ele mantinha seu cabelo raspado no estilo do exército e, assim como Kristen, uma grande energia de que ele estava atarefado. Na medida de uma pessoa que estivesse atarefada, mas que pudesse navegar no Wikipédia. Eu olhei para a tela curiosa para saber o que ele estava olhando. Aquisições demoníacas talvez?

—Ah, isso, ele disse, seguindo meu olhar.

—Só uma coisa que costumo fazer nas horas vagas. É a página dos Marsupiais. Eu só gosto de visitar às vezes e colocar informações incorretas. É sempre divertido ver quanto tempo demora para eles notarem. Eles estão melhor nisso do que antes, mas isso só deixa mais desafiador. Eu simplesmente escrevi como os marsupiais são parte integrante da Eucaristia Luteranall. Ele riu da própria ingenuidade. —Deus, eu odeio a Reforma.*

(*O termo usado foi —Reformationll e se refere à Reforma Protestante que foi um movimento reformista cristão iniciado no século XVI por Martinho Lutero, que protestou contra diversos pontos da doutrina da Igreja Católica, propondo uma reforma no catolicismo.)

Eu sorri, sem estar bem certa do que dizer.

Cedric juntou as mãos a sua frente, seu rosto se tornando sério.

—Então, vamos tratar de negócios. Você está aqui para me espionar. Minha boa abriu, mas nada coerente me veio. —Hum...

Ele acenou com as mãos. —Não, não, está tudo bem. Você não esperava honestamente que eu acreditasse que Jerome faria um favor sem segundas intenções? Tanto faz. Eu não tenho nada a esconder. Ele pode ter o território dele

-

eu estou muito ocupado com o meu. Você pode dizer a ele o que você quiser contanto que você faça o que eu preciso.

—Certo, eu disse finalmente achando minha voz. —Seu embaraçoso culto satânico. Ele fez uma careta. —Deus, esse caras são um saco. O que você sabe sobre eles?

—Que eles não são satanistas como os outros, não como os seguidores de Anton LaVey* ou os anti-Cristo. Eu me sentia como uma aluna recitando na frente da classe.

(*Anton Szandor LaVey fundou a Igreja de Satã no ano de 1966 em San Francisco, Califórnia, EUA. É o líder da primeira organização abertamente satânica da história.)

—Eles acham que são anti-Cristo, mas, na maioria, eles são apenas ridículos. São só alguns idiotas procurando um grupo para se unir e acharam que seria legal ser mau. Eles se encontram vestindo túnicas e ficam fazendo apertos de mão secretos.

—E isso é um problema?

—Não, eu não ligo para nada disso. Eles podem brincar de dress-up* o quanto quiserem. O irritante é que eles estão fazendo todas as coisas que as pessoas pensam que as pessoas más fazem, mas que elas não fazem realmente. Eles rasgaram um monte de bíblias uma vez e deixaram no gramado de uma igreja. E eles também parecem ter uma pré-disposição para tintas spray.

(*Dress-up é aquele jogo no qual uma boneca é colocada de biquíni e o jogador pode colocar, dentre várias opções, a roupa que quiser, quantas vezes quiser.

Exemplo:

http://www.i-dressup.com/celebrities/fashions/Kristen_Stewart.php)

—Eu ouvi falar

—Eles ficam escrevendo coisas estúpidas como O Anjo das Trevas é o Senhor, e O que Satã faria?, Cedric rolou os olhos. —É, como isso é original.

—Eu consigo ver porque você está constrangido eu admiti.

—Sem brincadeira. A pior parte é que eles estão atraindo um pouco de atenção da mídia - especialmente entre as igrejas locais. Então, agora esses caras estão fazendo suas próprias repercussões e desencadeando todo um conjunto de manifestações de fé e, nós precisamos dessas coisas. Meio que foge ao nosso propósito, na verdade.

—O que você quer que eu faça?

—Kristin saiu com eles algumas vezes. Eles a conhecem e reconheceram de que lado ela trabalha, mas, francamente, ela não tem as habilidades pessoais para manipulá-los. Ela vai levar você até eles e dar a eles alguma baboseira sobre como você é do alto escalão do mal ou algum absurdo desse tipo. Então, eu quero que você saia com eles e faça parte do grupo deles. Pare qualquer coisa estúpida que eles forem fazer. Faça-os voltar aos seus lugares. E merda, se você for capaz de dispersá-los, vai fundo.‖ Ele olhou para mim. —Você é uma súcubos. Você está por aí por um tempo. Você deve ser capaz de convencê-los de qualquer coisa.

Eu concordei. —Eu consigo.

—Bom. Estou cansado deles. Eu não estou autorizado a interferir diretamente e meu próprio pessoal está muito atarefado.

Ele se levantou e caminhou em direção a porta. E peguei a dica e o segui. —Faça o que quiser no resto do dia. Kristin vai levá-la até eles amanhã. Fique de olho neles. Veja o que acha. Eu tenho alguns compromissos de manhã, mas apareça à hora que quiser e me fale do que você achou desses tolos.

—Há alguma coisa em particular que você queria que eu descubra para você?

—Sim, ele disse. —Além de deixá-los fora de problemas, eu quero que você simplesmente os observe. Eles não estão somente atraindo a atenção da mídia - eles estão atraindo atenção dos meus superiores. Ah, sim. O inferno poderia ficar puto com esse tipo de coisa. —Se alguém está propositalmente manipulando eles, eu quero saber.

—Okay.

Ele me deu um olhar apertado. —E eu espero que não seja Jerome.

Ele ainda tinha aquele ar leve e atarefado, mas eu notei o tom severo em sua voz. Eu estremei, mas sorri de qualquer forma, tentando não pensar em desorientações.

—Também espero que não seja.

Eu estava um pouco surpresa em como tinha sido curta minha reunião com Cedric. Estava ainda mais surpresa por conta de toda a chateação que o Jerome tinha me feito escutar de como aquela viagem era urgente. Agora eu não tinha nada pra fazer. Mas é claro, que se ele estava tentando apenas se livrar de mim, isso era o melhor que podia acontecer. Eu e minhas desobediências estávamos longe de Seattle.

Era hora do jantar quando eu voltei para a Rua Robson, então eu consegui alguma coisa para comer num restaurante Etíópico há algumas quadras do hotel e enrolei no final da refeição com um romance que eu tinha pegado há uns dias. Depois disso, eu vaguei pela rua, olhando as várias lojas e designers, e finalmente tive que parar depois que passei por duas lojas de camisetas. Uma vendia coisas retrô e tinha uma camiseta roxo escuro do Quiet Riot* na vitrine.

(*Quiet Riot foi uma banda de heavy metal americana.)

Numa outra era vendido souvenirs canadenses e exibia uma camisa mostrando o mapa do Canadá em vermelho com o mapa dos Estados Unidos em azul. A legenda dizia: —Canadá gosta de estar no topoll Se eu ainda estivesse namorando Seth, eu compraria ambas para ele. Ele teria balançado a cabeça e me dado um leve aperto nos lábios enquanto tentava esconder o sorriso.

O pensamento me deixou deprimida e eu me vi ficando cada vez mais triste conforme eu caminhava de volta para meu hotel. Naquele momento, eu daria qualquer coisa para estar com Seth novamente, para consertar as coisas erradas que nós fizemos um ao outro na época do Natal. Perdê-lo era como perder parte de mim - uma ardente chama queimou em mim. Mas por que diabos eu estava reclamando? Por que eu sentia falta dele? Por que eu estava definhando por alguém que tinha me traído e me machucado com uma amiga, entre tantas outras pessoas? Seth não merecia meu desejo ou meu amor e, conforme fui caminhando a escuridão se dissipou dentro de mim e se transformou em raiva e ódio - assim como tinha acontecido quase todos os dias nos últimos quatro meses.

Quando eu voltei para o hotel, eu não estava mais triste. Eu esta puta da vida! Eu odiava tudo e todos, mas especialmente Seth. Eu queria fazê-lo pagar.

Infelizmente, não havia maneira de fazer isso, não aqui em Vancouver. Passando perto do bar do hotel no meu caminho até o lobby, eu parei e examinei os presentes. Foi um

verdadeiro banquete de homens, a maioria viajantes solitários fazendo amizades passageiras entre os drinques. Minha luxúria súcubos surgiu em mim, e de repente tudo o que eu queria era ficar bêbada e ir para a cama com algum cara. Eu queria me perder na neblina do álcool e fuder, na esperança de que tudo isso pudesse aliviar a dor que estava enterrada sob a minha raiva.

E enquanto eu olhava ao redor, um cara em particular chamou minha atenção. O rosto era diferente, mas ele tinha a cor de cabelo quase igual a do Seth. Este era todo diferente também, embora parecesse que ele tinha conseguido aquele

visual com gel, em vez da falta de escovação de Seth. Não, esse cara não era a escolha perfeita em vários aspectos, mas ele estava ali e havia uma aura de timidez vulnerável sobre ele que eu gostava.

Colocando um sorriso no rosto, atravessei a sala para me apresentar... Eu poderia não ser capaz de punir Seth, mas pelo menos essa noite, eu podia fingir que podia.

QUATRO

—Eu posso te ligar

O cara parecido com Seth permaneceu pelado na cama, ainda exausto, mesmo após horas de ter gozado. Eu parei perto da porta, completamente vestida, calçando meus sapatos. Acontecia que ele, na verdade, estava aqui a negócios vindo de Seattle e ele ficou em êxtase quando soube que vivíamos na mesma cidade.

—Mmmll eu franzi meus lábios como se estivesse pensando muito. —Eu não acho que seja uma boa idéia.

—Sério? Sua expressão de contentamento desapareceu. Ele se mostrou tão vulnerável e tímido quanto eu pensava. Eu era somente a segunda mulher com quem ele tinha dormido. —Mas eu senti como se... bem, eu senti como se nós realmente estivéssemos conectados.

Eu o encarei com um olhar frio. A raiva sufocante da última noite não estava mais me consumindo, mas eu continuava com raiva do mundo e precisava chicotear alguém como podia.

—Nossos corpos se conectaram. Foi só isso. A verdade é que eu já tenho um namorado.

Os olhos dele se arregalaram. Eu percebi então que deveria ter mencionado o fato de ter um namorado antes de fazermos sexo. Isso teria dobrado sua culpa e dado a mim uma força maior. Ainda assim, a agonia que ele sentia agora por ter dormido com a namorada de alguém estava escurecendo sua alma enquanto nós conversávamos.

—S-Sério?

—É. Desculpa. Esta era só uma maneira de passar o tempo. E, honestamente, querido? Você aceita uma crítica? Você ainda tem muito a aprender. Não foi tudo isso.

Eu parti antes que pudesse ver o efeito completo das minhas palavras. Isso ia doer, eu não tinha dúvidas. Deixá-lo devastado não fazia com que eu me sentisse realmente melhor, mas me congelou o bastante para que não processasse qualquer real emoção. Eu estava entorpecida, o que era o melhor que poderia esperar.

Kristin estava me esperando numa cafeteria no final da rua para que ela pudesse me levar até a casa do líder do culto. O cabelo castanho claro dela estava puxado num elegante torcido francês* e o seu terno frisado me lembrava algo que Grace ou Mei

provavelmente vestiriam, salvo que esse era azul escuro ao contrário do usual preto ou - nos dias ousados - vermelho delas. Ela tomava o que parecia ser um cappuccino e apanhava migalhas de sua rosquinha, os olhos dela perdidos em pensamentos, sem dúvidas ponderando as tarefas e negócios que ela teria que lidar no dia. Eu comprei um mocha de chocolate branco e deslizei para a cadeira oposta a dela.

—Bom dia, eu disse.

(*O termo original do penteado era —a neat French twist.

Exemplo: <http://666kb.com/i/be5tu8pith6l9rwng.jpg>)

Ela me olhou, notando meu brilho.

—Teve uma boa noite? Eu dei de ombros. —Noite mais ou menos.

—Está preparada para encontrar o Exército das Trevas?*

(*Army of Darkness é o terceiro filme da série Evil Dead, sequência de Evil Dead 2: Uma noite aluciante 2 (A Morte Chega de Madrugada), dirigido e escrito novamente por Sam Raimi. O herói Ash desta vez volta ao tempo e vai para o século 16, onde enfrenta um exército de mortos-vivos.)

—Claro. Eu - espere. O que você disse?

—O Exército das Trevas. É como o culto se auto-nomeia.

—Eles sabem que isso é um filme, né?

Ela balançou a cabeça. —Honestamente, é difícil dizer. Eles podem ter criado o nome baseados no filme até onde eusei.

—Isso é tão absurdo quanto irreal,|| eu disse a ela. —Isso tudo soa como uma piada.

—Antes fosse,|| ela murmurou. —Acredite em mim, eu vou ficar feliz quando você se livrar deles. Além do fato de Cedric me fazer falar com eles, eu tenho que apresentar uns quinhentos relatórios cada vez que eles fazem alguma coisa estúpida. Isso realmente está estressando ele. Eu fico tentando fazê-lo praticar exercícios de relaxamento, mas ele se recusa.

Ela soou genuinamente preocupada, quase como se ela trabalhasse para Cedric por verdadeira lealdade e não por uma servidão forçada a qual todos nós estávamos destinados.

—Bem, vou ver o que posso fazer. Vocês não têm uma súcubos aqui? Por que ela não está trabalhando com esse grupo?

—Ela está ocupada seduzindo o Primeiro Ministro. Cedric não quer que ela se distraia.

—Uau, eu disse. Tinha séculos desde que eu tinha tido a iniciativa de ir atrás de um grande político. —Eu me sinto uma preguiçosa.

Kristin me lançou um olhar. —Eu ouvi, principalmente, que você é uma agitadora.

—Eu gosto de pensar que sou apenas incompreendida.

Ela bufou. —Nós todos somos incompreendidos. Você não faz idéia de quantas vezes pessoas tentam usar isso como razão para quebrar seus contratos.

Entre o sofrimento pela situação com Seth e ser o alvo da contrariedade de Jerome, ultimamente eu tinha pouco tempo para pensar sobre outras coisas. As palavras de Kristin de repente despertaram uma memória, uma que eu mantinha enterrada há muito tempo.

—Quantas vezes as pessoas tentam quebrar seus contratos por um erro?

Quando Nippon esteve aqui no último inverno, ele tinha despendido um enorme esforço para complicar minha vida e me mandar de volta para o inferno. Como foi ele que me enganou para vender minha alma há muito tempo, eu tinha várias razões para odiá-lo. Mas por que ele me odiava e queria me arruinar? Isso era - e continua sendo - um mistério. Hugh especulou que quando um imp se metia em tantos problemas só para complicar a vida de um de seus aliciados, costumava ter uma razão - especificamente um potencial problema com o contrato original.

Meu ar casual não enganou Kristin. —Você acha que pode haver um erro no seu?

Eu mantive minha indiferença. —Hugh - meu imp - acha que poderia ter. Mas ele não deu uma checada. A recusa dele em me ajudar continuava me perturbando.

—Ele é esperto. Olhar contratos dos outros pode levá-lo a problemas. Os cofres do inferno não são lugares que você quer ser pego por perto bisbilhotando. Seria preciso muito para um imp correr esse risco.

Eu não tinha provas, mas algo me dizia que Kristin era mais velha e de maior escalão que Hugh e deveria ter mais acesso do que ele. Eu sorri docemente. —O que te faria correr esse risco?

—Nada que você possa oferecer. Ela deu um rápido sorriso torto e escorregou o elegante óculos de sol Oakley. —Vamos lá. Vamos acabar com isso.

Nós acabamos numa casa no subúrbio de Vancouver. Era uma pequena área de classe média. Não era particularmente refinado, mas também não era do tipo de lugar que você precisa se preocupar com assaltos. Kristin estacionou na rua e me levou até a garagem da casa, seus saltos fazendo barulho no concreto. Ao longo da lateral do jardim, alguém tinha plantado recentemente malmequeres e gerânios.

Ela tocou a campainha e, um momento depois, um homem com vinte e poucos anos atendeu a porta. Ele tinha um cabelo preto bagunçado, como se talvez ele tivesse acabado de acordar, e possuía uma aparência amigável de alguém que trabalhava no Home Depot* ou Circuit City.**

(*Home Depot é um varejista americano de produtos para casa, construção e serviços.)

(**Circuit City é um varejista americano de produtos eletrônicos.)

—Hei, Kristin, ele disse, a voz alegre e blasé.*

—Entre. (*Casual)

Assim que ela deu um passo para dentro eu a segui, oferecendo ao cara um sorriso amigável por conta própria. —Eu não posso ficar, ela disse a ele de forma direta. —Eu só estou trazendo ela. Evan, essa é...

Kristin olhou para mim, aparentemente esperando para ver se eu queria usar meu próprio nome. Eu geralmente usava identidades e formas diferentes quando seduzia vítimas, mas não parecia valer a pena aqui.

—Georgina, eu respondi.

—Georgina, disse Kristin. —Esse é Evan. Ele e eu apertamos nossas mãos.

—Georgina é uma das fundadoras de uma seita similar a nossa em Seattle. Ela está aqui para ver como as coisas estão sendo feitas e, possivelmente, formar algumas conexões entre os grupos.

Ela inclinou a cabeça para baixo, olhando para ele sobre o topo dos seus óculos escuros.
—Eu quero que você seja cortês com ela e a envolva em suas atividades. É muito importante.

Ele balançou a cabeça, ainda parecendo suave e agradável - mas um pouco nervoso com o rigor da voz dela.

—Absolutamente. Cedric disse que Evan sabia que Kristin era uma jogadora poderosa no Time do Mal e ele claramente parecia respeitá-la. Ela supostamente não tinha habilidade para —tratar com as pessoas desse grupo, mas pela maneira que Evan a respeitava, não parecia ter precisado de muito para chamar sua atenção.

Para mim, Kristin disse —Chame um táxi quando terminar. Nós pagaremos à despesa.

Com isso, ela voltou para seu carro, me deixando com o suposto general do Exército das Trevas.

—Você quer alguma coisa para beber? ele perguntou, abafando um bocejo.

—Eu tenho algum RC* na geladeira. (*RC Cola: um tipo de refrigerante.)

—Não, obrigada. Eu só estou ansiosa para aprender como vocês fazem as coisas por aqui.

Ele sorriu. —Claro. Eu provavelmente deveria te mostrar o templo primeiro. Eu olhei ao redor, vendo o sofá florido e o relógio de pêndulo. —Templo?

—É, fica no porão. Você tem certeza que não quer nada para beber? Eu não queria beber nada que tivesse menos do que 40% de álcool então neguei mais uma vez.

Ele me conduziu para baixo, por uns degraus frágeis, puxou uma corrente no fundo que ligava uma lâmpada fraca. Nós estávamos em um porão inacabado com chão de cimento bruto e paredes de tijolos.

Cadeira dobráveis estavam dispostas em semicírculos ao redor de uma estante de livros baixa, quase na altura da minha cintura. No topo da estante havia uma pintura escurada com a silhueta de um anjo negro contra uma neblina cinza e roxa. Parecia ter vindo direto de um livro de ficção. Velas pretas e vermelhas queimadas até a metade estavam espalhadas ao redor da pintura, junto com uma cruz invertida. Do outro lado da sala, mais velas estavam sobre uma máquina de lavar e uma secadora. Evan caminhou até um interruptor de luz e ligou. Luzes brancas de natal ganharam vida nas paredes de

tijolos.

"Uau," eu disse. Meu espanto não foi falso.

—Nós não terminamos a arrumação aqui, ele disse modestamente. —Nós temos que mudar muito nossa localização para evitar sermos descobertos. Você sabe como é. Então, ainda há coisas que precisamos desempacotar. Ele apontou para uma

baixa de papelão no fundo. Eu não podia ver todo o conteúdo, mas eu consegui ver um boá* de penas pretas e um crânio desses que brilham no escuro. Na lateral da caixa, um marcador preto declarava sucintamente: COISAS DO TEMPLO.

(*Boá - cachecol comprido de penas.)

Eu contei as cadeiras. Quinze. —Quantos membros vocês têm? eu perguntei.

—Cerca de uma dúzia. Um pouco menos que isso estão ativos. Ele sentou em uma dessas cadeiras, gesticulando para que eu fizesse o mesmo.

—E há quanto tempo vocês vêm se encontrando?

—Oh, há cerca de um ano agora

Eu sorri, ativando meus encantos num esforço para não parecer uma repórter investigativa —Eu tenho ouvido sobre todas as coisas que vocês fazem. Muito impressionante. Como as bíblias e, hum, as tintas spray.

Ele sorriu com o elogio. —Você ouviu sobre isso? Legal. Nós fazemos como o Anjo das Trevas nos direciona.

—Que outras coisas você são direcionados a fazer?

—Bem, teve uma vez que a igreja Metodista estava tendo uma festa do sorvete. Nós invadimos antes e deixamos todos os sorvetes deles fora do freezer para derreter.

—Hum-hum.

—Depois, numa outra vez nós fomos a um zoológico fazendinha* e penduramos colares com pentagramas em todas as cabras. Nós também pintamos seus chifres de vermelho e preto. Deixa eu te dizer, não foi fácil. Elas não gostam de ficar paradas.

(*O termo era —petting zooll, que também é conhecido como "children's zoo" (zoológico para crianças). É uma combinação de animais domésticos e alguns animais selvagens que sejam dóceis o suficiente para que deixem ser tocados e alimentados.)

—Hum-hum

—Oh, e depois nós fizemos todas as TVs passarem O Bebê de Rosemary.*

(*O bebê de Rosemary (Rosemary's Baby) é um filme americano de 1968, do gênero terror, dirigido por Roman Polanski.)

—Hum - TVs?

—É, eu trabalho na Circuit City* e nós temos esses paredões de televisões, então eu

sincronizei todos eles. Meu chefe nunca suspeitou quem fez aquilo.

(*Circuit City, companhia norte americana sediada em Virgínia, proprietária e operadora de lojas de produtos eletrônicos por todos os Estados Unidos)

Mais e mais a ladainha era contada. Cerca de 10 minutos depois eu o interrompi, incapaz de ouvir mais nada. —Olha, Evan, são realmente maravilhosas as coisas que estão fazendo. Quero dizer, essas são coisas que o meu pessoal em Seattle nunca, jamais sonharia fazer em um milhão de anos.

—Sério? ele perguntou alegremente.

—Sério, eu disse categoricamente. —Mas, apesar de ser uma grande coisa, não seria mais útil para, uh, os propósitos do Anjo, trabalhar para garantir almas para ele?

—Para ela. Evan corrigiu.

—Ela. Certo. Lúcifer, Satã, o Diabo, tanto faz. Havia vários nomes para o que os humanos consideram como a entidade suprema do mal, e eu ouvi uma tonelada ao longo dos anos. Considerando a idéia popular de Lúcifer ser um anjo caído, essa coisa de —Anjo das Trevas|| não me surpreendia, mas o fato de ser feminino sim.

—Desculpa, eu disse a ele. —Nós conhecemos o Anjo como um ser masculino.

—Tudo bem, ele respondeu. —O Anjo é tudo para todas as pessoas.

—Certo. Então, de qualquer forma, eu quero dizer o objetivo final é converter para ela quantas pessoas for possível, certo? Para conduzi-los ao caminho mundano.* Não é como se derreter sorvetes fizesse isso - não que não seja legal, eu adicionei apressadamente. —Eu só estava me perguntando se você não deveria estar mais focado em guiar as pessoas a cair em tentações.

(*O termo usado foi —the left-hand path.|| Left-hand path é usado para qualquer caminho espiritual que tem como objetivo prazeres mundanos, em oposição aos espirituais.)

Pelo menos Evan não parecia incomodado com minha crítica. —Talvez seja para o que o seu grupo esteja direcionado. Mas isso é o que nosso grupo tem que fazer. Nós servimos a diferentes propósitos num plano maior.

Eu tinha certeza que estava com uma expressão idiota no rosto, então eu tentei voltar para o modo sedutor, que havia me conduzido para esse emprego para começo de conversa. Estava certa de que não seria muito difícil mexer com ele, particularmente considerando o quão fresco meu glamour de súcubos estava.

Estendendo minha mão eu toquei a dele e delicadamente o acariciei com meus dedos.

—Você está fazendo coisas maravilhosas, eu reiterei, me aproximando. —Realmente maravilhosas. Mas talvez seja hora de ir para um novo nível, e ser realmente a escuridão para o mundo.

Os olhos dele estudaram minhas mãos por um momento então ele voltou seu olhar para cima. Ele prendeu a respiração enquanto o efeito completo do meu glamour o atingia. Ele engoliu nervosamente. —Talvez. Mas não agora. Esse é o nosso objetivo por enquanto.

—Só porque você não tentou outra coisa. Talvez seja esse o motivo de eu estar aqui, o porquê do anjo ter me mandado: para expandir sua influência. Eu inclinei meu rosto perto dele, lábios a centímetros da lateral do seu rosto.

—Eu posso te ensinar coisas. Todos os tipos de coisas.

Cuidadoso ou não, eu estava definitivamente afetando ele. Ele respirou fundo de novo, tentando se recompor.

—Nós já estamos fazendo o que o Anjo quer.

—Eu corri meus lábios pela sua bochecha, deixando a ponta da língua para fora.

—Você tem certeza? Deixa eu te mostrar como honramos o Anjo...

Ele se afastou abruptamente e se virou de costas para mim. Depois de várias profundas respirações - honestamente, ele estava correndo o risco de hiperventilar - ele se virou e olhou para mim. Desejos conflitantes passavam por seus olhos. Ele ainda tinha aquele olhar de louco fanático, mas ele também tinha o olhar de quem já tinha me imaginado nua. Era intrigante que a grande devoção dele por uma entidade fictícia pudesse afastá-lo dos meus encantos, mas religiosos fanáticos tinham um histórico de persistência.

—Você é muito... doce, ele disse finalmente. —Muito. Mas eu não posso - nós não podemos. Quero dizer, isso é o que fazemos. O que o Exército faz. Nós não podemos mudar isso, não sem falar com os outros.

Progresso. Eu mantive o sorriso, me perguntando se eu deveria continuar insistindo com ele agora ou tentar cativar todo o grupo. Eu optei pela última opção, principalmente porque eu poderia pensar em coisas menos desestimulantes do que fazer sexo no tapete preto peludo do Ozzy Osbourne* no chão.

Especialmente se Evan decidisse ligar qualquer luz negra. —Claro, eu ronronei.

—Quando posso encontrá-los?

(*Ozzy Osbourne era o vocalista da banda de metal Black Sabbath.)

Ele alisou o cabelo com as mãos, ainda um pouco excitado e incomodado.

—Bem... você poderia ir a nossa próxima reunião. É sábado às dez da noite. No grande Tim Hortons na Broadway.

—Okay, eu estarei- eu pisquei, minha fachada sensual vacilando. —Você disse Tim Hortons?*

(*Tim Hortons é um restaurante canadense do tipo fast food conhecido por seus cafés e donuts.)

Ele se recuperou e retomou sua natureza otimista. —Oh, sim. Vocês, caras, não tem isso, tem? São lojas de rosquinhas e...

—Não, eu sei quem eles são. Eu só estou surpresa, só isso. Além de parecer um lugar mundano para um encontro de satanistas, canadenses irem ao Tim Hortons era o maior estereotipo que já existiu.

—Ta brincando? O café deles é o melhor.

Eu parti depois disso, minha cabeça girando. Eles não eram satanistas. Eles eram uns perdedores fazendo travessuras. Eles provavelmente esmagavam latas de cerveja na testa durante suas cerimônias obscuras.

Kristin não estava em sua mesa quando eu voltei para o escritório de Cedric na cidade. Aparentemente ela tinha saído para fazer suas coisas de imp. Ou talvez ela estivesse almoçando. A porta dele estava fechada, me fazendo presumir que ele estava ocupado, mas honestamente, eu não tive muito tempo para prestar atenção nisso. Uma outra coisa imediatamente chamou minha atenção.

Havia uma demoness na sua sala de espera.

Uma arquidemoness experiente, na verdade. Eu a reconheci, apesar de nós nunca termos nos encontrado formalmente. Nanette, arquidemoness de Portland.

—Oi,|| eu disse, atordoada demais para muito mais do que isso. Eu podia falar de modo impertinente com Jerome, mas com outros demônios era um caso

completamente diferente.

Ela olhou sobre sua revista como se ela tivesse acabado de me notar, mesmo sabendo que ela tinha me sentido bem antes disso. —Olá. Georgina, certo?

Eu confirmei com a cabeça, me perguntando se deveria apertar as mãos dela ou algo assim. Ela não parecia fazer questão de levantar, então eu simplesmente sentei em uma outra cadeira. Por que a arquidemoness de Portland estava esperando para ver Cedric? E por que ela estava esperando com calma? Não era da natureza demoníaca isso tudo. Eles são muito impacientes.

Nanette estava usando um vestido curto e reto sem decote na cor pêssego, que mostrava suas longas pernas bem torneadas. Seu cabelo loiro caía nos ombros, macio e alisado com chapinha - ou, bem, com magia demoníaca. Ela era linda, mas era afiada pela fria ferocidade que os demônios tantas vezes tinham, da maneira que uma naja ou um katana* podiam ser lindos.

(*Sabre longo japonês. Era a arma padrão dos samurais e também dos ninjas para a prática do kenjutsu, a arte de manejar a espada)

Eu não tinha medo de conversar com pessoas. Impressionar numa conversa era parte do que eu fazia. Mas eu não estava bem certa do que dizer a ela. Demônios eram irritadiços sobre como eles interagem com imortais menos poderosos. Alguns eram meio esnobes com eles. Eu não sabia muito sobre Nanette ou como ela poderia reagir. Eu sabia que ela era menos poderosa que Jerome e que os dois não tinham muito contato. Eu nunca ouvi falar que ela era realmente uma vaca ou sanguinária, então eu levei como um bom sinal.

Minhas preocupações sobre o que falar foram colocadas de lado quando ela falou primeiro.

—Cara, ela disse. —Eu não gostaria de ser você no mundo.—Como - como é que é?

—Isso. Ela gesticulou com as unhas pintadas em francesinha na direção da porta fechada de Cedric. —Tudo isso. Eu presumo que você estivesse lá fora para ver o pequeno Exército da Noite?

—Trevas, eu corriji. —Exército das Trevas.

—Tanto faz. Essas perturbações. Jerome enviou você aqui para ajudar, porque Cedric quer um informante?

—Mais ou menos isso. Eu me perguntei como essa notícia tinha se espalhado tão rápido.

Nanette balançou a cabeça numa falsa simpatia. —Você será aquela que vai cair caso alguma coisa dê errado. Se as coisas forem mal entre Jerome e Cedric ou se aquele culto não colaborar... bem, como eu disse, eu não queria ser você. Estão te usando de todos os jeitos possíveis e você nem faz idéia disso.

—Me usar de que jeito? Eu só fui até lá. E eu não posso ver como as coisas podem dar errado, eu disse lentamente. —Quero dizer, esse grupo só faz coisas secretas estúpidas. Eu me lembrei como mesmo uma pequena sedução tinha causado efeito em Evan. Se eu tivesse começado a tirar a roupa no tapete do Ozzy, tinha certeza de que ele não seria capaz de se segurar. —Eles não são uma ameaça real para Cedric e não acho que serão tão difíceis de controlar. E sobre ele e Jerome... quero dizer, eles já acertaram suas diferenças, certo?

—Vamos lá. Você tem o que, um milênio de idade? Um milênio e meio? Tão jovem ela sorriu. —Georgina, demônios nunca resolvem suas diferenças. Até você deveria saber disso. Você realmente acha que as coisas estão estáveis aqui? Por um lado Cedric deixando esse culto à solta? Por outro Jerome quase não sendo capaz de controlar Seattle?

Pensei sobre Jerome me arrastar para o Canadá em menos de vinte e quatro horas.
—Para mim, Jerome pareceu estar no controle.

Ela descruzou suas pernas e se inclinou, olhos azuis brilhando. —Jerome teve três Nephilim em seu território em menos de seis meses. Três. Você sabe o quão inédito é isso? Eu aposto que você nunca sequer viu um nephilim em toda sua vida antes disso. Nenhum em todos esses anos.

—Não, eu admiti.

Nephilim era o filho de humanos com anjos - bem, anjos que tinham caído e eram demônios agora, ter filho era uma violação no acordo dos empregados do Paraíso. Considerados abominações tanto pelo bem como pelo mal, nephilim era o flagelo do mundo imortal. Eles tinham muitos poderes e eram bem irritados com a maneira que os imortais os tratavam. Eles eram indisciplinados, destrutivos e tinham tendência a séries de matanças.

Jerome na verdade tinha tido dois nephilim, gêmeos que estavam entre os três que Nanette se referiu. Um deles, Roman, foi meu namorado por um tempo enquanto ele secretamente acabava com imortais. Eu tinha sido um instrumento usado para a ruína dele - algo que eu tinha certeza que ainda o deixava puto, particularmente porque isso resultou na morte de sua irmã. Nós não vimos Roman desde então.

Pouco tempo depois, um nephilim chamado Vicente foi a Seattle, seguindo um anjo que ele amava. Vicente era na verdade um nephilim muito doce, embora eu não tivesse certeza do que ele estava sentindo desde que o Paraíso tinha expulsado sua namorada quando ela matou outro anjo para salvá-lo. Vicente também tinha desaparecido.

—Três nephilim, repetiu Nanette. —E dois escaparam. Desleixado, muito desleixado.

—Não foi culpa de Jerome, eu disse com lealdade, um pouco incerta como conseguiriam achar culpa nessa situação. Nunca me ocorreu que os nossos visitantes inesperados poderiam ser vistos como um sinal de fraqueza ou de inadequação de Jerome como arquidemônio. —Os anjos poderiam ter feito alguma coisa. É território deles também.

"Não aos olhos de nossos superiores," disse ela maliciosamente.

Eu fiz uma careta, perdendo um pouco da minha timidez. "Com todo o respeito, o que

está fazendo aqui?"

Seu sorriso cresceu. —O que você acha? Eu tenho dois demônios no meu quintal que estão numa guerra. Ambos estão ganhando atenção dos demônios de fora do noroeste. Eu não estava gostando de como aquilo estava soando e lembrei da afirmação de Cedric. —Você acha que eu quero estar envolvida nisso? Você acha que eu quero ser usada da mesma forma que estão te usando? Meu território é pequeno e eu sou mais fraca que Jerome e Cedric. Eu não quero que eles decidam anexar Portland enquanto jogam seu joguinho cósmico tipo o Risk.* Eu quero que eles me deixem em paz. A voz dela era dura, mas eu ouvi um

pouco de preocupação nela também e eu entendi o que estava acontecendo. (*Risk é um jogo de estratégia num tabuleiro produzido pela Parker Brothers.)

—Você está aqui para... eu considere —adular ou —implorar, mas pensei melhor que isso.
—... negociar com Cedric. Por proteção. Para mantê-la fora disso.

Nanette olhou para longe, não querendo reconhecer isso em frente de uma súcubos. Nessa hora a porta se abriu e Cedric saiu. Ele olhou ao redor.

—Kristin ainda não voltou? Eu queria que ela voltasse logo e trouxesse aqueles donuts.

—Tim Hortons? eu apostei.

Ele me deu um olhar incrédulo. —Claro. Ele se voltou para Nanette. Ela se levantou e ele beijou educadamente sua mão à maneira antiga. —Desculpe. Telefonema do Suporte Técnico. Você sabe como é. Para mim ele disse, —Nós conversamos depois.

Eu presumi que era um mau sinal ele ter dito —depois e não —em breve. Ajeitando me na minha cadeira, eu reforcei minha paciência. Dez revistas depois, Cedric abriu a porta novamente. Nanette não estava em nenhum lugar, então presumi que ela devia ter se teletransportado de volta a Portland.

Eu sentei na mesma cadeira no escritório de Cedric, constatando que a tela dele hoje mostrava Match.com* ao invés de Wikipédia. Quando ele viu o que eu estava olhando, ele apressadamente minimizou o seu navegador da web.

(*Site que promove encontros amorosos.)

—Então, o que você descobriu?

Eu dei a ele uma descrição da minha manhã com Evan. —Eles são ridículos, eu afirmei como declaração final.

—Eu já sabia disso, ele disse. —Você acha que pode por um fim nisso? Logo? O tom de impaciência na voz dele me fez pensar se ele esperava que eu tomasse as rédeas já. Eu pensei sobre isso. —É, tenho certeza que vou conseguir assim que me encontrar com os outros. Esse cara pareceu que cairia por conta própria. Mas não os verei até sábado.

Cedric inclinou para trás sua cadeira, rosto pensativo. —Tá certo. Eles provavelmente não farão nada até lá de qualquer forma. Vá ao encontro deles e trabalhe o resto deles. Enquanto isso, você pode muito bem voltar para casa.

Eu me endireitei na minha cadeira. —Sério?

Ele deu de ombros. —Não tenho razão para te manter por aqui a não ser que queira

fazer turismo. Simplesmente volte sábado.

—Mas... eu hesitei. —Jerome me enviou aqui porque estava bravo e não queria lidar comigo. Se eu voltar e ele não me quiser lá...

Cedric colocou a cadeira para frente numa batida e se sentou. —Ele pode lidar comigo. Vou falar para ele que eu não quero você aqui também. Havia algo malicioso em seus olhos, quase como se ele quisesse que Jerome começasse uma briga. Inquieta, eu me lembrei das palavras de Nanette. Você está sendo usada de todas as maneiras possíveis e nem faz idéia disso.

—Tá bom, eu disse finalmente. —Obrigada.

Cedric olhou para a porta, sua expressão se iluminando. —Ah, Kristin está de volta. Alguns momentos depois, eu senti a assinatura da imp também. Eu me levantei e ele acenou para a porta com um sorriso. —Tenha uma boa viagem. E pegue um donut na saída.

CINCO

Jerome estava me esperando no meu apartamento assim que eu passei pela porta.

—Você tem muita coragem, ele riu.

Eu abaixei minha mala. Normalmente esse tom de voz teria feito eu me esconder, mas eu não estava com humor para escutar ele agora, depois do longo tempo que tinha passado dirigindo - ou melhor, sem dirigir. Ocorreu um acidente que parou o trânsito, e eu fiquei sentada no meu carro por um tempo absurdamente longo e monótono.

—Olhe, Cedric que me mandou, eu disse, cruzando meus braços como se eles realmente pudessem me proteger dele. —Eu não fiz nada de errado.

—Você não deve fazer o que ele diz. Jerome sentou no braço do meu sofá e bateu seu cigarro em um cinzeiro próximo, o que eu considereei uma grande cortesia de sua parte.

—Você deve fazer o que eu digo.

—Ele me disse para vir para casa. Ele não tinha nada para eu fazer até que os Satanistas tivessem seu encontro de café da manhã.

O olhar de Jerome vacilou momentaneamente. —Do que você está falando?

—Do que você está falando? Eu estou falando sobre Cedric ter me mandado para casa mais cedo.

—E eu estou falando sobre você ter falhado em me avisar da pequena façanha dele na noite passada.

Noite passada? Eu revirei meu cérebro. Ontem à noite eu tinha matado tempo fazendo compras e destruindo a autoestima de um homem. Pelo que eu saiba Cedric não tinha feito nada depois que eu sai, a não ser continuar sua pesquisa para destruir o império informativo da Wikipédia.

—O que ele fez? Eu perguntei. —Eu nem sequer o vi.

Jerome não respondeu logo, seu rosto pensativo. Eu percebi, então, que ele estava reavaliando sua raiva inicial. Não tinha sido o meu retorno antecipado que o havia irritado.

—Houve uma briga de vampiros ontem à noite, ele disse finalmente. —De alguma forma, alguns deles pensaram que seus limites territoriais de caça tinham sido reorganizados. Então eles começaram a andar em outras áreas...

—...e coisas ruins aconteceram. De certa forma, Vampiros eram tão territoriais quanto os demônios. Vampiros tinham áreas específicas que eles protegiam para perseguir vítimas e eram muito sensíveis sobre outros vampiros as usarem. O arquidemônio de uma região normalmente desenhava linhas vampíricas e as impunha através de sua força e vontade.

—Infelizmente, sim. Grace e Mei ainda estão colocando isso em ordem. Subitamente em pânico, perguntei. —Cody e Peter estão bem?

Ele encolheu os ombros. —Um pouco feridos e abatidos, mas nada que não irá curar por si só.

Meu medo foi infundado, é claro. Mortais inferiores, como vampiros e súcubos, não podiam matar uns aos outros, e nos curávamos extremamente rápido. Ainda, o instinto de me preocupar com meus amigos era algo que nunca me deixava. —Por que você estava gritando comigo por causa disso? Eu certamente não tenho nada a ver com isso.

—Porque os vampiros que achavam que tinham sido redistribuídos receberam notificação oficial os informando: uma carta demoníaca carimbada e selada. Eles acharam que eu que tinha mandado.

—Mas não era sua, Eu adivinhei, vendo aonde ele queria chegar. Jerome tinha a área confortavelmente dividida e não tinha nenhum desejo de mudar essa situação. Ele era muito preguiçoso. —Não tinha nenhum nome?

—É óbvio que não. Mas eles não precisam disso - não se o selo é bom. E era, e só outro demônio poderia ter desenhado algo como aquilo.

—E então você concluiu que Cedric fez isso, Eu terminei.

Jerome concordou. —Sim, e eu vou deixar que ele descubra exatamente o que eu penso sobre isso. Eu não estou feliz com isso - nem com seu deslize em reportar as atividades dele para mim.

—Você está dando à minha habilidade de espiã mais crédito do que ela merece, Eu avisei.

—Ela é meio limitada. E ele não está exatamente compartilhando seus segredos mais profundos comigo, mesmo porque, ele já sabe que é isso que você quer que eu faça.

—Claro que ele sabe.

Eu suspirei. —Olha, se você quer minha opinião... o olhar que Jerome me lançou, sugeria que ele realmente não dava muito crédito à minha opinião. —...Eu não acho que Cedric seja do tipo que faça qualquer coisa dessas. Ele está mais interessado em surfar na Web.

—Depois de todo esse tempo com Demônios, você realmente deveria saber mais do que isso, Georgie. Jerome apagou seu cigarro no cinzeiro e se levantou.

—Sim, sim. Eu sei, você soa exatamente como Nan— Eu congelei. Suas palavras tinham feito com que eu me lembrasse de algo. —Oh, Eu tenho sim uma informação para você. Cedric se encontrou com Nanette.

Jerome estava esticando suas mangas, mas virou sua cabeça em minha direção quando

mentionei o nome da arquidemoness. —Nanette? A palavra foi cuidadosamente enunciada, gelo no seu tom. Eu relatei o que eu sabia. O rosto de Jerome ficava mais obscuro enquanto eu falava. Contudo, quaisquer que fossem seus pensamentos quanto ao novo desenrolar dos fatos, ele não dividiu comigo.

—Parece que você está fazendo o seu trabalho, apesar de tudo. Ele fez uma pausa.

—Mas por que você está de volta?

—Não tem nada a ser feito até sábado. Cedric me mandou para casa.‖ Eu segurei

minha respiração, esperando ele explodir, mas isso não aconteceu. —Bem, vendo como você não está sendo tão vaca pra variar, eu acredito que está tudo bem. De acordo com essas palavras, eu ainda estava, aparentemente, sendo meio que uma vaca.

Jerome desapareceu.

Aubrey imediatamente saiu de trás do sofá, me dando o olhar de censura que os gatos sempre dão aos donos que ficam fora por um tempo. Eu me ajoelhei e cocei seu queixo. Ela era toda branca com algumas pintas pretas na frente da cabeça o que dava a impressão de que ela não conseguia manter sua cabeça limpa.

—Sim, Eu sei, Eu disse a ela. —Acredite em mim, eu também não quero voltar lá.

Olhando para o relógio, Eu vi que era hora do jantar. Muito cedo para ver os vampiros ainda, particularmente desde que os dias estavam ficando mais longos. Eu teria que esperar até depois do pôr-do-sol para pegar a versão deles da confusão entre os sugadores de sangue. Eu dei a Aubrey mais algumas carícias conciliatórias e então me levantei para ligar para Dante. Ele não atendeu, e eu me perguntei se pra variar ele estava com um cliente. Quando ele não estava inventando feitiços vis, ele ganhava a vida fazendo leituras falsas de Tarô e da palma da mão. Deixei uma mensagem dizendo a ele que estava de volta.

Com tempo de sobra, eu comecei a me preocupar com as coisas em Emerald City. Eu sabia que a livraria realmente podia funcionar sem mim, mas o instinto maternal batia. E, como tinha tempo, eu decidi ir lá e checar as coisas.

Como esperado, tudo estava bem. Eram quase sete horas, e as pessoas que voltavam para casa do trabalho estavam parando para pegar alguma coisa. O Negócio era estável, mas não louco.

—Georgina! Você está de volta.

Eu estava olhando as registradoras à distância e me virei para encontrar Maddie em pé atrás de mim carregando um display de propaganda para um livro que seria lançado amanhã. Eu sorri. Não importa o quão difícil às coisas tenham sido para mim, vendo ela com Seth, havia algo sobre sua personalidade clara e aberta que conseguia eliminar os maus-humores.

—Por enquanto. Eu só queria checar as coisas.

Ela sorriu de volta. —Isso é típico de você. Tira uma folga e volta para trabalhar. Como estão as coisas? Ainda loucas?

Eu encolhi os ombros. —Sim, um pouco. Mas nada que eu não possa dar conta. Eu estou esperando que isso vá melhorar logo.

—Isso é algo que possa ser melhorado com um drink? Ela me lançou um olhar travesso, e eu não pude evitar um sorriso.

—Apenas se eu estiver bebendo sozinha. Você ainda vai ficar aqui por mais umas duas horas.

—Não. Eu tive que vir mais cedo para cobrir alguém, então Janice vai fechar.

Era sempre bom se uma gerente pudesse fechar, mas Janice era competente o suficiente. Eu hesitei. Eu estava evitando Maddie desde o Natal, mas antes de Seth, eu sempre tinha gostado muito dela. Nós tivemos muitos bons momentos juntas, e nossas personalidades são parecidas. Seth não estava aqui agora, e um drink de repente pareceu uma forma ainda melhor de passar o tempo do que trabalhar, ainda mais quando eu não era realmente requisitada a fazê-lo. —Tá bom.

Ela terminou e uns quinze minutos depois nós saímos, eu automaticamente peguei um cigarro, então parei. —Você se importa?

—Não. Eu não gosto deles, mas tudo bem. Aonde você quer ir?

—Eu não sei. Eu procurei meu isqueiro, lembrei que não estava com ele, então peguei os fósforos. Corri meus dedos sobre a caixa e franzi. —Você quer ir ao Mark's Mad Martini Bar?

O bar do Mark era no topo da ladeira da Queen Anne, o que nos obrigava a enfrentar uma subida bastante íngreme. Por morar aqui, eu fazia isso regularmente, mas Maddie estava respirando com dificuldade quando chegamos ao bar.

—Cara,|| ela disse. —Eu preciso ir mais à academia.

Eu segurei a porta aberta para ela. —Faça isso todo dia e você não vai precisar.

—Eu acho que preciso um pouco mais do que isso. O peso dela era uma contínua fonte de preocupação para ela. —Acho que preciso escolher algum esporte esquisito. Você que começar a jogar squash comigo.

—Por que squash?

—Eu não sei. Nunca tentei. Pensei que deveria.

Junto com outras mudanças na vida dela, Maddie tinha recentemente adotado uma atitude de sair por aí e tentar coisas novas. Antes da minha recente covardia, eu tinha um ponto de vista semelhante. Deparada com séculos de existência, eu descobri que experimentar novas atividades era uma ótima distração. Sempre havia algo novo para se aprender no mundo.

O bar do Mark era pouco iluminado, com uma decoração em preto fosco. Eu olhei o extenso menu de drinks, que confirmava o nome do bar. Quando a garçonete veio, eu pedi um martini chamado Primeiro Rubor: licor de chocolate branco, Chambord,* e vodka. O menu dizia Stoli,** mas eu pedi uma Grey Goose.** (*Licor Francês.)

(** Tipos de vodka.)

—Você nunca considerou dançar? Perguntei a Maddie. —Pode ser uma boa malhação. E você tem menos chance de ser atingida na cabeça também.

Maddie tinha pedido Cante o Blues: Curaçau Blue,* suco de abacaxi e Ketel One.** Seu rosto acendeu. —Eu sempre quis. Doug disse que você ensinou swing na livraria.

(*Tipo de licor.) (**Vodka.)

—Sim, eu dei algumas aulas em grupo no outono passado. Meu amigo Cody me ajudou. Uma onda agradável de nostalgia me varreu enquanto eu lembrava

aqueles dias. As coisas eram mais simples, e eu me diverti muito ensinando meu amigos e colegas de trabalho, enquanto fazia uma das minhas atividades preferidas. —Eu queria ter estado lá, ela disse melancolicamente.

—Eu sou meia descoordenada, mas você sabe... se eu não tentar... como eu vou aprender?

—Maddie, você deveria fazer discurso motivacional.

Ela riu. —Não sei sobre isso. Mas eu faria lições de dança se você ensinasse de novo. É só uma dica

A garçonete voltou com nossos drinks. Eu quase morri quando provei o meu. Era um sonho de framboesa com alto teor alcoólico. —Eu não sei. A equipe já aprendeu praticamente tudo o que podiam de swing.

—Então ensine outra coisa. Doug diz que você sabe todo tipo de dança do mundo. Eu ajudaria você a organizar tudo.

—Talvez eu ensine salsa ou algo assim, eu disse a ela, sem certeza se eu iria.

—Quando todo esse drama acabar.

—Tem alguma coisa que eu possa fazer para ajudar? Você sabe que eu estou aqui se você precisar de alguma coisa.

A seriedade e compaixão no rosto dela, fez com que um caroço se formasse em minha garganta. Eu passei os últimos meses odiando ela, mas a sua amizade e fé em mim nunca tinham vacilado. De repente, sentindo-me culpada, eu desviei o olhar para longe.

—Não, não se preocupe. Eu vou resolver isso. Um silêncio caiu sobre nós, silêncio que me incomodou imensamente. Eu senti uma necessidade de dar algo a ela em retorno por sua bondade. Meus pensamentos de algumas noites atrás sobre me mudar apareceram em minha cabeça. Eu olhei de volta. —Contudo, talvez você possa me ajudar a encontrar um novo lugar para morar.

Com eu esperava, seu rosto ficou ansioso com a proposta. —Sério? Você vai se mudar?

—Eu não tenho certeza. Apenas pensei que poderia ser à hora para uma mudança. Maddie ficou ainda mais excitada. —O que você está procurando?

—Também não tenho muita certeza sobre isso, Eu admiti. —A única coisa que eu tenho certeza é que eu quero tentar algo fora de Queen Anne.

—Tá bom, isso é um bom começo. Quão grande? Construção nova ou histórica? Você quer continuar alugando? O mercado de condomínios está saturado, você sabe. Ótima época

para comprar.

Eu tentei manter uma cara séria, mas não consegui. —Você foi uma corretora de imóveis em outra vida?

—Não! Eu apenas acho excitante, isso é tudo. Eu quero ajudar.

—Tá bom. Eu poderia alugar ou comprar. Isso dependeria do lugar.

—Qual a sua faixa de preço? Você se importa que eu pergunte?

Eu hesitei, me perguntando se eu devia falar a verdade sobre minhas finanças. Eu decidi que isso não importava.

—Bem... vamos colocar assim. Eu tenho uma boa poupança.

—É justo. Apesar do ritmo acelerado em que ela estava bebendo, existia um ar de negócios, afiado, nela.

—Você quer um tipo específico de bairro? Lojas? Restaurantes?

—Sim, Eu não me importaria.

—Alguma outra coisa?

—Eu disse a você, eu não pensei muito sobre isso.

Ela suspirou frustrada. —Você precisa me ajudar aqui. Alguma coisa que você vem desejando por muito tempo? Algo que você sente falta?

Sem ser solicitada, uma memória da minha infância surgiu. A cidade de Chipre em que eu vivi retornou a mim com uma clareza surpreendente, suas cores, cheiros e ares.

—Eu cresci ao redor de praias, eu disse suavemente. —Sol e surfe. Eu afastei essa memória melancólica, me sentindo um pouco embaraçada com o meu estado sonhador. —Mas eu estou no lugar errado para isso.

—Sim, ela concordou. —Você teria que se mudar para a Califórnia para isso.

Nós tomamos outra rodada de drinks e falamos sobre outras coisas, e, para minha surpresa, eu me diverti muito. Eu me lembrei do motivo de ter gostado tanto de Maddie. Era tão fácil conversar com ela, ela era tão engraçada e inteligente. Eu não tinha muitas amigas do sexo feminino, e havia uma grande diferença entre ela e os caras com quem eu normalmente saía. Mulheres precisam de outras mulheres de vez em quando.

Eu estava assinando minha conta do cartão de crédito quando Seth caminhou até nossa mesa.

Maddie olhou para cima radiante. —Oi, querido, ela se levantou e beijou ele, algo que enervou tanto Seth quanto eu. De repente, o calor e o sentimento agradável que eu

sentia se dispersou. Maddie olhou para mim se explicando. —Eu liguei para Seth para pegar uma carona enquanto você estava no banheiro.

Eu dei um sorriso forçado. —Ah.

Maddie se voltou para ele. —Você está perdendo. Esse lugar tem ótimos drinks. Você tem certeza que não quer quebrar as regras? Nós poderíamos ficar para outra rodada.

—Na verdade, eu preciso ir, eu disse, pensando em apenas poucas coisas

que seriam mais agonizantes do que beber com eles dois.

—E eu não estou pronto para quebrar as regras, disse Seth, evitando meus olhos.

—Além disso, eu tenho trabalho a fazer.

Maddie pareceu apenas moderadamente desapontada. —Oh, bem. Sem problema. Deixe-me ir ao banheiro, e nós poderemos ir. Nós lhe daremos uma carona, Georgina.

Eu deveria ter ido embora, mas Maddie sumiu logo, e eu achei que seria rude ir embora sem me despedir dela. Seth sentou na cadeira dela e entrelaçou suas mãos. Nossa usual parede de estranheza se fechou entre nós.

—Eu não preciso de carona, eu disse abruptamente. Seth olhou para mim. —É uma longa caminhada.

—Nem tanto. São apenas seis quarteirões.

—Sim, mas você esteve bebendo.

Eu zombei. —Eu tomei dois drinks. Eu dificilmente vou pegar algum trânsito, se é com isso que você está preocupado.

—Não, mas não é nenhum incômodo para mim. Eu apenas quero ter certeza que você vai chegar bem em casa. Era um daqueles raros momentos quando seu humor brando era substituído por um mais firme. Seja qual for a razão, isso aumentou a raiva dentro de mim.

—Eu ficarei bem, eu rebati. —Não é mais seu trabalho cuidar de mim.

—Georgina, por favor.

—Por favor, o quê? Você sabe que eu estou certa.

—Você está transformando isso em algo maior do que realmente é. Nem sempre tem que ser sobre nós.

—Claro que tem... Quero dizer, tanto quanto existe um nós. Você caiu fora. Eu não sou mais preocupação sua.

—Eu ainda posso me preocupar com você. Ainda posso me importar.

Eu me inclinei para frente, provavelmente encorajada pelos meus martinis.

—Você deixou bastante claro o quanto você se importa, e está tudo bem. Eu tenho toda uma nova vida agora.

Seu olhar tornou-se seco. —Sim, sua nova vida parece ótima.

Isso me enraiveceu ainda mais, principalmente porque eu não estava realmente convencida de que minha nova vida estava tão boa assim.

—É sim. Eu posso fazer o que quiser agora. Eu não preciso mais ficar me preocupando em ferir seus delicados sentimentos quando eu durmo com alguém, ou quando tenho que mudar nossos encontros para coisas chatas que não o tirem da sua zona de conforto, ou interfiram com seus planos para escrever.

Isso foi horrível da minha parte. Má, má, má. Eu esperava que ele recuasse, que parecesse ferido. Ao invés disso, ele retrucou.

—E eu não tenho que me preocupar em ser hipocritamente julgado por ser ou muito monótono ou por correr muitos riscos. Eu também não tenho que me preocupar mais se tudo que está me sendo dito é uma meia verdade ou uma completa mentira.

Isso me fez recuar. Também foi quando Maddie voltou. Ela tentou me convencer a pegar uma carona, mas eu recusei firmemente - um pouco grosseira demais. Ela pareceu um pouco confusa, mas eu estava muito chateada com as palavras de Seth para me importar. Eu fui embora, marchando duramente colina abaixo, era um milagre que meus passos não fizessem o chão tremer.

SEIS

Já estava escuro. Então fui direto para o meu carro, e segui até o apartamento dos vampiros, em Capitol Hill. Bem, tecnicamente era o apartamento de Peter. Cody era seu aprendiz, e vivia ali de favor, contanto que concordasse com as neuróticas manias de limpeza de Peter.

—Georgina. Disse Cody alegremente ao me receber. O marca amarela resultante de um olho roxo, se mostrava em seu rosto.

—Uau. Eu disse, chocada o suficiente com sua aparência ao ponto de me fazer esquecer a raiva que senti por Seth durante todo o caminho. —Então é verdade. Vocês realmente se meteram numa briga.

—Ah, sim. Ele disse comemorando. Foi demais. Do tipo Amor, sublime amor* (*Filme adaptado da obra de teatro de Arthur Laurents, um romance no estilo Romeu e Julieta, ambientado na década de 50, que envolve gangues.)

Entrei e olhei ao redor. —Vocês finalmente mudaram o carpete, também. Eles costumavam ter um tapete peludo, aveludado em marfim, que se estendia por toda a sala. Esse novo era azul acinzentado.

Peter saiu da cozinha e arqueou uma sobrancelha para mim. Eu podia sentir o cheiro de costelas de porco e alecrim cozinhando. —Sim, bem, depois de três meses tentando tirar o vinho que você derrubou, eu finalmente desistill

—Aquilo foi um acidente. Eu lembrei a ele. —Meio que... Meu confronto final com Nippon, tinha culminado comigo o socando e o derrubando. O armário de porcelanas de Peter e um copo de vinho tinham sido as vítimas desse encontro. Eu olhei para o canto onde a briga tinha acontecido. Meu coração estava ferido e sangrando naquele dia, ainda fresco com o rompimento com Seth.

—Esse é a prova de mancha de bebidas. Disse Peter. Havia um tom de provocação em sua voz, como se ele estivesse me desafiando a derrubar algo agora.

Eu me ajeitei no sofá, da mesma maneira que eles se sentiam confortáveis em minha casa, mesmo sem serem convidados. Ameacei tirar meus cigarros da bolsa, mas uma olhada que Peter me deu, fez com que eu os guardasse novamente num suspiro. Às vezes ele permitia que fumássemos, mas pelo jeito não perto de seu tapete novo.

—Então, o que aconteceu noite passada? Eu perguntei.

—Maude, Lenny e Paul vieram caçar na cidade. Explicou Peter. Havia uma raiva atípica em seus olhos, só comparada com uma única vez, quando ele tinha descoberto que a cor que ele pintava sua cozinha tinha saído de linha. —E depois, Elsa invadiu pelo lado leste, o que deixou Aidan puto da vida.

Eu não tinha conhecimento de todos os vampiros de Washington, mas reconheci a maioria dos nomes e sabia quais eram seus territórios - eles eram de lugares distantes como Spokane e Yakima. Seattle seria uma grande aquisição para eles -exceto pelo fato de Peter e Cody já controlarem os limites da cidade. Meus amigos eram lacônicos e calmos na maioria do tempo, mas suspeito que eu teria visto um outro lado deles quando descobriam outros vampiros caçando em seu

território.

—Três na área de vocês. Eu observei. —Acredito que tenha sido divertido.

—Ah, sim. Disse Cody, sua expressão ainda embevecida. —Eles não vão ousar vadear por aqui de novo. Você nem acredita em como acabamos com eles. Foi maravilhoso.

Não pude conter um sorriso. —Sua primeira briga? Ele assentiu, e eu olhei para Peter.

—Você não tem nenhuma marca?

Peter pareceu ofendido. —Claro que não. Eu pareço um amador?

—Hei! Disse Cody. —O que você está falando de mim?

Peter deu de ombros e voltou para a cozinha, dizendo, —Somente dizendo como as coisas são. Eu estou por aí a muito mais tempo do que você. Estive em muito mais lutas que você também. E não fui eu quem ganhou um olho roxo noite passada.

Cody parecia pronto para começar uma briga a qualquer momento, então eu perguntei apressadamente, —Então ninguém sabe como o erro aconteceu?

—Ouvi que foi Cedric. Gritou Peter. —E que você está toda de chamego com ele.

—Difícil, hein. Eu só o conheci ontem.

Cody aparentemente estava por fora do assunto. —O quê?

—Georgina foi enviada para o Acampamento Militar no Canadá por ter dormido com seu terapeuta. Explicou Peter.

—Sério? Perguntou Cody. Eu podia ver que ele já estava imaginando pinheiros e montanhas com o cume coberto de neve.

Dei de ombros. —Figura de linguagem. Foi um trabalho estúpido que eu tive que fazer pra ele. Estive lá mais cedo, mas fui mandada de volta pra casa de mãos vazias porque não tinha nada pra eu fazer.

—Eu não acredito que você fez isso. Disse Cody.

—Trabalhar para o Cedric?

—Não. Ir até o Canadá e não nos trazer Tim Hortons.* (*Como foi falado no Cap. 4, são Donuts.)

Os vampiros me convidaram pra ficar pro jantar, como eu imaginava que eles fariam, e

seguimos remoendo os mistérios da briga da noite passada e outros assuntos demoníacos. Pela primeira vez em muito tempo, eu tive outra coisa em que pensar, afora Seth e a minha trágica vida amorosa. Não havia nada acontecendo que indicasse algum esquema imortal terrível de grande escala em andamento. Um mal-entendido entre vampiros. Um enervante culto. E uma antiga desavença entre demônios. Ainda assim, eu não conseguia me livrar do sentimento de que tinha algo mais acontecendo - algo além do meu alcance. Eu continuava pensando naquilo que Tawny tinha dito sobre engodos e distrações.

Desisti de tentar resolver o enigma por hora, e os vampiros começaram a

recordar cada mínimo detalhe da luta da noite anterior - um tópico que parecia não os cansar. As histórias me entediaram depois de um tempo, e então me encontrei estudando pequenas coisas, como a disposição dos móveis no apartamento, os novos aparelhos domésticos, o balcão em granito...

—Vocês acham que eu deveria me mudar?|| perguntei abruptamente.

Cody parou no meio de uma frase. Acho que ele descrevia como tinha segurado Lenny, o vampiro, numa gravata.* —O quê? Ele perguntou.

(*Golpe usado para sufocar o adversário.)

—Estou pensando em ir pra outro lugar.

—Ao menos você estava ouvindo minha história? perguntou Cody, parecendo um pouco magoado.

—Você mora ali há anos, disse Peter. —Por todo o tempo em que nos conhecemos.

—Eu sei. Talvez seja hora de uma mudança. É pequeno e é antigo.

—Isto porque é um prédio histórico. Argumentou Peter.

—E, adicionou Cody, —é perto do seu serviço. Você teria que ir dirigindo se resolvesse mudar - a não ser que você não mude de rua ou do gênero.

Meu olhar ficou focado no fundo da sala, sem realmente ver nada. Me lembrei da conversa com Seth na noite anterior e como tinha sido não conseguir ficar longe o bastante dele. Pensei sobre nossa briga, mais cedo nessa mesma noite. —Não, eu disse a eles calmamente. —Eu quero me mudar pra outro lugar. Pra algum lugar mais distante.

—Ah. Disse Peter consentindo.

Cody franziu a sobrancelha. —Eu não entendi. Por que você quer se mudar pra longe do seu - ai! Peter tinha chutado ele. Cody começou a perguntar o porquê, mas depois pareceu entender. Algumas vezes, ele era ingênuo no que tangia a romances imortais, mas não no dos humanos. Sua expressão demonstrava pena, o que eu odiava. —Talvez seja bom mudar.

Eu não sabia se era, mas não queria que ficassem aqui sentados, sentindo pena de mim, então arranquei deles mais histórias da briga pela próxima meia hora mais ou menos, como um meio de distraí-los e me desculpar por não ter demonstrado mais atenção anteriormente.

Parti logo depois disso, pensando se era realmente o momento de chacoalhar as coisas

um pouco e me mudar. Seth já tinha virado minha vida de cabeça pra baixo pra pior, e parte de mim queria me livrar de todas essas memórias. Mudando tudo o que eu tinha enquanto estávamos juntos - como meu apartamento - poderia ser um jeito de fazer isso. Uma faxina. Se eu estivesse realmente desesperada, poderia considerar trocar de emprego e cidade. Mas não tinha certeza se estava pronta para ir tão longe. Tudo me deprimia.

—Hei, súcubos. Você com certeza sabe como deixar um cara esperando.

Eu estava indo em direção ao meu apartamento, sem realmente prestar atenção, muito perdida em meus pensamentos. Agora, no brilho fraco da luz de entrada do

meu prédio, percebi Dante sentado nos degraus. Seu cabelo negro estava penteado para trás, e ele usava um casaco claro por cima de seu costumeiro jeans e de uma camiseta de manga longa. Ele provavelmente usava um relógio também, mas quase nunca usava qualquer outro acessório ou jóia. Dei a ele um sorriso.

—Desculpe. Eu disse. —Liguei pra você mais cedo. —E eu liguei de volta.

—Ligou? Peguei meu celular e vi três chamadas perdidas dele. —Ah, merda. Estava no vibra. Desculpe.

Ele deu de ombros e se levantou. —Tá tudo bem, faz parte do tormento sem fim que eu encaro por você. Uma mensagem misteriosa, dizendo que você estava indo para Vancouver e não sabia quando voltava. Outra dizendo que estava de volta, mas sem saber por quanto tempo. Depois, nenhuma resposta.

Percebi que não tinha pensado muito em como essa viagem internacional afetaria Dante. Esse tipo de falta de comunicação nunca teria acontecido com Seth. Eu não teria descansado enquanto não tivesse entrado em contato com ele e teria notado o problema com o toque do celular mais cedo. Com Dante, tinha deixado o recado na secretária eletrônica, e prontamente o tirado de minha mente.

O beijei rapidamente nos lábios, e destranquei a porta. Seu rosto estava coberto de barba por fazer. —Desculpe. Eu disse mais uma vez. —Como estão as coisas.

—As mesmas de sempre. Um casal de adolescentes bêbados apareceu para uma leitura de mãos noite passada, o que veio a calhar. Eu poderia ter te levado pra um lugar legal pra variar.

—Seria bem melhor do que o que eu estava fazendo.

Enquanto subíamos as escadas em direção ao meu apartamento, contei a ele de forma resumida sobre os acontecimentos. Por ser alguém em sintonia com o mundo paranormal, havia pouca coisa sobre assuntos demoníacos que o surpreendessem. Eu tinha conhecido Dante em Dezembro passado, durante o problema com Niphon. Como parte de seu plano, Niphon tinha usado uma entidade do Caos, Nyx para sugar minha energia durante o sono por meio de sonhos reais repletos de emoções.

Sem saber o que estava acontecendo, tinha ido procurar Dante para que ele interpretasse os sonhos. Ele tinha sido grosso, sarcástico e enfurecedor mesmo assim tinha começado a me conquistar durante o processo - até que eu descobri a verdade sobre seu passado. Ele havia feito coisas horríveis - machucado pessoas, matado pessoas, traído seus próprios princípios - em nome de um desejo egoísta da busca de poder. Essas atrocidades o tinham deixado com a alma vazia e um amargo ódio a si próprio. Eu o havia

odiado também e jurei que ele estava morto para mim.

Então, as coisas tinham se despedaçado com Seth. Meu mundo tinha virado de cabeça para baixo e me encontrei com a alma vazia odiando a mim mesma. Seth tinha me levado a acreditar que existiam coisas melhores no mundo, mas toda essa esperança tinha se desvanecido, junto com nosso amor. O jeito deprimente e cínico que Dante via as coisas era mais realista e combinavam mais com meu novo modo de ver o mundo. Nós tínhamos nos conectado, devido ao nosso mútuo desespero. Eu não o amava, mas gostava dele.

Nos servi com um copo de Grey Goose* quando entramos. Eu preferia gimlets, mas não estava a fim de me dar ao trabalho de procurar meu suco de limão. Nos

sentamos em meu sofá com nossos drinks e cigarros, e terminei de contar minhas aventuras mal-sucedidas no Canadá.

(*Vodka com sabores)

—Uau, ele disse quando terminei. —Tudo isso só porque você trepou com o seu terapeuta? Ao contrário de Seth, que não gostava de saber os detalhes da minha vida sexual como súcubos, Dante encarava tudo numa boa.

Eu dei de ombros. —Bem, eu não tive nada a ver com a guerra das gangues de vampiros noite passada. Mas sim, acho que o restante é minha culpa. Você acha que eles estão relacionados?

Ele girou sua vodka no copo. —Se você acha que Cedric não é o culpado, então provavelmente ele não é. A coisa dos vampiros parece coincidência. Mas aquela demoness de Portland está certa. Provavelmente estão usando você. Havia quase um rosnado em seu tom de voz, atipicamente protetor.

Eu gemi. —Mas como? Todos continuam dizendo isso, mas eu só fui envolvida nisso tudo há vinte e quatro horas atrás. Como que estou sendo manipulada em algo de tão grande escala, num período tão curto de tempo?

—Porque te envolveram em algo que já vem acontecendo há um tempo. Não foi construído ao seu redor, por assim dizer, mas agora você está envolvida.

Me reclinei no sofá e encarei o teto com um olhar vazio. —Eu nunca devia ter dormido com o Dr. Davies.

—Ele erabom?

—Você está com ciúmes?

—Não, somente tentando descobrir o que te deixa excitada.

—Espírito crítico, se a presente companhia aceita alguma indicação.

—De alguma forma, não acho que isso seja verdade. Além do mais, você está me dizendo que está excitada nesse momento?

Eu ainda encarava o teto. Havia algumas pequenas rachaduras na pintura que não eu não tinha notado anteriormente. —Você acha que eu devo me mudar?

—O que, pra mais perto de mim?

—Não, pra outro lugar. Pra um lugar novo.

—O que há de errado com esse lugar? Você mora num lugar maravilhoso. Pelo menos você não mora no mesmo lugar que trabalha. O quarto de Dante era conjugado com sua loja.

Eu me inclinei em sua direção e o olhei sorrindo. —Eu poderia muito bem viver onde trabalho. Eu não sei. Sinto que é hora de mudar.¶

Seus olhos acinzentados estavam pensativos enquanto ele me observava. —Você já me falou sobre isso - como você fica impaciente com uma mudança e de repente acaba mudando de identidade e se mudando para um país diferente.

O alcancei e gentilmente tirei seu cabelo negro do rosto e o coloquei atrás de sua orelha.
—Eu só estou aqui há quinze anos. É muito cedo pra eu partir.

—Isso é o que você diz. Hoje você está falando sobre um novo apartamento, amanhã você pode muito bem desaparecer. Pelo que eu sei você pode muito bem estar procurando por um novo emprego em Vancouver.

Eu ri, e virei o resto da minha vodka. —Não, definitivamente não. Apesar de achar que seria mais fácil trabalhar para Cedric do que para Jerome. Ao menos não tão irritante.

—Mesmo no Canadá?

—O Canadá não é assim tão ruim. Na verdade, Vancouver é uma bela cidade. Mas não diga a ninguém que me ouviu dizer isso.

Dante tirou seus óculos e começou a mexer no bolso de sua camisa. —Talvez eu consiga te subornar pra que fique por perto. Ou pelo menos que não se atrase.

Um brilho dourado chamou minha atenção enquanto ele erguia o relógio. Era delicado, mais parecido com uma pulseira do que com um relógio. Ele era ligado por anéis dourados, e seu visor era adornado com fios de ouro que brilhavam na luz. Eu geralmente achava que relógios eram artigos apenas úteis e tediosos, mas este era lindo. Ele o entregou para mim, e eu o segurei para que pudesse olhar melhor. Eu podia transformar qualquer jóia que eu quisesse, mas algo feito à mão - algo presenteado - sempre tinha um significado maior.

—Onde você conseguiu isso? Perguntei. —Você roubou?

Ele desdenhou. —Devia ter adivinhado. Faço uma coisa legal, e você tem que questionar.

—Desculpa. Eu disse, me sentindo um pouquinho má. Isso tinha sido muito ingrato de minha parte. —Mas você não vai me dizer que isso foi comprado dentro do seu orçamento, não com os negócios do jeito que estão pra você.

—Eu te disse que dei sorte noite passada. E já que você não estava por aqui para que pudéssemos sair, pensei em demonstrar minha afeição imortal de uma outra forma. Agora, você vai me agradecer ou vai continuar sendo uma vaca a respeito disso?

—Obrigada. Eu disse. Eu coloquei o relógio no meu punho admirei a maneira com que ele contrastava com minha pele bronzeada.

—Talvez agora seja mais fácil te achar - ou pelo menos você não vai se atrasar. Dei um riso forçado. —Ah, então não foi por afeição. Foi por uma questão prática.

—Não. Um pouco dos dois. Eu queria te dar uma jóia, mas colares e anéis são muito estúpidos. Ele levantou seu próprio punho. —Foi a única coisa que não me fez ter ânsia de vômito.

—E dizem que não há romance sobrando no mundo. Eu ri.

Ele gentilmente alcançou meu braço e tocou o relógio, traçando círculos ao redor do meu punho. Então, sua mão subiu pelo meu braço em direção ao decote em V

da minha blusa, fazendo com que seu dedo escorregasse para dentro. Devagar e cuidadosamente ele os moveu até um dos meus seios, a ponta de seus dedos se movendo pelo meu bico, que já se encontrava rígido contra o tecido da minha blusa.

Ele circulou o bico, a pressão aumentando, até finalmente o apertar entre os dedos, apertando-o tão inesperadamente forte que arfei surpresa.

—Uau, você não perde tempo. Eu disse. —Me presenteia e meio minuto depois, tá tudo liberado?

Seus olhos estavam famintos e intensos agora e, me lembravam nuvem de tempestades. —Eu senti sua falta. Ele disse. —Eu fico me dizendo que vou me cansar de você... Que você vai deixar de ser tão sexy. Mas isso nunca acontece.

Discurso improvisado ou não, senti minha luxúria aumentar. Não ficávamos juntos já há um tempo, e havia uma grande diferença entre dormir com estranhos e dormir com aqueles de quem se é próxima. Ele me enlaçou pelo cabelo, segurando firme, sem se importar se isso me machucava.

Dominação e poder, a habilidade de infligir dor se assim ele desejasse sempre o deixava excitado, e eu já havia me acostumado com isso. Ele me puxou ao seu encontro e pressionou seus lábios contra meu pescoço enquanto eu inclinava minha cabeça pra trás. Sua respiração era quente contra minha pele enquanto ele me mordiscava.

Enquanto isso, suas mãos alcançaram e agarraram as laterais da minha blusa, rasgando-a. Alguns botões se soltaram e caíram no chão.

O calor aumentava entre minhas pernas, e me aproximei mais quando suas mãos se fecharam na taça de meu sutiã de cetim. Ele puxou o sutiã para baixo e com isso meus seios saltaram para fora, depois beliscou os dois bicos afundando suas unhas neles. Eu gemi mais uma vez e mesmo que não estivesse sentido dor, sempre gostava de como ele misturava isso com prazer. Satisfeito com minha reação, ele moveu suas mãos até seu jeans e o abriu, abaixando-o junto com sua cueca até o joelho, revelando assim a ereção que antes pressionava o tecido.

Ele segurou meus ombros e me abaixou, sem necessidade de dizer qual era o seu desejo.

Não hesitei. Ele se inclinou contra o sofá e eu o abocanhei, deixando que ele enfiasse tudo quase tocando minha garganta. Meus lábios se movendo para frente e para trás, enquanto suas mãos enlaçadas em meu cabelo me puxavam com força. Eu chupei com mais urgência, deixando que minha língua dançasse e provocasse enquanto me movia. Ele estava duro quanto eu tinha começado, mas ele tinha crescido ainda mais enquanto entrava e saía de dentro de mim.

—Mais forte. Ele gemeu.

Eu o olhei nos olhos, eles estavam repletos de um desejo primitivo, exaltado pelo fato de me manter num papel tão submisso. Eu o chubei mais forte e mais rápido, meus lábios golpeando seu corpo repetidamente enquanto deslizavam pelo seu pau. Sua respiração se tornou pesada, seus gemidos mais altos. Eu o senti crescer até parecer que ele não caberia mais em minha boca. De repente, ele se moveu para a beira do sofá, movendo seus quadris para frente e tomando o controle. Ainda segurando meus ombros, ele se enfiou em mim, fudendo minha boca o mais forte que ele podia. Eu dei um gemido de surpresa, o que pareceu

excita-lo mais ainda.

Depois, com um longo gemido, ele deu uma última e longa enfiada, e abruptamente saiu de mim, para que assim pudesse gozar metade dentro de mim e a outra metade em mim. Senti minha pele e meus seios quentes e úmidos. Ainda arfando, ele me levantou e correu suas mãos por todo o meu corpo, sem se importar com a sujeira. Passou a ponta dos dedos pelos meus lábios e eu as beijei.

Uma expressão de suprema satisfação tomou conta de sua face. Ainda me mantendo em pé, ele escorregou uma mão entre minhas coxas e levantou minha saia. Seus dedos entraram dentro da minha calcinha, se enfiando dentro de mim. Ele expirou cheio de prazer.

—Deus, você está molhada. Gostaria de poder te foder agora.

Eu gostaria disso também, mas seu dedos estavam fazendo um bom serviço. Eu ardia e clamava por seu toque, me encontrava num estado de excitação inesperado. Ele tirou seus dedos de dentro de mim e os moveu até meu clitóris, o centro do meu prazer. Ele o acariciou em círculos, e senti o calor aumentando, pronto para explodir. Me inclinei em sua direção, pousando minhas mãos em seus ombros enquanto ele sentava. Isso fez com que meus seios ficassem bem na sua cara e ele veio em minha direção, sugando um deles com força, mordiscando a pele sensível. Não ia precisar de muito pra me fazer gozar.

Ele tirou sua boca e seu dedo ao mesmo tempo. Eu choraminguei, querendo -precisando - que ele me tocasse de novo.

—Você quer isso? Você quer que eu termine pra você? Sua voz era macia e ameaçadora.

—Sim...

—Implore. Ele disse ameaçadoramente. —Implore pra eu fazer.

—Por favor. Eu implorei, meu corpo arqueando em sua direção, esticando-me pra ficar mais perto. —Por favor...

Seus dedos e boca voltaram, e com isso, eu explodi. O orgasmo fez com que meu corpo sofresse espasmos enquanto eu brigava pra me manter ereta. Meus joelhos e pernas estavam fracos, mas eu sabia que se desmoronasse, ele não seria capaz de continuar me tocando e eu queria que ele continuasse enfiando seus dedos em mim enquanto eu gozava, fazendo com que eu alcançasse níveis cada vez mais altos de êxtase.

Finalmente, quando já não era capaz de me conter, cedi à vontade de meus músculos trêmulos. Caí no chão e afundei meu rosto em seu joelho. Suas mãos encontraram meus

cabelos, enlaçando-os gentilmente dessa vez. O sofá era desconfortável para nossa trégua, então nos retiramos para o quarto e nos jogamos na cama.

Suspirando, Dante deitou-se de costas e puxou o lençol se cobrindo pela metade. Eu não tinha pegado muita energia dele, mas mesmo assim ele tinha a expressão letárgica e de feliz exaustão que muitos homens tinham após o sexo. Eu não me sentia exausta e ao perceber que havia deixado meus cigarros na sala, prontamente me levantei da cama para pega-los.

—Eu quase acreditei dessa vez. Ele disse quando eu estava alcançando a porta.

—Humm? Eu perguntei, parando e olhando para trás.

—Que você estava a fim. Ele explicou. —Eu quase acreditei que você estava. Eu estreitei meus olhos. —Você está me acusando de ter fingido?

—Não, você nunca fingi. Mas isso não significa que você está sempre a fim tampouco. Às vezes eu tenho a impressão que você transa comigo simplesmente por não ter nada melhor pra fazer.

—Isso não é verdade. Eu disse. —Há muitos caras melhores do que você.

Ele me deu um sorriso torto. —Mas nenhum é tão convincente ou pode prover a ilusão de um parceiro regular e um companheiro para aquecer a cama.

—Cara, você realmente sabe como acabar com o clima.

—Não, eu só estou sendo realista, isso é tudo. Eu não ligo que você me use.‖ Ignorando a piada, eu conseguia ver a afeição por baixo disso tudo. Ele podia ser amargo e cínico, mas o olhar que ele me lançou transbordava um carinho sincero.

Rolei meu olhos. —Eu não estou te usando.‖ Mas enquanto caminhava para o outro cômodo não tinha certeza que conseguia acreditar em mim mesma.

SETE

—Mais Timbits?

Neguei com a cabeça pela terceira vez. Se eu tinha aprendido algo sobre os Satanistas - Desculpem-me, o Exército das Trevas - em meu encontro no café da manhã com eles dois dias antes, era que eles realmente gostavam de donuts. Muito. Eles continuavam a forçar comida em mim e pareciam ser fãs particularmente do acima mencionado Timbits, que é como um donut só que com um nome mais bonitinho.

—Não, obrigada.

Depois dos donuts, eu fui o foco de grande parte da reunião. Todos queriam saber quem eu era, de onde eu tinha vindo, como o meu grupo operava, etc. Eu inventei mentiras o mais rápido que pude, rapidamente criando uma história que corroborasse meu grupo Satanista de Seattle. O Exército me ouvia avidamente, e eu esperava poder lembrar tudo o que estava dizendo se alguém me questionasse mais tarde. —Vocês têm que nos visitar qualquer dia desses. Eu disse, com esperança de adiar o assunto. —É o único jeito de vocês realmente entenderem. Por hora, quero dizer, Kristin quis que eu viesse até aqui para falar sobre vocês.

A menção de Kristin os acalmou um pouco. Evan acenou. —Georgina acha que devemos expandir nossas atividades.

Havia seis deles aqui reunidos, os membros verdadeiramente ativos. Eles tinham entre vinte e quarenta anos, e como Evan, todos tinham uma agradável aparência que era mais condizente com ajudar alguém a escolher um DVD ou um cortador de grama do que sacrificar um bode. Talvez fosse só uma coisa de canadense. Um dos membros, uma loirinha chamada Allison que fazia faculdade, olhou com desdém. —Mas por quê? Nós já estamos fazendo o que o Anjo quer.

Todos olharam para mim, e vi que eles tinham sentimentos conflitantes em seus rostos. Eu tinha dormido com um homem com muito mais moral do que Dante na noite passada e estava no ápice do meu carisma súcubos. Essa era uma parte do motivo deles estarem tão intrigados comigo, e isso me dava uma vantagem. Ainda assim, me dei conta de que não importava o quão poderosa eles achassem que Kristin era e não importava o respeito que eles tinham pelo fato dela ter me endossado, eu era uma estranha e não tinha que necessariamente ter crédito, não importava quão atraente eu fosse. Mais uma vez, eu me surpreendi com a força da convicção deles.

—Bem, eu não quero que vocês parem... Isso era, é claro, exatamente o que eu queria.

—Mas a maior parte do que vocês fazem é assustar pessoas. Isso não era a verdade propriamente dita, mas como mais podia descrever? —Eu acho que agora que vocês já se estabeleceram, deveriam usar sua força para influenciar pessoas de acordo com a vontade do Anjo. Claro que é melhor seguir o comando dele - dela pra concretamente levar pessoas para as trevas. Eu fiz contato visual com todas as pessoas enquanto falava, sorrindo e colocando o máximo de charme de persuasão que conseguia em meu tom de voz.

Um cara com a cabeça raspada, que eu tinha esquecido o nome, tirou um pedaço de seu Timbit de chocolate e o colocou em sua boca, mastigando pensativamente. —Isso faz sentido.

Allison não concordou. — Se essa fosse a vontade do Anjo, nós saberíamos. Nesse momento, nós precisamos continuar a fazer o que temos feito até agora. Nós estamos ficando mais fortes, e precisamos ter certeza que essa força não irá esvair-se perante nossos inimigos.

Eu me forcei a continuar sorrindo. Essas pessoas não entendiam nada, deixando de lado os seus ditos inimigos. Me virei pra Evan e pestanejei. — Por que se prender em apenas um objetivo? Evan, eu pensava que você, de todas as pessoas era a que queria que esse grupo crescesse. Achava que você queria trazer mais almas pra o lado do Anjo.

— Isso é o que já estamos fazendo. Argumentou Allison. Ela pareceu não gostar do fato de eu usar meu olhar charmoso pra cima de Evan. Por outro lado, Evan não gostou de se ver entre nós duas. Ele começou a gaguejar sobre algo, mas foi interrompido pelo cara da cabeça raspada.

— Como? ele perguntou a Allison.

Ela arqueou as sobrancelhas. — O que você quer dizer Blake? Como o quê? — Como estamos levando mais almas pra o lado do Anjo?

— Golpeando aqueles que negam a sua magnitude.

— Sim... Blake olhou com desdém e terminou de comer outro Timbit. — Mas eu não acho que ao fazer isso, estamos trazendo mais almas para o nosso lado.

— Você está questionando tudo o que temos feito?

— Não, eu apoio tudo. É só que... Blake deu de ombros. — Me parece que as coisas que estamos fazendo não estão realmente coletando almas pra o Anjo. Se muito, só está fazendo com que eles se oponham de uma maneira mais dura contra nós. Finalmente, finalmente alguém tinha entendido. Eu podia beijar Blake. Talvez eu beijasse mais tarde. — Quero dizer, não tenho certeza que o plano Zamboni* vai realmente coletar almas pra as trevas. Só vai fazer com que as pessoas se protejam da gente. Talvez seja hora de fazer a vontade do Anjo através de meios mais subjetivos.

(*Zamboni - caminhão usado para limpar e alisar a superfície de um rink de gelo)

— Sim. Eu gritei. — Isso é exatamente o que eu - Zamboni?

Com muito entusiasmo, eles explicaram a idéia que eles tinham tido de picar um Zamboni com mensagens satanistas um pouco antes dele entrar na pista de gelo durante um jogo de hockey.

Ainda mantendo o sorriso estúpido no rosto, eu disse num tom de voz mais baixo,

— Acho que vocês deveriam reconsiderar isso.

O debate transcorreu por uma hora ou mais. Eu estava um pouco consternada por não ter sido capaz de convencê-los imediatamente, mas eu tinha causado um impacto neles que era suficiente pra fazer uma diferença. Não importava o que eles alegassem, nenhum deles tinha absoluta certeza sobre o que o Anjo realmente desejava, claro, e enquanto alguns estavam confortáveis em seus papéis, outros começavam a entender a minha lógica. Aceitei isso como um grande sinal de vitória quando finalmente nos aprontamos para sair, eles decidiram não fazer nada -digamos, como o plano Zamboni - até que tivéssemos

outro encontro.

Enquanto saímos do restaurante, alcancei Blake. Já tinha decidido que Evan era uma causa perdida. Blake parecia ser o mais esperto do grupo, e eu achava que era chegada a hora de uma mudança de liderança. Com um pouco de ajuda, não seria preciso muito pra derrubar Evan.

—Hei, eu disse, sorrindo alegremente para Blake. —Eu realmente gostei do que você disse. Você está ocupado agora? Talvez pudéssemos conversar mais um pouco.

Ele sorriu de volta, genuinamente interessado. Provavelmente nem seria necessário nenhum carisma súcubos pra convencê-lo. —Gostaria de poder... Mas tenho que ir trabalhar. Você está livre hoje à noite? Digamos, depois do jantar?

—Claro. Trocamos números de telefone, e quando estávamos nos preparando para partir, perguntei num sussurro. —Você não acha que eles irão fazer alguma coisa, acha? Apesar do que disseram sobre... você sabe, deixar o plano Zamboni pra depois?

Seu sorriso se alargou. —Não, ele não vão colocar o plano Zamboni em prática. Tenho certeza disso.

—Como?

—Porque eles estão sem spray.

—É só eles conseguirem mais.

Ele chacoalhou sua cabeça. —Não sem minha ajuda. Sou eu quem consegue. Trabalho na Home Depot.*

(*Home Depot - loja de produtos e artigos de construção. Aqui a autora faz alusão ao foto de Georgina ter achado que todos tinham aparência de quem trabalhava em loja de departamento como atendente.)

Me vi de novo com tempo de sobra em Vancouver. Era um dia lindo, e a temperatura estava estranhamente quente para Abril. Então, fui até a praia pra caminhar. A água parecia mais azul do que nossa própria área de Puget Sound em Seattle, mas talvez se devesse ao fato do clima estar mais quente aqui. Andei sem rumo pelo parque Stanley* pra depois, finalmente me encaminhar até o hotel. Enquanto ia, passei mais uma vez pela loja de camisetas. Eles tinham mudado a vitrine e agora mostravam uma camiseta com o mapa dos Estados Unidos onde se lia: Querido Canadá, Por favor invada.

(*Parque com em Vancouver com aproximadamente 405 hectares.)

De volta ao meu quarto, liguei meu laptop para checar meus e-mails. Havia alguns da

lista de malotes da livraria, que eu ignorei assim como os usuais spams. Junto com essas mensagens, havia um da greygoose.com,* uma foto de um gato numa pose absurda que Cody tinha encaminhado para mim, e um recado de Maddie.

(*Site da vodka com sabores.)

Era um e-mail que ela tinha encaminhado para várias pessoas essa manhã.

Lia-se: Hei, gente! Eu decidi criar um blog. Dêem uma olhada. A isso se seguia um link.

Mesmo que todos os meus instintos gritassem para que eu não clicasse, eu cliquei.

Deveria ter dado ouvido aos meus instintos.

Fui bombardeada por fotos dela com Seth. Eles tinham ido ao aquário de Seattle

na noite passada e tirado várias fotos do lado de pingüins, lulas e outras criaturas marinhas. E pra piorar, as sobrinhas de Seth estavam com eles. Isso quase me matou. Seth tinha cinco sobrinhas loiras e adoráveis, que iam de quatro a quatorze anos. Eu amava cada uma delas, e terminar com ele tinha sido como terminar com elas também. As garotas pareciam razoavelmente felizes, e me questionei se elas sequer lembravam-se de mim. Bem, claro que elas lembravam. Não tinha se passado tanto tempo. Mas eu tinha consciência que elas iam acabar me esquecendo cedo ou tarde, eu seria somente uma vaga lembrança como a ex do tio delas.

Eu fechei o laptop e decidi descer para o bar do hotel.

Ainda não era hora do jantar, então o lugar estava quase deserto. Me sentei no bar, perto da televisão e prontamente fiz amizade com o atendente. Três gimlets depois, já tinha feito amizade também com um casal de velhinhos que estavam de visita de São Francisco e também à negócios na cidade de Winnipeg. Nós estávamos rindo sobre um filme recente, quando a TV repentinamente perdeu a sintonia. O atendente apertou os botões do controle remoto, mas sem efeito.

—O que tá acontecendo? ele reclamou.

Alguns momentos depois, a imagem retornou, mas dessa vez era num canal diferente, um que mostrava as notícias locais. Me deu um frio na barriga e meu sorriso se foi.

—Não. Eu perdi o fôlego.

A equipe estava reportando do parque Quenn Elizabeth, outra área maravilhosa na cidade que eu brevemente tinha considerado conhecer depois do parque Stanley. Imaginei se poderia ter visto essa atrocidade e conseguido impedir se tivesse ido.

O Exército das Trevas tinha armado uma encenação naquela tarde. Contabilizei uns dez deles, então eles deviam ter recrutado alguns de seus membros inativos. Eles vestiam túnicas com capuz feito de um tecido barato de veludo roxo, mas reconheci duas silhuetas que pareciam suspeitamente demais com Evan e Allison. Alguns deles seguravam cartazes com pentagramas e vários tipos de mensagem do mal enquanto andavam entoando algo que eu não conseguia entender. Um deles tinha enfiado um bastão no chão com uma máscara enorme de bode enfiada na ponta. A máscara não estava bem presa então meio que pendia pro lado, fazendo com que parecesse mais com um mutante do que com um emblema do Inferno. A cena mostrava uma multidão em volta e mais tarde, a polícia chegando para dispersar todos.

Rapidamente pedi para que os drinks fossem marcados na conta do meu quarto e saí à toda velocidade.

—Blake? Aqui é Georgina.

Ele gemeu. —Eu sei, eu sei. Acabei de descobrir.

—Que merda que aconteceu? Eles disseram que não iriam fazer nada. Você disse que eles não iriam fazer nada.

—Eu não achei que eles iriam!!! Ele soava sinceramente preocupado. —Eu estava trabalhando até meia hora atrás. Eu não tinha idéia - sério. Eles fizeram isso por

conta própria. Eu acho que vários deles foram presos. Mas parece que Evan, Joy e Crystal conseguiram se safar.

Eu suspirei e cancelei nossos planos da noite. Eu tinha que fazer um controle de danos antes que Cedric ou um de seus associados viessem atrás de mim - e eu tinha certeza que eles viriam.

Dirigi até a casa de Evan. Ele atendeu a porta, ainda usando a túnica mas não o capuz. Seus rosto estava radiante e excitado. —Georgina! Você viu as notícias? Você viu o que nós fizemos?

—Sim! Eu o empurrei de volta para dentro, fechando a porta antes que algum vizinho o visse daquele jeito. —O que aconteceu? Você me disse que vocês não fariam nada antes que nos encontrássemos de novo! O que aconteceu com influenciar as pessoas para o bem maior.

Ele finalmente percebeu que eu não estava compartilhando de seu entusiasmo. —Você não acha que influenciamos pessoas?

—Eu acho que vocês influenciam algumas pessoas a acharem que vocês são uns esquisitos. Muitas igrejas vão ter sermões amanhã sobre permanecer puro e verdadeiro ou algo do gênero.

Evan agitou-se no sofá, especulando, mas ainda embevecido pela emoção de seu feito.

—Não, isso foi poderoso. O efeito vai ser de longo alcance.

De longo alcance o bastante que faria com que, sem dúvida, eu fosse destruída.

—O que aconteceu? O que fez com que vocês decidissem fazer isso? Vocês estavam planejando isso o tempo todo?

—Não. Só foi decidido - algumas horas depois do nosso encontro.

—Mas por quê? perguntei frustrada.

—Porque o Anjo nos mandou.

—Mas vocês tinham dito que não iriam.

Ele olhou para mim como se eu fosse louca. —Mas o Anjo nos mandou fazer. Nós temos que obedecê-la.‖

Comecei a argumentar contra a idiotice daquilo e então parei pra considerar algo que não tinha dado crédito antes. —Você está me dizendo que o Anjo realmente falou com você?

—Sim, é claro. De que outro jeito saberíamos qual é a vontade dela?

Um sentimento desconfortável tomou conta de mim. Nesse tempo todo, quando eles diziam sobre fazer o que o anjo queria, eu tinha pensado que era o jeito que muitos religiosos fanáticos presumiam quais eram os desejos de suas divindades.

—Ela, tipo, fala com você nos seus sonhos?

—Não, ele disse. —Ela aparece para mim. Bem aqui. Bem, ali na verdade. Pela TV.

—O Anjo aparece para você. Eu disse sem rodeios. —Em carne e osso. Aparece e diz o que vocês têm que fazer?

—É claro. De que outro jeito você acha que nós iríamos saber?

O sentimento desconfortável aumentou. —Como é a aparência dela?

Evan suspirou, com uma expressão sonhadora no rosto. —Ah, Georgina. Ela é linda.

Tão linda. Ela brilha - é quase impossível olhar para ela. Seus cabelos - são como uma capa dourada, e seus olhos... ele suspirou de novo. —Eu não consigo descrevê-los. É como se tivesse todas as cores do arco-íris.

Meu telefone tocou naquele instante, interrompendo seu sorriso. Não reconheci o número, mas o código de área era de Vancouver. —Alô?

Era Cedric. —Se você não estiver em meu escritório em dez minutos, ele disse —eu irei até aí te pegar. E você não vai gostar.

Eu enfiei o telefone na minha bolsa e me levantei. —Evan, eu tenho que ir. Olha, se o Anjo falar com você de novo, você me avisa com certa antecedência dessa vez?

Ele hesitou. —Hum, talvez.

Eu parei na porta. —O que isso significa?

—Bem, veja... Não leve isso pelo outro lado, mas ela nos disse pra não te contar. Ela disse para manter isso entre a gente. Provavelmente ela só precisa te conhecer melhor.

Isso fez minha cabeça girar, mas as palavras de Cedric tinham uma força maior no momento. Não tinha tempo para discutir sobre uma entidade que podia ser ou não ser real. —Nós conversaremos sobre isso amanhã.

Eu fui a toda velocidade até o Centro Financeiro, sem me importar em contar os minutos por medo do que iria acontecer. Nada aconteceu comigo até o momento que cheguei ao escritório de Cedric, então presumi que tinha conseguido. Kristin não estava na recepção, mas a porta do escritório dele estava aberta.

—Entre aqui. Cedric gritou.

Com meu coração acelerado, entrei em seu escritório.

Seu rosto estava tomado pela raiva, e se eu tinha alguma fantasia de que seu jeito suave

fazia com ele fosse menos demoníaco, essa fantasia foi imediatamente exterminada. Ele cerrou seus punhos e me encarou, e eu agradeci a minha sorte por ele ter continuado sentado e não ter me atirado através da sala. Docilmente, eu me sentei na cadeira de costume.

—O que você está fazendo? ele exigiu. —Ou melhor, o que você não está fazendo? Ele apontou para a tela de seu computador. Pra variar, não estava conectado no Wikipédia. Ao invés disso mostrava fotos de um site de um jornal local. —Você tinha que parar esse tipo de coisa! Jerome te mandou aqui para me sabotar e espionar?

—Não! Eles fizeram isso sem me contar. Na verdade, eu tinha os convencido essa manhã a não fazer um negócio com o Zamboni, e então eles agiram pelas minhas costas porque o Anjo das Trevas supostamente falou com eles.

Mas rápido que pude, recapitulei os eventos e conversas do dia. Quando terminei, sua raiva não tinha diminuído. Claramente, ele ainda não acreditava em mim.

—Jerome disse que você era boa, mas eu não tinha idéia de que você era tão boa assim. Você manipulou esse grupo bem debaixo do meu nariz.

—Não. Repeti. —Eu juro pelo que você quiser. Eu tentei fazê-los parar.

Ele continuou como se eu não tivesse falado nada. —Eu vou ouvir merda de todo mundo por causa disso. Nosso próprio pessoal vai cair matando em cima de mim por causa disso - além de me fazerem virar motivo de chacota. E eventualmente, o outro lado também vai ficar de orelha em pé. Eles não gostam desse tipo de ataque público.

O outro lado. Céu. Os Anjos. Anjos...

—Quem é seu equivalente aqui? perguntei. —Entre os anjos. Deve haver um arcanjo aqui também, certo?

A pergunta o pegou de surpresa o bastante para que a sua raiva arrefecesse momentaneamente. —Claro. O nome dela é Isabelle. Por quê?

—Bem... Evan e os outros vivem dizendo que eles são direcionados por um anjo. Todo esse tempo eles estão adorando algum ideal satanista. Mas e se na realidade um anjo os esteja controlando? Quero dizer, Jerome desistiu da briga com você. Se alguém tem alguma razão para jogar merda em você, não seria o nosso lado. Seria o deles.

Cedric ficou em silêncio por um longo tempo. —Não é o estilo deles. Nem o de Isabelle. Eu a conheço há muito tempo. Quando imortais de alto escalão diziam há muito tempo, geralmente não estavam brincando.

—Ela é loira?

—Sim, mas isso não quer dizer nada. Nós podemos nos parecer com qualquer coisa que quisermos. Se tem alguém aparecendo pra esse grupo - e eu não acho que tenha - poderia muito bem se fazer de loira, careca, ou seja lá o quê. Acredito que você esteja tentando tirar a culpa das suas costas e da de Jerome.

—Não estou! Olha, eu não quero me complicar nisso tudo. Só quero terminar meu serviço e voltar pra casa. E se você quiser saber minha opinião, acho que tem alguém tentando te manipular fazendo você olhar na direção errada. Meu bom Deus. Eu soava como todo

mundo agora. Cedo ou tarde eu iria dizer a ele que ele estava sendo usado.

—Isabelle não faria isso ele persistiu. —Nós somos amigos... bem, meio que. Era engraçado que demônios mentiam e traíam uns aos outros o tempo todo,

ainda assim eles corroboravam o caráter de alguém que era tecnicamente seu inimigo. Penso que conseguia entender isso. Jerome mantinha uma similar amizade bizarra com o arcanjo de Seattle, Carter.

—Você me arranja um encontro com ela?

Cedric me olhou surpreso. —Você vai realmente levar isso à frente?

—Eu não estou sabotando você - mas eu quero descobrir quem está.

—É uma porção de trabalho pra alguém que não quer ser o centro das atenções.

Simplesmente olhei para ele, mantendo a expressão mais determinada que podia, na esperança dele acreditar em mim. Também rezei pra que o tabu de demônios não mexerem com empregados de outros demônios, se mantivesse.

Aparentemente funcionou porque ele disse por fim, —Vou te mostrar como entrar em contato com ela, por mais sem propósito que isso seja.

Soltei o ar que estava prendendo. —Obrigada.

Ele chacoalhou sua cabeça. —Mas não pense que você está salva. Vou continuar de olho em você.

OITO

Grace me ligou naquela noite enquanto eu estava me preparando para falar com Isabelle.

—Olá Georgina, aqui é a Grace.

Esperei pacientemente pela saudação complementar da Mei. Quando ela não veio, eu perguntei surpresa: "É só você? Sem a Mei?"

A voz de Grace soou absolutamente como sempre, com um tom surpreso e cuidadoso. "Por que Mei estaria aqui?"

Aparentemente não tinha ocorrido a ela que eu nunca tinha recebido uma ligação ou visita de qualquer uma delas sozinhas. Elas sempre funcionaram como uma unidade, dando a impressão de que a estrutura do universo poderia rasgar-se se elas fossem separadas. Isso foi tão estranho como elas quase aceitando café no outro dia.

—Não importa. O que aconteceu?

"Jerome queria que eu te dissesse que ele está... satisfeito." "Sobre o quê?"

—Sobre seu sucesso constrangendo Cedric.

"Mas eu não-" Mordi meu lábio, de repente, me perguntando se eu deveria ser tão rápida em negar meu envolvimento. Jerome não tinha estado feliz comigo ultimamente. Enquanto o estúpido espetáculo no Parque Queen Elizabeth tinha me colocado na lista de merda de Cedric, ele podia muito bem me tirar da de Jerome e apressar meu retorno definitivo para Seattle. Fiquei em silêncio.

"Ele está contente pelo seu feito," Grace continuou. —Embora, ele deseja lembrar- lhe que você ser enviada para Cedric supõe-se ser um gesto de boa vontade. Então, tente não ser muito eficiente. Jerome encoraja você a manter-se com estes golpes pequenos, mas lembre-se que você não quer que este grupo seja desfeito.

Suspirei. —Anotado."

Grace desligou. Ótimo. Isso era tudo que eu precisava. Jerome achava que eu era culpada também - de tentar ganhar pontos extras com ele.

Cedric tinha me dito que eu poderia encontrar Isabelle em um clube de jazz a poucos quilômetros do meu hotel. Era ao longo de uma rua cheia de clubes e bares, e era palpável a emoção e a energia no ar, enquanto caminhava em direção ao ponto de encontro de Isabelle. Era noite de sábado, apesar de tudo, e as ruas estavam repletas de

humanos ansiosos e animados para a vida e o amor. Eu não era capaz de ver suas almas ou energia da forma como um imp como Hugh podia, mas eu não precisava também. Era evidente na forma como eles se moviam e falavam e olhavam para seus potenciais parceiros de sexo casual. Mesmo depois do meu encontro recente, essa atmosfera elétrica me fez desejar outra conquista. Eu teria que dar uma volta por estes clubes, uma vez que eu concluísse o negócio com Isabelle.

O clube de jazz era pequeno e escuro, exatamente do jeito que você espera que lugares assim sejam. Todas as mesas estavam cheias, e muita gente estava junto no bar ou ao longo da parede. Eu não tive qualquer dificuldade em encontrar Isabelle, de qualquer forma. A assinatura de um imortal maior preenchia um lugar como este. Ela me fez pensar no sol brilhando através de cristais, lançando faíscas de cor.

Ela estava sentada sozinha em uma mesa no canto. A maioria das mulheres que eram obviamente solteiras estavam sendo paqueradas - na verdade, eu mesma tinha recebido uma porção de olhares de flerte enquanto andava - mas ninguém, além da equipe de garçons, parecia ter notado Isabelle. Isso me fez lembrar como ninguém nunca notou a semelhança de Jerome e John Cusack. Isabelle usava um longo vestido azul com tiras enroladas, surpreendentemente audacioso para um anjo. Seu brilhante cabelo loiro estava solto na parte inferior das costas - não muito diferente de um manto de ouro, pensei ironicamente.

Ela me sentiu, naturalmente, e não parecia surpresa quando me sentei em frente a ela. Com um sorriso, ela olhou para cima e chamou um garçom. Ele veio correndo e anotou meu pedido, um gimlet.* Uma vez que ele tinha ido embora, Isabelle voltou sua atenção para mim.

(*Um coquetel tipicamente feito de gin ou vodka e suco de limão)

—Então. Súcubos do Jerome.

Cedric tinha me chamado da mesma coisa quando nos conhecemos. Eu meio que fiquei ressentida que minha identidade se baseasse na minha associação com - ou melhor, minha posse por - alguém.

"Sim," eu disse. Ela ficou me olhando de forma agradável, nem fria nem amigável. Com os anjos, você nunca sabe que extremos você pode conseguir.

Principalmente, ela me olhou curiosa, então achei que poderia ir direto ao que interessa.

"Então, eu-"

—Shh.

—O qu—

Ela levantou a mão, seus olhos escuros concentrados em algo além de mim. A banda estava no meio de uma canção, e o trompetista tinha acabado de colocar o instrumento nos lábios. A nota, longa e alta saiu, introduzindo o que se transformou em um solo triste. Quando ele terminou um minuto depois, voltei a Isabelle e vi que o garçom havia trazido meu gimlet.

O rosto do anjo se acendeu com admiração - e tristeza.

"Você ouviu isso?" ela me perguntou. "Essas notas não eram complicadas, mas ele conseguiu colocar muito nelas. Seu coração, suas emoções, sua alma. Um mundo de tristeza, delicadas angústias... tudo em apenas algumas notas. Ela tomou um gole de seu vinho. "Você não pode fazer isso. Nem mesmo eu posso fazer isso - não do jeito que ele faz.

Suas palavras me surpreenderam, mas eu sabia exatamente o que ela queria dizer. Parte da razão pela qual eu sempre tive um pouco de medo dos livros de Seth era porque ele, como um mortal, tinha um talento que um imortal como eu nunca poderia possuir.

"Somente os seres humanos têm o dom da criação," murmurei.

Suas sobrancelhas se ergueram ligeiramente, e ela sorriu. "Sim, exatamente. Então me diga, o que posso fazer por você, súcubos do Jerome?"

Eu me senti um pouco esquisita interrogando ela agora. Havia algo um pouco triste e vulnerável que a fez ser interessante. No entanto, fui em frente. Anjos e demônios descendem do mesmo lugar. Ambos eram bons em fazer você acreditar no que eles queriam. "Você... você sabe sobre os chamados satanistas, certo? O Exército das Trevas?"

O sorriso de Isabelle estremeceu. —Ótimo filme, grupo tolo. Você tem alguma coisa a ver com a sua exibição de hoje? Eu realmente gostei da máscara de bode."

Eu balancei minha cabeça. "Na verdade, eu queria saber se você teve alguma coisa a ver com isso."

"Eu?" Ela riu. "Eu apenas gostaria de pensar em coisas legais assim - mas lá estamos nós outra vez: humanos e criação. Por que pergunta?"

"Porque eles dizem que estão sendo dirigidos por um anjo." Lhe dei uma versão resumida do que o grupo tinha me dito.

"E você assumiu que significava literalmente um anjo?"

"Eu estou tentando não assumir nada. Mas acho que alguma coisa ou alguém está dirigindo-os, e seu apoio tem um motivo tão bom quanto qualquer outro para criar problemas para Cedric e fazer as autoridades de todos os lados descerem sobre ele."

"E tem seu apoio apenas por um bom motivo. Demônios tentam derrubar um ao outro o tempo todo."

Eu bati minhas unhas ao longo da borda do meu copo e olhei-a com cautela. "E você realmente não respondeu à minha pergunta" Eu indiquei. "Você não negou estar envolvida diretamente."

Anjos tecnicamente não poderiam mentir, mas, oh, eles eram mestres em não dizer sempre a verdade. Isabelle acabou com seu vinho e sorriu para mim novamente. "Ah, você é agradável. Isto é como estar em um programa policial de TV. Não me admira Carter gostar tanto de você".

Suspirei com irritação, percebendo que eu não estava indo a lugar nenhum. Merda de anjos.

Seu sorriso diminuiu um pouco, mas ela ainda estava claramente se divertindo. "Olha, Georgina," disse ela. Ela sabia meu nome, nenhuma surpresa. "Eu gosto de você. Você é inteligente e simpática, mas é o seguinte: eu não quero que Cedric deixe Vancouver. Eu gosto dele. Além do que, o que dizem sobre manter seus inimigos próximos é verdade. Eu o conheço e o entendo. E quando você está jogando um jogo como o nosso, é bom que conheça as peças no tabuleiro, é o melhor que você vai fazer. Eu não quero ter que viver com um arquidemônio que eu não conheço, alguém que é muito mais desagradável do que ele." Um copo de vinho novo tinha sido entregue, e ela fez uma pausa para tomar um gole. "E essa é a verdade."

Eu não sabia o que dizer. Eu queria acreditar nela, mas não tinha idéia se podia.

Eu simplesmente suspirei novamente.

"O que você está pensando?" Ela perguntou.

"Eu queria poder acreditar em você quando diz que não está envolvida. Mesmo com a coisa toda de não mentir - não sei se posso. Eu não acho que posso confiar em alguém."

"Isso," disse ela com firmeza, "é absolutamente algo que eu concordo: você não pode confiar em ninguém. De qualquer lado. Todo mundo tem sua própria agenda, e há algo no ar agora - é como uma tempestade sendo construída, para usar um clichê. Tenha cuidado." Seu rosto parecia momentaneamente perturbado, e então ela relaxou novamente e voltou sua atenção para o palco. "Ah, o solista está de volta."

Empurrei meu copo vazio para o centro da mesa. Eu comecei a pegar algum dinheiro, mas ela acenou para deixar pra lá. "Obrigada pela conversa," eu disse a ela, me levantando da cadeira. De repente, eu hesitei. "Você mencionou Carter. Eu suponho... eu suponho que você sabe onde ele tem estado ultimamente?"

Eu nunca pensei que iria dizer aquelas palavras. Carter tinha me atormentado por anos com seus conselhos não solicitados e enigmáticos. Ele gostava particularmente de comentar sobre Seth e eu, como se ele tivesse algum interesse especial em nosso relacionamento. Desde que terminamos, eu mal tinha visto Carter. Ele costumava sair com meus amigos e eu, mas tinha apenas aparecido algumas vezes nos últimos meses.

Isabelle sorriu. "Ele está mais perto do que você pensa."

"Típica resposta de anjo, eu suspirei. Me virei para sair e, em seguida, dei um grito estridente.

Carter estava na entrada do clube. Abandonando Isabelle, me apressei por toda a sala lotada. Alheio ao código de vestimenta, Carter vestia sua típica roupa grunge, jeans e uma camiseta cinza claro. Uma camisa de flanela estava amarrada na cintura, e seus cabelos loiros poderiam ter passado por uma boa lavagem e escovação. Ele sorriu com expectativa com a minha aproximação e saiu para a rua lotada.

"O que você está fazendo aqui?" Eu perguntei, pegando os meus cigarros. Peguei um para mim e então lhe ofereci o pacote. Ele pegou um também.

"O que você está fazendo aqui?" Ele devolveu agradavelmente.

"Você sabe o que estou fazendo aqui. Todo mundo sabe o que eu estou fazendo aqui." Me atrapahei com a minha bolsa procurando meu novo isqueiro e encontrei uma caixa de fósforos em vez disso. Puxei-o para fora. Mad Mark's Martini Bar. Eu tinha esquecido

deles.

"O que há de errado?" perguntou Carter, notando minha tristeza.

Eu balancei minha cabeça. "Nada". Troquei os fósforos pelo meu isqueiro, e acendi. "Você estava com a sua assinatura escondida," eu continuei. "Porquê?"

"Elemento surpresa," disse ele. "Valeu a pena ver o seu rosto. "Caminhamos passando pelo clube e por grupos de bêbados, sem destino claro em mente - pelo

menos não era ninguém que eu conhecia. "Você não tem aparecido faz um tempo," eu acusei.

"Por que, filha de Lilith, sentiu minha falta?"

"Não! Mas eu estava começando a sentir como se você estivesse interessado em mim apenas enquanto eu estava namorando Seth."

"Claro que não." Houve uma pausa longa e excessivamente indiferente. "Então... tem falado com ele ultimamente?"

Revirei os olhos. "Você está interessado apenas em Seth! Vai ter que deixá-lo ir, Carter. Seth e eu terminamos. Porque você não pode ficar obcecado comigo e meu novo namorado, em vez disso?"

"Porque você pode fazer melhor."

—Todo mundo fica dizendo isso. Mas eu sou uma súcubos. Quanto melhor eu posso fazer?"

"O fato de as pessoas continuarem dizendo deveria ser resposta suficiente."

"Seth terminou comigo, eu disse cerrando os dentes. "Ele não me quer mais, fim da história."

"Oh, qual é. Você realmente acredita nisso?" "Vendo como eu estava quando terminamos? Sim."

Carter discordou. —Georgina, Georgina. Você está deixando sua raiva e outras emoções nublar sua razão, o que é uma pena, pois você é muito mais esperta do que as pessoas acreditam. Volte ao passado e pense. Por que Seth terminou com você?"

Olhei para o outro lado da rua, me recusando a olhar para ele. "Porque ele pensou que se ficássemos juntos, nós dois nos machucariamos. Que seria melhor nos dividirmos, não importando quão doloroso fosse no momento."

"E você acha que isso faz dele uma pessoa má?"

"Sim." Virei de volta para Carter. "Porque eu não concordo. Eu estava disposta a assumir o risco. Ele desistiu."

"Às vezes é preciso mais coragem para saber o momento de se retirar do que continuar lutando."

"Eu não acho que poderia ter tido tanta coragem. Ele acabou com a Maddie

consideravelmente rápido." Não importa o quão duro eu tentasse, não conseguia manter a amargura fora da minha voz.

"Isso precisa de coragem também, obrigar-se a começar de novo com alguém novo para continuar seguindo com a sua vida."

"Parece muito rápido para mim."

Carter deu uma longa tragada em seu cigarro. "Seth não saiu e ficou com a Maddie

porque parou de te amar. Se não houvesse complicações no mundo, você seria a escolhida. Você é o seu ideal, sua primeira escolha.

"Isso não é lisonjeiro para Maddie."

"Isso não faz ela pior. Significa apenas que ele a ama de maneira diferente. E quando você decidir que tem que seguir em frente, o que deve acontecer, só porque as coisas não deram certo, não significa que não há outras pessoas para você amar. O amor é uma coisa grande demais para viver sem ele."

"Oh sim, eu disse. "Senti tanta falta dessas conversas enigmáticas."

Carter deu um sorriso torto. "Estou contente de ver você de volta ao seu antigo eu."

"Eu tinha perdido o sarcasmo também."

"Não, estou falando sério. Você não estava muito divertida nestes últimos meses. Você era um tipo de..."

—...cadela?

Ele deu de ombros. "Eu não sei. Você estava com raiva, deprimida e frustrada. Você parou de se importar com as pessoas a sua volta. Você não era... bem, você."

"Você não me conhece ou sabe o que eu sou."

"Eu te conheço melhor do que você pensa. Eu sei que você ainda está machucada e achando que o universo desistiu de você. Não desistiu. Eu também sei que até onde concerne esse assunto demoníaco, sua curiosidade vai só te enrolar mais em algo que você nem deveria ter se envolvido pra começo de conversa. Jerome, ele declarou "é um tolo."

—Você sabe o que está acontecendo? Eu perguntei ansiosamente, parando. "Quem está conduzindo esse culto? Quem supostamente está conduzindo este grande jogo que está acontecendo e eu não posso ver?"

—Não, disse Carter, com uma expressão sombria. "Eu não sei nada disso. Mas se eu fosse você, voltaria para Seattle logo. Fique perto de Jerome."

"Ele me odeia neste momento."

"Não, ele não odeia. Fique perto dele. Ele vai protegê-la. Se ele não puder... bem, eu vou. Se eu puder."

Não havia nada de romântico na sua oferta de proteção. Não foi falado com ferocidade cavalheiresca. Ele estava inquieto, como se estivesse lidando com um último recurso. Eu

também não podia deixar de repassar suas últimas palavras: se eu puder. Anjos - ou demônios - não costumam usar a palavra "se" frequentemente.

"O que você quer dizer com se -"

"Volte para casa, filha de Lilith." Ele inclinou a cabeça para trás para olhar o céu noturno, soprou a fumaça no ar, e então olhou para mim com seus olhos cinza prateado.
"Conversaremos em breve."

Deixou cair o cigarro na calçada e desapareceu.

Olhei em volta preocupada se alguém tinha visto, mas nós tínhamos andado para longe da festa. Apaguei o cigarro, me virei e voltei na direção de toda a animação indo ao encontro de uns caras que eu tinha notado me observando. Uma noite com homens bêbados ainda fazia-me sentir vazia, mas pelo menos os seus motivos eram mais fáceis de entender do que o dos anjos.

NOVE

Eu estava começando a invejar o teletransporte que os imortais do alto escalão usam. Eu nunca fui de gostar muito disso no passado (tende a ser meio desorientador), mas, de repente, um pouco de tontura parece trivial comparado em já ter que fazer a viagem Vancouver-Seattle de novo. Irritante, ou não, eu estava ansiosa para falar com Jerome, então, assim que Cedric me liberou no dia seguinte, eu peguei a estrada de volta para os E.U.A.

Isabelle pareceu convincente o suficiente em negar seu papel nas travessuras do Exército, e tanto Carter quanto Cedric também demonstraram certeza de que ela não estava envolvida. Contudo, eu não podia desconsiderar qualquer pista nesse caso, não quando minha volta permanente para Seattle estava em jogo e, certamente, não quando alguém estava mexendo com a própria Seattle. Isabelle pode ser realmente inocente, mas eu não ia deixar isso de lado enquanto eu não falasse com Jerome.

—Aparentemente você está mais aqui do que lá, Hugh disse quando eu liguei para dizer a ele que estava de volta à cidade. —Realmente não parece que você está sendo punida tanto assim.

—Punição é subjetiva. Você sabe onde Jerome está?

—Pelo que eu sei, ele ia se encontrar com alguém.

—No Cellar?

—Mmm, não...naquele bar novo no Capitol Hill.* Clement's. (*Bairro de Seattle)

—Ele vai ficar com raiva se eu aparecer enquanto ele está num almoço de negócios?

—Se ele não quiser ser interrompido você não será capaz de encontrá-lo.

Bem Colocado. Sem passar em casa, eu fui direto ao Capitol Hill e encontrei um lugar para estacionar que não era muito longe do apartamento de Cody e Peter. O Clement's era um lugar novo que se destacou em pouco tempo, um pouco mais elegante e moderno do que o Cellar, o qual era um bar de má reputação na Pioneer Square* que nós imortais freqüentávamos sempre. Clement's tinha a mesma atmosfera luxuosa e um menu de drinks com design similar ao que o Mark's tinha, e foi bastante difícil eu me convencer de que um drink provavelmente não era a melhor idéia enquanto eu estava aqui no meio de um negócio demoníaco. (*Bairro na esquina sudoeste do Centro de Seattle.)

Avistei Jerome imediatamente. Ele estava em uma mesa preta, voltado para a porta. Os

olhos dele encontraram os meus enquanto eu me aproximava, minha assinatura declarou minha presença na mesma hora em que a dele veio até mim. Mas a aura imortal dele não era a única ali, eu reconheci a identidade antes mesmo que a mulher sentada em frente a ele se virasse.

Nanette.

Quando isso aconteceu? Havia um sorriso malicioso no rosto dela, como se ela soubesse de alguma piada que o resto de nós não sabia. Ela usava outro vestido fofo de verão, seda cor de lavanda que ficava lindo com seu cabelo loiro, muito embora o clima primaveril ainda não estivesse quente o suficiente. Claro, quando se é uma demoness acredito que o Fogo do Inferno a mantenha aquecida.

—Georgie, Jerome disse, não desagradavelmente, —parece que você está mais aqui do que em Vancouver.

—Cedric me mandou para casa. Parece que ele não me quer por perto se eu não estou fazendo algo específico.

Nanette riu e fez uma pausa para pegar um drink que parecia um Lemon Drop Martini.*

—Eu imaginei, depois daquele espetáculo de ontem. Brilhante trabalho, eu devo acrescentar. (*<http://www.occasionsmagazine.ca/images/recipes/lemondrop.jpg>)

Eu fiz uma careta, decidindo revelar a verdade, mesmo arriscando perder a aprovação de Jerome. —Na verdade, eu não tive nada a ver com aquilo. Eles fizeram isso sem me avisar.

Jerome pareceu não se importar. —A cena está toda no YouTube. Eu assisti umas cem vezes. Esse negócio todo era tão confuso, Jerome queria muito que eu ajudasse Cedric a resolver esse negócio do culto, mas meu chefe parecia bastante feliz em ver o progresso paralisar. Novamente eu senti como se estivesse perdendo alguma coisa aqui, fazendo eu me sentir ainda menos segura sobre minha posição.

—Olhe, eu disse. —Eu não quero interromper seus drinks. Eu esperava apenas falar com Jerome, mas eu posso encontrar você depois.

Nanette abaixou seu martini e se levantou. —Não, não. Nós terminamos aqui. Fique com meu lugar.

Eu hesitei, mas ela insistiu, e Jerome não pareceu tão incomodado com a partida dela. Ela saiu do bar como uma humana normal, não se incomodando em se teletransportar - pelo menos não enquanto outros podiam vê-la. Ele gesticulou em direção a cadeira dela, e eu me sentei.

—Então, o que posso fazer por você, Georgie? Jerome estava bebendo conhaque, algo mais apropriado para uma noite na fogueira, do que uma tarde de domingo.

—Você está saindo com Nanette? eu perguntei, colocando Isabelle momentaneamente na espera.

—Como você viu.

—Eu lhe contei sobre o encontro dela com Cedric.

—E?

—E, não parece estranho que ela se encontrou com cada um de vocês pelas costas do outro?

—Não é pelas costas de ninguém, ele contradisse. —Eu sei que ela se encontrou

com Cedric, e ela sabe que eu sei.

Isabelle ficava cada vez mais para trás. De repente, tudo parecia perfeitamente óbvio. Isabelle negou ser o anjo porque ela não queria que sua situação mudasse. Nanette, entretanto, queria mudar. Ela queria parar de sentir como se Cedric e Jerome estivessem de olho em seu território, bem como de sentir-se pressionada entre eles. Ela alegou que seu encontro com Cedric foi defensivo da parte dela, mas eu não podia deixar de pensar se ela estaria mais na ofensiva do que qualquer um de nós imaginava.

—Georgie, Jerome disse secamente. —Eu posso ver as rodas girando em sua cabeça. O que você está pensando?

Começando pelo encontro no Tim Hortons, eu dei a Jerome um relatório completo das minhas experiências com o Exército das Trevas e as teorias que eu pensei sobre o Anjo das Trevas ser literalmente um anjo - Isabelle.

—Ridículo, Jerome disse. —Não é ela.

—Você soa tão certo quanto Cedric.

Ele deu de ombros, parecendo quase envergonhado em ter concordado com seu rival.

—Porque ela não está liderando nenhum culto. Eu a conheci. Ela não é do tipo.

—Bem, eu começo a concordar, na verdade. Eu respirei fundo e continuei. —Eu não acho que ocorreu a nenhum de vocês que talvez seja Nanette quem esteja por trás disso.

O rosto de Jerome ficou ainda mais incrédulo. —Nanette? Georgie, isso é demais, até para você.

—O que, demônios de olho nos territórios uns dos outros? Vamos lá Jerome. Isso com certeza não é demais! É o que você e Cedric estavam - talvez ainda estejam - fazendo um com o outro. Se algo acontecer, Nanette está em uma posição muito melhor para se beneficiar do que Isabelle. Nanette corre atrás de vocês dois, alegando que ela está preocupada com o outro quando, na verdade, ela está jogando um contra o outro.

Jerome rodou o conhaque em seu copo. —E deixe-me adivinhar: ela é loira também, como esse tal anjo de cabelos dourados.

—Bem...

Ele suspirou, tomou um último gole do conhaque e baixou o copo com força.

—Não que eu tenha nenhuma razão para explicar nossos assuntos para você, mas aqui vai. Nanette não tem coragem de tentar algo desse tipo. Oh, claro, algumas das suas

colocações estão corretas. Esse não seria um comportamento demoníaco estranho, particularmente de um que se sinta ameaçado. Mas não ela. Talvez ela queira fazer algo assim, mas ela não vai. Ela fala muito, mas pouco faz.

Normalmente eu não consigo respostas assim tão detalhadas de Jerome, e eu estava um pouco surpresa. —Você tem certeza?

—Tenho, ele disse firmemente. Um garçom trouxe um novo copo de conhaque.

—Deixe ela e Isabelle para lá. Encontre alguma outra razão para o que este grupo

absurdo está fazendo. Resolvido isso, acabe com esse grupo, como você deve fazer. E encerrado o assunto, me dê algum crédito de que eu posso resolver meus negócios sem a ajuda de uma súcubos.

Eu parti logo depois disso, deixando Jerome beber sozinho. Quando eu abri a porta, eu olhei de volta e o estudei. Seu rosto estava momentaneamente sem guarda, preocupado enquanto ele encarava o fundo do seu copo. Ele parecia muito só, literalmente e figurativamente, apesar de suas palavras corajosas. Eu senti uma aflição estranha no meu peito, um pouco de tristeza sobre o que era, sem dúvida, uma eternidade de tormentos agravados quando complicações, como as nossas atuais, se seguiam. Mas, então, talvez esses estouros de drama demoníaco ajudassem a quebrar a monotonia.

Eu considerei dar uma volta depois disso, mas decidi que ir direto para casa era melhor. Meu telefone tocou assim que eu entrei em meu apartamento. Eu fechei a porta com meu pé, enquanto minha mão livre procurava nos fundos da minha bolsa. O número de Doug apareceu no identificador de chamadas.

—Está tudo bem? eu perguntei assim que atendi.

—Você sabe o que é triste nisso, Kincaid? Você não está perguntando se eu estou bem. Você viu meu número, achou que havia alguma crise no trabalho e queria saber se a loja estava bem.

—E?

—A livraria está bem. Eu queria saber se você está na cidade. Maddie deu a entender que você pode cruzar o tempo e o espaço agora, e pode estar em qualquer lugar o tempo todo.

—Eu bem que queria, mas sim, eu estou em casa. O que foi?

—Você vai para a festa de Casey?

—Casey o quê? Enquanto eu falava, me lembrei de Casey me puxando de lado na livraria, e perguntando se eu poderia ir para sua festa de formatura. —Ugh. É hoje, não é?

—É sim. Você quer que eu vá buscá-la?

—Doug, eu não acho que possa ir. Na verdade, eu até disse à ela que não poderia.

—Tudo bem, me diga agora, imediatamente, o que você tem para fazer ao invés de ir. "Bem, eu, uh -."

—Devagar demais. Você não tem nada para fazer.

—Eu apenas não estou com clima para festas.

—A beleza disso é que quando as pessoas não estão com clima para festa, na verdade é quando eles mais precisam de uma.

—Doug—

—Vamos lá! Como você consegue não dar valor às realizações de uma CDF

em matemática avançada que está se graduando antes do tempo, puta merda.

—Letão.*

(*Língua falada na Letônia.)

—O quê?

—Matemática e Letão. Duas especialidades.

—Você está provando o meu ponto por mim. Seria triste e errado se nós não a ajudássemos a celebrar. Ela superou uma vida de adversidade, vindo para este país com a esperança de melhorar a vida dela e de sua família.

—Doug, ela é, como, a quarta geração. O pai dela é um neurocirurgião.

—Por favor! A Maddie vai ter que ficar pra fechar, então eu não tenho ninguém pra ir comigo. Fora isso, é meio estranho o fato de eu estar indo com a minha irmã em todos os eventos sociais, ultimamente. Preciso de você pra me sentir homem novamente.

—Doug—

—Vejo você em cinco minutos, Kincaid.

Eu sabia como Doug era quando ele estava assim. Ele não estava brincando quando disse que viria em cinco minutos, e ele também estava certo sobre eu não ter nada mais pra fazer. Com tão pouco tempo, eu simplesmente transformei uma saia cinza e uma blusa preta que pareciam apropriadas para uma festa de formatura. Enquanto procurava por um envelope branco em que eu pudesse colocar um cheque dentro,* eu liguei para Dante para avisá-lo que eu estava na cidade e perguntar se ele queria ir conosco. Mas como já estava se tornar comum ultimamente, caiu na caixa postal. O que era isso de eu sempre acabar com homens em que não podia confiar? Eu tinha problemas em falar com Seth quando namorávamos porque eu sempre o encontrava escrevendo. Agora eu tinha problemas para encontrar Dante porque... bem, porque ele era inconstante. Eu deixei o endereço de Casey na mensagem e me apressei para ficar pronta. Eu queria usar o relógio de Dante, mas não consegui encontrar antes de Doug chegar - honestamente, pareceram mais quatro minutos - então, eu terminei saindo correndo sem acessórios.

(*Nos E.U.A. é comum se dar dinheiro como presente de formatura.)

A família de Casey vivia em Clyde Hill, um lindo subúrbio ao lado do lago, condizente com uma família de um neurocirurgião. A festa já havia começado acerca uma hora quando nós chegamos e encontramos seu vasto quintal cheio de música, comida e pessoas. O crepúsculo caía, e o brilho suave de lanternas penduradas nas árvores, e a linha da cerca

davam a tudo uma forma mística travessa. Nós paramos na entrada do quintal, avaliando o lugar e procurando pessoas conhecidas.

—Isso é meio saudável para mim, Doug disse. —Tem crianças aqui.

—Claro que tem. Essa é uma festa de formatura, não uma de suas festas pós-show.

—Oh, veja, ele disse vivamente. —Tem um barman. Parece que isso será toleravelmente saudável.

Casey encontrou-nos pegando drinks e jogou seus braços ao redor de nós em um forte abraço duplo. —Oh! Vocês vieram! Muito obrigada.

Ela estava resplandecente com excitação e energia, mal conseguindo ficar parada. Ela aceitou meu cheque com outro abraço, e disse que a avisássemos se precisássemos de alguma coisa, e, então, saiu às pressas quando viu que sua ótima tia de Idaho chegou.

—Uau. Tudo isso me faz desejar ter permanecido na universidade, Doug meditou.

Alguns de nossos colegas de trabalho acenaram da parte mais distante do quintal, e nós fomos em direção a eles.

—Sim. Você poderia ter toda essa diversão esperando por você depois da faculdade.

Ele fez uma careta. —O problema é que eu tive toda essa diversão durante a faculdade. Os outros funcionários da livraria estavam felizes em nos ver, e todos caímos em uma conversa agradável que variava da própria festa, a coisas do trabalho. A família de Casey não poupou nenhuma despesa, e garçons vinham com vários tipos de salgadinhos. Nenhum de nós havia jantado, então praticamente devoramos as bandejas e, provavelmente, parecíamos selvagens em nosso canto.

Eu estava apreciando um segundo drink quando Beth disse de repente, —Oh, vejam. Seth e Maddie estão aqui.

Eu endureci. Uma das razões pela qual eu atendi a porta quando Doug veio me buscar, foi o fato de que ele disse que Maddie ia fechar a loja. Saber que eu teria uma folga dela e de Seth fez disso uma perspectiva suportável, mas, aparentemente, ocorreu alguma coisa.

Eu imediatamente me virei, esperando ter ouvido errado. Não. Lá estavam eles: Seth e Maddie.

Pior, a pequena sobrinha de Seth, Kayla, estava com eles. Ela era a filha mais nova do seu irmão, quatro anos de idade, com olhos azuis e um punhado de cachos loiros. Eu descobri recentemente que Kayla tinha as qualidades de uma médium e era capaz de sentir o mundo sobrenatural, tanto quanto Dante ou meu amigo Erik podiam. Ela ainda estava longe de ter as habilidades deles, ou mesmo uma idéia do que elas significavam. Por enquanto, ela era apenas uma pequena garota feliz - embora uma bem calma - e vê-la com Seth e Maddie estremeceu dolorosamente meus sentimentos.

—Eu pensei que você disse que ela fecharia a livraria. Eu assobieei para Doug.

Ele não notou o tom chateado na minha voz e interpretou como uma surpresa. —Eu pensei que sim. Talvez ela falou com Janice para fazer isso. Eu sei que ela tem dado a ela mais e mais responsabilidades. Me faz pensar sobre a segurança do meu próprio emprego.

A turma da livraria cumprimentou os recém-chegados com alegria. Kayla soltou-se de Seth e Maddie e, para minha surpresa, correu até mim. —Georgina!

Eu a levantei, e aquela serpente colérica e sombria dentro de mim se acalmou um pouco. Kayla não apenas me procurou, ela também falou - uma raridade. Eu a abracei, e com ela nos meus braços, de repente tudo parecia certo no mundo.

—Você tem uma fã, Kincaid, riu Doug. Ele piscou para ela. Em troca, ela lhe deu um tímido sorriso e, então, voltou-se para mim e descansou sua cabeça em meu ombro.

—Ela falou, Maddie disse em espanto. Maddie sabia que eu fui amiga dos Mortensens e não achou nada por eu conhecer as garotas.

—Um monólogo inteiro, eu ri.

—Nós estamos cuidando dela enquanto os outros estão em uma peça da escola, explicou Seth.

—Essa festa é surreal, Maddie disse, olhando em volta de todo o alarde. —Alguém sabe por que ela se formou duplamente em Letão?

—Para nada? sugeriu Beth.

—Antropologia e Estudos sobre as Mulheres são graduações que não servem para nada, disse Doug. —Não Letão.

—Ei! disse Maddie, acotovelando seu irmão. Ela freqüentemente escreve artigos freelance* para revistas feministas.

(*Sem estar ligada por um contrato; autonomamente.)

—Ei, não desconte em mim. Eu nunca vou esquecer que você pagou aquela disciplina chamada Evolução do Vestido.

—Foi mais difícil do que você pensa.

O resto de nós assistia os irmãos Sato com diversão, e, para o meu desânimo, Seth também. Eu meio que esperava que ele estivesse lançando olhares furtivos, desejosos para mim. Ao invés disso, ele assistia à Maddie quase... afetuosamente. Como se ele a achasse inteligente e engraçada - o que ela era, claro. Ele a olhava da forma como qualquer cara olharia sua namorada.

—Ei, eu disse a Doug. —Por que você não para de perturbar sua irmã e vai pegar um refil para a gente.

—Você é um péssimo modelo para a criança, ele avisou. Mas ele pegou meu copo e foi para o bar, de qualquer maneira.

Se não bastasse, pareceu que o fato de estar segurando Kayla, deu a Seth e a Maddie uma chance de trocarem mais carinhos. Eles ficaram de mãos dadas. Então, eu prestei mais atenção em Kayla, pegando alguns aperitivos diferentes na medida em que passavam

e explicando a ela o que era quiche e brie.* Quando Doug voltou com meu drink, eu o terminei rapidamente, ainda consciente do fato de que eu segurava uma criança. Quando terminei meu terceiro, tive consciência suficiente para entregá-la.

(*Os chamados brie são uma importante família de queijos de pasta mole e crosta florida, originados da região de Brie, na França.)

Quando terminei meu terceiro, tive consciência suficiente para entregá-la. Maddie a pegou pela mão e a levou para ver um lago de carpas na lateral do jardim. Isto me deixou sozinha com os outros, e não sei se pelo álcool, pelo carisma de súcubos ou se somente pelo desejo de me mostrar para Maddie, de repente acordei pra vida.

Eu fazia piadas e conversava com todos, tendo a certeza de que todas as pessoas se sentissem incluídas na conversa. Percebi que todos eles estavam ligados, apanhados no conforto e no bom clima de entusiasmo que eu havia criado. Talvez eu tivesse motivos velados, mas apesar disso, eu estava me divertindo. Já fazia um tempo que eu não me permitia somente me divertir, em encontros sociais.

Todavia, quando Maddie voltou, eu decidi que era hora para o meu quarto drink. Eu cruzei o quintal, graciosamente apesar do álcool. Enquanto esperava na fila, o cara atrás de mim puxou conversa.

—Eu conheço você de algum lugar.

Eu olhei para ele. Ele era alto, mais de trinta anos, e tinha um cabelo bronzeado. Eu dei a ele um sorriso sedutor. —Essa é uma péssima forma de começar uma conversa.

—Não, eu tô falando sério. Ele franziu as sobrancelhas. —No jornal... você estava em algum tipo de leilão de encontros?

—Oh meu Deus. Você realmente me reconhece. Através das armações de Hugh, eu participei de um leilão de encontros para caridade dezembro passado. Eu fui leiloada por uma obscena quantidade de dinheiro, o que me fez aparecer no jornal.

—Se eu me lembro, você ajudou muito aquela instituição beneficente.

—O que posso dizer? Eu adoro crianças.

Nossa vez chegou, e pegamos novas bebidas. Saindo da fila, nós continuamos nossa conversa.

—Eu não acholl, ele disse, —que eu teria que pagar aquela quantia por um encontro.

—Você está me convidando para sair?

—Vendo você pessoalmente? Sim. Eu meio que entendo o valor agora.

—Uau, você não perde tempo com formalidades.

Ele deu de ombros. —Eu não tenho tempo. Muito ocupado com o trabalho.

Ah. Um desses caras. Eu não tinha a habilidade de Hugh para ver almas, mas algo me disse que eu não conseguiria uma grande quantidade de energia desse homem. De qualquer forma, isso não importava. Eu estava bêbada e aflita, e um cara vulgar parecia exatamente o que eu precisava naquela hora, não importa o quanto isso fosse inapropriado. De fato, a impropriedade meio que melhorava a coisa.

—Não, não aquilo tudo. Embora, para dizer a verdade, eu mesma ando muito ocupada. Eu não gosto de perder tempo com algo que possa não dar certo. Eu sou o tipo de garota que testa antes de comprar.

Ele me estudou com cuidado, rosto sério. —O que exatamente você tem em mente? Eu inclinei minha cabeça em direção a casa. —Eles devem ter um banheiro lá. Como esperado, ele não precisou de muita persuasão. A casa estava

completamente aberta para qualquer um que precisasse entrar, e nós passamos pela equipe de garçons se movendo para lá e para cá, enquanto nós procurávamos um dos muitos banheiros da casa. Nós terminamos em um pequeno, no segundo andar, que era adjacente a um quarto de hóspedes.

Aparentava não ter sido muito usado, e assim que fechamos a porta, nós estávamos um sobre o outro.

Ele me disse ao longo do caminho que seu nome era Wes e que ele tinha um tipo de posição societária em um banco no centro da cidade. Eu não tinha certeza por qual motivo ele tentava me impressionar, vendo como eu fiz isso extremamente fácil para ele, mas eu apreciava o fraco esforço, de qualquer forma. Minha maior preocupação era a relação dele com a família, mas acontece que ele era amigo de um amigo de um sócio, então eu não precisava me preocupar em isso chegar aos ouvidos de Casey.

Minha saia saiu quase imediatamente, seguida por um rápido desabotoar da minha blusa, arrancando um botão, o qual deslizou pelo chão, perdido para sempre. Ele deixou a blusa em si, apenas aberta, e correu suas mãos pelo meu corpo, assimilando o sutiã de renda preta e a calcinha combinando.

—Meu Deus, ele sussurrou. —Você vale mais do que o preço pago no leilão.

—Eu não sou uma garota de programa, eu rebati irritada por alguma razão que eu não entendia bem. —E seja rápido. Meus amigos estão me esperando.

Wes parecia surpreso por eu não o estar bajulando, mas ele não discutiu. Suas calças e a cueca saíram em seguida, e ele pegou meus quadris, inclinando-me para que eu sentasse na ponta da bancada, com meu corpo em um ângulo e minha cabeça e ombros contra o espelho. A bancada e a altura dele encaixavam-se perfeitamente, e um momento depois, ele estava em mim, nem rude, nem gentil, um meio-termo. Era um pouco chato, pra falar a verdade, como se ele não conseguisse se resolver e tomar uma posição.

Mas quando ele agarrou meus tornozelos e segurou minhas pernas para cima, o ritmo aumentou de forma constante, e eu vi o suor sair de sua testa. A energia vital que me infiltrou era moderada, assim como tudo relacionado a este encontro, mas comparado com Dante, era muito mais significativa. A energia compensou pelo resto, e quando ele gozou com um tipo primitivo de gemido, aquela explosão de vida fluiu sobre mim inteiramente. Como filamentos puros de luz, ela correu pelo meu corpo, revigorando-me e fortalecendo-me.

Ele cambaleou para trás, e eu pulei fora do balcão para colocar minhas roupas rapidamente.

—Uau, ele arfou. —Isso foi—

—Não diga que valeu o dinheiro, eu avisei. —Particularmente porque você não pagou.

Ele calou a boca, e eu sorri. Com um rápido beijo na bochecha, eu saí pela porta.

—Obrigada, eu disse. —Foi divertido.

Ele procurou desajeitadamente sua cueca. —Você quer sair qualquer dia desses?

—Não.

Eu o deixei se vestindo, fechando discretamente a porta atrás de mim e me lembrando de levar comigo minha bebida. Ninguém estava no andar de cima, então nosso encontro passou despercebido - assim eu pensava. Quando eu cheguei no final da escada, eu quase dou um encontrão em Seth.

—Oh meu Deus, ele disse, dando-me uma olhada. —Você realmente fez isso?

—Fiz o quê? Eu perguntei em uma voz melosa.

—Você sabe o quê. Você está com - com aquele brilho. Isso e está faltando um botão.

Eu olhei para a brecha culpada na blusa e a mudei para o seu estado anterior.

—Pronto. Novo em folha.

Ele balançou a cabeça, mantendo sua voz baixa para que não nos ouvissem.

—Eu realmente não acreditei que você faria isso. Eu a vi saindo com ele e pensei,

—Não, ela não faria. Não aqui... Então, eu vim aqui e—

—Você o quê? Veio para me impedir? Eu não pude evitar uma risada incrédula.

—Seth, o que eu faço ou deixo de fazer não é da sua conta.

—E Dante? Você o traiu.

—Eu traio todos os meus namorados. Você esqueceu? É isso que eu faço.

—Você não precisava da energia. Eu sei disso.

—É, mas eu a queria. Você está com ciúmes por acaso?

—O que aconteceu com você? ele exigiu, fugindo da minha pergunta. —Como você mudou tanto? Você é melhor do que isso.

—Eu sempre fui assim. Você era apenas fascinado demais para notar.

Eu virei e fui embora, voltando para onde nossos amigos estavam, enquanto andava, verifiquei cada detalhe da minha aparência. O álcool estava realmente fazendo efeito a esse ponto, mas eu tinha certeza que podia andar sem aparentar estar bêbada. Quando eu alcancei o pessoal, Kayla pediu que eu a pegasse no colo de novo. Eu fiquei um pouco hesitante, mas ela insistiu tanto que eu entreguei meu drink a Doug e a coloquei nos braços. Ainda bem que eu não caí.

Ela me estudou com aqueles grandes olhos azuis, e eu me perguntei o que ela sentiu. Algo sobre seu olhar me afetou de uma forma que a crítica de Seth não conseguiu. Eu me senti mal pelo que fiz. Suja. Barata.

—Ela com certeza gosta de você, Maddie disse. —E você é ótima com ela também. Você deveria ter filhos.

Eu acariciei os cabelos de Kayla, lembrando-me do sonho que Nyx me enviou enquanto roubava minha energia.

Todos eles mostravam um futuro impossível, eu com uma filha e um marido. —Não posso, eu disse. —Doug seria péssimo para contribuir com o sustento da criança.

—Oh, fique calada, ele respondeu bem-humorado. Eu acho que ele havia bebido tanto quanto eu aquela altura.

Seth voltou naquele momento e tocou o braço de Maddie, a expressão dele era severa. —Nós deveríamos ir embora, Terry e os outros voltarão, e Kayla provavelmente está cansada.

O rosto de Maddie desanimou-se um pouco. —Já? Foi a primeira vez no relacionamento idílico deles que eu vi sinais de nuvens.

—Nós precisamos levá-la de volta, Seth insistiu suavemente. —E eu tenho um capítulo para escrever.

Ela rolou os olhos. —Ah. Agora a verdade foi revelada.

Interessante. Maddie tinha que aturar as mesmas coisas que eu aturei.

—Fique, Doug disse a ela. —Eu dou uma carona a você.

—É, como se eu confiasse em você atrás de um volante agora.

—Então você leva eu e Kincaid para casa, e Mortensen pode ir agora. Finalmente, todos eles decidiram que essa era uma boa idéia. Quando Seth e Kayla estavam quase indo, Maddie de repente lembrou-se de algo. —Oh! Esperem. Você tem que dar a Georgina o presente dela.

Eupisquei. —Presente?

O rosto de Seth tornou-se quase - quase - travesso, não obstante ele ainda estivesse claramente incomodado pelo ocorrido na casa. —Um, sim. Eu acabei de receber uma caixa com cópias avançadas do próximo livro de Cady e O„Neill e imaginei se você gostaria de uma.

—Eu... eu parei, incerta sobre o que dizer. Maddie riu.

—Você foi a beleza reinante da festa a noite toda, e é isso o que a deixa sem fala?

—Ei, não é tão fácil. Quero dizer... isso é Cady e O„Neill. Você sabe como eu me sinto em relação a eles. Eu meio que aceitei que eu não poderia ler a próxima continuação deles até outubro. Se eu conseguir o livro agora, todo o meu universo vai sair de rumo.

—Então você não quer? Seth perguntou.

—Oh, Eu quero. Apenas parece... eu não sei. Parece uma trapaga.

—Elas estão no carro agora, provocou Maddie em uma voz monótona. —Tem certeza que

você não quer uma?

Eu olhei para o sorriso de Seth, e algo estranho passou entre nós. Eu quase não podia acreditar naqueles minutos atrás em que brigamos na casa. Os olhares que trocamos, o modo como me senti... era quase como costumava ser. Eu rapidamente desviei o olhar.

—Sim, eu suspirei. —Claro que quero.

Seth despediu-se do resto do pessoal e tentou encontrar Casey, mas ela estava envolta por uma multidão de familiares. Desistindo, ele levou-me para fora do quintal, até onde ele havia estacionado o carro, a um quarteirão, mais ou menos. Kayla ainda estava em meus braços. Nenhum de nós falou, e estava tudo bem porque meus sentimentos estavam todos emaranhados. Ultimamente, toda interação entre nós, depois que terminamos, foi enraivecida ou tensamente dolorosa. Ainda, nesses últimos momentos, as coisas estavam quase confortáveis de novo. Seria possível que nós nunca sairíamos dessa fase? Será que a dor que eu passei com ele poderia diminuir tão rapidamente?

Ele destrancou o carro e pegou o livro. Eu esperava que eu não embasbacasse como uma garotinha quando eu o visse. All Fools Night.* A capa mostrava a linha do horizonte de Washington, capital, borrada, como uma pintura de Renoir e revestida com anil escuro. Todos os tipos de avisos sobre essa ser uma cópia avançada e não para venda estavam nele, mas eu não prestei atenção a isso. Eu não queria vendê-lo. Eu queria lê-lo. Agora. Quando eu tirei meus olhos da capa, Seth me observava com uma distração feliz. —Eu não acredito que você esteja tão excitada.

(*Nome do livro de Seth - Tradução Livre: _Noite de todos os Tolos,,)

—Por que eu não estaria? E por que você está surpreso? Muitas pessoas amam os seus livros.

Ele balançou a cabeça. —É... mas ainda é surreal pensar que eu posso escrever algo - criar algo - que afeta tão fortemente às pessoas, que elas se envolvem emocionalmente com o que eu tiro da minha cabeça. E realizar que alguém que eu conheço pessoalmente... sabendo que afeta você assim... bem, como eu disse, surreal.

O olhar doce e sincero em seus olhos estava fazendo borboletas dançarem em meu estômago, então, rapidamente eu olhei de volta para a capa. Eu quase desejei que nós começássemos a brigar de novo. —Seth... por que... por que você está fazendo isso?

—Dando o livro a você? Ele estava confuso.

—Não, quero dizer... sendo legal. E se preocupando comigo lá.

—Você não acha que eu sou legal, geralmente?

Eu olhei para cima e suspirei. —Você sabe o que quero dizer. Nós evitamos um ao outro desde o ano novo, e quando estamos juntos é um desastre. Ainda assim, aqui está você me trazendo isso... eu não entendo. Foi idéia da Maddie?

Ele me encarou por muito tempo, ou ao menos foi o que pareceu. Um calafrio percorreu minha espinha, e, por um segundo, me senti desorientada, como se eu estivesse nessa e

em outra época, revivendo o mesmo momento de novo e de novo.

—Não. Eu fiz isso por que ódio não deveria durar para sempre,|| ele disse finalmente, com a voz suave. —Por que, eventualmente, você tem que perdoar. Você não pode apenas deixar de se preocupar ou... Ele não terminou a frase. —Eu acho que nós sempre teremos uma conexão, não importa aonde formos, ou o que façamos. E, se possível, eu gostaria que fôssemos amigos.

Pela segunda vez naquela noite, eu fiquei sem fala. Eu poderia ter dito cem boas

respostas. Dizer a ele que concordava. Dizer que o perdoava. Dizer que queria que fôssemos amigos também. No entanto, eu não conseguia expressar essas palavras, e eu nunca tive uma chance para ponderar exatamente, porque Kayla de repente sacudiu nos meus braços, acordando com olhos ativamente arregalados.

—Ei,|| uma voz nos chamou. Nós viramos.

Dante estava acerca de meio quarteirão, andando em direção a nós. Com cada passo, Kayla recuava mais e mais com sua aproximação. A vida de Dante de busca pelo poder e atos perversos tinham deixado uma mancha nele, uma que Kayla podia sentir da mesma forma que ela podia sentir minha aura. Eu não sabia exatamente o que ela sentia, mas não podia ser bom.

—Aqui, eu disse para Seth. —Troque comigo

Kayla foi para ele avidamente, e ele me entregou o livro na hora em que Dante nos alcançou. Ele colocou um braço em volta de mim e beijou minha bochecha.

—Recebi sua mensagem e resolvi vir. Oi,|| ele disse, cumprimentando Seth. Seth acenou de volta e qualquer frágil companheirismo que ele e eu estivéssemos reconstruindo desapareceu. Ansiosa para distrair, empreguei meu dom de conversação que eu presumivelmente tinha.

—Seth estava indo embora e apenas vim pegar esse livro que ele trouxe para mim. Eu o levantei em explicação. —Como foi o trabalho?

Dante manteve seu braço ao redor de mim de uma maneira que era quase proprietária. Ele sempre considerou o meu passado com Seth indiferente, mas eu acho que o fato de eu ter me envolvido tanto com alguém o incomodava às vezes. Seus olhos brilharam em Kayla por um momento. Ela tentava tanto se manter afastada dele, que ela estava praticamente se arrastando para fora de Seth.

Magia mortal e habilidades variavam consideravelmente, mas eu imaginei que Dante era capaz de senti-la também. O fantasma de um sorriso atravessou seus lábios, e então ele voltou sua atenção para mim.

—Devagar como sempre. Mas eu atendi uns dois adolescentes buscando Tarô.

—Oh, Deus. Seus tipos preferidos de adolescentes.

—Sim. Nunca questionam o preço. Eu nem sei se eles compreenderam a leitura que eu fiz, pra ser honesto.

—Você não falou para eles sobre as rãs de árvore, falou?

—Rãs de árvore? perguntou Seth.

—Sim, Dante atendeu essas crianças sarcásticas que apareceram na loja uma vez, como parte da leitura delas, ele disse-lhes para tomar cuidado com rãs de árvores.

Rindo, Dante balançou a cabeça com a memória. —Merda, isso os assustou muito. Você deveria tê-los visto quando deixaram a loja. Eles estavam praticamente encolhendo-se no chão, procurando em todo lugar, espreitando cada janela e cada fio de telefone. Isso foi compensação quase suficiente.

A imagem sempre me fazia rir. —Mas não dessa vez?

—Não, esse grupo era apenas lento e deslocado. Pelo lado positivo, eles me

pagaram dez dólares por um pacote de Doritos que eu tinha por lá. Tenho que amar as crianças gastando suas mesadas.

Dante e eu estávamos nos divertindo com as excentricidades de seus clientes, mas dando uma espiada, eu vi que Seth não estava. Algo frio apertou dentro de mim, e eu de repente podia nos ver através dos olhos dele. Ele não achava exatamente engraçado tirar vantagem de adolescentes que estavam sob a influência de drogas, seja monetariamente ou psicologicamente. Quando eu conheci Dante, eu na verdade fiquei consternada com o lado charlatão do negócio dele. Quando eu comecei a aceitar isso? Quando eu comecei a gostar disso?

De repente, senti-me envergonhada e odiei o que Seth deveria estar pensando de mim. Então, eu comecei a ficar com raiva por me sentir assim, por deixar-me sentir julgada. Ele não tinha mais poderes sobre mim. Não importava o que ele pensava. O resto do conforto que havia entre nós se desvaneceu, e eu senti minha parede hostil voltar ao lugar. Eu me aproximei ainda mais de Dante, e a linguagem corporal de Seth me disse que ele havia sentido a transformação pela qual eu acabara de passar.

—Bem, vocês provavelmente precisam ir, eu disse bruscamente.

—É, Seth disse desconfortável. —Eu acho que a gente se vê depois.

—Obrigada pelo livro.

Ele apenas acenou e, então, virou-se para colocar Kayla no banco do carro. Os olhos dela encontraram os meus e eu acenei um adeus, mas o olhar de horror no rosto dela nunca vacilou. Eu sabia que era por Dante, não eu, mas ainda assim machucava.

Dante queria ir para casa e veio principalmente para me dar uma carona. Naquele ponto, eu já me sentia cansada e desorientada emocionalmente. Ir para casa soava bem. Nós entramos, para deixar meu copo e dizer a Doug que eu ia embora. Doug pareceu tão estremecido quanto Seth ao ver Dante, mas ele nada disse que não estava de acordo com seu habitual estilo jovial.

Na viagem para casa, eu encarei vagamente o lado de fora da janela e corri minhas mãos pela capa do livro.

—Você estava bem amigável lá, notou Dante.

—Hã?

—Com Mortensen. Eu senti como se estivesse interrompendo alguma coisa.

—Oh. Não. Eu apenas fiquei meio eufórica por causa do livro. Você sabe como eu gosto deles.

Nós paramos em um sinal vermelho, e ele olhou para a capa do livro. —Cópia avançada? Nós conseguiríamos muito dinheiro no eBay.*

(*Empresa de comércio eletrônico fundada nos Estados Unidos...tipo o Mercado Livre, que por acaso é o sócio exclusivo do eBay na América Latina.)

—Dante!

—Estou apenas brincando, súcubos. Bem, talvez. Se você um dia quiser usar suas artimanhas com ele e conseguir mais livros, você poderia abrir um pequeno

negócio.

—Eu não preciso de dinheiro extra. E minhas artimanhas não são boas. Já está feito. Ele e Maddie estão felizes.

—Isso não significa nada. Você não acha que ele ainda quer você? Você não acha que ele dormiria com você se ele pudesse?

—Por que você sempre acha o pior de todo mundo?

—Porque sempre é verdade. Eu quero que você pare de enxergar o mundo através de um óculos cor de rosa. Ele fez uma pausa enquanto nós mergulhávamos na auto-estrada e voltávamos para a cidade. —E ele pode desejar você o quanto quiser. Eu não ligo, desde que você não o queira também.

—Lá vem você de novo, com seus ciúmes. Eu tentei manter minha voz num tom de provocação, a fim de que ele não percebesse o quanto chegou perto. —Eu pensei que você não ligasse com quem eu dormisse.

—Eu não ligo. Desde que você não goste deles mais do que você gosta de mim.

Eu ri e deixei isso como minha resposta, indicando como eu achava esse pensamento uma tolice. Ainda assim, enquanto voltávamos para casa em silêncio, eu me senti segurando o livro cada vez mais perto.

Dante desmaiou imediatamente depois do sexo naquela noite, mas eu fiquei acordada por um tempo.

Finalmente rolando para o lado, eu virei de costas para ele e encarei a minha mesa de cabeceira. Eu tinha jogado o livro de Seth lá, e agora ele ficava me encarando como se estivéssemos disputando para ver quem desviava o olhar primeiro. Seth o tinha dado a mim como um presente, possivelmente uma oferta de paz, mas eu tinha medo dele, medo de como eu poderia sentir se eu o abrisse.

Após ficar encarando por dez minutos, finalmente peguei o livro e me arrastei mais para a beirada da cama para que eu tivesse mais luz da minha lâmpada de leitura minúscula. Me virando de lado, dei um longo suspiro e abri All Fools Night.* (*Nome do livro de Seth - Tradução Livre: _Noite de todos os Tolos,,)

Primeiro veio à folha de rosto, em seguida, a dedicatória: Para minha sobrinha Brandy, que sonha com grandes coisas e vai alcançar outras ainda maiores. Foi embaraçoso, mas eu quase especulei por um momento que ele poderia ter dedicado o livro a mim. Ele o tinha terminado bem na época em que começamos a namorar, mas ele vinha editando e fazendo pequenas alterações até o momento em que terminamos. Era vaidade, suponho, pensar que poderia haver algum sinal do meu tempo com Seth no livro.

No entanto, quando virei à página, eu me questionei. Antes do primeiro capítulo, Seth sempre tinha uma citação, algo de um discurso ou possivelmente um verso de um poema que foi relevante para o livro. Essa era de uma canção:

—And if I only could
I„d make a deal with God
And I„d get Him to swap our places
- "Running Up That Hill", de Kate Bush.*

(*Tradução Livre - —E se eu pudesse. Faria um acordo com Deus. E pediria que ele nos trocasse de lugar. - Subindo a Colina, de Kate Bush)

Eu li a letra uma porção de vezes, me perguntando se havia algo ali, ou se eu estava tentando enxergar o que não existia. Eu tinha ouvido a música há muito tempo, e ela tinha aquele ritmo sintetizado comum nas músicas da década de oitenta. Eu não lembrava dessa parte específica. Finalmente, desviando meus olhos me concentrei no livro.

Antes de conhecer Seth, eu racionava a leitura dos seus romances. Gostava de ler apenas

cinco páginas por dia para prolongar a doçura da primeira leitura. Quando algo era realmente bom era fácil se deixar levar e antes que percebesse, o momento tinha acabado. Consumia-se o livro. Eu experimentei isso frequentemente na minha longa existência, e um calendário rigoroso de leitura foi uma fraca tentativa de retardar as coisas. No entanto, quando me acomodei com este livro não tinha traçado um plano real e em pouco tempo, sabia que parar nas cinco páginas era impossível.

Era excelente. Embora ele tivesse alguns romances autônomos, esta série - Cady e O'Neill - era o seu carro-chefe. Basicamente, este era apenas o livro de mistério, ainda que houvesse uma maravilhosa qualidade poética da escrita de Seth que o elevava acima do gênero popular. Claro, havia ação e uma trilha de pistas, mas seus personagens também estavam evoluindo, sempre crescendo de maneira

maravilhosa e comovente. Seth tinha uma maneira de descrever o sentimento deles e suas reações, em um estilo que era tão real, que ressoou em minha própria vida e deixou uma dor no meu peito. Se isso era pela sua arte ou pelo próprio homem, eu não poderia dizer.

Só quando Dante se virou, eu percebi que estava fungando. "Você está chorando, súcubos?"

"É esse livro, eu disse.

Eu tinha acabado de ler uma seção na qual Cady e O'Neill estavam tendo uma conversa profunda sobre a vida, O'Neill comentou que todas as pessoas estavam procurando tanto a condenação como o perdão, necessitando de ambos para dar sentido a suas existências. Eu estava chorando porque era verdadeiro e porque Seth sabia que era verdade.

"Há um monte de coisas pelas quais chorar neste mundo," disse Dante num bocejo. "Não acho que um livro seja uma delas."

O leitor do relógio marcava quatro horas da manhã, e meus olhos estavam turvos de lágrimas e necessidade de dormir. Eu guardei o livro de Seth - no qual eu já estava em mais da metade do caminho - e apaguei a luz. Dante se moveu e jogou um braço em volta de mim, descansando o queixo no meu ombro. Sua respiração ficou pesada e regular e em pouco tempo, me juntei a ele no sono.

O telefone me acordou uma maldita hora mais tarde naquela manhã. Dante já tinha ido embora.

Achei isso surpreendente, mas considerando que ele não tinha dormido nem três horas na noite, isso não tinha que ter me causado tanto sobressalto.

"Alô?" Encontrar o telefone foi um grande feito, mas nem pensar em checar o identificador de chamadas. Uma voz frenética me respondeu.

"Georgina? É o Blake".

"Blake?" Eu não lembrava de conhecer nenhum Blake. "Não me diga que você esqueceu de nós?"

Ele pronunciou a palavra —esqueceu de forma engraçada, com sotaque,* e isso fez o meu cérebro anuviado pelo sono funcionar. "Oh, Deus. Me desculpe. Blake. Do Exército". Ele me ligar não podia ser um bom sinal. Me Sentei ereta na cama. "O que está acontecendo?"

(*Aqui, a autora fez um jogo com a pronúncia da palavra about, Blake pronunciou aboot, achei melhor traduzir apenas como sotaque.)

"Eles estão fazendo algo hoje... Eu não deveria dizer a ninguém, mas estou preocupado. Eu não sei muito, exceto que é algo grande."

Eu estava de pé e me movendo agora, mudando a forma dos meus cabelos e roupas enquanto andava. "Você sabe mais alguma coisa? Uma hora ou lugar?"

"Ainda não. Evan está sendo bem seletivo com o que nos conta. Ele diz que o anjo

quer que isso seja uma coisa super secreta e que não vamos saber os detalhes até absolutamente o último minuto."

"Porra." Eu suspeitava que o anjo também tentava limitar o meu conhecimento. Lisonjeiro, mas frustrante. "Tá bom, certo, escute, eu estou em Seattle, mas vou pegar a estrada agora. Devo estar aí em duas horas."

"Você não pode chegar aqui em cima em duas horas," disse ele, incredulamente. "Eu posso se eu não dirigir no limite de velocidade."

Havia um pouco de congestionamento dentro da cidade, mas assim que me dirigi mais para o norte, o tráfego melhorou. Era hora do tráfego pro trabalho, todo mundo queria chegar a Seattle. Assim que fiquei com a estrada vazia à minha frente, eu liguei para Cedric. Eu sabia que ele não ia gostar de minha falta de informação, mas considerando como ele tinha ficado irritado da última vez, eu tinha que fazer pelo menos uma tentativa para me manter longe de problemas. Foi Kristin quem atendeu.

"Ele está tomando café agora," ela me disse. "É uma espécie de um momento especial para ele. Ele não gosta de ser perturbado." Havia um tom ansioso em sua voz, e eu quase podia imaginá-la organizando uma bandeja apenas para ele.

"Sim, bem, ele vai ser perturbado quer ele queira ou não." Eu disse a ela o que Blake tinha dito, e sua resposta foi semelhante à minha.

"Isso é tudo que você tem?"

"O Anjo deles está dizendo apenas o estritamente necessário agora," eu disse amargamente. "Eu vou deixar você saber mais quando eu souber mais. Eu só achei que Cedric deveria saber."

Ela suspirou. "Você está certa. Obrigada. Cara, isso vai chateá-lo. Ele vai perder todo o apetite."

Percorri o caminho nas duas horas que eu tinha falado para Blake e milagrosamente consegui não ser parada. Eu não tive notícias dele durante o caminho todo, por isso eu liguei para ele assim que atravessei a fronteira e parei pra comprar café. Eu encontrei um Starbucks e senti uma emoção secreta em desafiar a dominação da Tim Hortons. Exceto... uma vez que eu tinha o café na mão, decidi que um donut seria realmente bom com ele, então eu caminhei e peguei um na Tim do outro lado da rua.

Blake não respondeu, então eu tentei Evan e também não obtive resposta. Frustrada, eu dirigi até a casa de Evan e bati na porta por um tempo. Eu estava quase escalando a

janela dos fundos, quando meu telefone tocou novamente e, ironicamente, era o próprio Evan.

"Georgina," exclamou, soando em êxtase. "Onde você está? Precisamos de você aqui."

"Onde você está?" Euexigi.

"Na plataforma de observação," disse ele.

"Plataforma de observação de quê?"

"No Space Needle.* Você mora por perto, não é?"

(*O Obelisco Espacial ou Space Needle é uma torre com 184 metros, localizada em Seattle. No topo do obelisco, há uma altura de 152 metros, está localizado um restaurante que acomoda 300 pessoas e gira 360 graus em uma hora.)

Eu quase deixei cair o telefone. "Você está em Seattle?"

"Sim!" Eu podia imaginar perfeitamente seu olhar ávido e entusiasmado. "Legal, né? O anjo queria expandir a nossa mensagem. Então, estamos todos aqui com essas bandeiras que vamos desenrolar ao mesmo tempo, e depois temos mais algumas surpresas para -"

"Evan,|| eu pedi, correndo em direção ao meu carro. "Não faça isso. Você está se metendo em mais problemas do que imagina."

"Esse é o ponto!," ele riu. "Quanto tempo até que você possa estar aqui?"

Uma vez que eu lhe disse que não estava na cidade, ele perdeu o interesse e os meus argumentos ficaram sem sentido. Assim que nós desligamos, eu liguei pra Cedric, na expectativa de falar com Kristin. Em vez disso, caiu na sua caixa de mensagens. De alguma forma, isso me deixou irritada.

"Cedric, aqui é Georgina. O Exército não está fazendo suas coisas aqui - estão em Seattle agora. Espero que agora, você finalmente, acredite que eu não tinha nada a ver com os seus planos estúpidos! Quando Jerome descobrir, vai ser a minha cabeça que vai estar a prêmio, e conhecendo minha sorte, ele vai pensar que você e eu estamos trabalhando juntos."

Sim, esta era uma daquelas situações em que não havia nenhuma maneira de eu sair ganhando. Eu iria me encrascar não importa o que eu fizesse, mas, novamente, eu tinha que tentar controlar os danos. Jerome tinha um telefone celular que ele nunca atendia e que não tinha caixa de mensagens. Hugh era a melhor maneira de encontrá-lo, mas ele também não atendia.

"Droga!" Eu chorei ao telefone. "Será que ninguém mais atende a porra dos seus telefones?" Eu lhe dei um resumo apressado do que estava acontecendo e disse para deixar Jerome ou uma das demonesses saberem sobre os planos do culto, ou então iria acontecer com Jerome o mesmo tipo de avaliação dos escalões superiores que já estava acontecendo com Cedric.

Depois disso, não havia mais nada para eu fazer a não ser pegar a estrada novamente

para Seattle - algo que não me deixava feliz. Por sorte, não era hora do rush agora, e novamente eu pude desfrutar de uma viagem tranqüila pela I-5* até a 75.** Pretty Hate Machine*** tocava no meu som e era estranhamente reconfortante para o meu estado de espírito. Eu finalmente cai naquele estado de transe em que frequentemente ficam os motoristas, com uma parte do meu cérebro olhando a estrada e a outra freneticamente se perguntando se meu aviso tinha chegado a algum dos demônios em Seattle a tempo de interceptar o Exército. (*I-5 - Autoestrada e **75 - Autoestrada auxiliar)

(***Pretty Hate Machine - primeiro álbum de estúdio lançado em 1989 pela banda Nine Inch Nails)

Eu tinha acabado de passar por Everett* e estava há uma meia hora de Seattle, quando fui atingida.

(***Cidade há 40 km ao norte de Seattle.)

Um choque de eletricidade passou através de meu corpo, fazendo o mundo girar e minha visão borrar. Me senti completamente quente. Minhas mãos escorregaram no volante, quase me levando a desviar para a contramão. Eu tive senso de orientação suficiente apenas para ligar meu pisca-alerta e ir para o acostamento antes que eu batesse em alguém. Uma onda de náusea embrulhou meu estômago, então diminuiu, em seguida varreu-me novamente. Desligando o carro, abaixei minha cabeça no volante, esperando que as coisas clareassem. Meus ouvidos zumbiam e meu corpo inteiro tremia.

Que merda é essa? Eu não fico doente. Nunca. A única coisa que realmente poderia me afetar como isto era beber demais ou me viciar em outras substâncias. Eu tive intoxicação alimentar meia dúzia de vezes, mas foram de curta duração, e de alguma forma eu duvidava que o donut que eu tinha comido tivesse causado isso.

Eu levantei um pouco minha cabeça, mas o mundo continuava rodando. Fechando os olhos, eu descansei minha bochecha contra o volante e respirei profundamente algumas vezes, esperando não vomitar. Eu não tinha nenhuma idéia do que estava acontecendo aqui, mas iria passar. Isso tinha que passar.

E passou - um pouco. Eu não sei quanto tempo eu fiquei sentada assim, talvez cerca de quinze minutos, mas na próxima vez que me atrevi a dar uma olhadinha para cima, a vertigem tinham diminuído. A náusea ainda estava lá, mas também tinha caído para um nível inferior. Decidindo arriscar, voltei pra a I-5, ansiosa para terminar o meu percurso para a cidade e descobrir o que havia de errado comigo.

Eu voltei à cidade sem causar nenhum acidente e quase cai tentando subir as escadas do meu prédio. Eu nem sequer me preocupei com a minha mala e simplesmente a deixei no carro.

Uma vez no meu apartamento, fui direto para o meu quarto e cai na cama. Aubrey se juntou a mim e olhou com curiosidade para o meu rosto. Eu lhe fiz um pouco de carinho, então deixei minha mão deslizar enquanto adormecia, fraca demais para mantê-la erguida por mais tempo.

Acordei quase duas horas depois, sacudida do meu sono por batidas na minha porta. Sentei-me, aliviada ao sentir que meu estômago tinha sossegado. A tontura também tinha ido embora. Talvez o donut estivesse estragado mesmo... E ainda assim, eu tinha essa sensação estranha - essa minúscula e perturbante suspeita-de que algo não estava certo. Eu apenas não tinha nenhum indício ou prova do que era. Ignorando isso por agora, eu cambaleei em direção a sala e abri a porta, nem mesmo me incomodando em olhar pelo olho mágico.

Cody e Peter estavam ali, ambos sorrindo de orelha a orelha. "O que vocês querem?" Eu perguntei dando-lhes passagem enquanto abria a porta. "Eu estava dormindo."

"Eu percebi pelo seu cabelo," disse Peter, se ajeitando no meu sofá. "E o que você estava fazendo dormindo? Estamos no meio do dia".

Ainda grogue, dei uma olhadela no meu relógio. Passava um pouco das três. "Sim, eu sei. Eu não me sinto bem. É estranho. Eu de repente me senti exausta e zozza."

Aquele sorriso não deixou o rosto de Cody. Ele se sentou ao lado de Peter. "Como você se sente agora?"

Eu dei de ombros e sentei na minha namorada.* "Bem, eu acho. Um pouco cansada, mas o pior já passou." No entanto, aquela indescritível sensação de que alguma coisa não estava correta continuava me incomodando.

(*Tipo de sofá)

"Você não deveria estar enfiada aqui dentro," disse Peter. "Esta um dia lindo."

"Olhe para todo esse sol," concordou Cody. "Parece que o verão chegou mais cedo."

Eu segui o seu olhar até a janela. Uma morna luz dourada se derramava pelo piso, para o grande prazer de Aubrey, e, além do prédio vizinho, eu podia ver o céu azul. Ainda assim, eu não estava impressionada. "Estamos quase na primavera. É só uma casualidade. Provavelmente vai fazer frio amanhã."

Peter balançou a cabeça. "Você certamente é mal-humorada quando acorda." Ambos pareciam tão absurdamente satisfeitos consigo mesmos, e eu não conseguia entender o porquê.

"Talvez você devesse sair," disse Cody, trocando um sorrisinho com Peter. "Estávamos indo dar uma caminhada depois daqui. Ela pode animá-la".

"Verdade. Nada como uma brilhante tarde de sol para animar os espíritos velhos." O sorriso de Peter cresceu ainda mais.

Inclinei minha cabeça para trás contra a namorada. "Tá bom, tá bom. Qual é a piada que eu estou perdendo aqui?"

"Não é piada," disse Peter. "Nós só achamos que é um grande dia." "Um belo dia ensolarado," Cody concordou.

"Vocês dois vão parar agora? Eu entendi. É um belo dia. O sol está brilhando, os pássaros estão cantando - "

Parei. Eu senti meus olhos arregalando.

Olhei para os vampiros sorrindo, então olhei para o sol alto lá fora, e em seguida olhei para eles. Engoli.

"Como," eu perguntei baixinho, "vocês saíram no meio do dia?"

A alegria reprimida deles explodiu, e ambos se dissolveram em gargalhadas.

Me senti completamente acordada agora. "Estou falando sério! O que está acontecendo? Vocês não podem sair durante o dia, e como - espere. Eu não senti vocês na porta. Eu ainda não posso sentir vocês."

"Eu sei," disse Cody. "Não é louco?"

"Não! Bem, quero dizer, sim. Mas não é... isso não poderia acontecer," argumentei. Eu não compreendia como eles podiam achar isso tão divertido. Algo estava errado. Muito errado. Todo o drama com o exército havia desaparecido da minha mente. Aquela preocupação miudinha com a qual eu tinha acordado se

transformou em uma enorme bola de medo. Meu coração estava acelerado no peito e eu tinha ficado completamente fria. "Como isto é possível? O sol deveria fritar vocês."

"Nós realmente não sabemos," disse Peter. "Nós estávamos em nossos caixões e então de repente apenas... acordamos. Saímos, e aqui estamos nós. Bombando no meio do dia. Sabe de outra coisa? Eu não quero sangue. Não desejo seja quanto for. Nem uma gota."

"E foi assim que vocês simplesmente decidiram sair para passear e aproveitar o dia? Não procuraram o Jerome? Vocês não questionaram o fato de que algo alterou profundamente suas existências imortais?"

Um olhar malicioso atravessou o rosto de Peter. "Não apenas nós, Georgina." Ambos me olhavam com expectativa.

"Não olhem para mim assim," Eu lhes disse, "eu sempre fui capaz de sair no sol."

"Você também não tem assinatura. Nós não podemos sentir você," disse Cody.

Olhei para eles por vários segundos, tentando analisar a explicação aqui. Uma sensação incômoda começou a subir pelo meu estômago enquanto eu reconhecia o seu significado - exceto que o que ela indicava era impossível. Impensável.

—Você está errado, eu disse.

Suavemente, cuidadosamente, eu toquei meu rosto. Ele era exatamente o mesmo que tinha sido hoje de manhã.

Minha forma era a mesma. Minha altura era a mesma. Eu ainda era eu. Eu exalei com alívio. "Eu sou a mesma."

Os olhos de Peter dançaram. "Arrume o seu cabelo. Está uma bagunça."

Mudar de forma é um instinto para uma súcubos ou um incubos, praticamente subconsciente. É como enrijecer um músculo ou respirar profundamente. Você mal pensa sobre isso, envia a mensagem do seu cérebro e isso acontece. Então, eu pensei no meu cabelo, querendo-o suave e arrumado em um rabo de cavalo. Havia geralmente um leve formigamento quando isso acontecia, resultado da queima de uma parte da minha energia armazenada. E, claro, sempre havia a prova tangível da mudança na minha aparência.

Desta vez, não houve nada. Nenhum formigamento. Nenhum movimento de cabelo.

Peter inclinou-se. "Ooh, Também aconteceu com você! A mesma coisa. Nenhum de nós está funcionando."

"Não," eu disse freneticamente. "Isso não é possível."

Tentei de novo, desejando a mudança no meu cabelo - mudar para uma cor diferente, crescê-lo um pouco, mudar em si o estilo... mas não aconteceu nada.

Eu tentei mudar minhas roupas, encorajando meus jeans e Henley* a transformarem-se em um vestido leve. Ou talvez num terninho. Eu até tentei fazer as minhas roupas desaparecerem completamente. (*Marca de roupa)

Nada aconteceu. Nada.

Em puro desespero, eu fiz o impensável: Eu tentei desistir do controle inconsciente que eu sempre mantive para manter uma forma que não era a minha natural. Eu deixei de lado todo o controle, permitindo que o meu corpo mudasse de volta para aquela forma com a qual eu nasci, aquela minha essência que sempre quis retornar - aquela que eu lutei muito, muito duramente para esconder do mundo.

Nada aconteceu. Eu continuei a mesma. Eu não podia mudar de forma.

Era como ter meu braço cortado. Até aquele momento, eu não tinha percebido o quanto de mim mesma estava amarrada em conseguir mudar de forma. Como uma mortal, o poder tinha sido inimaginável. Depois de tê-lo por um milênio e meio, ele se tornou parte de mim, e sua ausência era insuportável agora. Eu não tive que ver o meu rosto para saber que eu exibia puro pânico. Peter e Cody ainda estavam rindo.

Eu disparei incrédula. "Isto não é engraçado," eu chorei. "Temos que falar com Jerome. Agora. Há algo seriamente errado conosco!"

"Ou algo certo," sugeriu Cody.

"Por que vocês acham que isso é uma piada?"

"Nós não achamos," disse Peter calmamente. Debaixo de sua alegria, eu vi um pouquinho de preocupação nos seus olhos, preocupação que ele claramente estava tentando ignorar por agora. "Nós só achamos que é legal. Você não acha que Jerome já sabe sobre isso? Seja o que for, eles vão consertar em breve. Não podemos mudar nada."

O longo discurso que eu estava prestes a fazer pra eles foi interrompido por mais batidas. Assim como com os vampiros, não senti nenhuma assinatura imortal. Qualquer um poderia estar na minha porta.

No entanto, espiando pelo olho mágico, vi Hugh. Eu o deixei entrar, me sentindo aliviada. Hugh poderia resolver isto. Ele sempre sabia o que estava acontecendo uma vez que ele e Jerome mantinham uma comunicação constante. A confiança de Hugh e o seu típico ar de sabe-tudo podiam consertar qualquer coisa.

Em vez disso, ele parecia miserável. Abatido. Ele se arrastou para dentro e caiu onde eu estava sentada. Ele colocou os cotovelos sobre os joelhos e apoiou o queixo nas mãos.

"Ei, Hugh," disse Cody. "Não é um grande dia?"

Eu me ajoelhei no chão na frente de Hugh, para assim poder olhá-lo diretamente nos olhos.

"Hugh, o que está acontecendo?"

Ele simplesmente me encarou, olhos escuros tristes e desoladores. Eu tinha visto Hugh irritado, exaltado, e exasperado ao longo dos anos, mas nunca o tinha visto deprimido. Eu teria me incomodado se não fosse o fato de que tínhamos algumas outras coisas com as quais nos preocupar além dos seus sentimentos feridos agora.

"Hugh! Nós todos perdemos nossas..." eu franzi as sobrancelhas, sem ter certeza de como chamar isso. Poderes? Isso soava tão Liga da Justiça.
—...Habilidades."

"Eu sei," disse ele finalmente. "As minhas também."

"Que poderes você tem mesmo?", perguntou Cody, aparentemente não se importando com a comparação com os super-heróis.

"Multitarefa?" Provocou Peter. "A capacidade de fazer o balanço dos livros e conferir?"

Eu lhe atirei um olhar rápido sobre o ombro e em seguida olhei para Cody explicando, "Imps vêem almas - a energia vital de todos. Eles podem dizer qual alma é boa e qual é ruim."

"Eu sei disso," disse Cody. "Eu só pensava que era mais ..."

Hugh suspirou. "Você não pode imaginar isso, Georgina. Não ter essa habilidade agora. É como perder um dos meus sentidos. Ou ficar daltônico."

"Eu sei exatamente o que você quer dizer," eu disse a ele.

"Não é o mesmo. Quando não se pode ver a energia e as almas em torno de seres vivos, o mundo é tão... vazio. É chato."

"Por que isso aconteceu?" Eu perguntei gentilmente, dando o meu melhor para esmagar o meu próprio medo crescente. Internamente, eu ainda estava tonta. Minha capacidade de mudar de forma desapareceu. A minha assinatura imortal desapareceu. As marcas que me definiam como Georgina Kincaid, súcubos, tinham desaparecido. "O que é que está acontecendo?"

Os olhos de Hugh ainda estavam tristes e sem foco, mas finalmente ele olhou para mim e estudou meu rosto, como se ele tivesse acabado de me ver à sua frente. "Recebemos vários talentos e imortalidade pela venda de nossas almas," ele começou devagar. "Essas habilidades únicas e seus efeitos colaterais vêm do nosso contrato com o inferno e são filtrados através do nosso arquidemônio. É o que lhes permite seguir nosso rastro. Nós estamos... ligados..." Ele franziu a sobrancelha, procurando a melhor maneira de

explicar o sistema através do qual o inferno gerencia seus empregados.

"Eu sei sobre o que você está falando," eu disse. Cedric saberia se eu cruzasse o seu território unicamente porque ele podia me sentir quando eu estava perto o bastante. Jerome, enquanto ele fosse meu supervisor, saberia onde eu estava o tempo todo e se eu estava machucada. Ele estava sempre atento a mim, sempre ligado a mim. "Nossos... poderes... são transmitidos do inferno, através de Jerome, para nós."

"Certo," disse Hugh. Eu esperei por mais, mas parecia que isso era tudo o que ele tinha a dizer.

"Certo o quê? Por que nossas habilidades desapareceram?"

Um pouco da exasperação normal de Hugh brilhou em seus olhos. "Porque Jerome desapareceu."

"Jerome desaparece o tempo todo," disse Peter. "Nós nunca podemos entrar em contato com ele. Nós não podemos entrar em contato com ele agora."

Hugh balançou a cabeça. "Vocês não estão entendendo. Quando eu disse desapareceu, não quis dizer que ele se escondeu de nós em um bar. Quero dizer desapareceu. Sumido. Desaparecido. Poderia muito bem não existir para todos os efeitos. Ninguém sabe onde ele está. Não está do nosso lado, nem do outro lado. Ele. Está. Desaparecido."

Um silêncio mortal caiu sobre nós pelo que pareceu ser uma eternidade. E isso queria dizer alguma coisa.

A voz de Peter era difícil de ouvir quando ele finalmente falou. "E enquanto ele estiver desaparecido..."

"... Então assim estarão nossas habilidades," eu terminei.

ONZE

Cody fez a pergunta óbvia.

—Assim... ele se foi... como foi que isso aconteceu? Hugh esfregou seus olhos. —Foi invocado.

—Oh, merda disse Peter. Sua alegria desapareceu. Ele pareceu tão aborrecido quanto Hugh e eu. —Isso mudatudo.

Eu olhei para ele e Hugh, me sentindo tão perdida quanto Cody. —O que isso quer dizer exatamente? Eu ouvi sobre invocação, mas isso é sobre ele. Eu não sei de nada específico. Eu não sei o que está acontecendo também.

Peter acenou com a cabeça. —Nem eu, mas eu sei o que é. Basicamente, um humano poderoso pode evocar e prender um demônio contra sua vontade. Esse humano pode então aprisionar e controlar esse demônio.

—Como Marlowe, do Dr. Faustus.*

(*The Tragical History of Doctor Faustus é uma peça de teatro por Christopher Marlowe, com base na história de Fausto, que vende sua alma ao diabo por poder e conhecimento.)

Todos nós viramos para encarar Cody. Citar referências literárias intelectuais normalmente era coisa minha, não dele.

—O que? ele perguntou, parecendo incômodo sob nosso olhar examinador. —Eu tive que ler isto no colegial.

Eu olhei para o Peter. —Certo, nós somos imortais e nunca poderíamos nem mesmo arranhar um demônio. Como um humano poderia controlar um?||

—Os seres humanos que usam magia têm um tipo de poder diferente dos imortais. Além disso, pelo que eu ouvi, aqueles que invocam demônios muitas vezes têm ajuda, Peter explicou. Ele olhou para Hugh para uma confirmação.

—De outro demônio, disse o Imp.

"Whoa. Vamos voltar para a parte sobre controle de demônios. O que exatamente este humano está mandando Jerome fazer?" perguntou Cody.

—Provavelmente nada, disse o Hugh. —Ou então alguém já o teria achado até agora. Meu palpite é que ele está apenas sendo escondido.

Cody franziu a testa. "Por quê? Se você tem um demônio de estimação, por que não usá-lo? Caso contrário, qual é o ponto?"

Todas as peças se encaixaram. "Pra sumir com ele." Eu disse devagar. "É isso. A última peça desse quebra-cabeça de intrigas demoníacas. Pra disfarçar isso que foram criadas todas essas distrações."

"Certo. Cedric se livra de Jerome, e de repente há uma vaga em Seattle para um novo arquidemônio. E se Jerome não retornar em breve, eles vão receber um

novo arquidemônio para restabelecer a hierarquia aqui." Hugh fez um gesto para todos nós. "O status quo vai continuar.*"

(*É uma expressão latina que designa o estado atual das coisas, seja em que momento for)

"Vamos manter quando, ele voltar e não 'se'", eu disse. "E eu não acho que Cedric está por trás disso."

"É claro que Cedric está por trás disso", disse Hugh. "Eles estão brigando por território, certo? Você de todas as pessoas deveria saber isso."

Eu balancei a cabeça, lembrando do incômodo de Cedric e o olhar suave da Nanette. "Não... eu acho que Cedric está vivendo aqui. Se você me perguntar, é Nanette quem está por trás disso." Dei-lhes uma rápida recapitulação das minhas observações dela com Cedric e Jerome.

Hugh arqueou uma sobrancelha. "Nanette de Portland? Ela é foda, isso eu reconheço, mas ela não é tão forte."

"Mais uma razão para ela se meter com Jerome e Cedric. Ela está preocupada com eles a levando para sua guerra territorial. Além disso, se ela combinou o seu poder com um ser humano capaz de uma invocação..."

"Sim", ele admitiu. "Talvez ela pudesse fazer isso... mas não significa que ela fez. Meu dinheiro ainda em Cedric."

"Será que ela não ficaria em apuros por isso?", Perguntou Cody. "Só se ela fosse pega", disse Peter.

Suspirei. "E por enquanto, isso é ruim para Jerome."

"Fico satisfeito por ver que os seus poderes de afirmar o óbvio não desapareceram como a sua mudança de forma." observou Hugh.

Eu atirei-lhe um olhar penetrante. "Eu me refiro a sua sábia reputação. Nanette me disse que muitas pessoas têm mantido um olho em Jerome por causa de toda a besteira que tem acontecido por aqui - particularmente por deixar o Nephilim escapar. Eles acham que ele não consegue manter o controle. Mesmo com a fachada amanhã, eu imagino que continuar invocado em primeiro lugar, não parecerá bom."

—Não será", concordou Hugh. "Na verdade, essa é outra razão do porque eu parei por aqui. Um bando de demônios está tendo uma reunião hoje à noite para falar sobre a substituição dele. Atrás do Cellar às sete."

"Uau, eles se movem rápido", disse Cody.

"Não é nada oficial. Depois que correu a notícia de que Jerome tinha ido embora, cada demônio está manobrando por poder, assim." Hugh estalou os dedos. Me contive em apontar que todos os demônios manobram por poder como uma regra geral. "A maioria está aqui apenas para se auto afirmar - mostrar quão duro eles são, confortável até para Grace e Mei. Elas podem tentar serem um pouco simpáticas com a gente, na verdade."

"Por quê? Nós não temos que dizer nada sobre isso, disse Peter. Ele deu uma olhada para todos nós. —Temos?

"Não, mas eventualmente alguém de *Gestão* virá aqui para avaliar a situação e vai nos falar sua avaliação. Tudo tem um papel. Aqueles que querem a posição vão exibir-se por aí, mostrar como eles poderiam manter seu lugar na fila, e colocar as suas propostas dentro."

"E Nanette estará nesta reunião?" Eu perguntei, desconfiada. "Sim", disse Hugh olhando para mim. "Assim como Cedric".

Olhei-o de volta. "Eu estou te dizendo, não é Cedric. Eu estou certa disso".

"O que, você come donut's com ele por uma semana, e agora vocês são BFF*?" (*Best Friends Forever = Melhores amigos para sempre)

"Não, mas eu o conheço melhor do que você. E eu acho que entendo Nanette melhor do que você também," rebati.

"Então, rapazes ..." começou a Cody, uma nota questionadora em sua voz.

"Você está dormindo com Cedric?" Hugh exigiu. "Você está jogando em ambos os lados agora?"

—Não!

—Eles gostam do mesmo tipo de música. "Rapazes" repetiu Cody.

"Olhell, eu disse, "você só quer acreditar que Nanette é inocente porque você acha que ela é gostosa."

—Ela é gostosa. Para um demônio.

"Rapazes!" Gritou Cody. Nós giramos para ele. "E nós?" "E nós?" Eu perguntei.

"O que somos?" A cara de Cody estava atormentada e preocupada. Como Peter, ele não parecia muito animado com a sua nova liberdade. "Somos humanos?"

Abri a boca para responder e depois fiquei quieta. Eu honestamente não sei. Hugh olhou para mim e encolheu os ombros.

"Não exatamente," disse Peter. "Eu penso que nós estamos tipo... congelados. Nós não somos nem mortais nem imortais."

"Temos que ser uma coisa ou outra", argumentou Hugh. "Não há purgatório equivalente a mortalidade.

Peter encolheu os ombros. "O inferno ainda tem o contrato de posse de nossas almas. Isso não vai mudar, não importa quem é o nosso arquidemônio. Removê-lo da equação

isola nossas habilidades, ficamos com a imortalidade, mas isso é temporário."

"Mas será que nos separaram da imortalidade em si?" Perguntou Cody.

"Podemos morrer?" Um silêncio caiu.

—Merda, disse Hugh.

"Eu acho que..." Peter mordeu o lábio. Eu tive um pressentimento de que seu conhecimento sobre este assunto já estava no final. "Eu acho que eles nos trazem de volta se nós fizermos.*"

(*Não entendi a frase, mas acho que é no sentido deles voltarem a serem mortais)

"Você acha?" Cody perguntou incrédulo.

Peter levantou as mãos. "Eu não sei! Isso nunca aconteceu comigo antes, ok? Talvez nós sejamos humanos. Talvez possamos ficar doentes. Talvez possamos perder em uma luta. Talvez a Georgina obtenha o seu período.* Eu não sei, ok?" (*Ele se refere ao período menstrual.)

—Uau," eu disse me endireitando. "O que você quer dizer—"

"Basta parar com isso, todos vocês," exclamou Hugh. "Nós não vamos descobrir nada disso agora. Basta ir à reunião e esperar lá fora. Grace e Mei estão tentando controlar as coisas no momento, e elas saberão o que se passa. Nada para ter pânico agora."

Ficamos ali, e eu sabia que, apesar de suas palavras, na verdade estávamos todos em pânico. Meu estômago estava girando, mas desta vez, não era uma reação ao rompimento do meu vínculo com o inferno. Este nasceu do puro terror. Quando as coisas estavam ruins na minha vida - particularmente após Seth e eu termos terminado - houve momentos em que eu odiava a imortalidade. A morte tinha soado atraente. Eu honestamente não tinha sido capaz de entender como eu poderia resistir aos séculos passando e, tinha também a inveja da expectativa de vida finita dos seres humanos. Mas agora? Confrontando a idéia de que eu poderia realmente morrer? De repente, desesperadamente, eu queria agarrar a minha imortalidade com cada pedaço da minha força. A morte era sombria, escura e assustadora. Todos os perigos do mundo desceram sobre mim de uma só vez, todas as coisas que até agora eu fui capaz de ignorar. Os acidentes de carro. Eletrocussão. A gripe aviária. O mundo já não é seguro.

Se os vampiros sentiram esse receio, eles aparentemente decidiram que não deixariam isso no caminho de seus últimos dias como homens livres. Levantaram-se todos juntos e fizeram menção de sair.

"Bem, se Jerome vai conseguir ser repostado com ou sem a gente, então não há nenhum motivo para estar deprimido", disse Peter.

"Nós fomos desconectados sem aviso." Disse a ele. "Podemos ser reconectados ao

quadro de funcionários do Inferno sem aviso também. Você não fica nem um pouco nervoso com a possibilidade de ser pego de surpresa quando estiver no sol?"

"Eles não vão tomar qualquer decisão nas próximas cinco horas", disse Peter atrevido - muito atrevido, eu pensei.

Ele parou um instante, seu olhar mirando minha janela e o céu azul além dele. Lá,

em seus olhos escuros, eu vi o mínimo, mínimo de saudades. Ocorreu-me então o quanto ele deve ter perdido o sol nestes últimos mil anos. Assim como o resto de nós, ele tinha vendido de bom grado sua alma para a imortalidade. Junto com isso, ele tinha conseguido uma força e velocidade sobre-humana em troca de uma dependência de sangue, uma recusa a luz do sol, e um trabalho como distribuidor de medo e pesadelos. Eu certamente tinha me arrependido sobre o meu negócio infernal em alguns dias; sem dúvida, ele também. E talvez, apesar de sua atitude super confiante sobre o sol, ele realmente estava ciente do risco de ser frito
- e achei que valia a pena depois de todo este tempo.

Ele e Cody saíram, deixando eu e Hugh que ainda tinha um olhar sombrio. Eu gentilmente toquei o ombro do imp. "Tenho certeza que isso vai dar certo."

Ele me lançou um olhar torto. "Sério?"

Eu ri baixinho. "Não, não realmente. Estou apenas tentando fazer você se sentir melhor. Eu nunca percebi antes o quanto você gosta do seu... como você gostaria de chamar isso? Visão imp?"

Ele finalmente deu um sorriso. "Você sempre pensou em mim como um carimbador de papel?"

"Não, ninguém usa mais papel. É tudo eletrônico.

"Não no inferno," disse ele se levantando. "Eles meio que gostam de cortar as florestas."

Eu o segui até a porta. —Bem, esteja lá, e eu vou vê-lo de noite.

"O que você vai fazer com a sua nova liberdade?" Ele perguntou, mão na maçaneta.

Eu fiz uma careta. "O que você quer dizer? Essa coisa toda não é o mesmo para você e para mim como é para os vampiros.

O olhar que Hugh me deu então foi realmente divertido e quase afetuoso. "Georgina, suas mudanças de forma e as outras habilidades são abastecidas pela vida humana. Se você não pode fazer essas coisas, então você não precisa de energia, assim como Cody e Peter não precisam de sangue. Você não pode sentir isso? Todo o sistema está provavelmente desligado."

Eu gelei e quase parei de respirar por um momento, o que poderia não ter sido tão prudente no meu estado atual. "O que?"

Ele riu de novo. "Como é que você não considerou isso?"

"Bem ... porque eu estava mais focada em como toda a estrutura de hierarquia demoníaca de Seattle está sendo desvendada. E a possibilidade de que todos nós poderíamos morrer. No interior, minha mente estava repetindo as palavras várias vezes, como um disco que fica pulando: Você não precisa de energia, você não precisa de energia... Eu balancei minha cabeça. "Eu não posso acreditar nisso. Não é possível." Eu quis por muito tempo a capacidade de estar com alguém sem os efeitos colaterais terríveis. Ou, hum, viver para sempre. "Nenhum dos vampiros está indo para o sol", disse Hugh. "No entanto, aqui estamos." Ele se inclinou e beijou a minha bochecha. "Pense nisso. Esta é a única chance de sua vida - err, eternidade."

Ele começou a sair, e então algo que eu tinha quase esquecido estalou na minha mente. "Hugh? Você recebeu a minha mensagem anterior? Sobre satanistas canadenses? Depois de tudo, alguns sinais sobre a Space Needle de repente pareciam absurdamente importantes.

"Sim", disse ele, com uma careta. "Eles causaram um grande espetáculo lá, assustaram as pessoas. Eles fizeram a notícia e depois foram presos. Não tenho certeza do que vai acontecer agora. O internacional torna a coisa interessante."

"Você foi capaz de contar ao Jerome"

"Não, não pude segurá-lo - não me surpreende que ele estivesse próximo no momento da invocação. Eu acabei ficando no porão de Mei, e acho que ela fez algo para minimizar o quanto a mídia descobriu. Ela estava esperando que ninguém notasse na Gestão."

"Sim, bem, todos estão percebendo agora."

Hugh tinha o rosto duro quando acenou em concordância. "Isso é um eufemismo. Divirta-se, querida."

Ele partiu, deixando-me ali de pé e fitando a porta.

Eu ainda estava respirando com dificuldade, o meu coração batendo rápido no meu peito. Eu precisava me acalmar e pensar nisto. Afinal, quem sabia o que poderia acontecer se eu tivesse um ataque de pânico? Eu iria ter uma parada cardíaca ou algo do tipo? Todas as apostas estavam lançadas. Tudo era possível. Eu afundei até o chão, envolvendo os braços em torno de mim, focada em acalmar a minha respiração. Isto tudo é muito surreal. Eu não posso processar isso. Não é possível que eu possa ser mortal. Não é possível que eu possa morrer. Não é possível que eu possa realmente tocar um homem sem prejudicá-lo. Outra e outra vez eu disse essas coisas a mim mesma. Enquanto isso, Aubrey caminhou até mim e esfregou sua cabeça contra a minha perna. Estendendo a mão, eu acariciava suas costas, apenas consciente de minhas ações.

O que eu ia fazer? Tínhamos cinco horas até a reunião, que não poderia vir rápido o suficiente na medida em que eu estava preocupada. Eu precisava de respostas agora. Eu não poderia viver com essa incerteza. Meu coração começou a bater rápido de novo. Merda. Eu realmente ia ter um ataque cardíaco. Hugh era um médico em seu trabalho de dia, talvez eu devesse ligar para ele sobre a minha pressão arterial. Ligar...

Uma idéia me ocorreu então, e me levantei para ir encontrar a minha bolsa. Pegando o

meu celular, eu disquei para Dante. Se alguém pudesse saber sobre isso, seria ele. Ele provavelmente não sabe sobre as confusões que afetaram minha estadia infernal, mas ele tinha que saber algo sobre invocação de demônio. Magia negra era sua especialidade. Além disso, eu queria mais do que apenas a sua opinião. De repente eu só queria... bem, um consolo. Eu queria vê-lo. Eu queria que ele me abraçasse e me tranquilizasse. Eu precisava dele para me dizer que tudo ia ficar bem. Mas o telefone tocou e tocou sem resposta, enviando-me a uma simpática mensagem de seu correio de voz que é: "Fale".

Tanta coisa por esse plano. Desliguei e me inclinei sobre a bancada. Devagar, firmemente, senti meu cérebro acordar, tentando encontrar um

pedaço de razão através do meu medo. Não era da minha natureza ser passiva. Eu tinha que fazer alguma coisa sobre isso. Eu não poderia esperar até de noite por respostas.

"Vamos investigar nós mesmas, Aubrey," eu disse. Um humano normal não sabe nada sobre a verdadeira natureza do Céu e do Inferno e como nós operamos. No entanto, de vez em quando, se você olhar firme o suficiente para algumas escrituras secretas, você pode passar por um pedaço da verdade que alguns peritos mortais tinham descoberto. 99% do que eu encontraria seria impreciso, mas uma busca na Internet pode revelar alguns grãos de verdade sobre uma invocação de demônio. Foi um total tiro no escuro, mas foi o melhor que pude fazer por agora.

Só que quando eu fui pegar meu laptop, descobri um fato lamentável: eu o deixei na livraria. Gemi. E agora? Outro plano acabado. Sua idiota, uma voz interior me puniu. Você está a poucos quarteirões de distância. Tire sua bunda daí e vá buscá-lo.

Essa lógica fazia muito sentido, é claro. Até que eu olhei pela janela.

O mesmo medo de mais cedo já havia retornado. Os carros se movendo ao longo da Avenida Queen Anne pareciam muito rápidos, o vento agitando as árvores muito fortes, as pessoas na calçada muito perigosas. Como eu poderia ir lá fora? Como eu poderia me colocar em perigo? Melhor ficar aqui, onde é seguro.

E, no entanto... como eu poderia esperar? Eu ia ficar louca se sentasse aqui. Olhando para baixo, para Aubrey, eu a vi me olhando com seus olhos verdes. Ela tinha um olhar infinitamente sábio para um gato algumas vezes. Não era exatamente animador, mas me acalmou um pouco. Ok, eu posso fazer isso.

Encontrei meu casaco e comecei a mudar a forma do meu cabelo bagunçado para um arranjo arrumado, exceto, é claro, que eu imediatamente percebi que não poderia mudar de forma. Não é um problema, eu garanti a mim mesma. Eu fazia o meu cabelo o tempo todo quando não estava com pressa. Isto não é diferente. Com uma corrida rápida ao banheiro, eu escovei o meu cabelo em um rabo de cavalo elegante me preparando para enfrentar o mundo.

Um passo ao ar livre, eu estava cheia de estímulos. Eu fiquei na escada do meu prédio, chocada e incapaz de me mover. Isso nunca tinha acontecido comigo. Nunca, nunca tive medo do mundo. Eu sempre estive contente e ansiosa para ver o que tinha para oferecer. Deslizando minha mão em minha bolsa, peguei meus cigarros, buscando-os como um cobertor de segurança. Quando os trouxe para fora, percebi outra coisa. Eu não era necessariamente imune a eles mais. Este congelamento provavelmente não iria durar muito tempo... mas como eu poderia arriscar? Como eu poderia me expor a agentes cancerígenos, quando eu não tinha idéia de quão vulnerável eu realmente era? Guardei o

cigarro de volta, respirei fundo e fui para frente.

Eram apenas três quarteirões até a loja, mas parecia a milhas de distância. Eu andei tão longe como eu poderia do tráfego e me encolhi cada vez que alguém passava. Quando finalmente chegou o cruzamento para atravessar para Emerald City, eu estava suando. A Avenida Queen Anne não é uma rua muito louca. Este ponto em particular tinha três cruzamentos e um tráfego constante, com uma velocidade moderada, de 30 (o que significava que as pessoas pudessem ser encontradas indo 35-40). No entanto, estando lá, eu poderia muito bem ter tentado atravessar I-5* em si, com cinco pistas de corrida em cada

sentido. A faixa de pedestres estava vermelha, me dando tempo para criar coragem e lembrei que eu já tinha atravessado aqui centenas de vezes sem prestar atenção nas regras de trânsito. Eu estava sendo irracional, pirando em coisas que eu não tinha nada com o que me preocupar. A luz acendeu e eu podia seguir.

(*Nome de uma rua)

Comecei, agonia a cada passo. Eu quase cheguei ao final da calçada quando um Honda apareceu a partir da rua transversal passando pelo sinal vermelho, de repente parou no cruzamento, tendo apenas verificado os carros e não os pedestres. Vendo-me, a motorista freou um pouco mais severamente do que era provavelmente necessário. O carro cantou pneu e parou cerca de dois metros de mim. Embora moderadamente alarmante, isso não era algo que provavelmente teria me assustado muito em circunstâncias normais. O carro tinha parado, apesar de tudo, e eu estava quase do outro lado de qualquer forma. No entanto, eu estava tão no limite que quando eu ouvi os freios e vi como ele estava perto, eu simplesmente congelei. Fiquei ali, presa - literalmente - nos faróis. Eu não podia pensar ou me mover. Era tão estúpido. Mais sete passos e eu estaria segura. O pânico da mulher por minha causa se tornou aborrecimento quando ela percebeu que eu estava bloqueando seu caminho. Ela pressionou sua buzina, o que foi particularmente alto e desagradável. Infelizmente para ela, foi ineficaz. Com o barulho eu simplesmente congelei mais. De repente, alguém me pegou pelo braço e começou a me puxar para a calçada. A cadela do Honda continuou buzinando, e eu acho que ela ficou quase tão assustada como eu quando Seth gritou para ela: "Oh, cala a boca já!"

Suas mãos firmes me guiaram para a calçada onde eu imediatamente gelei novamente, alheia aos curiosos nos carros e os pedestres. Segurando o meu rosto ele me obrigou a olhar para ele. Seus olhos eram como melão* quente, e algo sobre eles espalharam conforto através de mim o que me trouxe de volta. (*Pasta doce)

—Georgina, você está bem?||

Todo o meu corpo tremia, e levei um momento para me recompor e falar. "Eu... Eu acho que sim..."

Sua voz era tão, tão gentil quando ele falou. "O que aconteceu lá?"

Pisquei com as lágrimas. "Nada... é que..." Eu não podia terminar. Eu ia ter um ataque, lá mesmo, à direita na Avenida Queen Anne. Eu me odiava por ser tão fraca e medrosa.

"Deixa pra lá", disse Seth, segurando meu braço novamente. "Não importa. Você está segura. Vamos lá para dentro."

Se algum dos meus colegas de trabalho viram Seth me levando como se eu fosse uma inválida, não percebi. Na verdade, eu mal tive conhecimento do caminho todo até que estávamos dentro do meu escritório. Seth me sentou e depois fechou a porta. Ele se inclinou para mim.

"Você precisa de alguma coisa? Água? Algo para comer?"

Devagar, quase como um robô, eu balancei a cabeça. "N-ão. Eu... eu só vim para pegar o meu laptop."

A aparência tímida que usava em volta de mim ultimamente tinha desaparecido, substituído por algo severo e preocupado, algo que não descansaria até que ele soubesse que eu estava bem. Ele não era mais o tímido autor que temia olhar para mim e sempre me deu bastante espaço. Ele foi mais uma vez o homem com quem eu saía, o homem que sempre tinha sido capaz de ler o meu humor para ajudar.

—Georgina, por favor. Por favor, me diga o que aconteceu."

Parecia que as minhas lágrimas estavam indo para longe, e agora que eu estava dentro de casa, em território familiar, me permiti sentir um pouco mais corajosa. "Por que você está sendo tão bom para mim de novo?"

Ele franziu a testa. "Por que eu não seria bom com você?"

"Porque... porque... eu não fui muito legal com você na última vez que conversamos. Mesmo depois que você me deu o livro."

Ele fez um barulho com sua garganta, quase como uma gargalhada, mas não completamente. "Você não estava sozinha, não depois de todas aquelas bebidas. Está tudo bem."

"Não sei", eu disse contrariada, "talvez eu fosse eu mesma."

Ele balançou a cabeça. "Isso não importa. Agora me diga o que aconteceu lá fora?"

O calor de sua voz, a preocupação... foi me dilacerando. Havia algo tão familiar e seguro que eu precisava agora, e eu não podia fugir dele.

"É complicado...", eu disse. "Intriga imortal?"

Assenti com a cabeça, lágrimas nos meus olhos novamente. Merda. Acho que metade da minha emoção já era pelo jeito que ele estava olhando para mim e não tinha nada a ver com o resto da loucura que é a minha vida. Me levantei e olhei para longe, esperando que ele não visse minha cara, mas foi inútil.

"Georgina, o que aconteceu? Você está me assustando.

Ousei um olhar para trás. "Você... Você não acreditaria em mim se eu lhe dissesse."

O rosto dele ainda estava cheio de preocupação, mas a pista de um sorriso fez a extremidade de seus lábios curvarem-se para cima.

"Você pode acreditar seriamente nisso depois de metade das coisas que eu vi você passar? Acredite em mim."

"Muito bem", eu admiti. "Mas eu não quero te envolver".

"Eu quero ajudar", disse ele, aproximando-se. Sua voz era como veludo, envolvendo-me em suavidade e segurança. "Por favor. Me diga o que está acontecendo."

Eu queria dizer-lhe que não havia nada que ele pudesse fazer, mas de repente, as palavras escorregaram dos meus lábios.

"Jerome foi invocado - o que significa que ele está preso em algum lugar e-" "Whoa, espera. Invocado? Assim como no Dr. Fausto?"

"Sim, hum. E desde que ele foi embora, todos nós estamos neste estado estranho. Peter chama de congelamento... Os únicos que estão felizes com isso são os vampiros, porque eles podem ir para o sol de novo, sem que isso provavelmente acabe matando-os. Se não encontrarmos Jerome logo, alguém virá para assumir seu lugar e eu realmente não quero isso. E no entanto... Eu também não quero realmente ir para outro lugar diferente deste, estando nessa incerteza. Eu quero que tudo volte a ser como era."

O rosto de Seth estava ilegível enquanto ele me olhou por diversos segundos. Finalmente, ele disse: "É... é tão ruim ficar sem mudar de forma?"

Eu balancei a cabeça e segui adiante. "Não é isso. É o fato de que eu não sou mais imortal. Eu não posso... Eu não posso lidar com isso. Vir até aqui foi horrível. A caminhada desde o meu apartamento. Tenho medo de tudo. É estúpido. Quero dizer, vocês caras - humanos - fazem isso o tempo todo e não precisam pensar nisso. Mas eu estou com medo de sair de casa. Medo do que poderia acontecer comigo. E quando o carro não me viu de imediato - merda. Eu congelei. Eu estava paralisada. Deus, me sinto como uma idiota. Eu devo parecer uma louca."

Finalmente, uma lágrima escapou do canto de um olho, o sinal final da minha fraqueza.

Seth estendeu a mão e delicadamente a limpou. Porém ele não retirou a sua mão quando terminou. Ele deslizou para o meu ombro e me puxou para ele. Eu descansei minha cabeça no peito dele, engolindo as lágrimas quanto mais eu afundava na proteção que ele oferecia.

"Georgina, Georginall, murmurou, correndo sua mão sobre minhas costas. "Vai ficar tudo bem. Tudo vai ficar bem."

Aquelas palavras... havia algo tão maravilhoso sobre elas, simples como eram. Quando as pessoas estão em dificuldades, outros têm um instinto de querer realmente fazer algo de real para ajudar - em particular os homens. E não há nada de errado com isso - muitas vezes, é muito desejado. Mas o que muitas pessoas não entendem é que, às vezes, tudo que é necessário é ouvir essas palavras: Tudo vai ficar bem. É o suficiente para saber que alguém está lá, que alguém se preocupa com você. Nem sempre é sobre o próximo gesto óbvio do percurso.

Minhas próximas palavras, ditas em sua camisa Hong Kong Phooey*, saíram abafadas. "Eu não sei o que vai acontecer. Com nada disto. Estou tão assustada. Eu acho que não tive tanto medo quando pensei que Roman ia me matar."

(*Hong Kong Phooey (no Brasil, Hong Kong Fu) é uma série de desenho animado que foi produzida pela Hanna-Barbera entre 1974 e 1976.)

"Nada vai acontecer com você. Você mesmo disse isso, não vai durar mais que alguns dias. Basta esperar."

"Eu não espero muito bem."

Ele riu e inclinou seu rosto contra minha testa. "Eu sei que não. Não se preocupe. A maioria de nós faz coisas muito mais perigosas do que andar dois quarteirões, e sobrevive muito bem. Sim, aquele tipo de carro quase „te engoliu“, mas mesmo assim nada aconteceu."

"São dois quarteirões e meio," Eu corriji. "Não são dois."

"Certo. Esqueci dessa meio extra, onde os tubarões e as minas terrestres estão."

Me afastei um pouco para que eu pudesse olhar para seu rosto. Seus braços continuaram em torno de mim. "Tenho que encontrar Jerome, Seth."

Seu sorriso desapareceu. A preocupação voltou. "Georgina... se você quer ficar segura, ir atrás dele provavelmente não é a melhor maneira de fazê-lo. Você não tem que sempre carregar essas coisas, você sabe. Deixe que alguém olhe por ele. Fique em casa."

"Essa é a questão... não tenho certeza se alguém estará olhando por ele. Por que os outros demônios iriam querer ele de volta? Eles querem o seu território, não ficarão felizes se ele for encontrado."

Seth suspirou. "Ótimo. Agora eu sou o único preocupado com você saindo de casa." "Ei, eu pensei que você havia dito que tudo ia ficar bem?"

"Tenho que ser cuidadoso com o que eu digo." Com o olhar pensativo, ele estendeu a mão e endireitou um cabelo na lateral da minha cabeça. "Por que você está tão brava?"

Eu zombei. "Você está louco? Você não acabou de testemunhar meu quase colapso?"

"Não", ele disse suavemente. "Essa é outra coisa. Você está com medo. Você não sabe o que está acontecendo ou o que poderia acontecer com você. No entanto, apesar do medo e insegurança, você está atirando-se lá fora para caçá-lo. Ninguém faria isso, e você faz esse tipo de coisa o tempo todo."

Inexplicavelmente, eu corei com seu elogio. "Eu só ia fazer uma busca na Web".

"Você sabe o que quero dizer. Eu acho que você tem mais coragem do que qualquer um que eu conheça - e o que é verdadeiramente espantoso é que é tão sutil, que dificilmente alguém repara. Você faz muito, e passa despercebido. Eu queria ser corajoso às vezes."

"Você é", eu disse, cada vez mais abalada por nossa proximidade. Além disso, notei que ele ainda estava alisando meu cabelo para trás. "O que você está fazendo com o meu cabelo? Ele está com mau aspecto ou algo assim?"

"Seu cabelo nunca fica mal." Ele deixou cair à mão timidamente. "Só está... um pouco mais desordenado que o habitual".

"Eu escovei há quinze minutos!"

Seth deu de ombros. "Eu não sei, é apenas um tipo de frisado, mas isso provavelmente é normal.

"Frisado? Meu cabelo nunca está frisado."

"Georgina", disse ele, cansado. "Considerando tudo que está acontecendo, eu não acho que você precise se preocupar sobre o seu cabelo estar frisado".

"Sim, sim. Você está certo." Eu fiz uma careta. "Eu simplesmente sinto como se eu tivesse um negócio cru aqui. Os vampiros estão tendo uma festa sem parar. Eu? Eu de alguma forma consegui um cabelo ruim. Não tenho certeza se a quebra de energia realmente valeu à pena."

Seth inclinou a cabeça, o rosto perplexo mais uma vez. "Quebra de energia?"

"Yeah. Junto com todo o resto, eu perdi a necessidade de energia para viver, por isso não estou —

Parei. O mundo parou.

Eu encontrei os olhos de Seth, aqueles belos olhos castanho-dourados que estavam cheios de choque total e completo quando nós dois percebemos o peso do que eu estava prestes a dizer. Seu aperto sobre mim endureceu-se. O abraço de repente tornou-se muito mais. Eu estava ciente de todos os lugares que estávamos nos tocando e exatamente qual era a distância entre os locais que não estavam se tocando. Sentia-os quente, tão maravilhosamente quente, e cada lugar que ele me tocou se arrepiou - não necessariamente de uma forma sexual, mas Oh meu Deus, é o jeito de Seth.

Meu corpo inteiro estava em alerta total, esperando e observando - e desejando - ele me tocar mais.

Ele engoliu em seco, olhos ainda arregalados. "Então, você não está... quer dizer que você pode..."

"Sim", eu disse, minha voz rouca. "Essa é a teoria, pelo menos. Eu realmente não testei isso..."

Minhas palavras murcharam, porque isso não importava. Minha relação com Seth tinha sido atormentada com uma centena de pequenos problemas, tudo desde confiança até comunicação e muitos outros detalhes entre os dois. E sempre, sempre debaixo do conhecimento que nunca poderíamos estar fisicamente perto.

Oh, nós fomos capazes de nos abraçar e dar alguns beijos - havia mesmo uma certa quantidade de língua que poderia saciar minha fome antes que minha súcubos começasse a roubar a sua vida. Mas intimidade final? Sexo?

Fazendo amor? Isso era totalmente fora dos limites, e que a negação havia torturado tanto a gente, não importava o quanto nós falamos sobre o amor ser a parte mais importante em um relacionamento.

E agora... lá estávamos nós. Estes obstáculos foram removidos. Eu não tinha testado se o roubo de energia da minha súcubos realmente tinha ido embora, mas eu não precisava. Eu podia sentir, como Hugh tinha dito. O desejo contínuo que sempre se escondia dentro de mim estava completamente adormecido. Eu poderia tocar e beijar alguém sem restrição. Eu poderia tocar e beijar Seth. Não havia nada de pé entre nós agora.

Bem, exceto por uma coisa.

Alguém bateu à minha porta. "Georgina? Você está aí?" Maddie chamou.

Era como água fria na cara. Seth e eu saltamos para o lado. Ele se apoiou em direção à porta, e eu prontamente me sentei na minha mesa. Meu coração estava uma pancadaria novamente. Maldição. Eu ia ter que falar com Hugh e pegar um remédio contra ansiedade. "Sim, entre", eu chamei.

Maddie enfiou a cabeça, surpresa ao ver nós dois. "Aí está você", disse ela à Seth. "Eu cheguei e não conseguia encontrá-lo."

Seth ainda estava em choque. —Eu... sim.... Eu vi que Georgina estava aqui e parei para....

Maddie olhou para mim. "Você está bem? Você parece um pouco cansada." Os olhos dela passaram pelo meu cabelo e depois voltaram para o meu rosto. "Você acabou de acordar?"

Aparentemente, já não parecia que eu estava à beira de um colapso nervoso, o que era algo. Eu não tinha gostado da forma como ela olhou meu cabelo. "Bem, não exatamente. É, uh, foi um longo dia." Tropecei nas minhas palavras. Eu estava tão nervosa, mal conseguia uma sequência coerente de respostas. A presença de Seth era como o sol, me cegando e me aquecendo toda, e Maddie foi fazendo eu me sentir culpada e suja por aproveitar aquele sol.

"Está tudo bem com sua família?", perguntou ela.

"Minha - oh, sim, eles estão bem. Só um pouco louco ainda, mas vai, um, passar. Me levantei e peguei o laptop, esperando parecer despreocupada e calma. Eu precisava sair antes que eu dissesse algo estúpido. Como estava eu não poderia mesmo fazer contato visual com Seth no momento. "Eu só vim para isso."

Maddie me estudou alguns longos segundos e deve ter decidido que o que eu dizia era mais ou menos verdade. Ela relaxou e parecia alheia ao fato de eu estar tentando freneticamente chegar até a porta.

"Hey," ela disse, "Eu estava pensando talvez você não precise ir para as praias na Califórnia."

"Por... que?"

—Se lembra da nossa conversa com o Mark?"

"Er, sim." Milagrosamente, eu fiz. A coisa do condomínio, quando eu lhe disse que tive uma coceira de praia. "Eu tenho a solução perfeita: Alki.*

(*Uma praia de Seattle)

"Alki?", perguntou Seth, confuso.

"É um segredo." Ela piscou para mim. "Eu pensei que poderia ser um bom lugar para começar a procurar. O que você acha?"

"Claro. Parece ótimo." Alki Beach é uma região do Oeste de Seattle bem no meio de Puget Sound.* Apesar de ser muito diferente de uma praia de Chipre, era, bem, uma praia. E se concordar com isso significa que eu conseguiria chegar à porta... (*Área metropolitana de Seattle)

—Legal. E quanto à dança?

—Huh? O que têm? Eu provavelmente parecia como um cervo nos faróis novamente. Este meu estado agitado não pode fazer bem para esse tipo de assunto.

"Aula de salsa. Eu mencionei para a Beth e Casey, e elas ficaram muito animadas."

"Ah. Sim. Certo. Eu posso fazer isso." Eu estava seriamente aceitando qualquer coisa para escapar.

Seu rosto se iluminou. "Oh, obrigada! Esta semana é muito cedo? Eu aposto que nós poderíamos começar todas juntas, oh, na quinta-feira."

"Certo, certo, tudo bem." Eu estava quase na porta.

"Oh, obrigada! Isso vai ser divertido. Vou verificar novamente o dia com todos e te mando um e-mail. Se algo surgir... Quer dizer, eu sei que você está sob muita tensão..."

Acenei. "Está bem, realmente. Tenha uma boa noite, ok?"

Coloquei um sorriso vitorioso e rapidamente passei por ambos. Quando eu pisei fora da porta, entretanto, eu olhei para trás e encontrei os olhos de Seth. Meu sorriso vacilou. Um milhão de mensagens passou entre nós, da mesma forma que acontecia quando estávamos namorando. Só que desta vez, eu não tinha certeza do que nenhuma delas estava dizendo. Continuei andando, de repente percebendo que eu tinha muito mais da mortalidade com o que me preocupar.

DOZE

Como eu temia, não descobri muito pesquisando na internet. Ainda assim, fiquei satisfeita em, pelo menos, fazer alguma coisa. Mantive minha mente longe da minha possível morte e, longe dos demônios em Seattle. E mais importante ainda, mantive minha mente longe de Seth.

Porque se eu pensasse nele, eu ia pensar em tocá-lo e beijá-lo e... bem, um monte de outras coisas. Meus sentimentos por ele estavam começando a me consumir, quase na medida em que os meus outros problemas pareciam triviais. Então, eu me perdi nas pesquisas no Google, na esperança de qualquer migalha de informação sobre a invocação de demônio. Como esperado, a maioria das minhas batidas me enviou para sites sobre jogos de RPG e Dr. Faustus. Ainda assim, me senti melhor do que se eu tivesse apenas ficado sentada.

Dirigir para a reunião no Cellar foi quase tão agonizante como tinha sido caminhar até a livraria. Voltei devagar para a estrada, disposta a enfrentar os congestionamentos e velocidade das rodovias. Cellar é um pub que muitos imortais em Seattle gostam de frequentar. Quem quer que seja que organizou este evento, aparentemente reservou o cômodo dos fundos do restaurante, que era normalmente usado para banquetes e recepções de casamento. Eu não percebi nenhuma magia demoníaca para saber se eles selaram o espaço de ouvidos curiosos.

A sala pouco iluminada estava lotada quando entrei. Reconheci alguns dos imortais locais menores, mas a maioria eram demônios que eu não conhecia. Poucos se sentaram na longa mesa, que estava cheia de pratos com aperitivo e garrafas de vinho. A maioria das pessoas permaneceu em volta das beiradas, em conversas profundas, ou então, tinham puxado cadeiras em um espaço apertado, em grupos secretos. Grace e Mei estavam ambas trabalhando na sala, parecendo tão práticas e eficientes como sempre - embora tivessem estranhamente um ar cansado. Pela primeira vez elas estavam vestidas de forma diferente, e eu desejei saber se o stress as impediu de coordenar os seus guarda-roupas. Mei usava uma saia vermelha e blazer com um colar feito de pequenos anéis alternando entre ouro e prata. Grace usava um terninho de linho com uma gargantilha volumosa de pedra com um pingente de lua crescente.

Peter, Cody e Hugh estavam no canto e acenaram para mim. "Ei eu disse, "o que está acontecendo?"

"Não muito", disse Hugh. "Isso parece que está mais para um encontro pra jogar conversa fora. Não tem muita organização.

Ficamos em silêncio, todos nós, observando as interações. No canto oposto, eu vi Cedric

gesticular dramaticamente enquanto falava. Seu rosto estava misterioso e atento, e Kristin estava próxima com uma prancheta e expressão extasiada, tomando notas. Não muito longe, Nanette estava com seu bonito rosto ilegível enquanto escutava outra demoness conversar.

—Então, vocês devem ser da equipe de Jerome.

Nós quatro nos viramos. Nenhum de nós tinha percebido o demônio se aproximando, graças à perda da nossa capacidade de sentir assinaturas imortais. Com essa experiência toda eu percebi que realmente era como ser desprovida de visão ou olfato. Esse demônio em particular não era um que eu conhecia. Ele tinha um grande sorriso e sua pele parecia que tinha passado por um bronzamento que havia ido mal. Seu cabelo espetado loiro-branco não estava lhe fazendo nenhum favor também.

Ele estendeu a mão. "Eu sou Tom. Prazer em conhecer todos vocês.

Cada um de nós apertou sua mão em retorno nos apresentamos. Ele apertou nossas mãos com grande energia, como um político em campanha. Se estivéssemos com um bebê, eu não tinha dúvidas de que ele teria beijado ele.

"Eu imagino que isso deve ser muito estranho para vocês", comentou ele. "Mas eu quero que saibam que estamos todos aqui por vocês. Não há nada para se preocupar - as coisas voltarão ao normal logo.

"Obrigado", eu disse educadamente, dando o melhor sorriso súcubos que eu poderia em um estado não-súcubos. Fazer comentários sarcásticos com um demônio nunca foi uma boa idéia. Comentários sarcásticos quando você não tem os seus poderes normais? Péssima idéia. "Nós apenas estamos ansiosos para ter Jerome de volta."

Seu sorriso vacilou um pouco, mas rapidamente retornou. "Sim, sim. É claro. Estamos todos fazendo tudo que podemos. Mas, é claro, você sabe que há uma chance de Jerome não poder ser encontrado..."

"Foi o que ouvimos", disse Hugh, falando tão educadamente como eu.

Tom assentiu. "Mas não se preocupe. No caso de isso acontecer, nós vamos ter certeza que vocês serão bem cuidados. Vocês podem estar certos de que o próximo arquidemônio de Seattle irá governar com controle e competência, tendo certeza que vocês são capaz de executar seus deveres de uma maneira eficiente e efetiva.

Eu tive a sensação de que ele estava à beira de nos dizer como, se fosse eleito, ele ia cortar impostos e aumentar os empregos, mas fomos interrompidos por uma voz estridente.

—Georg-gee-na!

Uma mulher de 2,13m se dirigia em nossa direção. Ela tinha pele de ébano* preta que parecia horrível com seu cabelo laranja. A combinação fez Tom parecer um supermodelo deslumbrante. Uma sombra dourada estava até as sobrancelhas, seu brilho rivalizava apenas com lantejoulas multicoloridas do vestido. Uma cobra do tipo preta

brilhava ao seu redor enquanto caminhava. Vários demônios na sala congelaram e a assistiram o que foi fora do comum.

Demônios não são facilmente perturbados. (*Tipo de árvore)

"Quem é essa?", perguntou Cody. Assim como com Tom, Cody não pôde sentir sua identidade, nem mesmo saber que tipo de imortal era. Mas eu não precisava de tais dicas.

"Tawny", Peter e eu dissemos em uníssono.

"Como vocês sabem?", perguntou Cody. "As roupas", disse Peter.

"O choramingo", disse eu.

Tom estava ali, a boca entreaberta. Um momento depois, ele recuperou-se.

"Bem, foi um prazer conhecer todos vocês. Eu espero que venham falar comigo se tiverem dúvidas ou preocupações. Estou muito ansioso para conhecer vocês melhor." Ele saiu correndo assim que Tawny chegou até nós. Encaramos.

"Que diabos aconteceu com você?", exclamou Hugh.

Tawny fez beicinho. "Bem, havia esse cara realmente agradável que eu queria. Realmente puro e --

"Tawny," interrompi. "Eu te disse uma centena de vezes. Pare de se preocupar com os bons."

Ela balançou a cabeça. "Não, não. Ele estava dentro de mim. Bem, ele foi por isso." Ela apontou para o seu corpo. "Eu descobri que ele tinha essa fantasia estranha, mas sua esposa não sabia. Então, eu coloquei essa forma, e nós fizemos isso. E a energia... foi incrível."

Eu não conseguia esconder o meu espanto. Tawny tinha conseguido ganhar um cara decente. Ela usou uma estratégia que, embora básica, foi altamente eficaz: explorar desejos secretos. Isso poderia agitar uma alma inabalável. "Uau", eu disse finalmente. "Isso é ótimo. Eu... bem, eu não posso acreditar que eu estou dizendo isso, mas estou orgulhosa de você."

Ela suspirou. "Mas eu não consegui me divertir com a pressa. Assim, dez minutos após o ocorrido, isso foi embora. Tudo foi embora. Comecei a me sentir doente e --

"Sim, nós sabemos o resto", disse Cody, sem maldade.

"E eu estava usando este corpo, e agora... agora estou com ele."

Sob condições normais, isto teria proporcionado horas de alegria. No momento, eu realmente me senti mal por ela. "Bem, parou de funcionar lá. Eles dizem que isso não vai durar por muito tempo."

Tawny assentiu infeliz. "Sim. Estou esperando." Então, inesperadamente, ela se animou um pouco. "Ah, mas hey, você estava totalmente certa sobre a coisa do sexo oral."

A cabeça do Hugh rodou para me encarar. "O que?"

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, Mei felizmente gritou pela atenção de todos. E quando eu digo gritou, eu quero dizer isso mesmo. Ela usou seu poder para ampliar sua voz, dessa forma soou dolorosamente através de toda a sala, fazendo com que muitos de nós recuássemos e cobrisse os ouvidos. Várias pessoas se afastaram, dando-nos uma visão clara dela e Grace.

"Queremos agradecer a todos por terem vindo", disse Mei, retornando a sua voz habitual sem emoção.

"E nós apreciamos a ajuda de todos por tentarem manter as coisas funcionando por aqui. Mei e eu temos tudo sob controle agora, mas a preocupação mostrada por todos é certamente... admirável. Não havia a menor nota irônica na voz de Grace quando ela olhou para os demônios reunidos. Muitos deles se levantaram e sorriram, agindo como se realmente estivessem aqui por preocupação com a gente.

"Nós sabemos que você estão ansiosos para encontrar Jerome assim como nós, disse Mei. "E nós vamos fazer tudo que pudermos para localizá-lo." Alguns daqueles sorrisos apertaram um pouco, e a multidão se moveu desconfortável. Como eu disse a Seth, nem todos estavam tão ansiosos pelo retorno de Jerome.

"Sim, claro", disse uma voz rouca. Tom tinha se juntado a Grace e Mei no centro das atenções. "Jerome é a nossa prioridade, claro. E se - quero dizer quando - ele for encontrado, tenho certeza que a Gestão será a mais ansiosa para conversar com ele sobre como isso aconteceu, em primeiro lugar. Sem dúvida ele vai precisar de um pouco... de recuperação, e ele será incapaz de cumprir seus deveres, eu estou pronto agora para adiantar e executar os negócios infernais de Seattle.

"Bem, Tom". A demoness mais cabeluda de toda a sala se levantou de onde estava encostada na parede. "Se a memória serve, sua liderança em Tuscaloosa não terminou tão bem."

Tom olhou com raiva. "Aquilo não foi minha culpa."

Então aquilo começou. A reunião lentamente se degenerou em caos e se tornou principalmente sobre cada um dos demônios falando o motivo do porque ele ou ela era a melhor escolha - e porque todos os outros eram completamente inadequados. Era como um ano de campanha presidencial condensada em uma hora.

"Olhe para Grace e Mei", observou Hugh. "Elas parecem querer ferir essa sala inteira."

"Bem, eu disse. "Essa é a questão. Todos esses demônios estão falando sobre como manter os assuntos infernais daqui em ordem, mas essas duas são as únicas que estão realmente fazendo isso agora."

"O inferno deve apenas deixá-las assumir se Jerome não voltar", disse Cody. Eu lhe dei um olhar afiado. "Er, quero dizer, não há qualquer dúvida sobre isso. Ele estará de volta."

"Vamos esperar então," uma nova voz disse. Cedric tinha dado uma volta e juntouse ao nosso círculo, Kristin atrás.

"Que seja", disse eu, sem conseguir esconder um sorriso. "Você não pode me dizer que quer ele de volta. Esta é a chance perfeita para você criar seu império na região noroeste."

Ele balançou a cabeça. "Não, acredite em mim, eu não quero fazer nada como isto. Em comparação com alguns desses perdedores, Jerome de repente parece um vizinho ideal." Era muito parecido com o que Isabelle tinha dito. "Eu não

acho," Cedric acrescentou, "que você vai voltar para Vancouver?"

Eu hesitei. Fui eu? Para quem eu vou responder agora? Será que as ordens de Jerome continuam de pé? "Eu... eu não sei," admiti. —Eu não sei o que poderia acontecer. Se eu sair."

"Bem", ele disse. "Não é como se você estivesse fazendo um grande trabalho."

—Eu também estava! Eu os teria feito recuar antes que o seu autodenominado anjo, falasse com eles. Ela disse a eles para não confiarem em mim. Eu fiz uma careta, pensando se eu deveria continuar. Eu não sabia em quem confiar sem Jerome por perto, e como Hugh havia dito, Cedric ainda era um candidato muito provável para a invocação, apesar do meu instinto. "E você sabe... eu acho que tenho uma idéia sobre quem fez isso e quem é esse anjo..."

Cedric gemeu. "Você já vai desistir de Isabelle?"

Eu balancei a cabeça e abaixei minha voz. "Eu não acho que foi ela. Acho que foi Nanette."

O olhar incrédulo em seu rosto não mudou. "Isso é tão ridículo como Isabelle. Você estava lá. Você viu Nanette vir até mim porque ela estava simplesmente preocupada com as intrigas em seu próprio território.

"Engraçado, ela teve uma reunião semelhante com Jerome não muito depois disso."

Cedric manteve seu rosto indiferente, expressão cética que os demônios destacam. Mas, eu tinha certeza que eu podia ver uma faísca de interesse em seus olhos azuis acinzentados. "Isso não significa nada." Outra intuição me disse que ele estava mentindo. Ele começou a virar, mas Cody falou, sua voz hesitante.

"Perdão... você sabe... somos mortais?"

Cedric hesitou por um momento e depois riu. Quando nenhum de nós disse nada, ele olhou para todos os nossos rostos. "Ah. Você está falando sério?"

"Porque é que uma questão tão louca?" Exigi. "Perdemos tudo o que nos torna imortal."

"Você perderam para se manterem longe de problemas", disse Cedric. "Ninguém quer vocês correndo por aí sem supervisão com suas habilidades normais. Então, quando você perde um arquidemônio, você é cortado. Mas ainda é imortal. Você acha que pode cair fora do seu contrato com algo tão simples como a morte?"

"Então, poderíamos sofrer uma batida de carro e ainda ficar bem?", Perguntou Cody.

"Certamente. É óbvio, isso ia levar algum tempo para se recuperar. Você vai se curar como um ser humano, mas vai se curar."

—E se nós fossemos decapitados? perguntou Peter. "Sim", concordou Cody. "Assim como em Highlander*?"

(* Filme de 1986 que conta a história de Connor McLeod treinado por Juan Sanchez (ambos imortais) em como lutar e se defender de outros imortais para

não perder, literalmente, sua cabeça, pois um prêmio estaria reservado a quem fizesse isso.)

Cedric revirou os olhos. "Não seja decapitado, e nós nunca vamos ter que descobrir. Ele se concentrou em mim. "Olha, fique aqui por um tempo. Algo me diz que o _Anjo das Trevas,, não fará nada tão cedo para manter as aparências. Eu suspeito que a distração seja demais.

"Eu concordo. Obrigada."

Ele me deu um breve aceno de cabeça e começou a girar. Então, ele olhou para Tawny e teve uma reação atrasada. "Qual é o seu nome?"

"Tawny," respondeu ela.

Ele a olhou da cabeça aos pés e em seguida virou-se para Kristin. "Obtenha seu número e estabeleça um encontro.

Eu vi uma faísca de algo nos olhos de Kristin e levei um tempo para identificá-lo.

Ciúme. Refletindo sobre a forma como ela mergulhou em seus assuntos, eu não deveria ter ficado surpresa que ela tinha uma queda por ele. Ela folheou algumas páginas em sua prancheta, os lábios apertados em desaprovação.

"Você tem um monte de encontros esta semana. Você odeia quando você tem que ficar indo e voltando de eventos." Ela falou levemente, mas eu poderia dizer que, enquanto parte do seu aviso veio de uma preocupação verdadeira, outra parte dela deu boas-vindas à chance de enroscar sua vida amorosa. Cedric não pareceu notar.

Ele acenou com a mão desconsiderando. "Cancele algo sem importância. Você sabe o que fazer." Ele se afastou enquanto Kristin anotava o número de Tawny. "Nós entraremos em contato", disse Kristin categoricamente.

"Huh," disse Tawny, uma vez Kristin tinha ido embora. "Ele é bonitinho. Talvez este corpo não seja tão ruim assim."

Troquei olhares com Hugh e Peter. Eles pareciam um pouco como me sentia: cansados e frustrados, com a suspeita secreta que tudo isso era quase engraçado.

"Bemll, eu disse, observando Tawny sorrindo com prazer. "Pelo menos alguém está feliz com tudo isso."

TREZE

Ter ouvido Cedric me assegurar que eu não podia morrer tirou um grande peso dos meus ombros. Deixei o Cellar menos ansiosa, mas eu ainda não tinha nenhuma intenção de fazer nada para testar como teríamos que nos curar de uma decapitação. Então, eu ainda estava fazendo as coisas cautelosamente, mas já eu não me sentia sufocada ou ameaçada por cada aspecto do mundo.

Em vez de ir para casa, dirigi até a loja do Dante. Sua loja/apartamento é na Rainier Valley, no lado sudeste de Seattle. Oficialmente ele não tinha um número de horas para seus diversos serviços _psíquicos_, mas geralmente ele ficava por lá até a noite se ele não tivesse mais nada para fazer. Essa tendia a ser a hora em que as pessoas bêbadas ou casais em encontros (ou adolescentes) gostavam de procurar por diversão e novidade. Os negócios durante as horas do dia geralmente não traziam muitas pessoas que estão procurando por ajuda do divino ao menos que, talvez apareça alguém procurando por conselho sobre o comércio de ações.

De qualquer maneira, Dante não tinha clientes esta noite. A loja e sua placa de neon cintilante pareciam tristes e solitárias. Eu empurrei a porta destrancada e o encontrei inclinado contra o balcão, folhando uma cópia da Maxim.

—O que diz? eu perguntei. —Sua assinatura para Fraudes e Golpes Semanal venceu?

Ele olhou para mim com um sorriso, tirando os cabelos pretos de seu rosto.

—Apenas precisava de algo bonito para olhar já que eu não sabia quando a veria novamente.

Eu dei um beijo em seu rosto. —Puta merda. Essa é a coisa mais doce que você já me disse.

—Yeah, bem, eu posso fazer algumas sugestões sexuais obscenas se você preferir.

—O que, e arruinar as próximas preliminares?

Isso fez o seu sorriso crescer e ele fechou a revista. —Ao que devo o prazer?

—Você não deveria estar visitando nossos vizinhos do norte? Ou isso está terminado? Honestamente eu não consigo acompanhar.

—Bem. Sobre isso. Deus, como eu iria explicar o que tinha acontecido? Tudo isso tinha realmente acontecido em apenas um dia? Eu senti como se tivesse passado um ano desde que eu estive nauseada e confusa no carro. —Algo estranho aconteceu hoje.

—Estranho como você ter vendido um livro da Jane Austen na loja ou estranho como as regras do tempo e espaço que conhecemos estarem prestes a serem rompidas?

—Mmm... mais como a última opção.

—Merda.

Eu respirei fundo, acreditando que eu deveria apenas tirar as coisas grandes do caminho.

—Não há uma maneira fácil de colocar isso, mas... Eu não sou mais uma súcubos.

—Eu nunca acreditei que você era uma súcubos.

Eu gemi. Essa era uma velha piada entre nós, de quando nos encontramos pela primeira vez. Oh, a ironia. —Estou falando sério, eu disse. —Não sou mais uma séccubus. E o Jerome desapareceu também, deixando a possibilidade de um novo reinado demoníaco para Seattle.

Dante me encarou, olhar especulativo enquanto ele avaliava se era verdade. Pela primeira vez ele não tinha palavras desde que eu o conheci. Sem aguardar por mais comentários espirituosos, eu continuei em frente. Eu expliquei sobre a invocação, o que isso tinha feito a nós imortais menores, como os demônios de todos os lugares estavam avaliando Seattle, e porque eu tinha que encontrar Jerome o mais rápido possível.

Quando finalmente terminei, Dante levou algum tempo para reunir seus pensamentos.

—Então... você realmente perdeu seus poderes de súcubos?

—Habilidades, eu corriji. —E sim, eu perdi. Depois de todas as outras coisas que eu te contei sobre o balanço de poder em Seattle você está dizendo que meus status de súcubos foi o que mais te chamou a atenção?

Ele encolheu. —Você tem que admitir que é estranho. Além do mais, as outras coisas não me afetam. Você sim. Seus olhos se estreitaram. —Eu vou ter que usar camisinha agora?

—O que? Não. Claro que não.

—Tem certeza?

—Você nunca ligou por eu estar roubando pedaços da sua alma nestes últimos meses, mas, mas a ameaça inexistente de ter que dar suporte a uma criança de repente assusta você?

—Bem, sim, vendo que em minha conta bancária tem mais que em minha alma. Olhei ao redor da sala em mau estado. —Discutível.

—Atraente, ele admitiu. —Mas, se eu fosse você, estaria me perguntando mais algumas coisas. Como por exemplo, você pode morrer?

—Eu já perguntei essa, eu disse presunçosamente. —E a resposta é não. Nossos corpos imortais ainda são essencialmente os mesmos. Nós apenas perdemos todas nossas regalias. Eu esperava que ele não perguntasse sobre a decapitação porque honestamente

eu não estava com humor para debater isso.

—Okay, então o que você quer de mim? ele perguntou.

—O que te faz pensar que quero algo?

Ele olhou para mim.

—Okay, talvez eu queira algo. Mas vamos lá, quem saberia mais sobre estas coisas do que você?

—Quem mais sabe sobre demônios? Hmm, deixe-me pensar. Eu sei. Que tal os demônios para quem você trabalha, os que são todo-poderosos desde o começo dos tempos?

—Eles não são todo-poderosos. Se não eles não precisariam de humanos para a invocação — ou acabar sendo invocado em primeiro lugar. E é por isso que preciso de você. Não deve ter muitos humanos capazes de fazer isso por aqui, tem? Você deve saber quem são eles.

Dante abriu a boca, sem dúvidas com uma resposta má humorada pronta, e então a fechou abruptamente. —Eu não sei, ele disse devagar. —Não me mantenho apar destas coisas.

Debrucei-me em sua direção, incrédula. —Claro que você fica! Você não quer me dizer? Por quê?

Ele suspirou, sua expressão hesitante retornou à tipicamente irritada. —Porque esses tipos de pessoa ficam putos da vida se você começa a espalhar seus nomes.

—O que, você tem medo que eles venham aqui e te batam?

—Não. Não exatamente. Mas há um tipo de... uma cortesia profissional neste meio.

—Eu serei discreta. Não direi a eles onde consegui a informação.

—A maioria deles já sabem que estamos juntos. Eles vão descobrir. Eles mantêm um olho neste tipo de coisa. Ele continuou considerando. —Claro, que pelo mesmo lado, muito deles sabem que você é uma súcubos e talvez acreditem que você sabe pelas suas próprias fontes.

Ele ainda parecia hesitante, então dei minha cartada final. —Bem, eu sempre posso ir perguntar para o Erik se você está tão nervoso com isso.

Erik é outro mortal na cidade que lida com o oculto e o paranormal. Diferente de Dante, que é praticante, Erik simplesmente estuda e constrói um conhecimento da mágica corrente na cidade. Ele tem dons mediúnicos e está em sintonia com o que a maioria dos olhos humanos não vem. Algumas vezes ele até mesmo pode ver o que imortais não podem. Ele e Dante têm um velho rancor e não gostam de estarem próximos um do outro, para dizer o mínimo.

Acho que minha tentativa para atrair o Dante não funcionou. —Nem mesmo tente isso, súcubos. Fazer ciúmes para mim com o velho homem não vai me fazer ajudá-la.

Olhei suplicante para ele. —O que vai fazer você me ajudar?

Ele traçou a linha dos meus lábios com a ponta do dedo, seus olhos cinzas cruéis e pensadores. —Não tenho certeza se você pode fazer algo enquanto está sem seus poderes super secretos. Você não é mais uma deusa do sexo.

—Hey, eu não preciso de poderes super secretos para ser uma deusa do sexo.

E então, três pessoas de vinte e poucos anos entraram, olhando com olhos arregalados para a loja enquanto eles tentavam sufocar os risos nervosos. Sem dúvidas eles tinham o mesmo potencial que os adolescentes tinham. Eu dei a Dante um último apelo frenético. —Por favor? Apenas me dê os nomes. Você não tem que fazer mais nada. E não voudizer nada. Eu juro.

Dante fez uma carranca, olhou para mim, para os clientes em potencial e de volta para mim. Ele disse a eles que estaria com eles em um minuto e então rapidamente escreveu quatro nomes em um pedaço de papel. Dois deles eu reconheci.

—Obrigada, eu disse. Eu sorri alegremente e para minha surpresa, alguma coisa em sua expressão cínica abrandou um pouco.

—Deus, esse sorriso, ele murmurou. —Você deve estar certa.

—Sobre o que?

—Você realmente não precisa de nenhum poder para ser uma deusa do sexo. Seu cabelo está um pouco bagunçado, eu acho. Ele saiu de trás do balcão e me deu um meio abraço rápido. —Tenha cuidado, súcubos. Não teste os limites sobre o negócio de não morrer.

—E compre algumas camisinhas? Eu gracieji.

Ele encolheu. —É você quem estava tento sonhos proféticos sobre ter crianças pouco tempo atrás. Virando-se para longe de mim, ele colocou sua personalidade de jovem vigarista e acenou para o grupo falando sobre palmas das mãos e Tarot.

Ele tinha falado as palavras com um tom leve e descomprometido, mas enquanto eu caminhava lentamente de volta para meu carro, elas bateram em meu rosto.

Sonhos proféticos... Os sonhos da Nyx.

As coisas que ela me mostrou naquela época eram tão vívidas que quase pareciam mais reais que minha própria vida. É o seguinte, pelo que se sabe, Nyx tem uma ligação com o futuro e pode mostrar para as pessoas o que vai acontecer com elas.

É assim que ela espalha o caos pelo mundo, mostrando as pessoas estas visões e fazendo com que elas pensem que sabem como o futuro delas irá se desenrolar. Infelizmente, quando as visões se tornam realidade, nunca vem da maneira que as vítimas achavam que viria.

Ela levou muitas pessoas para a morte desta maneira.

Não obstante, parecia muito claro que os sonhos que ela havia me enviado tinham sido distrações, não imagens destrutivas do que poderia vir a acontecer. Nas minhas visões,

ela me mostrou - várias vezes - com uma filha, esperando por um homem que amo chegar em casa. Os sonhos tinham me consumido quase me fazendo querer dormir e ter minha energia roubada toda a noite. E, como notei enquanto segurava Kayla, não há meio de que qualquer pedaço da visão possa jamais acontecer. Eu não posso ter qualquer tipo de relacionamento como aquele.

E certamente não posso ter uma filha, não do meu próprio sangue. Imortais não se reproduzem. Quando vendi minha alma pela imortalidade e mudança de corpo, eu desisti de certos aspectos da minha humanidade. Não poderia haver criança para mim. Nunca.

E ainda assim...

Eu parei na calçada, ainda um quarteirão longe do meu carro. E se Dante tivesse inadvertidamente tropeçado em algo? Cedric tinha dito que tecnicamente eu ainda era uma imortal, mas também disse que meu corpo iria responder e se curar como se fosse humano. No que tudo isso implica? Poderia o sexo desprotegido levar à concepção? Era para isso que a visão da Nyx estava apontando? Ela jurou que me mostrou a verdade. Ela mostrou?

Eu estava respirando rápido novamente, mas pelo menos desta vez eu sabia que não precisava me preocupar com um ataque do coração. Okay. Eu precisava me acalmar. Essa possibilidade de gravidez era tão dispersante, quanto à possibilidade de me enroscar com Seth era. Eu não faria nada se me perdesse em minhas fantasias.

Com um suspiro olhei para o pedaço de papel que Dante me deu, agora amassado em minha mão. Enquanto eu andava eu o amassei em formato de uma bola sem ao menos me dar conta do que eu estava fazendo. Eu estava muito ansiosa para notar...

Bebês e Seth. As coisas que eu mais queria.

Forcei-me a continuar caminhando para meu carro. Mas assim que destranquei a porta, perguntei-me tristemente e se depois de tudo, eu não fosse rápida o suficiente para trazer Jerome.

Na manhã seguinte eu comecei seguindo as indicações do Dante. No entanto, deixar minha casa foi mais difícil do que eu esperava. Apesar do fato de eu me arrumar muitas manhãs sem me transformar, meu closet parecia terrivelmente pequeno. E enquanto meu cabelo parecia bem quando eu terminei de arrumá-lo, tive a sensação que ele estaria encrespado da próxima vez que eu olhasse no espelho. A única parte boa foi quando eu achei o relógio que o Dante me deu embaixo da cama. Achei que eu o tinha perdido ontem, então pelo menos minha coleção de acessórios ainda era respeitável. No entanto, eu tinha um pressentimento que em breve eu descobriria o quanto eu dependia de minhas habilidades.

Localizar os endereços da lista de nomes do Dante tinha requerido um pouco de bajulação aqui e ali, mas na maior parte, não tive muita dificuldade para encontrá-los. Infelizmente, uma vez encontrados, os magos não eram exatamente prestativos.

Uma dos que visitei me conhecia. Ela estava familiarizada com os serventes locais do Inferno e enquanto ela me deu um pequeno grau de respeito, ela foi hesitante em responder as perguntas assim como Dante tinha insinuado que seria. Dois dos outros nomes eram de pessoas que não me reconheciam e isso imediatamente criou um problema. Com os meus poderes de súcubos cortados, eu não tinha uma assinatura imortal, e os dois eram pessoas que podiam sentir isso. Chegar e dizer que eu era uma súcubos foi recebido com desprezo e descrença. Consegui colher algumas informações, mas nada de útil.

Igualmente difícil era que, não só eles não podiam me sentir, eu não podia senti- los.

Confesso que uma súcubos não tem a mesma habilidade de medir a energia humana da maneira completa que os demônios podiam, mas ocasionalmente eu podia sentir a magia em volta de uma pessoa ou objeto.

Hoje eu estava completamente cega. Eu tive que confiar na minha capacidade de ler pessoas, mas esses caras da magia negra eram tão bons em artimanhas quanto Dante. Eles eram bem versados na arte de dissimular a verdade.

Quando visitei o último nome já era quase meio dia, um cara chamado Greg. Nessa altura eu já estava bem desanimada, e mesmo rachado, eu fumei um cigarro ao longo do caminho. Greg não tinha uma fachada de loja como Dante e muitos de seus feitiços ele fazia fora de casa, um pequeno bangalô em Wallingford.* Quando ele atendeu a porta, seu estado desgrenhado me disse que eu o acordei. O lado bom foi que ele me reconheceu o que quer dizer que não tive de convencê-lo que eu era uma súcubos.

(*Uma cidade que fica em Connecticut, Estados Unidos)

—O que você quer? ele perguntou desconfiado. Ele tinha a constituição grande e uma impressionante compleição física como se ele sempre tivesse feito ginástica. Era óbvio que eu não tinha.

—Quero falar com você sobre invocação de demônios.

—Não sei nada sobre isso.

Ele começou a fechar a porta. Eu coloquei meu pé para bloqueá-la. —Espere. Você conhece alguém que poderia saber?

—Não. E mesmo se eu soubesse, o que a faz pensar que eu diria a você? Ele tentou fechar a porta de novo e então parou. Ele estreitou seus olhos já pequenos para mim. —Você tem algo estranho. Semaura.

Não respondi imediatamente. —Talvez você esteja perdendo seu tato.

Na verdade isso fez crescer um sorriso. —Não acho. O que aconteceu? Quem foi invocado?

—Ninguém. E mesmo se fosse o que faz pensar que eu lhe diria? Eu o imitei.

Ele riu, um som grutal veio abaixo de sua garganta. Seu riso desapareceu, ele me estudou por alguns instantes, com a face ardilosa e especulativa. —Okay. Eu vou falar com você. Ele puxou a porta aberta. —Entre.

Entrei cuidadosamente na sala de estar. O lugar era um desastre. Louças sujas empilhadas na mesa de centro, os restos de comida em crostas endurecidas. Poeira cobria cada pedaço da mobília e o chão de madeira parecia que não era varrido desde o século passado.

Desconfortavelmente, me perguntei se meu novo corpo humano era susceptível aos germes.

Muitos livros estavam empilhados no sofá, suas capas eram para parecer sinistras em tons de preto e vermelho com desenhos de pentagramas. Isso me

colocou na mente dos falsos apetrechos Satânicos de Evan, mesmo sendo difícil de acreditar, Evan tinha mil vezes mais classe que este cara aqui.

Greg não me ofereceu uma cadeira ou refresco, o que estava bom para mim. Ele parou na minha frente com os braços cruzados. —Bem? O que você quer saber?

—Eu quero saber se você fez alguma invocação de demônio ultimamente.

—Não que nenhum demônio tenha sido invocado, claro.

—Isso é especulativo, eu respondi com um sorriso. Estudei o máximo de sua casa que pude enquanto falava. Atrás deles, eu pude ver uma cozinha igualmente bagunçada com um fogão a gás e uma geladeira coberta por imãs.

—Você acha que se eu tivesse invocado um demônio eu estaria vivendo assim? Merda, eu teria umas TVs de plasma e concubinas.

Lembre da discussão que tive com meus amigos, nenhum humano que tivesse invocado Jerome poderia simplesmente deixar o demônio escondido e não usá-lo para seus ganhos e assuntos pessoais. Ainda assim, se Greg tinha invocado Jerome pelo interesse de outro demônio, deveria ter alguma recompensa envolvida. Talvez uma que não implicasse em TVs e concubinas, mas parecia que aqui não tinha qualquer sinal de recompensa por vir. Talvez ele tivesse uma conta em um banco da Suíça.

—Okay. Você conhece alguém que recentemente adquiriu concubinas?

—Nope. Mas eu posso te dar nomes de prováveis pessoas. Ele escreveu dois nomes de magos que eu já tinha visitado.

—Eu já falei com eles.

—Desculpe. Não é problema meu. Meus olhos voltaram para os livros no sofá. Eu fui em direção a eles.

—Eu poderia?

—Divirta-se.

Peguei um dos livros, folhei na esperança de encontrar alguma informação sobre invocação. Nope. Era sobre coisas fofas do —mal, exatamente como a propaganda do Exército das Trevas. O segundo livro provou ser igual. O terceiro, entretanto, era um livro legítimo de feitiços, recheado de ritos da escuridão que o Dante praticava. Esperançosamente, eu passei pelas páginas uma a uma. Tinha algum conteúdo vil, mas nada sobre invocação.

A boa vontade de *Greg* para me deixar procurar nos livros deveria ter sido uma dica que eles não continham nada de útil.

—Terminou?

Eu virei-me. A voz de *Greg* estava perto de mim - muito perto. Eu tinha dado as costas para ele enquanto olhava os livros, mas agora ele estava bem atrás de mim. Eu dei uns passos para trás e colidi com o sofá.

—Yeah, eu disse nervosamente. —Obrigada pela ajuda. Eu tenho que ir agora.

—Ainda não, ele disse chegando mais perto. —Você acabou de chegar.

Tentei esquivar-me para o lado, mas repentinamente suas mãos chegaram e agarraram meus braços, fixando-me no lugar.

—O que você está fazendo? Eu exigi. E lá se foi meu ritmo cardíaco novamente.

—Eu não sei o que está acontecendo com toda essa coisa de invocação, mas eu sei que tem uma súcubos aqui que não parece mais com uma succubus, o que significa que provavelmente você não pode lutar como uma.

Eu tentei escapar do seu aperto, mas suas mãos eram como aço. —Você está louco. Claro que sou uma súcubos. Eu sei o que sou.

—Yeah? Então se transforme para longe de mim. Vire um pássaro. Vire um halterofilista.

Eu cerrei os dentes e tentei sair de seu enlaço novamente. —Deixe-me ir, seu filho da puta. Machuque-me e uma série de demônios vai aparecer e rasgá-lo membro por membro.

—Não tenho tanta certeza disso, ele riu. —Essa é uma chance de uma vez na vida. Você acha que alguma súcubos poderia foder com alguém como eu?

Ele me jogou no sofá, um braço forte me prendendo no lugar enquanto a outra mão atrapalhada e desjeitosa foi para debaixo da minha camisa e agarrou meu seio. Movendo sua cabeça para perto, ele tentou pressionar seus lábios contra os meus, mas eu virei meu rosto bem a tempo.

—Deixe-me ir! eu gritei. Eu tentei contorcer a perna livre e dei uma joelhada seu intestino. Não foi o suficiente para me libertar, mas ele fez uma careta.

Eu tinha me preocupado em ser atingida por um carro, meteoros e até mesmo por alguma estrutura defeituosa de um viaduto.

Nunca, nunca eu tinha pensado sobre ser estuprada. Não tinha sido um medo meu por séculos, não desde que eu percebi que poderia me transformar em alguém maior e mais forte, alguém que poderia chutar qualquer agressor.

Talvez isso não devesse me incomodar muito. Eu fiz sexo com muitas pessoas que eu não gostava ao longo dos anos. Eu sempre sorria e esperava. Mas tinha algo nisso que era diferente. Não era minha escolha, e somado a isso tudo o sentimento de impotência que eu estava sentindo. Eu odiava não ter opções. Eu odiava não ser capaz de pensar em uma

saída para algo. Não havia nada a ser feito. Não dessa vez.

O máximo que eu podia fazer era continuar lutando e me debatendo. Afinal de contas, eu tive alguns treinamentos de auto-defesa. Eu aprendi a usar armas e socar ao longo dos anos. Eu tinha acertado muito bem o Nippon no Natal.

Infelizmente, o que eu podia fazer agora estava limitado com o Greg em mim deste jeito. Ele era simplesmente mais pesado que eu. Ainda assim, meus esforços devem ter sido irritantes porque Greg rosnou e agarrou meus braços numa tentativa de virar-me mais. Eu berrei profanidades para ele e dei outra joelhada,

perto de sua virilha, mas não perto o suficiente. E foi então que aconteceu.

O cheiro me atingiu primeiro. Um odor sufocante e opressivo de gás natural. Eu parei de lutar por meio segundo. Eu não precisava ser humana para saber que isso significa encrenca.

Antes que eu pudesse processar mais alguma coisa, a cozinha explodiu em chamas.

Chamas se expandiram para a sala de estar. Ainda não tinha chego a nós, mas acredito que Greg deve ter se queimado porque ele gritou de dor e me soltou. Seu corpo havia me protegido do pior e eu apenas senti uma onda de calor e ar.

Eu não me incomodei em pensar ou perguntar nada. Greg tinha me libertado em sua confusão e eu corri. Eu saí do sofá e corri para a porta da frente, longe do fogo.

Longe de Greg.

Eu dirigi o mais rápido que pude, derrapando os pneus do meu Passat no asfalto. Suor derramava de mim e minhas mãos mal conseguiam agarrar o volante pela sua tremedeira. Quase um quilômetro e meio depois, eu ouvi os sons de sirenes, mas eu não podia ceder um pensamento para o que tinha acontecido. Eu não podia pensar se Greg tinha feito isso ou não. Eu não podia pensar em como o vazamento de gás tinha miraculosamente me salvo.

A única coisa que eu podia pensar agora era ficar longe e em segurança.

QUATORZE

O instinto me fez dirigir de volta à Queen Anne. Eu opereei no piloto automático, minha mente vazia. Foi apenas quando eu estacionei e saí do carro que meus sentidos vagorosamente começaram a retornar a mim. Ainda, tentei o máximo ficar dormente, para não pensar em nada neste exato momento. Meu estômago estava roncando, então decidi focar nas necessidades básicas. Fui para um restaurante de comida Tailandesa que ficava entre meu apartamento e a livraria, procurando pelo conforto de uma mesa de canto e curry verde.* Uma vez que eu estava sentada, não tinha como evitar pensar naquilo.

(*O caril ou curry é uma mistura de especiarias muito utilizada na culinária de países como Índia, Tailândia e alguns outros países asiáticos.)

O que tinha acontecido lá? Parte de mim ainda podia sentir as mãos de Greg em mim, a sensação enjoativa de estar absolutamente indefesa. Mas o resto de mim estava lentamente começando a analisar a explosão do fogão.

Eu tinha notado o fogão a gás na minha inspeção inicial, mas só notei o cheiro imediatamente antes de pegar fogo. Com vazamentos de gás, o lugar não tem que encher por um tempo? Este foi repentino. Uma onda de gás azul e BAM! Sem aviso, sem nada. Eu suponho que tenha sido uma coincidência. Na hora certa. No meu mundo, coincidências não acontecem. Geralmente elas são guiadas por um forte poder. A questão é: quem ou o que foi o responsável? Eu tinha muita coisa para me preocupar agora, sem algum incendiário invisível em cena.

—Por que tão pensativa Filha de Lilith?

Tirei os olhos do meu prato meio comido e olhei para cima. —Carter!

Eu tinha certeza que nunca fiquei tão feliz ao ver o anjo na minha vida, exceto talvez quando ele me resgatou da Helena, a nephilim louca no outono passado. Ele vestia as mesmas roupas que ele usou em Vancouver. Elas pareciam estar em um permanente estado de desleixo - nunca ficando pior, nunca ficando melhor.

Ele sentou na cadeira a minha frente. —Você vai terminar isso? ele perguntou, apontando para meu prato.

Eu balancei a cabeça e escorreguei o curry para ele. Imediatamente ele devorou, praticamente inalando. —O que está acontecendo? ele perguntou entre os bocados de arroz.

—Você sabe o que está acontecendo. Seattle vai para o inferno. Literalmente.

—Yeah, eu notei. Como é se sentir livre sem ninguém pegando no seu pé?

—É um saco. Por alguma razão, meu cabelo está sempre com frizz. Eu costumava a arrumá-lo antes disso acontecer, e ele nunca ficou assim.

Carter sorriu. —Eu duvido que você tenha feito tudo sozinha. Você deve ter feito todo o trabalho, mas alguma parte do seu inconsciente estava provavelmente aprimorando um pouquinho para que o mantivesse perfeito.

Eu fiz uma careta. —Bom, mesmo se isso for verdade, eu tenho alguns

problemas maiores.

Eu dei a ele uma breve recapitulada da minha aventura desta manhã e o que tinha acontecido com o Greg. Até mesmo falar sobre isso me dava um calafrio na espinha. Eu esperava que o Carter risse e fizesse alguma piada às minhas custas, mas seu rosto ficou sério.

—Você precisa ser cuidadosa, ele disse gravemente. —Tudo é diferente agora. Vai ser apenas por um curto período, mas mesmo que você não possa morrer, você ainda está presa em um jogo perigoso.

—Nós temos que encontrar o Jerome. Você sabe onde ele está?

Carter balançou a cabeça. —Nope. Ele também desapareceu dos nossos radares. Eu não sei nada mais do que você sabe.

—Provavelmente você sabe mais sobre invocação de demônio do que eu, eu aponte.

—Depende, ele disse. —O que você sabe?

—Praticamente o que eu já te disse. Dante não tinha muito mais para me oferecer assim como quem ele achava que poderia. E aqueles outros perdedores não desistiram de absolutamente nada - exceto sua atitude.

Carter chamou a garçonete e pediu um prato de panang curry* e um café gelado Thai.**
(*É o nome de uma comida Tailandesa.) (**Café gelado com um "toque asiático")

Depois, ele bateu levemente na mesa com seus dedos, seu rosto estava pensativo.

—Eu posso lhe dizer como é feito, ele disse afinal. —Mas não posso fazer muito mais que isso. Esse é um lado do negócio de vocês não do nosso. Nós não podemos interferir.

—Repartir informações não é o mesmo que interferir, eu disse.

Ele sorriu. —Depende da sua definição. E seu povo é ótimo em encontrar lacunas e aspectos técnicos.

—Sim, mas... Carter... eu suspirei. —Eu realmente não tenho mais ninguém.

Mesmo se eu tivesse todo o meu carisma súcubos, eu não acho que teria funcionado com ele. Mas eu ainda tinha um tipo de carisma Georgina que ele era susceptível. Ele gostava de mim e estava preocupado com a minha vida, mesmo que ele tivesse meios engraçados para demonstrar isso às vezes.

O café gelado Thai apareceu e ele parou para pegar a bebida. —Okay. É assim que funciona. Basicamente, o demônio é invocado para dentro de um objeto, e com magia suficiente, o demônio fica atado e preso a isso. Você já ouviu histórias sobre gênios, certo? Bem, eles são um tipo de variação deste princípio. Humanos que invocam demônios em objetos podem ocasionalmente soltar o demônio para que resolvam alguns assuntos para ele.

—Mas este está mantendo o Jerome trancado.

—Certo. O que torna isso mais difícil. O que faz isso ainda mais difícil é que se esse humano tem algum senso, ele mantém o objeto escondido em um lugar de poder. Ele tomou outro gole e esperou que eu processasse isso.

Eu sabia sobre o que ele estava falando. A Terra está cheia de lugares de poder -lugares sagrados, pontos de alinhamentos, pontos mágicos. Qualquer um que procurasse na mitologia poderia encontrar inúmeras referências a eles e os papéis que eles tinham tido na história humana. Havia apenas um problema com isso.

—Há dúzias destes em Seattle, eu disse vagarosamente.

Carter concordou. —Yup. E mesmo que você encontre o correto, o poder deste lugar vai ajudar a mascarar o poder que emana do demônio preso. Para você? Vai ser praticamente impossível sem seus sentidos habituais. Você precisa da ajuda de outro imortal, quanto mais forte melhor. Ou possivelmente um humano psíquico.

Eu gemi. —Mas você não pode me ajudar, e nenhum dos demônios vão. O panang curry chegou e o Carter o devorou com entusiasmo. —Colocando isso de lado. Vamos supor que eu ache este objeto, o que quer que ele seja. E então o que?

—Mmm, isso também é difícil, ele disse. —Um alto imortal poderia simplesmente arrombar.

—Mas eu não. Eu estava começando a entender como isso funcionava e não era encorajador.

—Não, nem mesmo se você estivesse em seu estado normal. O invocador provavelmente colocou uma trava nisso - um lacre. Isso mantém os imortais menores fora. O lacre usado na amarração, é então quebrado em dois pedaços que são mantidos separados por precaução. É quase certo que o patrocinador mantenha um. Se ele ou ela tem a ajuda de um demônio, acredito que o demônio tem o outro. Ou então o patrocinador poderia escondê-lo.

—Você acha que outro demônio está envolvido?

Ele engoliu. —A maioria definitivamente. Se você puder recuperar os pedaços do lacre, acho que então você poderia destrancar o objeto e liberar o Jerome.

Quando eu vi o Carter pela primeira vez na minha mesa, eu fiquei cheia de esperança, convencida de que esta situação miserável iria se resolver logo e nós teríamos Jerome de volta. Agora? Eu estava mais pessimista que antes.

—Deixe-me ver se eu entendi direito. Tudo o que tenho que fazer é encontrar este objeto

místico onde o Jerome está trancado, um objeto que não tem como eu ao menos senti-lo. Uma vez que eu o tenha, eu tenho que simplesmente forçar as peças na fechadura longe do invocador e do demônio.

—Yup, Carter disse, lambendo seu garfo. —Isso praticamente resume tudo.

—Merda.

—Yup.

—Bom, a informação é boa, mas eu não posso fazer nada. Eu não tenho pista de nenhuma parte disso. Nenhum lugar para começar."

Seus olhos cinza piscaram. —O lacre tem que ser feito com quartzo.

—Okay...

—Esculpido a mão, por mãos humanas.

Eu ergui uma sobrancelha, curiosa em saber onde isso tudo ia terminar.

—Por alguém familiarizado com magia e runas.‖ Ele olhou para mim expectativamente.

—Então?

—Quantas pessoas você acha que existem com esta descrição em Seattle? Ele não esperou por mim e finalizou. —Não muitas.

Carter e suas charadas. —Você está dizendo que eu deveria encontrar quem fez o lacre, na esperança de que ele possa me dizer quem encomendou?

—Isso. E ele também pode te dizer como o lacre é especificamente. Quase sempre é um disco deste tamanho. Ele usou os dedos de uma mão para fazer um círculo com o tamanho aproximado do quartzo. —Mas a cor e o design podem ser diferentes e dará pistas do tipo de lugar que está escondido.

—Deus, isso é complicado.

—Você está tentando encontrar um demônio que foi capturado e amarrado como parte de um jogo político de poder, Georgina,‖ Carter disse. —O que você esperava?

—Bom argumento, eu murmurei. —Acho que tenho mais uma pergunta. Mas não tem nada a ver com o lacre.

—Manda.

—Por que o fogão do Greg explodiu?

—Por causa do vazamento de gás.

—Aquele que veio de lugar nenhum?

Ele encolheu. —Comparado ao que vemos todos os dias? Muitas coisas estranhas acontecem.

Eu olhei para ele por um momento, me perguntando se eu deveria pressioná-lo com minha verdadeira pergunta. Ele disse que não podia interferir diretamente, mas Carter tinha salvado minha vida uma vez antes. Ele aparecer aqui, agora, foi uma super coincidência... É possível que ele esteja me seguindo o dia todo? Ele teria acelerado a explosão do fogão para me salvar? Alguém poderia dizer que tocar no Greg teria sido uma interferência direta... Mas prejudicar o fogão não seria, se você quisesse usar dignamente as técnicas demoníacas. E, de uma maneira típica de anjo, Carter não tinha realmente negado seu envolvimento.

Resolvi deixar o assunto morrer. Se Carter estava mantendo sua ajuda em segredo, deveria ter uma boa razão para isso. Com um suspiro, eu olhei o relógio à minha direita. —Bem, tecnicamente ainda estou de licença, então provavelmente eu deveria tirar vantagem disso e procurar esse fabricante do lacre.

—Boa sorte, Carter disse. —Mas deixando a brincadeira de lado, eu falei sério mais cedo. Você tem que ter cuidado. No mínimo não faça isso sozinha.

—Tem certeza que você não pode quebrar as regras e vir comigo então? Eu perguntei um pouco melancólica.

—Nope, mas por que você precisa de mim quando tem muitos outros candidatos? Com um sorriso ele fez uma indicação para algo além de mim.

Olhei para trás e vi o Seth no balcão de comida para viagem. Eu voltei minha cabeça para Carter.

—Hey! Como vo - Carter tinha ido.

Bem neste instante, a garçonete trouxe a conta, que incluía a refeição do Carter.

—Malditos anjos, eu murmurei, procurando meu cartão de crédito.

Virando para trás, eu estudei o Seth, sentindo meu estômago torcer daquela maneira de sempre. Acho que ele me sentiu e de repente virou e fez contato visual. Havia surpresa registrada em sua face, e então ele levantou sua mão como um sinal de um segundo.

Alguns minutos agonizantes depois, ele andou até minha mesa segurando uma sacola para viagem.

—Hey, eu disse.

—Hey.

—Isso é almoço? Repentinamente eu me senti envergonhada pelo fato de ter dois pratos à minha frente.

—Yeah, na verdade estou indo para casa trabalhar. O Café da loja está muito cheio e barulhento.

—Achei que você poderia trabalhar com qualquer coisa.

Ele balançou a cabeça. —Esses dias estou mais... distraído que o normal. Seus olhos me estudaram por um momento e então ele desviou o olhar. Mas neste instante, eu senti um formigamento correr pela minha pele. Seth limpou a garganta. —Então... e você? Ele se

forçou a olhar para mim novamente. —Você parece... eu não sei. Preocupada. Não tanto quanto ontem, mas ainda aflita. Mais intriga imortal?

Uma boa parte da minha inquietação foi simplesmente pela proximidade dele.

—Sim, temo que sim.

—Então, você ainda não encontrou o Jerome, e você ainda está...

Desta vez fui eu que desviei o olhar. —Sim. Eu segui algumas pistas do Jerome esta manhã e foi meio... um, bem, não é importante. Vamos apenas dizer que não foi uma experiência prazerosa, e eu ainda não descobri nada. Eu olhei de volta para sua direção, tendo certeza que eu estava mantendo o olhar na sua camiseta Blondie* e não seu rosto. —Eu tenho mais uma coisa para checar, então acho que vou poder terminar o dia.

(*Banda de rock americana)

—Bom, isso é bom, eu acho. Ele se mexeu desconfortavelmente e aquela tensão desajeitada que era tão característica nossa se multiplicou. Eu tentei pensar em algo para dizer, mas não veio nada.

—Então... ele começou afinal.

—Eu sei o que você disse antes... mas ainda assim eu tenho que perguntar. Existe alguma coisa... qualquer coisa que eu possa fazer?

A resposta estava na ponta da língua, para dizer que eu não precisava dele, não mais. Mas a imagem do Greg apareceu na minha mente, e eu me odiei pelo medo que isso invoca. Eu não queria ser a donzela em apuros. Eu não queria viver no medo e precisar de um homem para cuidar de mim. O peso do Greg e seu elemento surpresa tinham me mostrado que auto defesa nem sempre funcionava.

Às vezes é difícil encarar o perigo sozinha. As palavras de Carter repetiam na minha cabeça: Por que você precisa de mim quando tem muitos outros candidatos?

Eu soltei minha pergunta antes de ter tempo para reconsiderar. —Você viria comigo?

Foi difícil dizer quem de nós ficou mais surpreso com isso. —Na... sua incumbência? ele perguntou.

Eu concordei. —Sim. Mas quero dizer, se você tem outras coisas para fazer...

—Eu vou, ele disse rapidamente. Ele ergueu sua sacola de comida para viagem.

—Eu posso comer no seu carro?

—Você pode comer agora. Eu disse. —Já que eu ainda não sei para onde vamos.

Deixando o Seth comendo na mesa, eu fui para fora fazer alguns telefonemas. O primeiro foi para o Dante. Felizmente ele atendeu, mas não tinha nenhuma pista do que eu precisava.

—Alguém que esculpe cristais? ele perguntou incrédulo. —Eu não faço coisas babaquices New Age.*

(*New age - busca da conexão do ser humano com a verdade Universal. Inclui

esoterismo, astrologia, medicina alternativa, música, sustentabilidade, etc.)

—Sim. Eu descobri mais sobre invocação de demônios. Aparentemente há algum tipo de lacre envolvido que apenas um bom artesão pode fazer.

—Não conheço ninguém assim, ele disse. —Por mais que me doa admitir a falta de conhecimento de qualquer coisa.

—Bem, acho que até você tem seus limites.

—Você está assim em dificuldade para que da próxima vez eu veja você, súcubos.

Depois que desligamos, eu tentei o Erik. Ele também atendeu de sua maneira habitual, ele nunca se incomodou em me perguntar por que eu precisava da informação. —Conheço alguém, ele meditou. —Eu adquiri jóias de cristal dela antes, esculpidas em vários símbolos sagrados - ankhs* e cruzes. Eu não sei se ela trabalha com arcano ou artesanato para magia, mas ela é a única que conheço na área que chega perto.

(*Símbolo da vida eterna: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ankh>)

Eu anotei seu nome e endereço e voltei para dentro. Seth estava quase terminando sua refeição, rivalizando com o Carter na rapidez. —Nós já temos uma missão objetiva?

Eu acenei com a cabeça. —Yup. Vamos para o campo.

Tá certo, Carnation não estava exatamente no interior, mas estava fora da área urbana de Seattle e até mesmo da área suburbana. Era uma das muitas pequenas comunidades rurais que margeavam os limites oeste de Washington, um pouco antes da vastidão das Cascade Mountains* e do deserto do outro lado.

(*Cadeia montanhosa que se estende da Colônia Britânica, passa por Washington e Oregon e depois para o Norte da Califórnia.)

Eu fiz uma parada no Starbucks pelo caminho para que eu pudesse adquirir alguma cafeína. Parecia um requisito para passar por isso. Quando Seth pediu para eu pegar para ele uma mocha Frappuccino,* eu quase bati na janela do drive-thru.

(*Frappuccino é uma marca registrada da Starbucks e é o nome de uma bebida de gelo mista que é vendida em toda Starbuck. Também é vendido na forma de uma bebida de café engarrafada em lojas por todo o Estados Unidos)

—Isso tem cafeína, eu disse.

—Eu sei. Mas isso é muito bom. Maddie me fez ficar viciado nisso.

Nós dirigimos em silêncio absoluto por dez minutos depois disse. Se não fosse pela invocação do Jerome, eu teria dito que esta era a coisa mais espantosa que me aconteceu nestas últimas vinte e quatro horas. Seth estava bebendo cafeína. Isso foi inédito. Ele estava abstinente disso há anos e apesar do meu claro vício e persuadir todo o nosso relacionamento, ele nunca demonstrou nenhum interesse em dividir. Ainda assim, Maddie - Maddie! - tinha de algum jeito o feito mudar?

Eu não sei por que me senti tão ofendida com isso. Honestamente, isso era uma coisa sem importância no grande esquema do universo. E ainda... Eu não podia parar de me sentir ferida. Bem, talvez ferida não fosse a palavra certa. Inadequada talvez. Ela conseguiu que ele fizesse o que eu não consegui.

Por quê? Por que ela e não eu? Ela era mais inspiradora? Ele se importava mais com ela?

—Tem alguma coisa errada? Seth perguntou finalmente. Meu silêncio e o aperto mortal no volante devem ter dado uma dica para ele.

—Nope, eu menti. —Apenas estou preocupada com tudo isso.

—Okay, você está. Mas não é por isso que você está chateada agora. Você está chateada por causa disso. Pelo canto do meu olho eu o vi mostrar o Frappuccino.

Depois de todo este tempo, ele ainda me conhecia.

—Isso é estúpido. Por que eu me importaria com isso?

Ele suspirou. —Porque eu te conheço. Você está irritada que eu fiz uma coisa que eu disse que nunca faria.

—Por que eu me importaria? eu respondi rigidamente. —Estou feliz que você esteja expandindo seus horizontes.

O olhar que ele me lançou me disse que ele sabia mais.

Nós chegamos ao endereço que o Erik me deu, sem argumentar, em grande parte porque não conversamos. A casa estava em uma antiga fazenda com um imenso jardim que em Seattle daria um bairro inteiro. Ornamentos no gramado - um veado e um gnomo, para nomear alguns - desordenados na grama, e um sino do vento pendurado na porta.

Nós batemos na porta, e algum tempo depois, uma mulher em seus quarenta ou perto dos cinquenta, atendeu. Ela tinha o cabelo pintado de um vermelho não natural que me lembrava a Tawny em sua tonalidade atual. Sua blusa apertada pressionava muitas dobras no seu decote e não era algo muito longe de alguma coisa que a Tawny usaria, embora um pouco menos barato. O olhar que ela nos deu não foi hostil, mas curioso.

—Sim?

—Olá, eu disse. —Você é Mary Wilt-

—Oh Meus Deus! ela guinchou. Ela apenas deu uma segunda olhada no Seth.

—Você é Seth Mortensen!

O Seth endureceu e trocou um olhar comigo. —Bem, sim...

Seus olhos azuis escuros arregalaram enquanto ela praticamente babava nele.

—Eu não posso acreditar nisso. Eu não posso acreditar nisso! Seth Mortensen na minha porta! Eu o reconheço do seu website. Eu o vejo todos os dias. Todos os dias. Oh Meus Deus. Oh Meus Deus! Eu sou sua maior fã. Entre!

Seth parecia que ia pirar, mas eu o cutuquei para frente. Essa virada de mesa foi um pouco inesperada - e arrepiante - mas poderia funcionar a nosso favor.

Nós passamos pela porta. Não havia nada particularmente extraordinário dentro da casa. A decoração era mais moderna do que o exterior sugeria, tudo em tons neutros. Havia um pouco de desordem do dia a dia e mais figuras que achei de bom gosto, mas sobre tudo, era um lugar legal. Algumas das figuras estavam esculpidas em cristal, o que eu

tomei como bom sinal.

—Entre, entre, Mary jorrou, acenando para a sala de estar. —Sente, sente! Posso lhe trazer alguma coisa? Chá gelado? Café? Tequila

—Er, não. Estou bem. Seth disse, ele estava ficando claramente mais e mais desconfortável com tudo isso. —Obrigada.

Ele e eu sentamos no sofá e Mary sentou em uma poltrona na nossa frente, inclinando para frente de uma maneira a nos dar uma ampla visão de seus peitos.

—O que posso fazer por você? ela perguntou. —Você está aqui para comprar alguma coisa? Vou fazer qualquer coisa para você. Qualquer coisa. Ela sorriu para o Seth deixando sua intenção de “qualquer coisa,” bem clara. —Você é mais gracinha do que eu esperava. Você vai autografar meus livros enquanto está aqui? Eu tenho todos eles.

Ela fez um gesto para as prateleiras na parede, e com certeza, os livros do Seth destacavam-se. Eu tinha sido por muito tempo uma fã do Seth antes de começarmos a sair, e eu me perguntei desconfortavelmente, se eu parecia tão desesperada e louca. Provavelmente ela teria morrido se soubesse da cópia avançada que o Seth me deu.

—Claro, o Seth disse. —Eu, um, ficaria feliz de fazê-lo. Ele me deu uma cotovelada, sem dúvida em um esforço de me lembrar dos nossos negócios e salvá-lo. Ainda um pouco irritada da nossa discussão no carro, eu quase gostei de observá-lo em suas garras.

—Na verdade não estamos aqui para comprar nada, eu disse a ela. —Nós queremos descobrir sobre uma peça que talvez você possa ter feito recentemente para alguém.

Mary virou para mim, parecendo me notar pela primeira vez. Sua expressão alegre e vorás esmaeceram e até se tornou um pouco suspeita. —De novo, quem é você?

—Georgina. Nós supomos que você fez uma peça recentemente para um cliente. Um disco esculpido mais ou menos deste tamanho com algum tipo de símbolo arcano nele. Eu fiz um gesto do tamanho mais ou menos que o Carter tinha me mostrado.

Seu rosto tornou-se mais cauteloso. —Não posso dizer. Eu fiz uma careta. —Você não se lembra?

Ela balançou a cabeça. —Eu tenho registro de todas as minhas peças. Mas é confidencial. Não posso dar esse tipo de informação.

—Isso é muito importante, eu disse. —Nós achamos... que possa haver um crime envolvido.

—Desculpe Giselle. Não posso te dizer isso. Não ao menos que você seja da polícia ou algo assim.

—Georgina, eu corriji. Sua adesão à confidencialidade do cliente era perfeitamente compreensível - mas bem, eu não estava realmente preocupada com o que era moralmente correto neste momento.

Dando uma cotovelada no Seth, eu esperei que ele usasse seu poder de deus autor. Ele levou alguns minutos, mas fez.

—Você nos ajudaria tanto Mary. Nós - eu - realmente apreciaria isso. Ele tropeçou um pouco nas palavras, mas pela maneira que a face dela levantou-se, você poderia pensar

que ele murmurou uma coisa muito sexy no seu ouvido.

—Oh, Seth, ela suspirou. —Eu realmente faria qualquer coisa por você... mas, bem, eu tento respeitar a privacidade dos meus clientes. Com certeza um homem como você entende isso.

—Bem, sim, claro que eu - eu o acotovelei novamente. Ele me deu uma rápida olhada e retornou seu olhar para ela. —É isso, eu entendo, mas como eu disse, é muito importante.

Indecisão passou por sua face, e eu meio que admirei seus princípios. Ela parecia realmente inquebrável e eu tinha um pressentimento que o Seth não seria muito mais assertivo.

Olhando além dela, eu notei um corredor que levava à outra parte da casa. Eu tenho registro de todas as minhas peças.

—Você está certa, eu disse bruscamente. Nós não podemos esperar que ela nos dê este tipo de informação. Certo, Seth?

Ele se virou para mim novamente, me dando um olhar curioso. —Certo? Foi mais uma pergunta que uma concordância.

Mary quase derreteu em alívio, seus olhos por todo o Seth. —Oh, eu sabia que você entenderia. Eu podia dizer que nós pensamos iguais. Almas gêmeas e tudo isso, sabe? Apenas pela maneira que você escreve eu -

—Hey, Mary? eu interrompi.

Ela olhou para mim, novamente surpresa por eu ainda estar ali.

—Você tem um banheiro que eu possa usar?

—Banheiro? ela repetiu como se fosse um conceito louco.

—Foi uma viagem longa, eu expliquei docemente. —Além do que, isso daria a chance para você e o Seth se conhecerem enquanto ele autografa seus livros.

Sua face brilhou novamente, e ela virou para o Seth sem me dar outro olhar. —Oh, claro! Essa é uma grande idéia, Geórgia. É seguindo o corredor.

Eu fiquei de pé. —Obrigada.

Seth e eu fizemos um breve contato visual. Havia um olhar de pânico e cautela. Ele não queria ser deixado sozinho. E ele também sabia que eu não iria desistir da luta tão fácil. Ele suspeitou que eu estivesse tramando alguma coisa.

Ele estava certo. Eu ia pegar os registros da Mary.

QUINZE

A fala excitada da Mary ressoava por toda casa enquanto eu me apressava pelo corredor. Eu podia ver o banheiro no final e três portas fechadas ao longo do caminho.

Ótimo. Elas tinham que estar fechadas? Com minha sorte, provavelmente elas iriam ranger. Eu só podia esperar que a Mary continuasse muito alta e distraída para perceber.

A primeira porta que abri - sem ranger - era um quarto. A cama estava desfeita, as roupas estavam jogadas em pilhas contra a parede. Um aparador antigo estava em uma parede, uma mesinha de cabeceira com alguns papéis estava perto da outra. Havia também um espelho no teto.

Estremecendo, eu considerei ir investigar os papéis na mesa de cabeceira, mas decidi me segurar e ver se talvez eu encontrasse um escritório atrás de uma das outras duas portas. Fechando esta silenciosamente, eu continuei andando no corredor.

A segunda porta rangeu e eu congelei, esperando pela Mary vir correndo atrás de mim ameaçando-me com um dos livros do Seth. Eu não tinha cem por cento de certeza o quão longe o poder de estrela iria me salvar de ser pega bisbilhotando. Ela não parecia ser do tipo violento, mas nunca se sabe. Felizmente, ela mantevese falando sem parar, e eu enfiei minha cabeça dentro do novo cômodo. Era apenas outro quarto, um de hóspedes empoeirado e sem itens pessoais. Eu fechei a porta, fazendo uma careta para outro rangido. Mais um cômodo para ir.

Bingo!

O terceiro não era um escritório, mas parecia com um espaço de trabalho. Tábuas largas estavam ao longo das paredes, cobertas com pedaços de cristal - quartzo branco, quartzo fumê, etc. - em vários estados.

Alguns eram brutos e chanfrados; outros estavam polidos e esculpidos. Ferramentas como pás e picaretas estavam perto, junto com um dispositivo mais sofisticado e moderno que eu não pude identificar.

Talvez algum tipo de corte a laser.

O melhor de tudo, é que havia um arquivo de duas gavetas encostado na parede. Eu corri até ele, ainda escutando a conversa da Mary, e abri a primeira gaveta. Mais de cem pastas de arquivo com nomes me encontraram. Eu puxei uma sem escolher e vi que nela havia uma ordem de serviço. Havia uma descrição do item, informação do cliente, status do

trabalho e uma foto do produto final. Infelizmente, toda essa informação significava pouco para mim. Eu não fazia idéia de qual nome foi usado para encomendar o lacre - ou se Mary ao menos tinha um de quem o encomendou.

Frustrada, eu abri a outra gaveta e encontrei os registros financeiros, como contas e extratos bancários. Eu também achei pastas rotuladas __diários de trabalho,, categorizadas por meses. Eu rapidamente puxei a deste mês e descobri uma lista simples de datas, nomes de clientes, e uma breve descrição dos produtos. Tudo - exceto pelos três mais recentes - tinham marcas ao lado delas. Produtos terminados, presumo.

Eu esquadrinhei as datas de antes do desaparecimento do Jerome, verificando as

descrições. Estátua verde de Tara. Athame.* Três faturas nas últimas duas semanas prenderam minha atenção: pingente redondo, talismã, medalhão. Não reconheci nenhum dos nomes dos clientes, mas o culpado poderia sem dúvidas ter usado um nome falso. (*Um tipo de punhal, tradicionalmente com cabo preto e dois gumes.)

Voltando para a primeira gaveta, eu achei a ficha de cada cliente. O pingente era do tamanho e forma certa, mas tinha um furo nele para uma corrente ou cordão. Não podia dizer o porquê, mas alguma coisa me dizia que a forma do lacre original seria inteiro. O talismã se mostrou ser do formato errado. Era grosso e alongado, mais parecido com uma pedra que alguém guarda no bolso para ter boa sorte.

Eu estava começando a entrar em pânico agora. Isso estava demorando muito, e eu não podia mais ouvir a Mary.

Deus, espionagem era muito mais fácil quando eu podia ficar invisível. Com as mãos trêmulas, eu peguei o último arquivo - o medalhão. O cliente era Sam Markowitz e ele o tinha pegado quatro dias atrás. A foto retratava um disco achatado do tamanho de uma moeda de vinte e cinco centavos de dólar, feito de quartzo fumê com símbolos que eu não reconheci gravados nele. O que era isso? Isso era o que eu tinha de mais próximo da descrição do Carter. Poderia haver outros parecidos - pedidos meses atrás - mas eu não tinha mais tempo para procurar por mais arquivos. Eu joguei a foto do medalhão na minha bolsa, fechei o arquivo e corri de volta para o corredor, meio que esperando a Mary bloquear minha saída.

Eu não tenho porque me preocupar, pensei. Ela nunca saiu do lado do Seth - literalmente. Agora ela estava sentada no meu lugar, pressionando o Seth entre ela e o braço do sofá. Duas pilhas de livros estavam sobre a mesa de café, e um aberto estava no colo dele. Ele terminou de assinar e olhou para cima vendo minha chegada com um olhar aliviado.

—Mas veja bem, Mary estava dizendo, —até O„Neill ser capaz de confrontar a escuridão dentro de si mesmo, ele nunca vai ser capaz de se abrir para a Cady. Ele teve seus momentos de vulnerabilidade, claro - como na cena da caverna no Eclipse Dominante - mas ele ainda mantém sua guarda erguida - como na varanda em Memórias de um Homem - e então não é nenhuma maravilha -

—Hey, eu disse alegremente. —Nós provavelmente deveríamos ir andando.

Seth levantou-se do seu lugar, parecendo como um animal preso que tinha acabado de arrancar sua própria perna fora para sair correndo livre. —Sim. Não queremos mais atrapalhar a Mary.

Mary se levantou também. —Não, não! Está tudo bem. De verdade. E você tem que terminar de assinar meus livros.

Com um sorriso, Seth agarrou os últimos três livros e rapidamente rabiscou sua assinatura neles. —Obrigada por conversar conosco, ele disse. —Foi ótimo te conhecer.

—Tem certeza que você tem que ir? ela implorou. —Em breve vou fazer o jantar.

Ela atirou um olhar acusador para mim. —E se é a Ginger que precisa ir, eu posso te dar uma carona para sua casa mais tarde na minha van -

—Não, na verdade, Seth disse, vindo ficar ao meu lado. —Eu agradeço, mas eu tenho que ir, você sabe, voltar a escrever.

Escarparmos de lá foi doloroso. Mary implorava e continuava a oferecer descontos nas jóias velados com insinuações sexuais.

—Pé na tábua e não olhe para trás,|| Seth me disse quando entramos no carro.

Eu concordei, saindo da entrada da garagem dela o mais rápido que eu pude, levantando poeira e grama no meio do processo.

—Aquilo lá, eu murmurei, —é o tipo de fã que mantém os autores em seus casulos. Seth encostou sua cabeça no banco. —Nunca mais faça isso comigo. Nunca.

—Eu não estava tão longe assim. Eu teria ouvido você gritar.

—Não se ela usasse éter primeiro. Deus, Georgina. Ela colocou a mão na minha perna.

—Pra você é Ginger.

—Por favor, me diga que você tirou alguma coisa útil de tudo isso. Eu sei que você não foi ao banheiro.

—Nope. Eu invadi a sala de trabalho dela e saqueei seus arquivos. Ele gemeu. —Invasão de domicílio.

—Hey, eu sou uma criatura do Inferno. E tecnicamente ela nos deixou entrar.

—O que você encontrou?

Com o olhar na estrada, eu remexi e procurei na bolsa até encontrar a foto. Eu a passei para o Seth.

—É isso? ele perguntou.

—Não tenho certeza. É próximo da descrição, mas eu não sei o suficiente sobre isso para dizer com certeza.

—Hmm.

Seth a estudou e depois colocou de volta dentro da minha bolsa. Nós dirigimos por alguns minutos em silêncio até que eu finalmente perguntei, —Eu nunca fui esse tipo de fã ruim né? Louca assim?

—Oh, Deus, não, ele disse. —Absolutamente não. Você foi charmosa e fofa e - Ele se cortou abruptamente, mas aquelas palavras pairaram no ar entre nós. —Você - você não foi assim.

Nada daquele jeito, ele disse afinal. Havia um tom rouco em sua voz, com uma ponta de emoção, mas se recusando revelar qual.

Eu queria trazer meu comentário à luz, apenas para manter a conversa fluindo. De qualquer maneira, como tudo ultimamente, as palavras acabaram tendo mais significado que eu esperava. Eu tive um flashback para quando eu e Seth tivemos

nosso primeiro encontro, quando eu ao menos sabia que ele era. Eu tinha desfiado meus sentimentos por meu autor favorito, sem saber que eu estava na verdade falando com ele. Diferente de Mary, eu não o tinha perseguido pela internet e sabia como ele se parecia.

Seth limpou sua garganta. —Então... o que você vai fazer com a foto agora?

Eu corri com a mudança de assunto. —Levar para alguém identificar isso, eu acho. Erik talvez. Ou Dante.

Mais silêncio caiu e eu senti a tensão aumentar. Dante. Mais uma vez, palavras inofensivas tinham desencadeado grandes conseqüências entre nós. Eu esperei o Seth tentar mudar de assunto novamente, mas no lugar disso, ele realmente a dirigiu.

—É estranho... ver você com o Dante.

—Você não quer dizer que é estranho me ver com qualquer um?

—Bem...

Mesmo com meus olhos na estrada, eu sabia que ele tinha aquele olhar pensativo, um pouco distraído que significava que ele estava ponderando como melhor dizer suas próximas palavras. Eu costumava amar aquele olhar. Agora eu estava em alerta máximo.

—Sim, até um certo ponto, claro, ele admitiu finalmente. —Vai ser sempre estranho. Mas cada vez que falo com ele, eu apenas penso...

—Se você vai dizer que eu posso fazer melhor, então vou parar o carro agora mesmo.

—Um, não. Eu ia apenas dizer que ele não parece ser seu tipo.

—Isso é quase a mesma coisa. Eu aponte. —Você parece como o Hugh e os outros. Estou cansada disso! Honestamente, não importa quem eu namore. Vocês nunca vão ficar satisfeitos.

—Isso não é verdade, Seth disse. —É que apenas... quando você está perto dele, você fica mais escura e cínica. Você não é como costumava ser. Isso parece estúpido, considerando o que você é, mas você é... bem, você é uma força positiva no mundo.

—Oh, qual é, eu disse.

—Não, eu falei sério. Talvez você seja uma criatura do Inferno, mas as pessoas sentem-se melhores quando estão perto de você. Você tem esse jeito de conversar e sorrir que afeta a todos. Você é bonita, tem bom coração, se preocupa com os outros... ele suspirou.

—Mas quando você está com o Dante, é como se toda a luz que normalmente brilha em você fosse sugada para longe.

—Aquela luz foi sugada há muito tempo atrás,|| eu disse amargamente. —Muito antes de ele aparecer.

—Não, não foi. Está aí, e se você vai se envolver com alguém, você precisa de alguém que veja isso, alguém que a ame por isso e queira ajudar a trazer isso de

volta.

Eu tinha alguém assim, pensei. Você.

—Dante e eu funcionamos bem juntos, não importa o que qualquer um de vocês pense. Ele me entende.

—Não, Seth disse sem graça. Sua voz era baixa, mas eu podia ouvir a raiva nela.

—Ele não.

—Quais outras opções eu tenho? Você está me jogando em uma situação impossível. Você sabe, eu não posso namorar ninguém bom. Não posso arriscar machucá-los, mas não quero ficar sozinha. Essa é minha única opção.

—Não. Não pode ser. Antes de ficarmos juntos, não era assim. Você não ficava bebendo o tempo todo e fazendo sexo com anônimos nos banheiros!

E foi então que eu fiz isso, como um pai em uma viagem. Eu parei o carro no acostamento da estrada. Era uma estrada comprida do interior e não havia muito tráfego. Seth olhou incrédulo.

—O que você está fazendo?

—Salvando-nos de um acidente, eu rosnei, me virando para que eu pudesse olhá-lo diretamente nos olhos.

—E você vai ter sorte se eu não fizer você sair e andar o resto do caminho. Olha, você quer saber por que eu estava saindo com caras perdedores quando nos conhecemos? Porque eu não estava namorando ninguém. Eu pegava meu êxito e ia para casa sozinha. Por que é tão errado para eu querer estar com alguém agora?

—Não importa se você namora outra pessoa ou não. Você não deveria estar agindo dessa maneira!

—Você está me dizendo o que eu deveria ou não fazer? Isso é da minha conta. Você não tem direito sobre isso! eu gritei de volta.

—Amigos tem todo direito de dizer aos amigos quando eles estão no mau caminho, ele rebateu.

—Conversa! Eu nunca vi você interferir na vida de outra pessoa, não importa o quanto eles estavam enroscados. Parece que eu sou a única que você quer interferir. Por que você se importa tanto com o que eu faço? Seth e eu tínhamos erguidos as vozes raramente

enquanto namorávamos e nunca tinha chego nem perto disso. Foi um milagre não termos quebrado as janelas.

—Porque eu me importo com você! Eu disse isso pra você na festa. Terminar não significa que você deixa de importar com a pessoa.

—Sim, mas significa que você tem que deixá-las ir. Eu estava tão chateada que estava à beira das lágrimas. —Você não pode ter as duas opções. Você não pode me dar o fora e então tentar me puxar de volta..

—Eu nunca quis dar o fora em você.

Eu o encarei por alguns instantes carregados e senti aquelas lágrimas

traidoras ficando mais pesadas nos meus olhos. —Então por que você fez isso? Depois de toda aquela gritaria, sua voz mal pareceu um sussurro.

—Porque... eu queria te salvar.

—Você não pode, eu murmurei, engolindo as lágrimas com grande esforço.

—Você não pode ficar me salvando, não pode continuar tentando. É muito tarde.

—Não, ele disse. Seu coração estava em seus olhos e estava despedaçando o meu. —Não para você. Nunca.

Eu não sei como exatamente isso aconteceu, mas de repente nós estávamos nos beijando. Seus lábios eram exatamente como eu me lembrava, macios, poderosos e maravilhosos. Não era um beijo casto e nem um beijo m-arrancando-a-roupa-do- outro. Era faminto e desesperado, como se estivéssemos lutando no meio do deserto e apenas agora encontramos a água necessária para sobrevivência.

O melhor de tudo era apenas um beijo. Apenas eu e o Seth. Não havia energia vital ou esquema súcubos envolvido. Não havia necessidade de se afastar com medo do que poderia acontecer. Nós podíamos beber um do outro sem nos afastar.

Exceto, bem, nós nos afastamos.

Nós nos empurramos para longe e eu sabia que o choque na face dele refletia o meu próprio. O que nós acabamos de fazer? Nós... nós realmente fizemos isso? Isso foi um beijo. Um beijo de verdade. O tipo de beijo que sempre quisemos. O beijo que supostamente não deveríamos ter tido.

Repentinamente eu me virei, encarando a Estrada à frente. Eu estava paralisada e entorpecida... e ainda assim, viva e cheia de calor. O mundo tinha estado naquele beijo. Mas eu não sabia como reagir a isso, não sabia o que eu deveria fazer agora. Então, fiz a coisa mais idiota possível. Eu liguei o carro.

—Nós deveríamos voltar. Eu disse.

—Sim, ele concordou, parecendo tão atordoado quanto eu.

Eu ousei um olhar para minha visão periférica. Seus olhos estavam fixos à frente, seus lábios maravilhosos apertados em uma linha que de alguma forma os fazia parecer fortes e vulneráveis ao mesmo tempo. Eu queria me inclinar e beijá-los novamente, para derreter como eu tinha feito momentos atrás e esquecer-me da razão. Eu queria que aquele sentimento perfeito durasse para sempre.

No lugar de lidar com o que tinha acabado de acontecer, porém, eu fui covarde e pisei no

acelerador. Nós voltamos para a cidade em um silêncio miserável, nenhum de nós mencionou o beijo, mas nós dois pensamos nisso. Eu o deixei na livraria e ofereci um educado _obrigada_, pela ajuda. Ele respondeu, em igual educação - me dando um último olhar pensativo - e então andou para seu carro. Eu assisti ele ir, memorizando cada linha do seu corpo e como ele se movia.

Todas as emoções possíveis guerreavam dentro de mim e eu não fazia idéia de qual merecia vencer.

Quando cheguei ao prédio do meu apartamento eu já estava exausta. O dia tinha sido mentalmente e fisicamente cansativo, com supostos estupradores, furto e o

beijo de abalar o mundo. Mais tarde, eu iria achar alguém para identificar a fotografia para mim. Por agora, eu quero apenas me esparramar no sofá e assistir TV, preferencialmente alguma coisa que não tenha nada a ver com magia ou paranormal - ou qualquer tensão romântica.

Infelizmente, a magia e o paranormal estavam esperando por mim. O que a Nanette está fazendo aqui?

Este foi meu último pensamento coerente antes de eu ser jogada para o lado mais longe da minha sala de estar.

Eu bati com força, minha cabeça estalando contra a parede. Eu caí no chão, minhas pernas mal possuindo o reflexo para me livrar da queda enquanto pontos negros brilhavam na minha visão.

Nanette me encarou, terrível e linda em toda sua glória dourada. Ela não colocou a mão em mim, mas ela não precisou disso, não com os poderes que ela dominava.

—Como você ousa, ela sussurrou com os olhos apertados. —Como você ousa espalhar aqueles tipos de rumores?

—Do que você - ah!

Eu fui jogada contra a parede novamente. A distância não era nem tão longe quanto antes, mas a força era tão grande que o impacto doeu muito. Mais dor atravessou minha cabeça quanto tentei com que isso fizesse sentido.

—Eu não sei sobre o que você está falando!! eu chorei.

Nanette veio em minha direção, colocando sua face a centímetros da minha.

—Claro que você sabe. Você disse para o Cedric que fui eu quem invocou o Jerome, que era eu quem estava causando todo o caos no seu território.

—Eu não, eu choraminguei. —Não exatamente. Eu apenas disse à ele que você se encontrou com o Jerome.

Ela rosnou e me agarrou pela frente da camisa e me jogou para frente. —Isso não é nada. Nada! Mas agora os outros estão desconfiados.

—Eu apenas pensei que ele deveria saber e -

—Você sabe o que talvez tenha feito? ela gritou. —Eu era candidata para esta cidade! Talvez você tenha arruinado tudo.

Ela me jogou novamente, desta vez para o canto onde estava minha TV. Seus ângulos agudos bateram em mim quando eu a atingi e estatelei no chão. Eu tentei me colocar em pé mas nunca consegui. Nanette estava bem atrás de mim, eu tive uma visão completa de sua bota preta de salto fino antes de ela chutar minhas costelas. A dor me atingiu e me corpo instintivamente se curvou e se protegeu.

Mas ela era muito rápida e poderosa. Greg teve muita força bruta a sua disposição, a força bruta eu tinha sido capaz de neutraliza um pouco. Mas contra Nanette?

Contra um demônio? Sua força estava além de uma humana, quase além da compreensão humana.

—Não. Fode. Comigo, ela disse, pontuando cada batida com um chute no meu estômago ou nas costelas. —Você entendeu? Você não é nada. Nada.

—Sinto muito, eu disse. Meus olhos queimando e cada parte do meu corpo gritando, implorando para isso terminar.

Os chutes pararam e eu rolei de lado, apenas para uma onda de poder descer sobre mim e me rolar de barriga para baixo, fixando-me no chão como uma tonelada de tijolos invisíveis. Eu tentei me deslocar, mas não conseguia sequer me mexer.

—Não me importo se você é a favorita do Jerome ou a nova querida do Cedric, ela disse. Sua voz era gelada e maliciosa. De novo, ela não me tocou com suas mãos, mas de repente a parte de trás da minha camisa foi rasgada. —Eu poderia te destruir agora mesmo, te banir da face da Terra e ninguém diria nada. Em vez disso
- você tem sorte por eu estar de bom humor hoje.

Seu bom humor, parecia como mil chicotes batendo em minhas costas. Pequenos chicotes de poder, afiados como navalhas e queimando como chamas, me flagelaram. Eu gritei enquanto eles cortavam minha pele, deixando feridas abertas. Alguma parte de mim achava que se eu gritasse alto o suficiente, talvez um vizinho pudesse me ouvir. Porém esse sentimento era inútil. Ela deve ter deixado esta sala a prova de som, assim como os demônios fizeram no Cellar. Além do mais, o que um mortal poderia fazer contra isso?

De novo e de novo aqueles chicotes invisíveis me rasgavam. Evidentemente, eu não podia ver o que estava acontecendo, mas os olhos da minha mente, eu imaginei minha carne rasgada em tiras, toda a minha costa uma horrível bagunça de sangue. Eu não sei quantas vezes aquelas chicotadas se repetiram. Elas eram indistintas. Eu estava rapidamente chegando a um ponto onde a dor era tão intensa, tão opressiva, que eu quase não a podia mais sentir. Minha visão estava ficando preta, meu cérebro mal era capaz de se manter consciente.

Quando o espancamento finalmente acabou, eu me perguntei se estava morta. A sala estava parada e silenciosa.

Então, uma força invisível pegou minhas costas. Eu tentei rolar, mas não consegui. Nanette ajoelhou, seus lábios contra minha orelha.

—Não fode comigo, ela sussurrou. —Interfira de novo e eu te mato.

Ela desapareceu. Fui deixada sozinha, chorando e sangrando. Eu tentei me mover novamente, mas ainda era incapaz. O que eu iria fazer? Eu não podia nem pedir ajuda. Claro, que isso provavelmente não importava. A dor era tanta que eu ia morrer ou apagar

a qualquer minute agora. Talvez dispositivos humanos não me matassem, mas os demoníacos podiam, independente se eu estava em êxtase.

Subitamente, saído de lugar nenhum, eu senti braços fortes passando debaixo de mim, suavemente me levantando de um jeito que mantinha minhas costas para cima. Eu abafei um gritinho. Mesmo sem que minhas costas fossem tocadas, o movimento atingia todos os músculos e lugares do meu corpo que a Nanette tinha machucado. Eu abri meus olhos, tentando ver quem estava lá, mas minha visão estava flutuando e rapidamente escurecendo.

—O que... foi tudo o que consegui dizer.

—Shh, amor. Vai ficar tudo bem. Você vai ficar bem.

Aqueles braços gentilmente me colocaram na minha cama. Eu gemi de novo como se fogo tivesse sido atirado nas minhas costelas.

Mãos frias alisaram meu cabelo para trás, mas eu ainda não podia ver anda.

—Não posso te curar, a voz disse. —Mas vou trazer alguém que pode ajudar. Apenas não se mova. Vai ficar tudo bem.

Havia algo familiar nessa voz, mas eu não podia identificar através do nevoeiro e da confusão na minha cabeça. Eu mal podia respirar muito menos pensar. O silêncio caiu depois disso, como se meu misterioso benfeitor tivesse partido. Ainda, alguns momentos depois, eu vi turvamente, mãos colocarem Aubrey ao meu lado. Ela se inclinou para frente, fungando no meu rosto. Uma das mãos amigável acariciou sua cabeça e costas, daquele jeito que muitas vezes persuadia o gato deitar. Funcionou e depois de se virar em alguns círculos, ela se deitou ao meu lado.

Então, a mão acariciou meu cabelo uma última vez. —Vai ficar tudobem.

Essa é a última coisa que me lembro de ouvir. Meu salvador pode ter ficado ou saído. Eu não sei, porque alguns momentos depois, a escuridão finalmente ganhou e eu caí em um sono sem sonhos que foi misericordiosamente sem dor.

DEZESSEIS

—Georgina.

Meu nome veio até mim de longe, de longe como se de um túnel sem fim. Isso ecoou nas paredes da minha mente, alto da primeira vez e eventualmente sumindo até virar nada.

—Georgina. Olhe para mim docinho.

—Deixe-a dormir Hugh.

—Não, tenho que falar com ela e ter certeza que ela não teve uma concussão. Georgina, vamos lá. Abra seus olhos para mim.

Através de um nevoeiro preto, meu cérebro analisou as palavras e vagarosamente encontrou o sentido delas. Alguma resposta básica em mim quis obedecer, mas minhas pálpebras pareciam estar presas juntas. Pensar - e muito menos responder - era muito difícil, mas mais palavras chegaram para me encorajar.

—Lá vem você, docinho. Tente novamente. Você quase conseguiu.

Com muito esforço, eu finalmente consegui abrir os olhos. Era excruciante. Parecia que minhas pálpebras eram feitas de chumbo. A princípio, eu só pude perceber uma coisa: luz. Estremeci, querendo me afundar de volta para o esquecimento de onde eu tinha sido tirada. E com essa pequena agitação da consciência, toda a dor que eu tinha escapado antes repentinamente retornou. Minha cabeça latejava.

Minhas costas queimavam. O clichê de que quebrar cada osso do corpo de repente parecia uma possibilidade muito real, e eu tinha certeza que eu tinha quebrado alguns que não estavam no meu corpo.

Claro que isso não fazia sentido, mas tão mal como eu me sentia, fazia um pouco.

—Oh, Deus. Ao menos foi o que tentei dizer. Saiu mais como um gemido indistinto.

—Calma aí. Você não tem que dizer nada.

Eu abri meus olhos novamente, dessa vez vendo uma figura se inclinando contra mim. Eu conhecia sua voz tão bem que não precisei ver seu rosto, que de qualquer forma era um borrão.

—Hugh, eu grasnei.

—Hey, pergunte a ela o que -

—Cala a boca, Hugh vociferou. O movimento da sua cabeça me fez pensar que ele olhou para trás dele, mas eu na tinha certeza.

Ele colocou seu rosto mais perto do meu, trazendo suas feições para meu alívio. Ele estava mais pálido do que jamais eu tinha visto, sua face estava cheia de linhas de preocupação e medo que eu nunca pensei que ele fosse capaz. Ele parecia mais chateado do que quando ele veio nos contar sobre a invocação do Jerome. Chegando mais perto, o Hugh segurou uma de minhas pálpebras aberta e apontou

uma luzinha para ela. Eu me contorci com a claridade - ou pelo menos eu tentei - mas ele foi rápido e fez isso com o outro olho antes que causasse muito desconforto. Quando ele terminou, ele moveu seu dedo seu dedo pelo ar e estudou meus olhos enquanto eu o seguia.

—Qual é seu nome? ele perguntou.

A voz atrás dele saltou. —Você já disse o nome dela.

Hugh suspirou e apontou com o polegar acima do seu ombro. —Qual é o nome dele?

—Cody, eu disse. A voz do Cody era tão familiar para mim quanto a do Hugh e eu tinha certeza que o Peter também estava por aqui.

Hugh me fez mais algumas perguntas factuais, como em que ano estamos, localização e se eu estava com enjôo.

—Tudo dói, eu disse, com a voz ainda arrastada. Eu não podia nem me mover quanto mais distinguir náusea do resto da minha dor.

—Sim, mas você está sentindo como se fosse vomitar? Aqui? Agora?

Eu pensei nisso. Meu estômago doía, mas não era do tipo desconforto nauseado e sim do tipo desconforto alguém-acabou-de-me-chutar-com-salto-alto. —Não, eu disse.

Hugh sentou novamente e eu o ouvi suspirar em alívio.

—Tudo dói, eu repeti. —Você pode... fazer isso parar?

Ele hesitou, um momento depois, Cody apareceu do lado dele. —Qual é o problema? Você tem que dar alguma coisa para ela. Olhe para ela. Ela está sofrendo.

—Atenuação, eu murmurei.

O rosto do Hugh ainda estava indeciso. —Não vou dopá-la se ela estiver com concussão.

—Ela passou nos seus testes.

—Esses são testes clínicos. Não são cem por cento exatos.

—Por favor, eu disse, sentindo as lágrimas nascendo nos meus olhos.

—Qualquer coisa.

—Nós sabemos que você não vai matá-la, eu ouvi o Peter dizer. Eu estava certa sobre ele estar aqui.

Hugh hesitou um pouco mais. —Vai buscar um pouco de água.

Cody desapareceu e Peter tomou seu lugar ao lado do Hugh. A expressão do Hugh ainda era severa. —Docinho, tenho que limpar suas costas e isso vai doer.

—Mais?

—Uma dor diferente. Mas isso tem que ser limpo para que não pegue uma infecção e então vou ter que te virar para verificar as outras partes do seu corpo. Os remédios vão ajudar, mas isso tudo vai doer primeiro.

—Vá em frente, eu disse. Neste ponto, eu não podia imaginar dor pior. Além disso, Hugh era médico. Tudo iria ficar bem agora.

Cody voltou com um copo de água. Hugh me fez beber um pouco primeiro, apenas para ter certeza que eu podia mandar tudo para baixo. Quando eu o fiz, ele me deu dois comprimidos para beber com o resto da água. Eu quase engasguei com eles -minha garganta estava sensível e inchada, talvez por causa da gritaria - mas eu os mandei para baixo.

Eu queria perguntar o que eu tomei, mas parecia muito trabalho. —Vai fazer efeito em mais ou menos vinte minutos, Hugh disse.

Eu podia vê-lo atrapalhando-se com alguma coisa em seu colo. Levantando-se ele inclinou sobre minhas costas.

Alguma coisa molhada tocou minha pele.

—Filho da puta! Novamente, minhas palavras eram quase incoerentes, mas eu acho que ele entendeu o que eu quis dizer.

Dor pungente - aliás, uma dor diferente, - correu através da minha pele onde ele tinha tocado. Era elétrico, agudo, onde o resto do meu corpo latejava. Meu desejo de sair daquele ardor horrível era tão forte que na verdade eu consegui me mover um pouco, mas isso foi o gatilho para sentir a dor do resto do meu corpo. O mundo ficou turvo mais uma vez.

—Você está piorando tudo, ele avisou. —Fique parada.

Fácil para ele dizer. Eu mordi meu lábio enquanto ele continuava. Ele estava usando anti-séptico para limpar os lugares que a Nanette tinha me cortado. Necessário, ele tinha falado, mas Deus, isso dói.

—Converse com ela, Hugh disse para ninguém em particular. —Distraia ela.

—O que aconteceu? Peter perguntou. —Quem fez isso com você?

—Distração agradável, Hugh disse.

—Nanette, eu disse. Dizer seu nome fez meu estômago se revirar e espero que eu não volte a trás no que eu disse ao Hugh sobre vomitar. —Ela estava... louca.

—Posso imaginar, Peter disse.

—Brava porque eu disse ao Cedric sobre ela...

—Isso meio que confirma sua suspeita então? Cody perguntou.

Sim, se dar uma surra em uma pessoa que espalhou seus planos secretos não parece suspeito, eu não sei o que faz parecer então. Mas se Nanette estiver realmente por trás da invocação do Jerome, porque não me matou imediatamente para não deixar testemunhas?

—Pronto, Hugh disse, alisando. —Não foi tão ruim, foi?

Eu tentei sorrir, mas eu não acho que ele tenha notado. Ele vasculhou no seu kit mais uma vez e então se inclinou para começar a fazer os curativos nas feridas. Com a quantidade que ele estava colocando em mim, eu tinha o pressentimento que eu ia parecer como uma múmia.

—Por que o Dante não está por aqui? o Cody perguntou.

—Huh? Dante? A pressão ao colocar os curativos não era tão ruim como a limpeza, mas ainda era desconfortável. Eu me perguntei quando aqueles malditos comprimidos iam fazer efeito.

—Ele estava aqui, Cody disse. —Ele ligou para o Hugh e falou para ele vir.

Alguns detalhes exatos do que tinha acontecido com a Nanette estavam nebulosos, mas eu tinha certeza, com um trauma na cabeça ou não, que eu me lembraria se Dante estivesse por perto. —Dante não estava aqui, eu disse.

Hugh parou e olhou para meus olhos. —Então quem me ligou? Era um cara, do seu celular. Disse para eu vir para cá e trazer suprimentos médicos - que você estava machucada.

Eu fiz uma careta, e comecei a lembrar, uma sombra na minha memória nebulosa e dolorida. Os braços fortes e a voz gentil.

—Havia alguém aqui... eu comecei vagarosamente. —Não o Dante. Outra pessoa. Ele me colocou na cama.

O silêncio caiu. Uma ligeira dormência começou a formigar nos limites da minha consciência, o que eu tomei como um bom sinal. Era mais como uma dormência agradável, como um sonho - não do tipo Eu-não-posso-mais-lidar-com-essa-dor. Embora ainda restasse uma quantidade razoável dessa.

Os garotos trocaram olhares perplexos. —Tem certeza que não era ele? Cody perguntou.

—Por que o Dante a deixaria? Peter perguntou. Hugh bufou. —Vindo dele eu não duvido.

—Parem, eu murmurei. —Não era ele.

—Você pode lembrar o rosto ou alguma coisa? Peter perguntou. —Pelo menos é alguém que você conhece?

Eu pensei novamente, tentando desesperadamente desenterrar isso da memória. Não havia nada. Apenas que ele era alguém familiar.

—Eu o conheço... Aquela sonolência agradável era cada vez mais forte. E eu desejei que ela se apressasse.

—Pronto, Hugh disse. —Está tudo com curativos. Ajude-me a movê-la para que eu possa ver as costelas.

Isso não foi divertido, e o desconforto dos três me virando para cima - não importa o quão gentil eles tentaram ser - foi o suficiente para me trazer de volta do abraço calmante dos remédios. Eles conseguiram me virar para cima, colocando uma pressão moderada nas minhas costas quando deitei com as costas contra a cama, mas permitindo que o Hugh examinasse o resto de mim. Ele picou e cutucou e me fez respirar profundamente. Sua análise final é que eu tinha um par de costelas quebradas, muitos hematomas e dor que iria sumir com o tempo.

—Ótimo, eu disse. Nesse ponto eu estava viajando tanto que eu não sabia se eu estava sendo sarcástica ou não.

Cody ainda era incapaz de desistir de saber quem era meu Salvador. —Mas quem era ele?

—O homem...eu disse.

—Você não vai conseguir tirar mais nada dela, Hugh disse cansado. —Não por um tempo. Ela vai estar na Terra dos Sonhos a qualquer minuto agora.

—Terra dos Sonhos. O homem... eu repeti. De repente eu ri. —O homem do sonho...

Eu os vi trocarem olhares de piedade, antes de minhas pálpebras caírem fechadas. Eles pensaram o que eu estava falando não fazia sentido. Nenhum deles sabia sobre a história do homem do sonho, da fascinante vida alternativa e improvável que a Nyx tinha me mostrado.

Mas eu fui sugada para a Terra dos Sonhos, não foi a visão da Nyx que eu vi. Era mais como aquela mesma escuridão sem dor... pelo menos, isso foi antes de eu ser sacudida por uma eletricidade de um milhão de volts.

Eu soltei um pequeno choro de surpresa, meus olhos se abriram. Eu senti como se centenas de agulhas de gelo estivessem dançando pelo meu corpo, picando cada nervo. Os detalhes do quarto, assim como meus amigos, vieram até mim em detalhes penetrantes e cristalinos. Não havia mais imprecisão. Virando minha cabeça levemente eu vi uma quarta pessoa.

Mei.

Ela estava parada ao lado da cama, rosto pálido e sem emoção, braços cruzados em cima da sua blusa de seda preta. —O que aconteceu? eu perguntei. Minhas palavras ainda eram roucas, mas minha capacidade de falar tinha melhorado aos trancos e barrancos.

—Eu te curei, ela disse sem emoção. —Dentro do que eu pude. Você ainda vai sentir dor.

Demônios, embora um dia já foram anjos, não tinham o poder de curar assim como suas contrapartes celestiais tinham. Eles conseguiam fazer isso com pequenas escoriações, expandindo meus sentidos para avaliar o meu corpo, eu pude sentir como ela tinha tirado a maior parte da minha dor. Eu ainda sentia dor em alguns lugares e mesmo com curativos, minhas costas ainda pinicava. Eu já não queria mais morrer e isso definitivamente indicava uma melhora.

—Obrigada, eu disse.

Mei não parecia compassiva ou benevolente. Sua expressão era obscura.

—Eles disseram que a Nanette fez isso?

Eu hesitei. Eu já tinha problemas suficientes com a arquidemoness por falar dela. Claro que meus amigos indiscutivelmente já tinham contado a verdade para a Mei, e de qualquer maneira, ela é a que mais se aproximava de ser minha chefe atual. Eu não tinha certeza se eu podia confiar nela, mas se eu tivesse que apostar meu dinheiro no demônio suscetível a ter direito sobre mim neste momento (sem trocadilhos), era ela.

—Sim, eu admiti. —Eu disse para Cedric que Nanette tinha se encontrado com Jerome. Ela também tinha se encontrado com Cedric, então parecia que ela estava manipulando os dois. O rosto da Mei ficou ainda mais difícil de ler. Se ela concordava comigo ou não, ela não revelou. —Nanette não vai lhe incomodar novamente.

E com nada mais, a demoness desapareceu.

—Garota guerreira, Hugh disse, parecendo mais feliz do que eu o tinha visto hoje.

—Eu não acho que isso vai virar creme de milho ou qualquer coisa assim, eu observei secamente.

—Seu senso de humor voltou, Peter disse. —Definitivamente a caminho da recuperação.

Eu tentei sentar e estremeci. —Ou não.

—Não force, Hugh avisou. —Mei só pode fazer muito -

—Mas que diabos está acontecendo aqui?

Todos nós nos viramos. Dante estava na porta do meu quarto. Seu rosto era uma mistura de incredulidade e confusão total. Sem esperar por resposta, ele correu para a cama e se ajoelhou para ficar no mesmo nível que eu.

—Você está bem? O que aconteceu?

Sua expressão era tão afetuosa, tão cheia de preocupação que eu fiquei momentaneamente confusa. Dante era um egoísta arrogante, mas ele se importava comigo, não importa o que meus amigos pensem. E em situações extremas - como agora - aquela sua fachada amarga caía, revelando alguém que a alma ainda não estava completamente negra. Ele tentava muito esconder este seu lado, mas eu sabia que ele estava lá.

—Eu tive um desentendimento com um demônio, eu disse. Eu dei a ele uma breve explicação

do que tinha acontecido.

Ele ficava mais e mais incrédulo enquanto eu falava. Quando eu terminei, ele olhou em volta do quarto, estudando cada um acusatoriamente. —Como alguma coisa desse tipo aconteceu? Eu achava que demônios não podiam sair por aí violentando as pessoas. Vocês não estão sob algum tipo de proteção?

—T tecnicamente sob a de Jerome, eu disse. —Mas ele está meio que ocupado

neste momento.

—Talvez vocês estejam sob a proteção da Grace e da Mei agora,|| Cody meditou.

—A Mei parecia puta da vida.

—Ela sempre parece estar puta da vida, Hugh disse.

—Espero que sim, Dante rosnou. —Elas vão chutar a bunda desse outro demônio?

—Ela não vai puni-la se é isso que você quer dizer, Hugh disse. —Grace e Mei estão sob o mesmo escrutínio assim como todos os outros, mas eu aposto que a Mei vai chutar a cadela da Nanette para fora.

—Ótimo, Dante disse. —Uma conversa dura. Isso vai mostrar a ela.

—Não é do feitio da Nanette fazer mais alguma coisa. Se ela fosse matar a Georgina, ela já teria feito isso. Havia quase um tom gentil na voz do Peter. Eu acho que o ultraje e a preocupação do Dante tinham convencido o vampiro que talvez o Dante não fosse um completo e total bastardo que ele sempre achou.

Meus amigos imortais (ou não tão imortais) finalmente tinham decidido que eu estava em condições razoáveis o suficiente para me deixar aos cuidados do Dante. Hugh prometeu vir me ver amanhã e eu o agradeci novamente pela ajuda. Ele e os outros pareceram querer me abraçar, mas com as minhas costas, eles sabiam que era melhor não fazer isso.

Depois que eles saíram, Dante foi para cozinha e voltou com um pote de sorvete.

—Bom para o que te aflige, ele disse.

Eu fiquei surpresa ao descobrir que tinha um apetite considerável. A julgar pelo tempo, eu tinha ficado fora um bom tempo antes da Mei aparecer. Era como se tivesse sido por apenas alguns segundos.

—Cuidado, eu disse. —As pessoas vão pensar que você é um cara legal.

—Bem, vou ter que roubar alguns órfãos para salvar minha reputação.

Ele deitou na cama ao meu lado, curvou-se de lado para que ele pudesse gentilmente manter sua mão no meu braço e conversar comigo. Enquanto a tarde passava, nossa conversa era mais sobre coisas inconseqüentes, tópicos para me distrair da situação de perigo crescente de Seattle. Finalmente, quando chegou a hora de nós dois dormir, Dante levantou o assunto do ataque novamente.

—Súcubos... quem esteve aqui mais cedo?

Eu sabia que ele não quis dizer o Hugh e os vampiros. Eu fiz uma careta. Mesmo com a cura da Mei, minha memória ainda era imprecisa. —Eu não sei. Mas eu acho... Eu acho que talvez tenha sido o Carter.

—Sério? Eu ainda não posso acreditar que o anjo ande com vocês. Mas se foi ele, por que ele não te curou? Ele poderia ter consertado tudo.

Através do nevoeiro desse calvário, eu lembrei-me das palavras do meu

salvador. Eu não posso curar você.

—Porque supostamente ele não pode interferir, eu disse devagar, lembrando da minha ruminção de mais cedo sobre se explodir um fogão era uma interferência.

—Supostamente o Céu tem que ficar fora disso. Provavelmente ele não poderia nem ter me carregado para a cama - por isso ele teve que sair daqui e deixar o Hugh cuidar de mim.

—Um anjo quebrando as regras e um demônio ficando doente, Dante disse. —Você e seus associados estão ficando cada vez mais ferrados.

Eu me desloquei ligeiramente, cuidadosa com minhas costas e coloquei minha cabeça contra ele. —Isso com certeza.

DEZESSETE

O cheiro adocicado do mocha de chocolate branco me acordou de um sono pesado na manhã seguinte. Por alguns momentos, enquanto não estava completamente consciente, foi como acordar em outro dia qualquer. Então, enquanto abria meus olhos e mudava de posição, os nervos de meu corpo voltaram à vida, me lembrando do que havia acontecido no dia anterior. Não era a dor excruciante que eu havia experimentado anteriormente, mas eu sentia dor e desconforto suficiente pra me convencer a não me movimentar muito. Ainda assim, eu consegui meio que me sentar quando Dante entrou no quarto.

Ele segurava um mocha pra mim em uma mão e o que parecia ser um saco de padaria enfiado sob seu braço.

Na outra mão, ele carregava um imenso vaso de hortênsias azuis e brancas, intercaladas com orquídeas. Eu nunca imaginaria particularmente estas duas flores juntas, mas o arranjo estava lindo.

—Você assaltou uma floricultura? Eu perguntei.

Dante lançou um olhar seco em minha direção enquanto me entregava o mocha. —Por que você está presumindo o pior de novo?

—Porque orquídeas não são baratas. Eu disse.

—Eles estavam sem capim, então tive que me contentar com isso. Gentilmente ele colocou o vaso sobre minha penteadeira, liberando assim o saco de padaria. —E bati em alguns garotos para conseguir esses.

Depois de um longo e delicioso gole, coloquei o mocha na minha mesinha de cabeceira e peguei o saco dele. Dentro havia croissants de chocolate - meu tipo preferido de massa no café da manhã.

—Tudo isso porque eu levei uma surra? Perguntei.

Ele se sentou na lateral da minha cama. —Eu me preocupo com você.

—Eu devia me meter em brigas com demônios mais vezes. Minhas últimas palavras saíram abafadas por causa de uma mordida que tinha dado no croissant. Pequenas migalhas caíram em meu lençol, mas eu não me importei.

—Não tem graça súcubos. Ele disse. E para minha surpresa, pude ver que ele realmente

sentia isso. Nem um pouco de seu humor sarcástico usual, transparecia em sua expressão. Não havia um sorriso irônico em seu rosto. —Isso nunca vai voltar a acontecer. E vou me certificar que você fique boa, com a cura imortal ou não.

—Nunca achei que você fosse do tipo que cuidasse de doentes.

—Fique quieta. Ele me repreendeu. —E continue comendo. Seu corpo necessita

de calorias pra continuar se curando.

Feliz em obedecer, dei outra mordida e depois parei. —Você acha que agora eu posso começar a engordar? Eu nunca tive que me preocupar em contar calorias antes. Eu nunca temia nem ganho de peso nem efeitos nocivos à minha saúde devido às coisas que eu comia.

—Acredito que essa seja a menor das suas preocupações.

Achei que ele tinha razão. Continuei comendo - mas com menos entusiasmo. Ele ainda parecia tão sério e preocupado que não consegui deixar de me sentir querida e confusa. —Obrigada por tudo isso. Está tudo ótimo.

Ele sorriu para mim, e seus olhos acinzentados estavam lindos na luz da manhã. —Não são muitas as pessoas nesse mundo que merecem minha ajuda. Você faz parte de um grupo exclusivo.

Comecei a tecer um comentário de como o resto do clube devia ser imaginário, mas já havia tido muito provocação essa manhã. O ataque de Nanette tinha realmente mexido com Dante.

—Obrigado eu disse novamente. Me veio um pensamento. —Talvez tenha uma outra maneira de você me ajudar. Pega minha bolsa?

Ele pegou a bolsa que estava na sala e me entregou. Mexendo nela, fiquei aliviada por ver que a foto que eu havia roubado da Mary ainda estava lá. Eu a estudei por um momento, desejando que o medalhão me revelasse alguma coisa. Tudo o que via era um disco marrom translúcido e runas ou símbolos que poderiam facilmente ser confundidos com os desenhos de uma criança. Com um suspiro, entreguei para ele.

—Isso significa alguma coisa pra você?

Suas sobrancelhas se franziram preocupadas enquanto ele olhava. —Não. Deveria?

—Acredito que deva ser parte da invocação que fizeram pro Jerome . Lembra quando te perguntei sobre um artista que esculpia com quartzo? Foi isso que eu descobri. Supostamente, a pedra e as marcas são pistas, mas eu não sei o que elas querem dizer. Acredito que seja pra isso que eu precise de gente como você ou como o Erik.

Ele olhou para a foto por vários minutos, e para minha surpresa, percebi que a raiva começou a dominar seu semblante. Abruptamente, ele se levantou e jogou a foto no chão.

—Filho da puta. Ele rosnou.

—Qual é o problema? Exclamei.

—Isto. Ele disse, gesticulando de mim para a foto. —Este é o problema. Pra que eu sirvo, súcubos? Eu sou dez vezes mais poderoso do que essas pessoas que eu te mandei ir atrás. Fora Lancaster, não há ninguém nessa porra dessa cidade que saiba mais do oculto do que eu. E de que vale isto? Ele perambulou pela sala e passou a mão nos cabelos.

—Nada. Pra isso que sirvo. Eu não posso ajudá-la. Eu não posso fazer porra nenhuma. Não pude salvar você daquela demoness. E não sei nada sobre esse medalhão.

Eu estava estupefata com sua reação. —Hei, calma. Tá tudo bem. Sente-se. Não fique se culpando.

—Não tá nada certo. Ele chegou num impasse. —Me sinto... impotente. Para alguém que tinha passado a vida fazendo coisas horríveis em busca de poder, podia perceber como era difícil admitir isso.

—Você não é obrigado a fazer nada aqui. Disse gentilmente. —Você me ajuda mais do que se dá conta. Mas essa não é sua batalha. Essa não é sua responsabilidade.

—Você é minha responsabilidade. Ele disse. —Se eu não puder cuidar de você, então pra que você precisa de mim?

—Eu não estou com você pelo que você pode fazer por mim.

—É? Você está comigo pela minha personalidade cativante?

A verdade era que algumas vezes, eu não tinha ideia do motivo de estar com ele. Eu não conseguia evitar de lembrar seus comentários sobre eu só estar com ele como um companheiro pra aquecer a cama, mas verdade ou não, essa não era a hora de trazer isso à tona. Além do mais, ele vinha sendo tão doce ultimamente - algo que eu não esperava quando tinha recorrido a ele por estar com raiva do Seth.

—Dante, eu tô falando sério. Não se preocupe com nada disso. Eu vou cuidar disso e falar com meus amigos.

Percebi pela sua expressão que não era bem isso que ele esperava ouvir. Saber que eu tinha outras pessoas a quem recorrer, parecia fazer com que ele se sentisse mais inadequado.

—Você não devia se envolver com nada disso. Ele disse.

—No que, em achar Jerome? Claro que eu tenho que me evolver.

—Há outras pessoas que são mais poderosas. Eu não quero que você se machuque novamente! Porque você não pode continuar deitada e se manter salva? Ele pediu.

—Porque eu não sou assim! E mais ninguém vai fazer nada. Eles estão deixando tudo de lado. Deixando Jerome de lado.

—Por que você não consegue deixar tudo pra lá? Ele perguntou. —Seria tão ruim trabalhar sob as ordens de outro demônio? Você já trabalhou para outros.

Eu me virei e fiquei olhando pela janela. O céu estava azul, mas algo me dizia que fazia

frio lá fora. Era bem o jeito excêntrico do tempo em Seattle. Várias vezes tinha temperaturas quentes quando estava nublado e temperaturas baixas quando estava ensolarado. Desviando meu olhar de volta para Dante, eu disse. —Sim, já trabalhei. Mas isso é diferente. Isso não está certo - não devia ter acontecido. Eu tenho que achar Jerome.

—Sim. Você tem. Está na sua cara. Por que você tem que tornar tudo tão difícil e gerar estes problemas?

—Se você não está contente, ninguém está te obrigando a continuar aqui. Eu disse calmamente.

—É claro que eu vou continuar aqui. E se não tem nada pra fazer quanto à sua impulsividade, vou tentar pelo menos ajudar. Ele apanhou a foto e olhou furioso para ela. —Deixe-me ficar com isso e perguntar por aí. Posso não saber o que é isso - ainda - mas há algumas fontes que eu posso consultar.

Havia uma expressão dura em seu rosto. Ele era um homem com uma missão, e antes ele se cobrando, do que me perturbando. Eu estava pra me despedir dele com minhas bênçãos, mas algo fez com que eu voltasse atrás. Eu não podia deixar a foto ir com ele.

—Eu quero ficar com a foto. Disse a ele.

Ele me encarou. —Você acha que eu não vou devolver?

—Não. Não é isso que me preocupa. Mas eu passei por poucas e boas pra pegar isso, além do mais, quero mostrar isso para algumas pessoas também. Você pode fazer uma cópia. Aí leva ela.

—É? Você tem uma máquina de xerox no seu banheiro?

—Você não pode desenhar ou algo do gênero?

—Súcubos.

—Bem, eu não sei! Mas se você quer fazer uma investigação, vai ter que dar um jeito. Até que eu sinta vontade de vasculhar a cidade com você, quero que a foto continue comigo.

Ele me olhou com raiva, fazendo com que eu me lembrasse de sua costureira amargura. Finalmente, percebendo que eu não iria ceder, ele fez um rápido rascunho do medalhão num pedaço de papel. Ele anotou algumas coisas na lateral, e copiou da melhor maneira os símbolos. Ele parecia infeliz durante todo o tempo.

—Desculpe. Eu disse.

—Tá tudo bem. Ele disse.

—Você vai agora?

—Se você acha que vai ficar bem.

Assegurei a ele que ficaria. Meu telefone estava perto, e eu tinha o pressentimento que se ele ficasse seria só pra ficar mais e mais irritado sobre como ele tinha me deixado na mão e como eu estava me colocando em perigo por razões que ele não compreendia. Pelo

menos isso deu a ele um propósito.

Prometi ligar pra ele se algo acontecesse e suspirei aliviada quando ele finalmente se foi.

Fiquei na cama mais um pouco depois disso, consumindo meu café da manhã cheio de calorias e pensando sobre sua reação extremada. Tinha esperança dele descobrir algum coisa pra mim e nesse meio tempo, precisava investigar sozinha também. Mas antes de mais nada, pensei. Precisava de um banho. Se mostrou

mais difícil do que eu imaginava - mas não impossível. Só tinha que me mover devagar enquanto andava até o banheiro, tendo cuidado de não ficar ambiciosa. Os curativos de Hugh ainda cobriam minhas costas, e me custou muita destreza pra removê-los. Eles estavam ensopados com sangue, mas embaixo, os cortes davam sinais da cura da Mei. Eles ainda estavam lá, ainda desconfortáveis, mas já tinha formado casca e estavam menores. Eu mantive a água morna enquanto tomava banho e tive bastante cuidado ao me enxugar pra não abrir nenhuma das cicatrizes.

Na hora em que me sentei no sofá da sala, sentia como se tivesse corrido uma maratona. Nunca desejei tanto o poder de mudar de forma em toda a minha vida. Eu estava usando roupas largas - uma calça amarrada por um cordão e um camiseta sem sutiã - mas tinha exigido um grande esforço para colocá-las. Eu havia desistido completamente do meu cabelo e achei que só penteá-lo já estava muito bom. Não tinha paciência pra secá-lo e não queria nem pensar em como ele iria ficar enrolado por conta disso.

Aubrey se juntou a mim no sofá e eu descansei do meu trabalho matinal, zapeando os canais. Após passar por todos pela segunda vez desisti e deixei sintonizado num programa sobre tigres siberianos. Aubrey assistia com os olhos arregalados, mas eu não estava interessada.

—Esse é o seu equivalente de Reality Show. Observei.

—Os Talk Shows só começam mais tarde. Uma voz disse repentinamente. —É nessa hora que as coisas melhoram.

Eu suspirei. —Carter. Que surpresa agradável.

O anjo andou até que eu pudesse vê-lo e se sentou na poltrona na minha frente. Imediatamente, Aubrey me abandonou e pulou em seu colo.

—Traidora. Eu disse.

Ele riu e acariciou a cabeça dela. —Dizem por aí que você teve um dia péssimo ontem.

—Já tive piores. Eu disse. —Isso não é nada. Você tinha que ter me visto antes de Mei me curar.

—Bah, demônios não podem curar. Não de verdade. Eles perdem a delicadeza necessária quando passam para o outro lado.

—Hei, Eu aceito a ajuda que eu consigo. Eu elucidei. —E por falar em ajuda, eu acredito ter uma foto do selo —

—Não

—Não o quê?

—Eu sei o que você vai perguntar, e a resposta é não.

—Você não tem ideia do que eu vou perguntar!

—Você vai me pedir pra ajudar a identificar o selo pra que você possa descobrir onde Jerome está.

Fiquei em silêncio. Merda.

Ele rolou os olhos. —E a resposta é não.

—Mas você podia tornar isso tão fácil. Argumentei. —Dante saiu pra tentar descobrir o que o selo significa. Você podia me contar agora mesmo.

—Georgina, eu já te disse antes. Eu não posso interferir.

—Então por que você está aqui?

—Pra ver como você está se sentindo. Acredite, eu gostaria de poder interferir. Eu te curaria melhor do que a Mei.

Fiquei em silêncio, minha mente girando. —Onde você estava ontem? —Fazendo o quê?

—Olha, eu não consideraria isso interferir, mas só me diga se foi você.

Carter não costuma se mostrar surpreso. Se muito, era ele quem bagunçava com a cabeça dos outros. Acredito, que sob circunstâncias normais, quando os assuntos imortais de Seattle não estavam no limbo, ele teria fingido e escondido sua confusão. Agora, ele apenas chacoalhou sua cabeça de forma exasperada.

—Do que você está falando?

—Alguém esteve aqui depois de Nanette ter me batido. Um cara. Ele me colocou na cama e chamou Hugh.

—Não fui eu.

—Tecnicamente, não se classificaria como interferência.

—Georgina. Ele disse firmemente. —Ouça. Não fui eu.

Eu olhei nos seus olhos e senti um arrepio com a intensidade de seu olhar. Seus olhos eram cinzas, mas enquanto os de Dante eram como nuvens num dia de inverno, os de Carter eram como prata cintilante.

—Não foi você. Eu disse por fim. Ele tinha respondido diretamente, com nada de meias-verdades e subterfúgios que anjos normalmente usavam. Ele tinha respondido diretamente, e anjos não podiam mentir. —Acredito que você não tenha explodido o fogão, tampouco?

—Não.

—Quem fez isso então? Você disse em Vancouver que tentaria me proteger. Achei que fosse você.

—É possível que o fogão tenha explodido devido a um vazamento de gás.

—Talvez. Eu resmunguei.

Ele sorriu, se transformando instantaneamente no anjo gozador que eu conhecia.

—Acredite em mim, Filha de Lilith, eu queria levar o crédito por esses feitos. E se chegar a esse ponto, e eu tiver os meios e a habilidade necessária,

eu tentarei te proteger. Por hora, vou ter que me manter fora disso.

—Visitas de lado.

—Somente uma visita entre amigos. Ele piscou e se levantou. —Eu realmente gostaria de poder ajudar mais, mas você vai ter que descobrir outro jeito. Tenha cuidado, seja lá o que você acabe fazendo.

—Você não vai me alertar pra me afastar disso tudo? Ele arqueou a sobrancelha. —Deveria?

—Não. Eu falei. —Mas todos estão dizendo. Eles falam que é perigoso.

—É perigoso. Mas são tempos perigosos, e honestamente? Você é a única que tem os meios ou o desejo de nos tirar dessa confusão. Boa sorte, Georgina. E não saia de casa sem antes checar seu cabelo. Ele desapareceu.

—Porra de anjos.

Percebi que estava com fome de comida de verdade, não de doces cheios de açúcar. Minha cozinha estava vazia como de costume, então decidi me arriscar e sair pra pegar algo. Eu estava cansada e certamente não tinha capacidade de correr uma maratona, mas a cura de Mei realmente tinha ajudado muito. Eu podia andar um quarteirão para pegar comida num restaurante Chinês ali perto. Fiz o pedido, e até que tirasse meu robe e chegasse até a porta, minha comida já estava pronta.

Parei num mercadinho pra pegar um refrigerante, e todo o esforço acabou me custando somente trinta minutos. Pela expressão de Aubrey, podia-se pensar que eu tinha passado um dia inteiro fora, mas era de se esperar, porque ela só estava interessada no meu frango com laranja.

Coloquei meu robe novamente e relaxei com a comida, pensando em como passaria o resto do dia. Como tinha dito a Dante, não queria ficar perambulando pela cidade, mas queria algumas pistas sobre o medalhão. Erik era por hora, provavelmente minha melhor opção, e tinha esperanças que ele pudesse identificar meus símbolos através de uma descrição por telefone. Antes que pudesse fazer isso, ouvi uma batida na minha porta. Achava que podia ser Hugh fazendo uma visita, mas para minha surpresa, era Seth.

—Hei. Eu disse, dando um passo de lado para que ele pudesse entrar.

—Hei. Ele respondeu.

Enfiei as mãos nos bolsos do meu robe puído, desejando não ter sido tão afobada pra me trocar. Meu cabelo era sem dúvida uma causa perdida, então não tinha sentido me estressar por conta disso. —Como vão as coisas?

—Tudo bem. Ele olhou diretamente em meus olhos, algo que ele não fazia há algum tempo. Deu um formigamento em minhas costas. —Eu estava na vizinhança e quis... bem, isso é... Ele suspirou. —Eu só queria me desculpar pelo que aconteceu ontem...

Ontem. O beijo. Algo que somente o ataque de um demônio poderia ter minimizado.

Chacoalhei minha cabeça, tentando não lembrar como eu tinha sentido aquele beijo, até a ponta dos dedos. —Você não tem porque se desculpar. Eu acho... Eu acho que sou tão culpada quanto. Além do mais, não foi nada.

—Nada? Ele perguntou, parecendo ao mesmo tempo surpreso e ferido.

—Quero dizer, não nada. Emendei rapidamente. —Mas estávamos os dois meio que empolgados, e as coisas saíram do controle, e bem, como eu disse... Nada que precise se desculpar.

—Tá bom... Estou contente por você não estar brava. Eu não quero que haja nada... bem, nada de mau entre a gente.

Me lembrei de todas as brigas e discussões. —Bem, não acho que a gente tenha alcançado este estágio. Quero dizer, qual é, você acha mesmo que as coisas serão algum dia normais e amigáveis entre a gente?

—Sim. Ele disse bruscamente. —Não importa o que venha ou não a acontecer romanticamente, ainda sinto como... Como se houvesse algo entre nós... Como uma conexão, quero dizer. Sinto como se nós sempre estivéssemos destinados a ser uma parte importante da vida do outro.

Você é a minha vida pensei e prontamente desviei meu olhar, como se ele pudesse me ouvir.

—Você se arrepende? Perguntei antes de me dar conta do que estava fazendo.

—Arreponder?

—Por ter terminado tudo.

Olhei novamente para ele, temendo sua resposta, não importando qual fosse. —Eu me arrependo... bem, eu não me arrependo de ter te livrado de sofrer no futuro. Eu me arrependo do sofrimento que causei a você... Se eu soubesse que você reagiria dessa forma vertiginosa que você reagiu...

—Você não pode levar isso em consideração. Eu disse rapidamente. —Isso não foi sua culpa. Eu estava surpresa por dizer isso, mas era verdade. Meu mau comportamento nos últimos meses tinha sido minha culpa.

—Não consigo me conter. Eu vou sempre me preocupar com você. Como eu disse, eu sinto como não importa o que, nós vamos estar sempre conectados... Como se houvesse algo

maior do que nós nos conduzindo. Como se fosse...

—O quê?

—Não importa.

Eu dei um passo à frente, sem perder o contato visual com ele. —Me diga.

—Como se fosse.. Ele deu de ombros. —A vida é mais fácil quando não estou te namorando. Mas algumas vezes... Me sinto incompleto. Como se uma parte de mim estivesse faltando.

—E isso é mais fácil?

—Pense nisso como ganhar na loteria e ter pessoas disponíveis pra fazer tudo o que você necessita, mas com um custo, sei lá, ter sua perna amputada.

—Uau. Você devia ser tornar escritor com essa imaginação. Ele sorriu. —Sim, sim. Mas você entendeu o que eu quis dizer.

Exceto que eu estava perdendo uma parte da minha vida e as coisas estavam mais difíceis e não mais fáceis. —Pelo menos você tem a Maddie.

—E você tem o Dante.

—O Dante não é a Maddie, pode acreditar em mim.

—Isso é justo. Ela é maravilhosa... Eu me importo com ela... A amo... Eu não sei. É tudo muito diferente.

Um silêncio confortável se seguiu a isso. —Deus do céu. Não acredito que estamos discutindo isso racionalmente.

—Viu? Não é tão difícil sermos amigos.

Eu tinha minhas dúvidas quanto a isso. —Eu acho.

—Não se preocupe. Continuaremos tentando. Antes de nos dar conta, já vamos estar numa equipe de boliche ou algo do tipo. Ele disse essas palavras de forma suave, mas havia um quê de desconfiança por trás delas. Sermos amigos não era fácil para Seth também. Ele ainda se importava comigo e sofria o mesmo que eu com a separação. Tomar conhecimento disso fez com que eu me abrandasse.

—Hei, tá tudo bem. Nós vamos fazer com que dê certo.

Eu me estendi para poder abraçá-lo, e ele agiu de forma recíproca. Me senti amada, segura e correta nos braços dele - até que ele casualmente apertou minhas costas. Eu gritei alto, me afastando por conta da dor que me perpassou. Nós nos separamos, e ele me olhou de forma alarmada. —O que há de errado? Você está bem?

—É... Complicado. Minha reposta padrão para perguntas inconvenientes.

—Georgina!

—Não é nada. Não se preocupe com isso.

Ele caminhou em minha direção, estendeu uma mão, e depois puxou ela de volta para si. Seu semblante estava intenso. —Você está machucada?

Tentei me manter fora de seu alcance. —Olha, me meti numa briga noite passada, e agora

estou ostentando alguns, hum, efeitos colaterais. A maior parte já está melhor, então penso que não há nada com o que se preocupar.

—Você? Se meteu numa briga? Com o quê?

—Quem. E foi com Nanette. Eu te disse que não era nada.

—Quem é Nanette?

—Ela é... Uma demoness.

Ele me olhou diretamente nos olhos. —Uma demoness. Uma demoness mesmo.

—Algo do tipo.

—Me deixe ver suas costas.

—Seth -

—Georgina! Me deixe ver suas costas.

Havia raiva em suas palavras, não comigo, mas pelo pensamento de alguém ter me machucado. Me lembrou um pouco a reação de Dante, exceto que Dante sempre teve um pouco de raiva inerente a ele. Era normal. Ver isso despertar em Seth... Vê-lo tão zeloso e destemido... Devagar, bem devagar, eu me virei e desatei o laço da frente do meu robe, deixando que ele escorregasse até metade das minhas costas. Ouvi Seth arfar com a visão que teve, e alguns momentos depois, ele se aproximou e afastou meus cabelos das minhas costas para que pudesse ter uma visão melhor. Eu me arrepiei quando seus dedos tocaram minha pele.

—Georgina... Isto é horrível...

—Antes estava pior. Eu disse de forma irreverente esperando que isso diminuísse sua preocupação e percebendo depois que só a tinha aumentado.

—Pior?

Eu ateí novamente o laço do robe e me virei. —Mei me curou. Eu estou bem.

—Sim, parece mesmo.

—Olha, não é nada com que você tenha que se preocupar.

—Nada pra me preocupar? Seus olhos estavam tomados de incredulidade.

—Mesmo que você esteja... Normal... Uma demoness ainda poderia te matar, certo?

—Sim.

Seth levou suas mãos à testa e suspirou. —É assim que é então, não é?

—O quê?

—O que você passou comigo. Vivendo com o medo da minha morte. Com isso te

estraçalhando.

Eu não respondi de pronto. —Você não tem que se preocupar comigo. Isso vai se resolver.

—Essa... Essa Nanette fez isso por causa da nossa investigação?

Eu assenti, depois dei a ele um sorriso seco. —Ainda gosta de como eu sou destemida?

Ele se aproximou de mim e me olhou de cima a baixo de um jeito tão sério que meu sorriso se desfez. —Mesmo depois disso, você não vai parar, não é? Você vai continuar insistindo em achar Jerome?

—Você quer que eu pare? Isso era muito parecido com a conversa que tinha tido mais cedo com Dante, quando ele tinha deixado claro que me achava uma tola por continuar a minha busca.

Seth demorou um longo tempo para responder. —Eu não quero que você se machuque. Mas eu te entendo, e eu entendo o porquê de você ter que fazer isto... E isto faz parte dessa sua estranha e corajosa natureza que é tão...

Ele não terminou, mas vi angústia em seus olhos, o pesar a preocupação de que algo viesse a acontecer comigo. Estava misturado com algo mais. Orgulho. Afeição. O abracei novamente, desejando o confortar dessa vez. —Hei, hei. Tudo vai ficar bem. Eu vou ficar bem.

Ele pousou suas mãos em meu quadril, tomando cuidado com minhas costas, mas honestamente, eu mal notei. Minha atenção estava toda voltada para seus lábios pressionados contra a minha bochecha.

—Georgina, Georgina. Ele respirou de encontro a minha pele. —Você é... Incrível.

E como no carro, eu não soube exatamente quem culpar, mas nossos lábios se encontraram e nós estávamos nos beijando novamente. Diferentemente de antes, nós não nos afastamos tomados pelo choque. Continuamos a nos beijar. E beijar. Seus lábios eram intoxicantes e pareciam ter sido feitos especialmente para mim. Nossos corpos se pressionaram um contra o outro, apesar de seu abraço ainda ser gentil. Conforme o beijo continuava, a mesma sensação voltou a me assolar: isto era somente um beijo. Somente uma expressão de amor entre duas pessoas sem efeitos colaterais, sem roubo de alma. Quanto mais longo se tornava, mas maravilhada eu ficava. Nessa hora, como súcubos, eu já teria começado a sentir sua energia e seus pensamentos. Mas não agora. Eu estava sozinha em meus próprios pensamentos, saboreando seu corpo e não sua alma.

Nós nos afastamos um pouco e ele moveu sua mão para a lateral do meu rosto, afastando meus cabelos e tocando minha bochecha. —Georgina. Você é... Linda.

Nós nos beijamos novamente, e era tão doce, tão puro, que não parecia ser possível. Eu não tinha uma experiência física que podia realmente ser chamada de pura e doce desde... Bem, desde meus dias mortais. Mas isto era. E por puro, eu não quero dizer não-sexual... Porque meu corpo estava definitivamente acordado e clamando pelo dele. Mas,

isso era puro no sentido de que não existiam maquinações veladas, somente nossos sentimentos. Meu amor por ele era o que me deixava excitada e enquanto suas mãos corriam por meus braços e iam até meu quadril, tinha o conhecimento de que era Seth que fazia tudo ficar tão poderoso.

Suas mãos cuidadosamente se moveram para o laço do robe e desfizeram o nó. Ele parou de me beijar e estudou meu rosto hesitantemente, quase com reverência, e tirou meu robe. Ele atingiu o chão, e eu sai de dentro dele. Seth se moveu junto comigo, escorregando seus dedos pelos meus braços, se inclinando para beijar meu pescoço. Eu inclinei minha cabeça para trás enquanto minhas mãos começavam a tirar a camiseta dele. Quando tinha tirado até a metade, ele parou para tirar o resto.

Então suas mãos estavam na minha cintura de novo, descendo e sentindo a curva dos meus quadris. Eu estava com calcinhas de cotton simples - sexy e bonitinha, pelo menos - e a ponta de seus dedos a segurava pela beirada, escorregando pelas minhas coxas, cada toque suave estava repleto de uma energia presa. Eu não acreditava que estivesse sendo tão gentil. Estava faminta por tocá-lo, ávida enquanto movia minhas mãos por seu peito e os músculos firmes de sua barriga. Eu queria beijar e provar e me perder em tudo relacionado ao Seth.

Eu comecei a me direcionar para meu quarto, e ele me seguiu, se tornando hesitante quando alcançamos a cama e começamos a nos sentar. —Você não pode... Ele começou.

—Eu não posso me deitar. Eu disse, fazendo exatamente isso. —Eu só não posso dar pancadas fortes na minhas costas nem nada do tipo.

Após me olhar por alguns momentos e tendo a certeza de que eu dizia a verdade, Seth tirou seu jeans e se deitou ao meu lado. Eu rolei suavemente de lado, me pressionando contra ele. Nós voltamos a nos beijar, fazendo apenas isso, somente deixando nossos corpos se entrelaçarem. Ter tanta pele sendo tocada era emocionante. Nunca, nunca imaginei que isso poderia acontecer. Nossas mãos nos exploravam simultaneamente, sentindo cada linha e curva que nos tinha sido negada anteriormente. Cada toque entre nós era excelente. Cada carinho era como uma prece. Nós apreciávamos nossos corpos com maravilha e prazer.

Quando minhas mãos se moveram para a beirada da sua cueca boxer, senti suas próprias mãos puxando minha calcinha. Nós mal precisávamos nos comunicar, e quando já estávamos completamente nus, eu o abracei, puxando-o para cima de mim e buscando a realização com ele que há tanto tempo sonhava.

Para minha surpresa, ele afastou meus braços e se moveu para a parte de baixo da cama. —O que você está fazendo? Eu perguntei.

—Isto. Ele disse.

Ele suavemente abriu minhas pernas, e o senti umedecer a parte de dentro das minhas coxas com beijos suaves e delicados. Subindo e subindo, sua boca quente se moveu e fez contato com meu clitóris. Eu arfei suavemente em resposta ao fogo que me atingiu devido aos leves toques de sua língua. Eram tão leves... E ainda assim tão poderosos. Eu estava tão intoxicada com o simples fato de podermos nos tocar que não tinha tido consciência de quão excitada eu tinha ficado. Eu queimava, estava molhada e praticamente me derretia com o seu toque.

Ele ergueu sua boca suavemente. —Você sabe há quanto tempo eu venho sonhando com

isso? De ser capaz de tocar em você? De provar você?

Eu tive pouco tempo para ponderar sobre suas questões porque seus lábios retornaram em mim, sugando e lambendo, de algum jeito infinitamente gentil e ardente ao mesmo tempo. Fechei meus olhos e me entreguei ao prazer de Seth me deixando cada vez mais próxima do orgasmo. Enquanto meus músculos se retesavam e meus gritos se tornavam mais freqüentes, ele intensificava seus movimentos, sua língua dançando e provocando mais forte e mais rapidamente.

Eu tentei me segurar, prolongar isso como costumava prolongar seus livros, mas não pude me deter. Meu clímax me atingiu rápido e feroz, e eu gemi longa e lentamente enquanto gozava. Enquanto isso, Seth mantinha sua boca lá

embaixo, recusando-se a levantar enquanto meu corpo arqueava e tremia devido ao excitamento do êxtase que tinha me atingido. Quando meu corpo finalmente se aquietou, ele se levantou e voltou para o meu lado, umedecendo meu peito com mais daqueles beijos suaves.

Eu aproximei meu rosto do dele, mudando os beijos suaves para um mais prolongado. Sua boca tinha o meu gosto e eu abri minha boca mais e mais enquanto nossas línguas se encontravam. Eu poderia já ter gozado, mas ainda queimava entre minhas pernas e ainda o desejava. Me pressionei contra ele, enlaçando minhas pernas ao seu redor fazendo assim com que quase não tivesse espaço entre nossos quadris.

—Georgina... Ele disse me alertando.

Era outro sinal de quão bem nos conhecíamos e eu percebi que ele não estava preocupado em pedir permissão para o que viria em seguida. Ele estava preocupado com as minhas costas novamente. Então, me virando, virei ele de barriga para cima e passei minhas pernas ao seu redor, olhando para ele com um sorriso no rosto. Ele sorriu em resposta, contente com a pronta solução. Enquanto mantínhamos o olhar, me senti outra vez devastada pela emoção da experiência, como era incrível finalmente tocar alguém que eu amava. Eu havia ficado aterrorizada com a possibilidade de morrer, mas percebi então que só estava com medo de morrer em vão. Por Seth, para salvá-lo, eu teria entregado alegremente a minha vida. Ele estava certo. Nós estávamos ligados por algo maior do que nós dois. Levada por essa conclusão abaixei meu quadril, nos unindo por fim. O senti entrar em mim, o senti me preencher inteira. Nós dois paramos nesse momento, nenhum de nós respirava ou se movia, meio que esperando que algo acontecesse para por um fim nisso tudo. Nada aconteceu, e depois disso, não hesitei mais.

Devagar, movi meu quadril para cima e para baixo, saboreando a sensação dele em mim e embaixo de mim enquanto ele deslizava para dentro e para fora. Minhas mãos estavam em seu peito e suas mãos estavam em meu quadril. Nossos olhos estavam presos um no outro, nunca hesitando, nunca perdendo contato.

Como descrever o sexo com Seth? É difícil. Era diferente de tudo que eu já havia provado na minha existência como súcubos. Em algum lugar, no fundo da minha mente, ressoavam memórias do meu casamento, quando eu e meu marido ainda éramos felizes. Todas as outras ocorrências depois disso eram nulas... Até agora. Cada movimento e toque com Seth era um sonho, uma maravilha.

A intensidade de fazermos amor cresceu ainda mais. A necessidade que eu sentia dele cresceu mais e mais forte e eu o segurei com uma ferocidade que era ainda assim terna e cheia do amor que queimava entre nós. Eu amava senti-lo, amava como podia empurrá-lo dentro de mim, mais forte, mais fundo. E ainda assim...

—Não é suficiente. Murmurei. —Ainda não estamos perto o suficiente. Talvez tenha sido um sentimento tolo, considerando que fisicamente nós estávamos o mais perto que duas pessoas poderiam ficar. Mas Seth me entendeu.

—Eu sei. Ele arfou. —Eu sei. Nós nunca vamos ficar próximos o suficiente.

Alegria tomou seu semblante nesse momento, e quando ele gozou, seu corpo arqueou em minha direção. Eu me inclinei em sua direção e aumentei meu ritmo e força, desejando desesperadamente tê-lo mais perto e ter o mais dele que eu pudesse. Sua boca se abriu num gemido que imitava o meu anterior, e quando ele

começou a instintivamente fechar os olhos, ele rapidamente os abriu de novo para continuar me olhando. Não havia desvio de olhar entre a gente, não evitávamos o que sentíamos. Enquanto olhava para seus olhos e sentia o tremor de seu corpo cessar, energia parecia crepitar entre nossas almas de um jeito que não tinha nada a ver com o roubo de energia vital de súcubos.

Cuidadosamente, eu sai de cima dele e deitei ao seu lado novamente, adornando seu corpo com o meu. Eu estava me afogando em sentimentos e emoções.

—Georgina. Ele murmurou, me puxando para mais perto. —Você é meu mundo.

Eu já havia ouvido isso antes em algum lugar, mas eu estava muito sobrecarregada para analisar isso agora. Eu estava muito perdida em Seth. Ao invés disso, o que eu disse não tinha originalidade nenhuma, mas era a absoluta verdade: —Eu te amo.

DEZOITO

Quando terminou, descansei minha bochecha no peito de Seth enquanto me mantinha de lado. Seu coração batia forte sob minhas mãos, e o cheiro de sua pele e suor quase me sobrepujava. Eu fiquei ali, imóvel, quase sem me permitir respirar. Eu tinha medo de que se me movesse muito, quebraria o feitiço, este sonho que de alguma forma, eu tinha penetrado.

Devagar, com cuidado, Seth correu seus dedos pelos meus cabelos, preguiçosamente torcendo-os em caracóis.

Ele deixou sua mão cair e se virou delicadamente, somente o suficiente para pousar um beijo em minha testa. Eu suspirei e me aproximei mais, me dando conta de que eu realmente não ia acordar desse sonho.

Pelo menos, foi o que eu pensei até que seu celular tocou.

O toque era —Where the Streets Have no Name do U2, não era uma música particularmente pesada ou estridente, mas mesmo assim fez com que eu hesitasse. Por um momento, seguramos a respiração, os dois paralisados. Eu queria que o telefone desaparecesse da face da terra, que fosse destruído do mesmo jeito que eu temia que um demônio pudesse me destruir. Eu precisava que ele fosse destruído, porque, se continuasse tocando, significaria que nada disso era real. Que teríamos que enfrentar a realidade.

Mas já era tarde. O feitiço tinha se quebrado. O telefone era real.

—Você devia atender. Eu disse.

Ele hesitou por dois segundos, suspirou e depois, devagar, desembarçou-se de mim, ainda tomando cuidado com minhas costas. Sentando na lateral da cama, ele se abaixou e tirou o celular do bolso de seu jeans. Eu virei, me apoiando no cotovelo, admirando o formato de seu corpo, enquanto um estranho e amargo sentimento começava a correr pelo meu coração. Eu sabia, sem saber como eu sabia, que era Maddie.

—Hei. Sim... Eu fiquei preso com... hum... Seth fez uma pausa, e eu pressenti algo monumental prestes a acontecer. —Eu tive uma idéia pra este último capítulo.

Cerrei meus olhos. Desde que eu conhecia Seth, nunca havia visto ele mentir.

—Certo. Sim. Tá bom. Hum, se eu sair agora, devo chegar em... Hã, vinte minutos. Mmm-hmm. Você quer que eu te pegue, ou...? Tá bom. Te vejo lá.

Ele desligou e se manteve sentado de costas para mim, segurando o telefone em sua mão. Embora ele tivesse se endireitado, tinha a aparência de alguém encurvado, ciente da derrota.

—Você tem que ir? Eu perguntei.

Ele olhou para mim, com angustia. —Georgina...

Eu dei um sorriso sem-graça. —Tá tudo bem. Eu não fui enganada. Eu entendo

a situação.

—Eu sei, mas eu quero que você saiba que isto não foi... Que isto não é...

Não havia necessidade de ele terminar a sentença. Uma das coisas que eu sempre amei sobre Seth era sua natureza aberta e honesta. Algumas vezes ele podia esconder seus sentimentos de mim, mas muitas outras vezes eles apareciam descaradamente em seu semblante. Essa era uma dessas vezes.

Com um simples olhar, eu vi o que se passava em seu coração, que ele não havia feito sexo comigo porque eu era fácil ou estava disponível. Ele havia feito por causa dos seus sentimentos por mim, porque ele tinha me amado - e ainda me amava. O que fez com que tudo isso se tornasse muito pior.

—Eu sei. Eu disse suavemente.

Depois de mais um beijo em minha testa, ele se trocou. Eu me embevecia com cada movimento seu, sem ter a certeza se voltaria a ver isso de novo. Quando ele estava vestido e pronto pra sair, ele se sentou ao meu lado na cama, brincando com meus cabelos de novo. Mais uma vez seus olhos castanhos dourados estavam cheios de sentimento. Ele estava sobrepujado e confuso. Eu também estava, mas para seu bem, eu tentei parecer forte e articulada.

—Tá tudo bem. Eu disse. —Foi ótimo. Maravilhoso... mas eu entendo que não devíamos ter feito e que não podemos nunca... Realmente bem articulada.

—Sim. Ele concordou.

—Foi só essa vez. E foi perfeito.

—Só essa vez. Ele repetiu.

Eu não conseguia ler o seu tom de voz, mas algo me dizia que ele não estava inteiramente feliz com isso. Tampouco eu estava, mas honestamente, o que podíamos fazer? Nós tínhamos nos entregado à paixão e agora ele tinha que voltar para a namorada. Fim de papo.

Ele inclinou minha cabeça para trás, e nossos lábios se encontraram num suave e excitante beijo. Foi breve, somente alguns segundos, mas senti aquela mesma profunda conexão de almas que havia me consumido durante o sexo. Ele se levantou e me estudou por mais alguns momentos, como se nunca mais fosse me ver. Eu me senti meio boba por estar ali deitada nua, mas seu semblante me dizia que ele me achava linda.

Ele partiu depois disso, e eu continuei na cama, embevecida com meus próprios

sentimentos. Aubrey se juntou a mim, se enroscando em minhas pernas.

—É assim que tem que ser, Aubrey? Eu não conseguia me decidir. Certamente, o sexo com Seth tinha sido algo que eu nunca tinha imaginado. Mas o que havia acontecido depois. Era um pouco preocupante. Nada que dissesse respeito à situação era normal. Eu não tinha experiências anteriores semelhantes nas quais pudesse me apoiar.

Após quase meia hora encarando o vazio e não chegando à conclusão alguma saí da cama. Eu ainda estava me curando do que tinha acabado de acontecer, e meu corpo queimava com o que Seth tinha feito. Normalmente eu gostava do

banho após o sexo, mas não hoje. Eu podia sentir o cheiro de Seth em mim, seu suor e até mesmo um pequeno traço de sua colônia de uma mistura de couro com maçã que ele usava algumas vezes. Eu não podia suportar a idéia de lavá-lo de mim ainda, então coloquei meu robe puído de novo. Puído ou não, seu tecido era macio contra minha pele machucada.

Eu estava para sair do meu quarto, quando notei a foto do medalhão no chão. Peguei, com a intenção de colocá-la na minha escrivaninha, e paralisei. Havia uma mensagem escrita nela. Escrita com uma caligrafia elegante em tinta preta que dizia: Quartzos rosas indicam terra ou algo a ver com a terra. Os símbolos do medalhão estavam circulados, com setas indicando cada um deles, que tinham pequenas anotações: isto indica uma afinidade com a água, um estado harmonioso de união; este é similar com o da água, só que é da terra; este é um símbolo disfarçado, tenciona proteger o objeto e manter o selo forte; este estranho aqui representa brancura ou palidez - talvez areias ou pedras brancas?; este é o símbolo das lágrimas - combinado com o símbolo da água provavelmente indica água salgada.

Reli as anotações por três vezes. De onde elas tinham vindo? Quando isso tinha acontecido? Eu refiz os meus passos, tentando descobrir quando eu tinha abandonado a foto. Não havia nenhum recado quando eu a tinha mostrado ao Dante. O momento provável para isso acontecer deve ter sido quando sai pra comprar comida. Alguém podia, teoricamente, ter invadido meu apartamento e ter feito isso enquanto eu estava com Carter na sala, mas passar despercebido para um anjo parecia bem estranho. A não ser... Seria possível que Carter tivesse me ajudado no final das contas? Ele seguia dizendo que não podia; ele tinha inclusive negado diretamente qualquer tipo de envolvimento com meu resgate. Mas o tempo aqui era de uma coincidência estranha. Continuei encarando os símbolos, as anotações e a foto do selo. Quem tinha escrito aquilo era irrelevante agora. Se suas anotações estivessem corretas, então eu tinha que as usar para achar Jerome.

Carter havia dito que o selo servia dois propósitos. Um era para encher o recipiente com poder. O outro era pra servir como uma fechadura, que poderia abrir o recipiente e libertar Jerome. As partes do selo propriamente ditas estavam com o demônio e o seu invocador, mas os símbolos deviam dar algumas pistas da localização do recipiente. Supostamente, estes símbolos tinham sido usados para esconder Jerome, enchendo o recipiente como um tipo de energia específica com a localização que ajudaria a esconder e mascarar a presença de Jerome.

Uma afinidade com a terra, tanto quanto as marcas para a água - água salgada, especificamente. Uma porção de lugares que estavam infundidos com poder tendiam a ser selvagens, lugares na natureza, apesar de alguns terem se tornado centro de

atividade da civilização. Pike Place Market* no centro de Seattle, por exemplo, estava em um lugar com uma grande poder no qual a humanidade tinha construído.

(*Loja de artigos para agricultura construído em 1907.)

Mas este... O que ele indicava? Algum lugar perto de água salgada, aparentemente. O recipiente estava provavelmente perto o suficiente da água para que os símbolos pudessem reverberar e camuflar sua localização. E a localização da terra? Enterrado na areia talvez? Estaria Jerome enterrado em alguma praia á beira do oceano? Os seqüestradores de Jerome não o levariam tão longe deles, mas mesmo assim, o Pacífico flanqueava todo o Noroeste de Washington. Isso é uma porção de praia, e eu sabia que existiam vários locais com poder em toda a

extensão. Eu não tinha conhecimento de nenhuma praia com areia branca em nenhum lugar por perto; somente com uma investigação mais profunda eu poderia afirmar com certeza.

Gemendo, me deitei na cama, ainda segurando a foto. As anotações tinham apenas encolhido a busca, mas ainda havia uma porção de área pra cobrir. Ainda assim, o que eu poderia fazer? Eu tinha que achar o recipiente, o mais rápido possível, ou então Seattle teria um novo arquidemônio. Observando a foto mais detalhadamente, eu desejei que ela me desse mais alguma informação. Nada.

Somente o medalhão, as anotações misteriosas, e as informações de catalogação de Mary no topo que me dizia pouca -

Eu arquei as sobrancelhas, relendo. Era breve, somente os materiais, nome e data em que o medalhão tinha sido criado e depois apanhado. Mas a data em que ele tinha sido terminado... A data ficava martelando na minha mente. Por quê? Era de uma semana atrás. Algo a respeito daquela data era importante, mas eu não conseguia descobrir o porquê. Parecia que anos haviam transcorrido nessa semana, mas apesar de tudo eu calculei o tempo passado, repassando minhas atividades recentes.

Era isso. O selo havia sido feito um dia depois da primeira vez em que estive em Vancouver... O dia em que a guerra territorial dos vampiros tinha acontecido. Teria a criação do selo acionado o radar imortal de alguém? Eu não sabia, mas se tivesse, Jerome, Grace e Mei estariam totalmente ocupadas ajeitando a bagunça dos vampiros. Engodo.

A partir daí, outras coisas começaram a se ajeitar em minha cabeça. Eu pensei no Exército das Trevas, me perguntando que eventos as atividades deles poderiam estar alinhadas. O evento no Parque Queen Elizabeth combinava com a data em que o selo tinha sido apanhado. E a visita improvisada do exército á Seattle...? Isto havia precedido a invocação do Jerome, penso que eles não gostariam que isto chamasse atenção, gostariam?

A resposta estava ali. Eu só não conseguia juntar as peças ainda. O Exército tinha feito sua performance. Jerome, Grace e Mei tinham dado a eles atenção completa. Jerome tinha sido invocado. Onde os outros jogadores desse jogo estavam?

Deixei a cama e suas memórias sedutoras e atraentes. Achando meu celular, digitei o número de Kristin.

—Olá Georgina. Ela disse, agradável, mas atarefada com sempre.

—Hei. Eu disse. —Como vão as coisas?

—Loucas. Eu podia imaginar a careta que ela fazia. —Cedric está estressado, parecendo um capeta - sem trocadilhos - com todos esses demônios na região. Pelo menos uma coisa... Aquela súcubos o está distraindo.

—Tawny?

—Seja lá qual for o nome dela. Na verdade, Cedric está com ela agora. Amargor e uma ponta de ciúmes transpareciam na voz de Kristin. Eu recordei sua perpétua devoção a ele - e o semblante em seu rosto quando ele tinha convidado Tawny para sair. Eu senti muito por ela, mas tinha meus próprios percalços românticos pra

me preocupar com o dela.

—Hum. Eu realmente não sabia mais o que dizer. —Olha, eu tenho uma pergunta pra você. Você sabe se Cedric veio para Seattle ver Jerome no dia em que o Exército apareceu por aqui?

—Sim. Cedric foi pra ai assim que você deixou a mensagem. Achei que você soubesse.

—Não... Eu só ouvi sobre isso depois do fato, e depois, toda a coisa da invocação meio que ficou em primeiro lugar.

—Por que você quer saber?

Eu hesitei. Gostava de Kristin, mas ela era claramente leal a Cedric. Eu não acredito que seria prudente compartilhar minhas teorias com ela, como o fato do Exército estar em Seattle ter providenciado uma razão conveniente para Jerome e Cedric estarem juntos quando Jerome foi invocado. Ocorreu a mim que eu deveria muito bem um pedido de desculpas a Hugh por ter sido tão inflexível ao negar o envolvimento de Cedric. Algo mais me ocorreu.

—Hum, é uma longa história. Eu disse rapidamente. —Você sabe se ele anda saindo muito com Nanette ultimamente?

—Por quê? Seu tom rapidamente se tornou suspeito. Ela não gostava que eu a interrogasse sobre seu chefe.

—Bem... Eu disse a ele no outro dia que eu achava que Nanette poderia estar envolvida com o desaparecimento de Jerome. Ele não achou que fosse possível, mas ele disse a ela... E ela ficou realmente nervosa. Ela, hum... Bem, vamos somente dizer que ela levou pro lado físico, e eu tenho as cicatrizes que comprovam isso.

Meus amigos imortais tinham chamado minha atenção para o fato de que o ataque de Nanette denotava culpa. Se Cedric a tivesse inflamado o suficiente para ela ficar com raiva quando ele disse a ela, poderia muito bem ter feito com que ela viesse atrás de mim para descarregar sua raiva - e com sucesso mudado a atenção dele pra ela. Caralho. Eu não queria outro suspeito nisso tudo. Eu não queria que fosse Cedric. Até agora, Nanette tinha sido uma explicação satisfatória.

Kristin ficou em silêncio por vários segundos. —Eu não sabia disso. Ela disse num sussurro.

—Você está bem?

—Quase. Mei curou a maior parte, mas eu ainda estou um pouco dolorida.

—Posso imaginar... Cedric nunca teria dito a ela se ele soubesse o que iria acontecer. Ele gosta de você. Ele não permitiria isso. Ele não tinha como saber. Me desculpe.

Ela parecia sinceramente arrependida, sofrendo com o pensamento de que seu chefe - mesmo sendo ele um demônio e um servo do mal - poderia estar envolvido em algo que tivesse se tornado tão terrível.

—Está tudo bem. Eu disse. —Eu tenho que ir, mas obrigada pelas informações. As coisas estão meio doidas por aqui também, como você deve imaginar.

Nós nos despedimos e desligamos. Girei o celular pelos meus dedos, me sentindo sobrepujada. Nanette não estava fora de suspeita ainda, mas agora Cedric corria a seu lado como um suspeito - talvez até mais. Se eu tivesse evidências suficientes, poderia possivelmente levar a Grace e Mei... Mas eu ainda não tinha. Além do mais, descobrir o culpado agora não resolveria uma questão imediata: achar Jerome.

Olhei de volta para a foto, que estava na minha escrivaninha. Machucada ou não, parecia que eu teria que passar um pente fino nas praias.

Eu praticamente nocauteei Dante quando ele voltou pra casa naquela noite.

—Súcubos. Ele disse, deixando que eu o abraçasse. Ele teve o cuidado de pousar suas mãos em meus quadris. —Estou feliz por te ver também.

Minha ânsia era dupla. Eu estava excitada para vê-lo porque eu queria usar seu cérebro pra saber sobre o medalhão e lugares de poder. Mas também... Bem, durante o dia eu tive um bom tempo pra pensar em Seth e no que havia acontecido entre nós. A lembrança de seu corpo ainda me fazia arder, e eu ficava sem ar rememorando a maravilhosa conexão e o senso da certeza que havia entre nós.

E ainda assim... Qualquer que fosse a certeza entre a gente, tinha sido errado. Ele estava com Maddie - minha amiga. Eu tinha ficado magoada quando ela e Seth dormiram juntos pela primeira vez. Comigo não era diferente. Aliás, eu tinha feito conscientemente, o que tornava tudo pior. E agora havia Dante a levar em consideração. Dante, que apesar da escuridão e natureza carrancuda, realmente me amava e estava tentando me conquistar e não ser só alguém com quem eu fazia sexo. Era aqui que meu futuro se encontrava, não com Seth.

Beije Dante nos lábios, me demorando por alguns segundos. —Senti sua falta.

Ele sorriu de esguelha. —Não me olhe desse jeito, ou eu vou ter problemas em me lembrar que você está machucada e que devo me manter afastado de você.

Essas palavras acionaram uma onda de culpa. Meus machucados certamente não tinham sido suficiente para manter Seth longe de mim. Eu poderia ter dito a Dante que eu estava melhor, que isso não importava, ainda assim, por alguma razão... Eu não disse nada.

Nós nos afastamos, e eu entreguei a foto do medalhão para ele. Ele encarou com incredulidade enquanto eu mostrava as anotações fantasmas e explicava minha história.

—Então, você não tem idéia de quem entrou aqui ou como fez isso?

—Não, mas nesse momento, eu não vou questionar.

Ele chacoalhou sua cabeça, com a expressão ainda em choque. —Bem. Gostaria de ter essas informações antes de ter saído. Teria sido muito mais fácil somente esperar os ajudantes invisíveis que vêm e deixam pistas.

Eu me lembrei de que ele tinha saído para ver se conseguia descobrir algo sobre o medalhão. —O que você descobriu?

Ele apontou para a foto. —A mesma coisa.

Repousei minhas mãos sobre as suas. —Desculpe. Eu realmente agradeço sua ajuda. E se a sua pesquisa descobriu a mesma coisa, significa que eu posso confiar nisso.

—Talvez. Ele disse, ele ainda não soava muito feliz por conta do tempo perdido. —O que você vai fazer? Alguma loucura?

—Acho que procurar nas praias.

Dante deixou escapar um assobio. —Há várias dessas por aqui. Sem mencionar que, de qualquer jeito, você não tem como identificar esse recipiente.

—Eu sei. Mas tenho que começar de algum lugar. Você me ajuda a fazer uma lista?

Nós pegamos um mapa da parte noroeste do Pacífico em meu carro e eu o estendi na mesa da cozinha. Examinando todos os pequenos detalhes, nós dois marcamos todos os lugares que conhecíamos. Dante conhecia uma porção a mais do que eu, o que particularmente não me surpreendia. Eu havia falado certa vez para Erik Lancaster que aqueles que estudavam religião tendiam a saber mais do que aqueles que a praticavam. Às vezes, eu sentia o mesmo sobre os assuntos imortais.

Nós achamos doze em toda a extensão que eram fáceis de chegar - e muitas mais além dessas. —Parece que você conseguiu uma porção de trabalho para você. Dante observou. Quando você vai procurar? Está muito escuro agora.

Eu olhei para o mapa, desanimada. —Acho que amanhã. Você pode ir comigo? Carter havia dito que um psíquico como ele talvez fosse capaz de sentir algo.

Ele fez uma careta. —Amanhã não. Na verdade, algumas pessoas marcaram hora. Loucura, né? Provavelmente eu possa ir depois de amanhã ou no outro dia, se você puder esperar. Eu me sentiria melhor se você não fosse sozinha.

Eu estava feliz por seus negócios, mas triste pelo atraso. —Acho que não posso esperar. Mas não se preocupe. Eu acharei alguém.

—Veja o lado bom. Ele disse, tentando me alegrar. —Amanhã eu terei dinheiro. Nós podemos ir pra um lugar legal.

Eu dei um sorriso. —Sim, isto seria - ah, merda. Eu não posso.

—O que foi?

—Caralho. Prometi pro pessoal da livraria que ensinaria salsa depois do serviço.

—Cancele. Ele disse desconsiderando. Minhas aulas de dança não importavam muito pra ele

a ponto dele se preocupar. —Diga a eles que você está doente.

Isso não seria mentira... Ainda assim, eu odiava voltar atrás com minha palavra. Ademais, eu ainda podia ver o rosto radiante de Maddie, tão excitada e feliz quando eu tinha concordado em dar as lições. Como eu podia negar isso a ela depois do que tinha feito hoje?

—Não... Eu tenho que ir. Vamos sair pra comer agora. Por minha conta.

Ele dirigiu por Belltown para um dos melhores restaurantes de frutos do mar de

Seattle. Vinho e conversa fluíram, e eu percebi que estava me curando aos trancos e barrancos. Quando voltamos para meu apartamento e fomos para a cama, ele se aconchegou a mim e beijou meu pescoço.

—Parece que você está melhorando.‖ Ele falou, movendo seus lábios para o lóbulo da minha orelha. —Nós podíamos fazer... Eu serei cuidadoso...

A nossa volta estavam os lençóis e as cobertas em que eu e Seth tínhamos feito amor mais cedo. O pensamento quase me sufocou. Deus. Eu realmente devia ter trocado a roupa de cama. Eu engoli em seco e mudei de posição e assim não tinha que olhar nos olhos de Dante. —Talvez... Mas eu preferiria esperar, assim não teríamos que ser cuidadosos. Eu esperei que tivesse soando sedutiva o bastante pra que ele acreditasse.

Dante suspirou, felizmente sem desejar me forçar. —Tá bom.

Ele virou de lado e me deixou dormir, mas demorou um bom tempo para que eu conseguisse conciliar o sono.

DEZENOVE

No outro dia, Dante foi trabalhar e eu liguei para Cody logo depois do café da manhã.

—Hei. Eu disse. —Vocês ainda estão bancando os ratos de praia?

—Pode apostar. Ele disse alegremente. —Um de nossos vizinhos tem um barco a velas e nos ofereceu para sair com ele e -

—Não era bem isso que eu tinha em mente. O interrompi.

Uma hora e meia depois, Peter repetiu minhas palavras. —Não era bem isso que eu tinha em mente.

Eu os tinha convencido a vir a uma caçada na praia comigo. Infelizmente estava um dia frio e ameaçava chover. Enquanto caminhávamos ao longo de Dash Point um vento gelado cortava as ondas e nos atingia no rosto. Eu me encolhi em minha jaqueta, pensando em quantas vezes eu tinha usado minha habilidade para transformar casacos quentes para doação.

—Olha, eu sei que vocês pensam que estão de férias, mas eventualmente, nos vai ser designado outro arquidemônio, e eu preferiria que fosse Jerome.

—Sim, mas esse não é exatamente um planto infalível. Peter argumentou. —Nós estamos meio que vagueando pelas praias, na esperança de achar areia branca. Olhe para isso. É bege... Isso é parecido o bastante com branco?

Dei a ele um olhar de esguelha. —Você teve uma discussão uma vez com Carter sobre a diferença entre Cor de Jeans e Azul Marinho. Você que tem que me dizer. Há diferença entre branco e bege?

Peter chutou um tufo de areia com a ponta de sua bota. —Era Azul Cobalto, e Carter estava errado. Há uma grande diferença entre os dois.

Eu e Cody abafamos as risadas e nós continuamos a caminhada. Dash Point State Park e perto de Federal Way, pra baixo do lado sul de Puget Sound. Tinha parecido razoável começar ali e seguir o caminho pela costa, de volta a Seattle. Essa era nossa segunda reserva ecológica do dia e até agora, não havíamos visto nada que combinasse com as pistas enigmáticas do selo.

Enquanto nos dirigíamos ao terceiro lugar, Peter continuava pessimista. —Você sabe, isso seria bem mais fácil se tivéssemos trazido o vagabundo do seu namorado. Nós só podemos perceber pistas com os olhos nesse momento. Nós precisamos de alguém que

possa sentir o poder ao redor do recipiente.

—Dante está ocupado trabalhando. Eu expliquei.

—Hum. Cody ponderou. —Eu nunca imaginei ouvir as palavras ocupado e trabalhando usadas juntas numa mesma sentença a respeito de Dante.

—Cala a boca. Eu disse. —Deixe a provocação por conta de Hugh e Peter.

—E Erik? Perguntou Peter. —Ele é médium.

—Sim, eu considerei isso, mas ele está velho e suas costas andam dando trabalho. Eu odiaria pedir a ele para ficar andando comigo a esmo... Mas bem, eu não descartei essa possibilidade.

—E você não conhece nenhum outro médium?

—Não. Pelo menos nenhum no qual eu confie.

—Nem eu. Admitiu Peter. — Mas aposto que Hugh conhece.

—Sim, você provavelmente tem— Eu parei no meio da frase. — Talvez eu conheça mais um... Era uma ideia de doido, uma que eu não tinha muito certeza se deveria me esforçar para realizar.

—Quem? Perguntou Cody.

Eu chacoalhei minha cabeça e dirigi para a entrada de nosso próximo parque ecológico. — É uma longa história, uma na qual eu vou ter que me esforçar.

Nossa terceira parada não deu em nada também, afora pra descobrir a falta de habilidade de Peter em tirar areia das botas. Tinha começado a chover, e até mesmo eu já estava desesperançosa. O pôr-do-sol só seria dali umas duas horas, mas o céu nublado estava acobertando toda a luz.

Olhando para o meu relógio, percebi que estava perto da hora da aula de dança, então viramos para o norte, e voltamos para Seattle. Eu deixei os vampiros no apartamento deles e depois fui para minha casa me arrumar.

Minhas roupas pareciam velhas e gastas, mas eu não tinha como fazer com que elas se tornassem novas com magia. Então, optei por um minivestido sem mangas com uma alegre estampa de flores laranjas, verdes e pretas que haviam sido misturadas como se fizessem parte de uma aquarela. Era mais curto do que o devido para uma dança com tantos movimentos, mas cores me pareceram adequadas e alegres para um dia como esse.

Também parecia que me faria passar frio, então, num impulso, eu coloquei uma meia sete oitavos* pra manter minhas pernas quentes. Entre isso, saltos pretos e um batom escuro eu parecia estar canalizando mais minha eu-súcubos do que minha eu-gerente. Claro que levando em conta a roupa de vadia em que eu tinha aparecido por lá no outro dia isso era até enfadonho.

(*Meia na altura da coxa)

Naturalmente Doug me provocou a respeito disso, mas lá no fundo, sabia que ele estava achando que eu estava gostosa. Eu me senti orgulhosamente satisfeita por saber que

tinha causado isso sem ter que me transformar. E mais, eu tinha quase queimado meu cabelo tentando alisá-lo com a chapinha. Eu desafiava qualquer um ali a me falar que ele estava frisado.

Maddie estava empolgada, e seu entusiasmo tinha contagiado os outros membros da equipe que decidiram ficar até depois do fechamento, para a aula. Alguns amigos deles também tinham vindo, fazendo com que chegássemos a uma dúzia. Era um número bom, dava pra controlar bem. Abrimos espaço no andar de cima, e eu ajeitei meu CD player. Cody havia me ajudado nas aulas de salsa anteriormente, mas nem havia pensado em pedir sua ajuda dessa vez. Ao invés disso usei Doug como demonstração. Talvez fosse por ser músico, mas ele tinha

um bom senso de ritmo e aprendia os passos com bastante rapidez.

Após meia hora, eu confiava nele o suficiente pra que ele ajudasse os outros, e nos separamos para ajudar alguns dos outros alunos. Apesar da minha resistência em concordar com as aulas, eu estava me divertindo e a maioria das pessoas estava tão nervosa com a possibilidade de tocar em sua professora que não tive que me preocupar com ninguém machucando minhas costas. Maddie, empolgada ou não, estava tendo uma certa dificuldade e reclamou num tom bem alto quando seu irmão foi ajudá-la. Ele a arrastou, me deixando com seu parceiro de dança: Seth.

Eu sabia que ele estava aqui, é claro, mas eu estava tentando evitar um contato visual. Não havia o que fazer agora, e ficamos ali parados embaraçados, olhando um no olho do outro, nenhum dos dois sabendo o que fazer. Aí automaticamente, e deixei minha mão suspensa no ar. Eu era a professora e já que ele era um dos piores dançarinos da pista, era mais do que natural que ele precisasse mais da minha ajuda do que os outros.

Seth levantou sua mão em retorno, eu dei um passo em sua direção e meu salto enroscou no tapete. Eu me abaixei pra conferir, pensando que seria bem embaraçoso tropeçar e cair quando era eu o modelo de graça e equilíbrio. Olhando pra cima, encontrei o olhar de Seth. Ele estava olhando para baixo, e seu semblante não demonstrava mais nem timidez nem confusão. Seu semblante estava consideravelmente... Bem, faminto. Olhando para baixo, percebi a visão que eu estava oferecendo a ele. Ele era capaz de olhar bem no meio do meu decote, o que já estava consideravelmente exposto pelo decote do vestido. Por ter ajoelhado, minha saia tinha se levantado, mostrando com isso o laço preto de minha meia sete oitavos.

Eu não sei o que ele achou particularmente mais atraente, mas seus olhos sondaram meu corpo inteiro, e todo lugar que ele olhava, era consumido pelo calor. Me levantei, de repente me sentindo como a tímida e confusa. O desejo estava estampado nele todo, e era incrível que a sala inteira não percebesse. Ele me estendeu suas mãos novamente, e quando nos tocamos, uma onda de eletricidade viajou por meu corpo.

Encontrando o ritmo, eu o conduzi nos passos. Ele era tão ruim quanto eu me lembrava, mesmo assim, enquanto o guiava a dar os passos certos, nossos corpos se esfregavam sem necessidade, eu não pude deixar de pensar que apesar de ele não ter ritmo algum, não havia nada de descoordenado no jeito que ele fazia amor.

Nem um de nós falou por um minuto ou mais e eu sabia que ele estava preso no mesmo tipo de feitiço que eu, provavelmente revivendo nosso encontro do dia anterior também. Minha excitação também estava aumentando, e por mais que eu soubesse que era errado, eu saía da minha área de propósito só para assegurar que nossos corpos ocasionalmente se tocassem, enquanto eu o guiava.

Finalmente, sexualmente excitada ou não, não pude deixar de rir.

—Eu acho que isso é o pior que eu já te vi dançar. Eu disse a ele. —E pode acreditar, isso quer dizer muito.

Ele sorriu com tristeza, mas eu suspeitava que dançar era a última coisa na sua mente nesse momento. —Eu estou sem prática.

—Bem, estou feliz por você estar realmente aqui dessa vez, ao invés de ficar

sentado pelos cantos.

—Acho que as coisas mudam.

Mantive contato visual com ele por alguns segundos. —Sim. Sim, elas mudam.

Mais alguns minutos de silêncio se passaram antes que ele perguntasse. —Como vai as sua, hum, situação imortal?

—Hmm? A mão de Seth tinha ficado a milímetros de esbarrar nos meus seios quando viramos. Com firmeza eu me obriguei a esquecer sobre o jeito como eu tinha sentido o corpo de Seth - e olhado, e cheirado e provado - ontem e lembrei de meus outros problemas. —Ah, bem. Não tão bem, na verdade. Eu consegui mais informações, mas é difícil de -

Quanto fiquei em silêncio, Seth inclinou sua cabeça e me deu um olhar confuso.

—O quê?

Eu havia me esquecido da ideia que eu tinha tido quando estava com os vampiros.

—Seth... eu tenho uma pergunta estranha pra te fazer... E você pode se sentir livre pra dizer não.

Seu semblante ainda parecia dizer que ele queria arrancar minhas roupas, mas havia algo mais... Algo de sério e preocupado que o tornava doce, sentimento de compaixão misturava-se a minha própria luxúria.

—Se tiver algo que eu possa fazer pra ajudar, eu farei.

—Eu sei. Eu disse. —Só que não é exatamente da sua ajuda... É da de Kayla.

Se Seth estivesse tentando fazer qualquer arremedo de dança agora, ele talvez tivesse tropeçado e perdido o passo. Do jeito que era, era difícil perceber a diferença.

—Kayla? O nome de sua sobrinha de quatro anos de idade não era bem o que ele esperava ouvir.

—Você se lembra de quando eu disse que ela tinha poderes psíquicos?

—Sim... Mas eu realmente não pensei muito sobre isso.

—Bem, eu te expliquei como acontece uma invocação, certo? Agora eu tenho uma pista de onde Jerome está, mas não como achá-lo até que estejamos no lugar certo. Eu poderia fazer isso se estivesse no meu normal, ou um médium talvez seja capaz de fazer. Infelizmente, os meus médiuns não estão acessíveis.

Preocupação tomou o lugar do desejo. Eu fiquei triste por ver a excitação deixá-lo, mas esse era um tópico sério.

—Eu não sei se gosto da perspectiva de Kayla se misturando com tudo isso. Aliás, eu sei que não gosto.

Eu assenti. —Eu sei. Imaginei que você fosse se sentir desse jeito - acredite quando eu digo, eu também não gosto. Eu amava todas as sobrinhas de Seth, mas Kayla em particular sempre me despertou o mais profundo dos sentimentos. —Foi somente algo que passou pela minha mente mais cedo.

—Bem, eu - ah!

Outro casal bateu nas minhas costas, me jogando de encontro aos seus braços. Estiquei minhas mãos para me apoiar, mas isso não impediu que nossos corpos se pressionassem um contra o outro. Cada parte do meu corpo latejava ao contato e se havia alguma ilusão de que eu pudesse esquecer o que havia acontecido ontem, caiu por terra naquele momento.

—Desculpe. Disse Andy. Ele estava dançando com Casey e como ela, ele era um membro da equipe já há um bom tempo.

Casey gemeu. —Georgina, por favor, fique com ele. Nem mesmo Seth pode ser tão ruim.

—Contestável. Eu murmurei. Eu não queria me mover, não queria me afastar de Seth. Queria ficar ali e continuar a tocá-lo, e por causa desse impulso, eu me afastei. Minha respiração estava pesada, e me custou um momento para me recompor. Eu dei mais um longo suspiro e sorri para Andy. —Tá bom. Vamos ver o que posso fazer com você.

Casey conduziu Seth para longe e eu consegui evitá-lo até o resto da aula de dança. Quando terminou, todos bateram palmas para mim e exigiram que eu desse outra aula. Eu assegurei que daria, mas estava muito perturbada e preocupada para agendar uma data naquele momento. Eu prometi remarcar com eles mais tarde.

Muitos deles prontamente começaram a arrumar a sala e não vendo razão para continuar ali, me dirigi ao meu escritório. Meu plano era verificar umas papeladas do trabalho e me esconder até que todos tivessem ido embora para não ter que me encontrar com Seth novamente. Eu estava a meio caminho do escritório quando ouvi alguém chamar o meu nome.

—Georgina?

Eu hesitei. Era Maddie. Me virei, rezando para que o sorriso no meu rosto não parecesse nem falso nem aterrorizado. Caralho. Ela estava aqui para me atacar por eu ter ficado me esfregando em seu namorado na pista de dança. E sério, não era nada que eu não merecesse.

Mas seu semblante era todo sorriso e alegria quando ela me entregou uma pilha de papel. —Eu me empolguei um pouco, Ela disse acanhadamente, —mas estas são listas de alguns condomínios que eu imprimi pra você. Eu andei pesquisando on-line nos dois últimos dias e meio que olhei tudo já que você não está cem por cento certa do que deseja. Tem uma porção de lugares legais na praia.

Eu peguei a pilha dela, petrificada. Essa era a última coisa que eu podia esperar.

—Provavelmente é muita coisa, mas vai te dar bastante opção. Então, se você tiver alguma ideia, podemos partir daí.

Eu olhei para o topo da pilha que mostrava um apartamento com três quartos em Alki.

—Eu... Uau. Obrigada Maddie. Você não precisava.

Ela cintilou quando agradeceu. —Foi um prazer. Me fale o que achou - e obrigada de novo pela aula. Foi tão divertido! Tomara que eu não seja tão ruim da próxima vez.

Talvez eu consiga fazer com que Seth pratique em casa.

Ela me deu um abraço rápido e depois correu para pegar uma carona com Doug. Eu cambaleei até meu escritório com os papéis na mão e os coloquei em minha mesa. Me joguei na cadeira, me sentindo péssima. Enquanto eu estava por aí fazendo safadezas com seu namorado, ela estava diligentemente tentando achar para mim uma nova casa.

Eu tentei folhear algumas planilhas, mas minha cabeça não estava nisso. Eu ficava encarando os números sem ao menos compreendê-los, e quando ouvi uma batida na minha porta, agradei a interferência. Pulei prontamente da minha cadeira.

—Entre. Eu imaginei se Maddie tinha esquecido de me entregar outro calhamaço. Mas não era ela.

Seth estava parado na porta.

Eu o encarei, esperando que não estivesse de boca aberta ou nada de embaraçoso que se comparasse a isso.

—O que... O que você está fazendo aqui? Achei que tinha ido embora.

Parecia que ele queria entrar, mas estava com medo. —Doug levou Maddie para casa, e eu voltei para... Pegar... Ele parou e chacoalhou sua cabeça, incapaz de seguir com a mentira sobre ter esquecido algo. —Eu voltei para ver você.

Eu lembrei da maneira como seus olhos tinham percorrido meu corpo, como tinham ficado nublados quando a saia tinha subido pela minha perna. Seus olhos estavam nublados do mesmo jeito, e eu senti meu próprio desejo aumentando em resposta. Pensei que na realidade, desde a hora em que dançamos, o desejo não tinha me abandonado. Apesar de tudo, tentei ser razoável.

—Seth, nós não podemos... Não de novo... Isto é...

—Eu sei. Ele disse. Por fim, ele cruzou o batente.

—E eu disse a mim mesmo... Disse a mim mesmo que ia deixar pra lá... Mas não deixei de pensar em você desde ontem. E depois de hoje à noite.

Hesitantemente, como pensasse que alguém pudesse estar nos observando, ele fechou a porta quando entrou. —O jeito que você estava lá. É... Maravilhoso.

Acredite em mim, eu não errei tudo porque sou ruim - o que eu sou. Foi porque eu não estava pensando naquilo. Eu estava pensando em você. Deus, eu não conseguia parar. E não é por você estar sexy hoje. É mais. É o jeito que você ilumina o salão, do jeito que você encanta todo mundo e faz com que todos se sintam felizes. Você não precisa de

nenhum poder especial pra fazer isso, Georgina.

É inerente a você, parte do que você é. Como você é engraçada, esperta. Foi o que fez com que eu me apaixonasse por você antes, e é o que... Ele não finalizou, e eu fiquei agradecida. Se ele tivesse dito —... faz com que eu te ame agora” eu não teria sido capaz de lidar.

Eu percebi que ele tinha se aproximado bastante. Respirei profundamente. —Seria mais fácil pra mim se você tivesse apenas dito que eu sou sexy. Eu podia lidar com superficialidade. Mas não com uma emoção tão profunda.

Ele me deu um sorriso triste e se aproximou ainda mais, fazendo assim com que ficássemos separados por apenas dois passos.

—Ah, pode acreditar, eu te acho. E seria bem mais fácil para mim se você não fosse.

Eu mal podia respirar. Estávamos tão próximos agora, e todos os átomos da sala pareciam estar carregados. Eu estava carregada. Não havia dúvidas sobre a expressão em seu rosto. Ele também me queria - e muito.

Luxúria e desejo transbordavam dele, e eu sabia que meu semblante espelhava esses sentimentos. Ele foi cuidadoso, ficando o mais perto que se permitia, esperando por um sinal meu. Ele estava tenso, como se estivesse esperando apenas um sinal meu para explodir.

Desesperadamente, eu tentei me segurar em tudo que eu acreditava ser razoável. Eu me lembrei de como tinha me sentido péssima quando ele saiu para ver a Maddie ontem. Merda, tentei pensar na própria Maddie - aquele rosto alegre e ingênuo, que confiava tanto em mim. Tentei pensar em Dante. Mas nada funcionou, porque tudo que eu tinha em minha mente era Seth, como tinha sido perfeito ficar com ele. Como era perfeito com ele mesmo agora.

Peguei sua mão e a coloquei em meu pescoço. Era só do que ele precisava. Ele se aproximou e traçou a linha do meu pescoço, depois as moveu em direção aos meus ombros. Ele puxou a alça do vestido para que ela deslizasse pelo meu braço. Seus dedos seguiram baixando a alça fazendo com que a parte debaixo do meu vestido deslizasse, revelando uma boa parte do meu seio. Meu bico já estava intumescido e pronto quando ele puxou o resto do meu vestido para baixo, expondo completamente meu seio. Ele o segurou, apertando-o e correndo seus dedos pela curva.

Moveu sua outra mão para o outro lado, segurando o seio por cima do tecido e pegando no bico que estava por baixo do tecido do vestido. Aproximei meu corpo do dele, e nossas bocas se encontraram, excitadas e intensas. Ontem havia sido doce e cheio de emoção. Havia sentimento aqui hoje, mas estava misturado com uma paixão rude, com um instinto animal que fazia com que eu desejasse que ele acabasse comigo naquele momento.

E sério, não estava longe disso acontecer. Eu tremi pela pressão de nossos corpos e vi que minhas costas estavam pressionadas - gentilmente - contra a parede, enquanto ele seguia acariciando meus seios. O abracei pelo pescoço, meio enrolando e meio puxando seus cabelos. Ele finalmente soltou meus seios e correu suas mãos pela extensão do meu corpo, pelo meu quadril e coxas, através do fino e elástico tecido que cobria minhas pernas. Escorregando sua mão de apoio, ele puxou minha saia para cima e escorregou uma mão no meio das minhas coxas, assim o vestido ficava ao redor do seu punho e ele o

mantinha levantado. Sua outra mão se moveu para dentro da minha calcinha preta, sondando se eu já estava pronta.

Eu estava. Eu estava quente, molhada e escorregadia, e o dedo que ele colocou entrou com tanta facilidade que ele enfiou o segundo, depois o terceiro. Eu gemi e arqueei minhas costas e enquanto ele movia seus dedos pra dentro e pra fora de mim sua boca pousava beijos duros e ríspido em meu pescoço. Tateei, tentando abrir sua calça. Quando puxei sua calça e cueca para baixo, ele agarrou meu quadril e me virou para que eu ficasse olhando para a parede. Ele jogou minha

saia pra cima e abaixou minha calcinha até o meio das minhas coxas. Eu me abaixei e abri minhas pernas usando minhas mãos para me apoiar na parede.

Ele entrou em mim, rigorosa e profundamente, sem preliminares ou provocações. Ele era tão duro e comprido quanto eu me lembrava, maravilhoso também.

Mantendo suas mãos em meu quadril ele se enfiava rudemente em mim, tentando desesperadamente saciar a necessidade que eu tinha visto nele mais cedo, a necessidade que eu sentia também. Eu gritava alto cada vez que ele se enfiava em mim, sabendo que devia me manter quieta no caso de alguém voltar para a loja. Mas eu não conseguia. Eu estava tomada pela falta de controle da paixão do momento, nesta sinuosa e primitiva luxúria que tinha nos consumido. E enfatizando tudo isso estava à ciência de que era Seth. Seth, Seth, Seth... A quem eu tinha amado mais do que qualquer outro. Você é o mundo.

Ele moveu suas mãos de meu quadril para segurar meus seios, me forçando a ajustar minha posição. Durante todo o tempo, ele não quebrou o ritmo, seguindo rápido e urgente. Seus dedos apertaram meu bico de forma ríspida, e eu gritei mais alto. Eu acredito que isso tenha o deixado mais excitado, fazendo com que ele se enfiasse com mais força em mim. Esperando excitá-lo ainda mais, me rendi e soltei minha voz sem restrição. Quanto mais alto eu gemia, mais ele golpeava seu corpo contra o meu. Era tudo o que eu podia fazer para impedir que eu fosse imprensada contra a parede, e enquanto eu seguia gemendo, não tinha nada a ver com a excitação dele e sim tudo a ver com a empolgação e a excelente força do que estávamos fazendo.

E quando finalmente atingi o orgasmo e o calor entre minhas coxas se elevou a uma temperatura extremamente alta, foi seu nome que eu gritei. A explosão de uma nova onda de umidade veio junto com meu orgasmo e então eu o ouvi gemer e dar uma última enfiada tão forte que me jogou contra a parede. Suas mãos ainda seguravam meus seios, suas unhas encravadas na minha pele macia enquanto ele tremia e se liberava. Ele gozou por um longo tempo, seu grito baixo cedendo aos poucos.

Quando ele saiu de mim, a perda de seu corpo no meu fez com eu me sentisse incompleta. Apesar disso eu me levantei e me apoiei na parede, resfolegando. Minha voz estava rouca.

—Jesus. Eu disse. —Isso foi mal.

Seth pareceu alerta - e depois magoado. —Mal.

—Não, não uma má performance - mais como sujo, travesso. O tipo de coisa que merece um dez.

—O que, nós podemos fazer isso? Ele deu um passo á frente e me abraçou, tocando o nariz em meu pescoço.

—Bem, sim... Er, bem, merda. Nós não devíamos. Não mesmo. Foi só que da outra vez, foi como... Sei lá. Foi fazer amor. Desta vez foi...

—Foder. Ele completou.

—Oh, Deus. Eu gemi. —Seth Mortensen acabou de dizer foder em alto e bom som. O fim dos tempos está próximo.

Ele riu e me deu beijinhos na bochecha. —Eu não sou nenhum inocente. Você

devia saber disso tomando como base meus livros.

—Sim, mas mesmo assim. Você não é O„Neill. A não ser que você esteja se metendo em brigas que eu não tenho conhecimento.

—Hummm... Não ultimamente.

Nós ficamos ali abraçados, os dois aquecidos pelo brilho do que tinha acabado de acontecer.

Então, como da última vez, uma estranheza caiu sobre nós. Nem precisávamos que Maddie ligasse desta vez. Cuidadosamente me afastei.

—Você deveria ir, né? Eu não disse, mas tinha certeza que ele iria vê-la mais tarde.

—Sim, mas... Ele suspirou e esfregou a testa. —Isto é bem mais difícil do que eu pensei que fosse ser.

—O que, ter um caso barato?

Ele fez uma careta. —Não. Mas quero dizer, passei eras imaginando como seria estar com você e desejando que você não fosse uma súcubos. Eu estava pra baixo... Me sentindo superficial por estar consumido pelo sexo desse jeito. E agora que finalmente aconteceu - agora que você não é uma súcubos - não é superficial nem baixo. É tão... Eu não sei. É poderoso. Eu queria que isso fosse um caso barato. Eu queria que meus sentimentos não fossem tão profundos. Porque assim, quando dissemos ontem que era só isto, isso realmente teria tido algum significado.

Eu queria então, mais do que tudo, que ele dissesse que ia largar a Maddie e que ficaríamos juntos de novo. Mas ele não disse e certamente eu não iria trazer isso à tona.

Além do mais, que bem faria? Em apenas alguns dias, eu voltaria ao normal, e nosso relacionamento seria tão defeituoso como antes. O que eu queira era sem propósito.

—Eu posso... Ele respirou fundo.

—Posso te ver de novo? Eu sei que dissemos que não faríamos mais...

Eu sabia que por aquele posso te ver de novo ele queria dizer transar com você de novo. E de alguma maneira, eu sabia que estávamos na beira de um precipício. Da primeira vez tinha sido... Bem, não um acidente... Mas certamente inesperado.

Dessa vez tinha sido uma perda de controle, uma luxúria animal. Mas agora? Uma declaração aberta do caso - sexo premeditado - deixava as coisas num outro nível. Não

havia volta. Eu olhei para aqueles olhos amados, os lábios gentis e quentes. Eu avaliei meu corpo, como ele doía e ainda queimava por prazer. Depois dei uma olhada na pesquisa detalhada dos condomínios que Maddie havia feito.

Isso devia ter acabado com o clima, servido como aviso. Era uma lembrança de quem aqui era a traidora. Seth tinha cedido, mas como eu estava em cima do muro, eu ainda podia dar um passo atrás e nos salvar disso. Eu tinha o poder de dizer não.

—Sim. Eu disse por fim. —Você pode me ver de novo.

VINTE

Dante estava me esperando quando cheguei em casa. Eu normalmente gostava de ter companhia, mas depois de estar com Seth, a presença de Dante fazia eu me sentir desconfortável e confusa. Ele pareceu não notar de imediato, ao invés disso ficou interessado nas informações imobiliárias da Maddie.

—O que é isto? Ele perguntou, folheando algumas páginas.

—Maddie brincou de agente imobiliária para mim.

—Uau. Eu não achava que você estava falando sério.

Eu me inclinei no sofá, cansada de dançar, de fazer sexo, e da sujeira emocional na qual eu parecia estar nadando ultimamente. Falar sobre a Maddie não fez com que eu me sentisse melhor.

—Eu também não achei que estivesse falando sério. Eu mencionei isso por acaso, e ela tipo enlouqueceu.

—Praia Alki, hein? Alguns desses são muito bons. Ele ergueu um impresso. —Um condomínio novinho ainda está sendo construído. Você pode decidir sobre as cores e acabamentos.

Eu dei de ombros. —Eu não sei. Eu não tenho tempo para fazer compras agora.

—Um dos lugares da sua lista está perto de Alki. Você pode fazer uma visita sem compromisso.

Eu lhe dei um olhar perplexo. —Desde quando você está interessado na minha mudança?

Ele se sentou na minha frente, ainda olhando para as listas. —Bem, se você comprar algo local, eu posso relaxar sabendo que você vai estar por perto. Além disso, consiga um lugar maior, e nós podemos experimentar morar juntos.

Isso me pegou de surpresa. —Hã?

—Você me deu uma chave. De qualquer maneira, é como se eu já vivesse aqui.

—Você está tentando bancar o parasita pra morar de graça, hein? Eu provoquei.

Ele suspirou, parecendo triste. —Cara, você realmente pensar o pior. Eu te pago aluguel.

—Com o quê? Eu perguntei incrédula.

—O negócio está bom. Acho que as coisas estão melhorando.

—Sem ofensa, querido, mas o seu negócio não parece ser do tipo que pode manter esse crescimento. Acho que este foi um momento de sorte. Falei cedo demais e me senti mal quando percebi que eu o magoei. —Mas podemos improvisar se você quiser se mudar para cá. Talvez sua reputação se espalhe, e os negócios continuem crescendo.

Ele parecia um pouco mais aliviado depois que falei, no entanto, assim que eu disse as palavras, percebi que não estava muito entusiasmada com a perspectiva de nós vivermos juntos. Eu ainda estava com o Seth na cabeça. Eu sabia que era idiotice ficar obcecada por ele. Esse lance entre nós só iria durar, no máximo, mais alguns dias. De qualquer maneira, eu não deveria ficar sonhando acordada sobre ele quando eu tinha acabado de voltar com o Dante.

Dante quis saber como a minha investigação na praia tinha ido, e dei boas-vindas à mudança de assunto. Eu lhe dei um breve resumo da minha falta de progresso.

—Você quer que vá procurar com você?, Ele perguntou. —Eu finalmente consegui algum tempo amanhã.

Eu hesitei. A verdade é que pouco antes de nós nos separarmos, Seth tinha dito que iria procurar comigo e que ele ia trazer Kayla. O pós-sexo tende a ser muito persuasivo. Ainda assim, eu tive que convencê-lo de que ela estaria segura, e honestamente, eu esperava estar certa.

—Eu chamei outras pessoas, eu disse. —Devemos ficar bem.

Eu temia que ele me perguntasse mais, especialmente sobre se eu tinha um vidente para ir comigo ou não. Felizmente, ele deixou passar. Eu honestamente não acho que ele queria passear em praias e estava grato pela dispensa.

Quando fomos para a cama mais tarde, não havia nenhuma maneira que eu poderia deter seus árduos avanços por mais tempo, não sem levantar suspeitas. Eu tinha me recuperado bem e já não tinha como usar as minhas costas como desculpa. Ainda assim... algo estava me incomodando. O próprio Dante foi o primeiro a fazer piada sobre a possibilidade de eu engravidar no meu falso status de humana. Eu ainda não sabia se era possível, e mesmo se fosse, importava? Já que eu retornaria ao meu estado imortal em alguns dias? Eu não tinha idéia de como isso funcionava, mas Seth e eu não tínhamos usado proteção. E, de repente percebi que, se houvesse alguma chance no mundo de que eu engravidasse - se a visão de Nyx pudesse realmente ser verdadeira - eu não queria que houvesse dúvidas sobre a paternidade.

Então, tentei ficar excitada por Dante e caí de boca nele, algo que ele realmente parecia não se importar. Ele tentou fazer o mesmo por mim, mas foi em vão. Depois de estar com Seth, eu não tinha desejo nenhum e achava que nem poderia gozar. E assim, pela primeira vez com Dante, eu fingi. Eu era uma mentirosa muito boa. Ele nunca suspeitou.

Ele dormiu até tarde na manhã seguinte, então eu saí cedo, sem acordá-lo. Seth e eu

tínhamos marcado de nos encontrar em um restaurante em Bellevue, esperando que fosse longe o suficiente para que qualquer pessoa conhecida passasse e nos visse. Enquanto caminhava para o meu carro, eu senti alguém dar um passo ao meu lado.

—Então, eu ouvi que você está espalhando histórias sobre mim, Cedric disse amigavelmente.

Assustada, eu o olhei hesitantemente, desconforto tomando conta de mim. Cedric era meu suspeito principal, e eu já tinha visto a reação de um demônio para minhas teorias. Claro, ele não parecia particularmente destrutivo no momento, e havia também o fato de que eu ainda tinha que contar para alguém minhas últimas teorias sobre o envolvimento de Nanette.

—O que você quer dizer? Eu perguntei.

—Kristin me contou que você falou pra Nanette que fui eu quem disse a ela da sua teoria dela ter força o suficiente para ter invocado Jerome. Ele fez uma pausa, como se tentasse encontrar o sentido naquilo. —Só para constar, eu não contei.

Eu quase parei de andar. —Então, quem contou?

—E eu vou lá saber. Apenas pensei que você deveria saber que eu não sou responsável pelo que aconteceu com você. Ele não falou mais nada, sem desejos de melhoras ou questionamentos sobre a minha saúde. Eu honestamente não podia esperar isso de um demônio. O fato de que ele se incomodou em vir falar comigo era raridade o suficiente e, naturalmente, ele poderia estar mentindo.

—Bem, então eu não sei quem pode ter dito a ela. Ou porque. Eu só disse a um punhado de pessoas. Quanto mais eu pensava nisso, mais eu percebia que ele tinha que estar mentindo. Eu só havia contado para meus amigos.

Ele manteve sua expressão impassível. —Como eu disse, eu não sei.

Nós chegamos ao meu carro, e eu parei, inclinando-me contra ele. —Você veio até aqui para me dizer isso? Não que fosse uma árdua jornada para ele.

—Não fique se achando. ele disse com um sorriso. —Estou aqui para falar com suas demonesses. O inferno está quase descartando a volta de Jerome. Haverá alguém aqui em alguns dias para resolver a questão.

Eu tentei ignorar o frio que aquilo fez com que sentisse em minha espinha e analisar o resto de suas palavras. Cedric estava se aproximando de Grace e Mei. Não era uma surpresa. Quem viesse aqui para determinar um novo arquidemônio iria levar em conta as duas.—Bem, obrigada. eu disse. Eu realmente não sabia mais o que dizer sobre isso, então eu mudei para outra coisa sobre a qual eu estava pensando. —Ei, eu não ouvi muito sobre o seu culto recentemente.

—Sim, eles têm estado bastante quietos. Talvez você tenha ajudado apesar de tudo.

—Bem, eu não acho que fiz muito. Eu também estava começando a suspeitar que o culto não tinha nada pra fazer. Agora que o Anjo já os tinha usado como uma distração eficaz durante a invocação de Jerome, eles já não eram necessários. Eu abri a porta do meu carro, e outro pensamento curioso me surpreendeu. —Como está indo com Tawny?

Cedric fez uma careta. —Bem ... nós saímos algumas vezes.

—E?

—Minha vida privada não é do seu interesse.

—Tá certo. Eu comecei a entrar.

—Mas se você quiser mesmo saber...

Eu parei e arqueei uma sobrancelha. —Sim?

—A conversa dela é... um pouco vazia, ele admitiu.

Eu não pude evitar... Eu ri. —Você ficou realmente surpreso com isso?

—Beleza superficial, eu sei... eu acho que eu só esperava um pouco mais de profundidade.

Eu achei melhor não comentar sobre o que ele considerava bonito. —Não me leve a mal, mas eu achava que você não queria nada mais do que sexo barato.

Ele me cortou com um olhar. —Porque eu sou um demônio?

—Não me olhe desse jeito. Ser romântico não faz parte do seu currículo.

—Verdade, verdade. Mas, pelo menos, eu gostaria de ter algo em comum com meu sexo barato. Alguém que tivesse uma vaga noção do que eu agüento no meu dia-a-dia. Ele ainda estava sendo grosseiro e demoníaco, mas havia um sussurro fraco de algo surpreendentemente humano lá no fundo.

Comecei a lhe dizer que eu não achava que isso era muito provável. Então, pensei em Kristin, Kristin que o observava com olhos adoradores e se preocupava com o bem-estar dele. —Alguém que de certa forma entenda seu trabalho e conheça os absurdos dele? Alguém que está interessado em te ajudar quando você está estressado, em se conectar com você e entender as coisas a um ponto onde você não tem sequer que lhe dizer mais? É isso que você está procurando?

Ele bufou. —Sim, como se isso fosse acontecer.

—Eu não sei. Talvez haja alguém lá fora desse jeito.

—Você pode não ter sido humana por um longo tempo, mas você ainda se agarra às suas ilusões. Isso é conto de fadas. Você não pode ter isso. Eu não posso ter isso. Vejo você depois.

Ele desapareceu, não se importando se algum mortal pudesse vê-lo. Olhei vagamente para onde ele estava, querendo saber se o que ele disse era verdade. Ele estava perdendo um bom partido bem em frente a ele? Ou Kristin estava se iludindo com a sua paixão por ele? E eu estava me iludindo com os meus sentimentos por Seth? Eu estava me sentindo realmente conectada a ele ou era tudo apenas luxúria?

Não ajudava nada me preocupar com nada disso agora. Cedric não parecia querer me matar no momento, e isso era o melhor que eu poderia conseguir.

Eu me dirigi para Bellevue bem em tempo do tráfego da manhã para fora da cidade já estar arrefecendo. Bellevue era um subúrbio, uma cidade em seu próprio direito, e o restaurante que tínhamos escolhido era no velho centro de Bellevue, um que tinha ficado ultrapassado quando finalmente um shopping reorganizou as zonas modernas da

cidade.

O lugar era um tranqüilo e pequeno bistrô, escondido entre uma joalheria e uma padaria. Seth e Kayla já estavam lá. Ela se sentou em um banco extra ao lado dele, examinando um unicórnio de pelúcia enquanto ele folheava um menu. Ver os dois enviou ondas de calor e alegria através de mim.

—Ei pessoal, eu disse, deslizando na frente deles. Kayla me deu um sorriso tímido, e Seth se iluminou. Seu cabelo estava bagunçado como de costume, e sua

camiseta hoje anunciava Trix, um cereal que eu tinha até mesmo esquecido que existia.

—Obrigada por fazer isso. Eu disse. —Fico realmente agradecida.

O sorriso do Seth aumentou, embora eu tenha visto um pouquinho de apreensão em seus olhos. "Contanto que você tenha certeza... Você sabe ...Ele olhou para Kayla, que estava Tateando em busca de seu copo. Seth rapidamente interveio para ajudá-la antes que ela pudesse derrubá-lo.

—Vai ser fácil, Eu disse. —Talvez até mesmo chato. Nós vamos apenas passear e procurar alguma coisa que se assemelhe a pedras brancas ou rocha.

—E Kayla pode ajudar?

Virei para a menininha. Ela olhou de um para o outro, seus olhos azuis largos e assustadoramente inteligentes.

—Eu creio que sim. Novamente, neste ponto, ela apenas sente coisas sem realmente entender o porquê. Se conseguirmos chegar em qualquer lugar perto de Jerome, acho que ela vai mostrar algum tipo de reação, mesmo se ela não souber o que é. Pelo menos eu esperava isso.

Depois disso, nós não mencionamos nossa missão durante o resto da refeição. Fizemos conversa fiada em vez disso e bajulamos Kayla, mas era algo que nós quase fazíamos no piloto automático, algo que não estávamos nem mesmo prestando atenção.

Realmente, Seth e eu estávamos consumidos um pelo outro. Também era mais do que apenas luxúria, embora eu certamente esperasse que ele tivesse percebido o meu top decotado hoje. Eu me encontrava ardendo apenas na presença dele. Eu amava estar perto dele, sentindo a alegria que se espalhava dentro de mim. Era como se apaixonar novamente. Era essa conexão e entendimento que Cedric tinha dito que era um conto de fadas.

E mesmo quando nós terminamos e fomos para a nossa primeira praia, aquela eletricidade e calor continuaram fluindo entre nós. Kayla caminhou entre nós por um tempo, com cada um de nós segurando uma de suas mãos. Ela se atrapalhou um pouco com a areia, mas parecia infinitamente fascinada com as paisagens ao seu redor: as ondas, as gaivotas, as outras crianças. A chuva tinha desaparecido hoje, e nós tivemos o sol nos provocando com a esperança de que a primavera tinha realmente chegado.

Porém nós não encontramos nenhuma pedra branca, e Kayla não teve nenhuma reação fora do normal, como ela teve comigo antigamente, ou mesmo com Dante. Quando chegamos à nossa segunda praia, ela começou a ir mais devagar, e eu percebi que esse não ia ser um

vigoroso dia de caça como eu esperava.

Depois de um tempo, Seth a apanhou e a carregou. Ela conseguiu ficar acordada até nós terminamos nossa busca, mas adormeceu imediatamente no carro.

Eu sabia que teríamos que parar com isso um dia, mas nós paramos em um café à caminho de casa que servia sobremesas fantásticas. Nós sentamos no canto, Seth e eu sentados lado a lado enquanto eu segurava Kayla no meu colo. Decidimos simplesmente dividir um pedaço de cheesecake, e naturalmente, eu pedi café.

Kayla inclinou-se ainda sonolenta contra mim, mas ela corajosamente

permaneceu acordada, como que pressentindo a aproximação de açúcar.

Eu escovei os cabelos dela para trás de seu rosto. "Ei, eu disse suavemente. "Você viu alguma coisa mágica hoje? Foi assim que ela se referiu a mim no passado.

Ela balançou a cabeça e tocou meu rosto em um espelho do meu próprio gesto.

—Quando você vai ser mágica de novo? ela perguntou. —Eu não sei, eu disse a ela.

—Em breve.

A perna de Seth contra a minha estava começando a provocar alguns sentimentos ilícitos, algo de que eu sentia um pouco de vergonha com Kayla ali. Fiquei ainda mais surpresa quando eu olhei para ele e não viu luxúria em seus olhos, mas sim, algo suave e tenro.

—O quê? Eu perguntei. —Por que você está me olhando assim?

—Por causa de você", disse ele. —Do jeito que você interage com ela... É notável.

—Porque eu posso fazer ela falar?

Ele balançou a cabeça. —Nah. Mais do que isso. Eu vi isso com as outras meninas. Você tem uma habilidade com crianças. Você seria uma ótima mãe.

Maddie tinha feito o mesmo comentário. Eu não acho que Seth jamais realmente compreendeu o quanto eu desejava por crianças. Suas palavras me encheram tanto de alegria quanto de tristeza. Por um instante, pensei em lhe dizer sobre o sonho de Nyx e da bizarra teoria da gravidez. Essas coisas eram muito frágeis e muito preciosas para mim, porém, a chegada inesperada do cheesecake me salvou de um futuro debate.

O cheesecake era de limão e framboesa, talvez um pouco aventureiro para Kayla, mas ela comeu sem hesitação. Seth desistiu de sua parte antes de nós, e ela e eu comemos até a última mordida.

—Perfeito, ele refletiu. —Vou devolver ela para Terry e Andrea bem a tempo da excitação pelo excesso de açúcar começar. Eles nunca vão deixá-la sair novamente. Ele franziu a testa. —Você vai precisar dela novamente? Eu acho que ela tem algum tipo de jogo amanhã.

Eu suspirei e a realidade escureceu meu momento dourado. —Eu não sei. Eu estou ficando sem lugares próximos. Eu terei que dar uma olhada no norte da próxima vez, em torno de Edmonds, embora Dante tenha dito que Jerome poderia estar mais longe ainda - na península olímpica ou algo assim. O invocador iria querer mantê-lo perto, mas perto, poderia significar dez milhas ou cem.

—Você não vai ser capaz de fazer uma viagem para o litoral em apenas um dia, Seth observou.

Sob a mesa, sua mão repousava sobre a minha carinhosamente. —Eu sinto muito. Apertei a mão dele em troca. —Será como tem que ser, eu acho.

—Eu ainda quero ajudar se eu puder.

Ofereci-lhe um sorriso triste. —Você quer me ajudar a voltar a ser uma súcubo?

Seu sorriso de retorno foi igualmente agrídoce. —Não há nenhum modo de nada disso poder acabar bem, Georgina. Às vezes... às vezes temos que escolher o menor dos males e simplesmente desfrutar nossos doces momentos, enquanto nós podemos.

Com isto, e através de algum instinto comum, nós dois ficamos em silêncio, saboreando este breve interlúdio, este sonho em que nós mesmos tínhamos conseguido nos enlaçar. Por agora, era o suficiente para nós apenas ficarmos sentados assim.

A mão dele se moveu para a minha perna, oferecendo conforto e amor... pelo menos por alguns momentos. Em pouco tempo, o doce carinho se transformou em algo com um pouco mais de desejo. Eu encontrei os olhos dele, e apesar de não ser a mesma intensidade animal com a qual ele me jogou na parede noite passada, ainda havia um desejo em seus olhos que me disse o quanto ele me queria, queria estar mais perto de mim. Meu corpo respondeu a ele, e então olhamos para Kayla, que tinha caído no sono novamente. Nós rimos, percebendo o absurdo da nossa atual situação.

—Eu deveria levá-la de volta, Seth disse.

—Sim, eu disse, triste com a idéia de despedida, mas certamente não excitada o suficiente para comprovar enquanto a sua sobrinha estava por perto.

Ele me levou de volta para o meu carro em Bellevue. O nosso beijo de despedida foi suave e leve, quase hesitante. Parecia típico de toda essa questão, como se isso dificilmente fosse real e acabaria a qualquer momento.

—Qualquer coisa que você precise, Thetis, ele sussurrou em meu ouvido.

—Qualquer coisa que você precisar, eu vou fazer. Você sabe que eu vou.

Agonia e euforia invadiram meu peito. Ele não tinha me chamado de Thétis, seu antigo apelido pra mim, desde o dia em que terminamos. —Eu sei, eu murmurei em sua camisa. —Eu sei.

Eu voltei para a Queen Anne não muito tempo depois, conseguindo um agradável lugar bem em frente do meu edifício. Minha cabeça estava flutuando com Seth e Kayla e Jerome e outras coisas.

Eu estava tão distraída que, quando eu entrei no meu apartamento, eu quase passei direito por Grace que estava sentada no meu sofá. Claro, considerando que ela foi o primeiro demônio durante toda a semana que não tinha me atacado no instante em que eu abri a porta, a minha reação para a sutileza dela era compreensível.

—Grace? Eu perguntei curiosamente, como se talvez não fosse ela.

Ela estava folheando um exemplar da revista *Seattle Metropolitan*, em sua edição de melhor café da manhã de Seattle. Quando ela olhou para mim, havia um cansaço nos seus olhos que, mesmo a perfeição demoníaca, não conseguia esconder. Vê-la sozinha foi quase tão estranho como o fato dela estar aqui. Eu tinha ficado tão acostumada a ela e Mei serem uma unidade que a sua recente separação forçada parecia quase tão trágica quanto à invocação de Jerome.

—Aí está você, disse ela. —Eu quase fui embora.

—Desculpe, Eu disse, eu quis dizer isso. Parecia que ela e Mei estavam sendo simpáticas comigo ultimamente e eu queria manter assim. Demônios não gostam de esperar, e sem a conexão direta de um arquidemônio, ela não podia me encontrar imediatamente, através do tempo e do espaço.

Grace deu de ombros indiferentemente. —Eu não me importo. É bastante agradável ter alguns momentos de pausa de toda essa política e brigas.

—Eu posso imaginar. Eu franzi. —Não, espere. Eu não acho que eu possa.

Eu juro, eu pensei por um segundo ela poderia rir, mas ela manteve a mesma expressão de sempre.

—Tudo vai terminar logo, e é por isso que eu vim te ver. Mei e eu temos falado com todos os outros imortais inferiores hoje. Depois de amanhã, um demônio corporativo chamado Efraim tomará a decisão final sobre quem irá substituir Jerome.

Um caroço frio se formou no meu estômago. —Tão cedo?

—O inferno não gosta de perder tempo e recursos.

—Eu acho que não.

—Efraim já está na área e pode vir falar com você em uma tentativa de avaliar a situação. Ele vai querer saber sobre o seu trabalho, como as coisas funcionavam com Jerome, etc

Com cada palavra, meu espírito se afundou mais e mais. A minha brecha para encontrar Jerome estava encolhendo. Nós ganharíamos um novo arquidemônio a qualquer momento agora.

—Não tenha medo de falar a verdade, ela aconselhou. —Eu sei que muitas vezes é uma preocupação entre os Imortais inferiores, por medo de ofender.

—Alguma coisa assim, eu murmurei, pensando em Nanette.

—Claramente, você não quer realmente enfurecer Efraim, mas ele não tem filiação com ninguém atualmente envolvido na disputa aqui. Ele não irá te punir por dar a sua opinião.

—Eu estou supondo que ele não vai escutar tampouco.

Lá estava. Um pequeno tremor nos lábios que passou tão rápido que eu nem tinha certeza de que eu vi.

Ela se levantou do sofá e alisou distraidamente seu blazer. Era de um profundo, profundo vermelho, combinando com elegantes calças pretas e saltos de couro envernizados. Debaixo do colarinho do seu casaco, peguei um vislumbre do mesmo colar enorme que ela tinha usado na reunião. Eu me lembrei que a Mei não tinha um e não pude conter as minhas próximas palavras.

—Isso pode parecer estranho... mas eu não pude deixar de notar que você e Mei estão se vestindo diferente ultimamente. Assim que eu disse isso, eu esperei que

ela não ficasse brava comigo essencialmente chamando ela e Mei de copiadoras. Felizmente, ela permaneceu tão blasé como de costume.

—Nesses tempos, é sábio se distinguir. Nenhum dos nossos empregos estão seguros agora.

Eu liguei tudo. Em toda esta loucura, nunca me tinha ocorrido que Grace e Mei pudessem ter algo a temer. Mas é claro que elas tinham. Quando o inferno faz reorganizações, eles tendem a reajustar a maior estrutura. Eles podem muito bem decidir transferir Grace e Mei e instituir um novo conjunto de líderes demoníacos aqui.

Eu não gostei dessa idéia, muito menos da idéia de perder Jerome. Eu queria que as coisas permanecessem as mesmas. E analisando o cansaço que eu via no rosto de Grace, eu percebi que eu não era a única com um monte de coisas para se preocupar.

—Bem... se isso ajuda, eu acho que você está fazendo um ótimo trabalho. Você teve de arrumar tanta coisa e fazer controle de danos, e com todos esses demônios...Eu balancei a cabeça. —Eu não sei. Eles seriam estúpidos se não reconhecerem isso.

O olhar mais estranho veio do rosto de Grace. Eu estava quase certa de que aquilo poderia ser surpresa, mas a sua voz cuidadosa e fria tornava difícil dizer com certeza.

—Obrigada, Georgina. Voz dela estava dura, como se lidar com elogios a incomodasse. —Eu espero que você compartilhe seus sentimentos com Efraim, ele deverá vir falar com você.

—Claro, eu disse. —Não há problema.

Após uma rápida olhada no meu relógio de cozinha, ela virou para mim e deu um rápido aceno.

—Eu tenho que me encontrar com os outros. Eu falarei com você novamente em breve. Ela desapareceu, e eu não tive tempo de me despedir.

Eu tinha acabado de ver alguma coisa. Algo que mudava tudo.

Eu estava congelada. Esse tempo todo, durante a última semana, alguma coisa estava penetrando na minha cabeça. Eu observei a dedicação de Grace e Mei ao seu trabalho, como elas estavam sempre lá ajudando quando o caos irrompeu. Eu também observei como elas tinham sido forçadas a se separar ultimamente com a nova carga de trabalho, e como Grace tinha dito, elas agora provavelmente seriam controladas individualmente. E porque não seriam? Se alguém iria procurar um demônio novo para comandar Seattle, por que não olhar para os que já estavam fazendo isso?

—Oh meu Deus, eu ofeguei.

Mas havia mais do que isso. Não era só que Grace ou Mei tinham o motivo perfeito para convocar Jerome. Eu tinha mais do que apenas motivação diante de mim. Eu tinha provas.

Eu corri para o meu quarto, procurei freneticamente a foto do medalhão de Mary, certa de que ela tinha sumido. Nope. Ela ainda estava lá, caiu da minha mesinha de cabeceira

para o chão. Eu a recolhi.

—Oh, meu Deus.

Lá estava. Quando Grace tinha virado a cabeça, eu tive uma ampla visão do enorme colar e sua rede de pedras marrom e preto. A resposta estava diante de mim. Na reunião na adega, eu notei um pedaço do pingente do colar no formato de uma lua crescente. Eu não tinha reconhecido aquilo como algo mais do que um enfeite, mas agora, comparando a foto com o que eu tinha acabado de ver em Grace, a verdade era óbvia.

Grace tinha parte do selo. Era o lado esquerdo do medalhão, separado de uma forma irregular para dar uma aparência de lua nova. Mas eu tinha visto melhor a gravura dos símbolos quando ela inclinou a cabeça. Eles eram os mesmos. Era o selo.

A foto caiu das minhas mãos, e eu corri para a sala, lutando para alcançar o meu celular. Minhas mãos tremiam, e eu mal conseguia discar. Claro que, durante um segundo, eu não tinha certeza de para quem eu ligaria. Hugh, eu decidi. Eu tinha que contar para ele e para o resto dos meus amigos que -

—Larga isso.

Uma mão forte cobriu minha boca e me empurrou para trás. Minhas costas bateram em alguém, um homem alto com um tórax sólido como pedra. Ele estendeu sua outra mão e pegou meu pulso, fazendo a corrente do meu relógio apertar dolorosamente.

—Larga isso, disse ele. —Eu sei o que você viu. Eu vi também. Mas você não pode dizer a ninguém. Ainda não.

Eu mal podia ouvir através do meu coração batendo nos meus ouvidos, mas isso não importava. Eu conhecia essa voz, conhecia intimamente. Ela tinha assombrado os meus sonhos, ou melhor, os meus pesadelos, durante os últimos seis meses. O fato de eu não ter reconhecido a sua voz no dia em que Nanette me atacou era um sinal de quão verdadeiramente desorientada eu fiquei.

Eu deixei cair o telefone, ele liberou seu aperto em meu pulso, e um momento depois, a mão na minha boca se afastou também. Milagrosamente, eu não comecei a gritar. Devagar, bem devagar, eu me virei, sabendo exatamente o que eu iria encontrar. Olhos azuis esverdeados, assim como o mar da cidade em que cresci.

—Roman.

VINTE E UM

Havia realmente só uma coisa que eu poderia dizer.

—Você está aqui para me matar.

Isso teria sido uma ótima dica para ele dizer algo como: —Não, claro que não" ou —Por que você pensa assim? Qualquer uma destas respostas, ou algo parecido, teria sido imensamente reconfortante.

Em vez disso, ele disse: —Ainda não.

—Merda.

Eu dei dois passos para trás, sabendo que isso não ajudaria em nada. Mesmo se eu estivesse totalmente na minha forma súcubos, eu não teria nenhuma chance de lutar contra ele. Roman era um Nephilim, o filho bastardo meio humano de Jerome. Nephilim era uma mistura esquisita de seres inferiores e imortais superiores. Os Nephilins não existiam desde a criação, mas eles nasceram imortais e poderiam possuir os mesmos poderes que um imortal superior. Roman era tão forte como Jerome, mas ao contrário do meu patrão ou seus iguais, Roman não respondia a nenhum poder superior. Ele era desonesto, o que o tornava perigoso quando ficava puto.

E ele tinha todo o direito de estar puto comigo. Irritado com a forma que o céu e o inferno caçavam a sua espécie. Roman e sua irmã gêmea Helena tinham começado uma caçada para se vingar de outros imortais. Eu não sabia disso quando nós estávamos namorando, e eventualmente, eu tinha sido usada para pará-los - e fazer com que sua irmã fosse assassinada.

—O que você está fazendo aqui então? Eu perguntei finalmente.

A postura de Roman estava casual enquanto ele cruzava os braços e se encostava na parede. Parecia exatamente como eu me lembrava, extremamente alto se comparado a mim, com cabelos negros macios e os olhos lindos. —Você parece desapontada, ele disse. —Você quer que eu te mate?

—Não! Claro que não. Mas eu realmente não posso pensar em qualquer outra razão para você estar aqui. De alguma forma eu duvido que você esteja aqui para uma visita social. Apesar do meu medo, meu sarcasmo ainda estava funcionando. Carter tinha me dito que era improvável que Roman alguma vez voltasse para Seattle, sabendo que Jerome estaria de olho. Exceto, eu percebi desconfortavelmente, não havia nenhum Jerome aqui para continuar vigiando.

—Estou aqui para ajudar a encontrar meu ilustre pai.‖ A voz de Roman estava convencida quando ele falou, e eu tinha certeza que ele estava tendo muito prazer em ver minha reação. Eu esperava que ele estivesse satisfeito porque, minha mandíbula não bateu exatamente no chão, mas ela chegou bem perto.

—Mentira.

—Por que você não acredita em mim?

—Porque você não tem nenhum motivo! Meu medo estava sendo substituído

novamente, desta vez por incredulidade. —Você odeia o Jerome.

—Sim, é verdade.

—Pare de jogar comigo então. Você não está aqui para ajudar.

—Não? Então como é que eu te ajudei com as notas do selo?

—Você não ajudou. Eu gelei por um instante. —Oh Senhor, foi você.

—Na verdade, disse Roman amigavelmente. —Você deveria ser muito mais agradável, considerando todas as coisas que eu fiz por você.

—Mesmo? Não me lembro de você desperdiçando o seu tempo vagando sem rumo ao longo das praias.

—Nah. Estive muito ocupado explodindo fogões e carregando donzelas feridas para a cama.

Eu afundei em uma cadeira e fechei os olhos. —Realmente não foi Carter. O anjo estava dizendo a verdade sobre não ter interferido. Abri os olhos novamente. —E você me deu as dicas, não é? Isso é exatamente o tipo de coisa idiota que você faria.

Ele se fingiu de ofendido. —Isso foi muito legal da minha parte, considerando que você parecia pronta para sair correndo de lá.

—Isso não faz sentido. Você não pode estar aqui para ajudar a encontrar Jerome. O que está realmente acontecendo?

—A razão importa se eu ajudar a encontrá-lo?

—Sim! Importa se você quiser encontrá-lo para poder destruí-lo.

—Eu não quero destruí-lo.

—Eu não tenho nenhuma razão para confiar em você.

Seus olhos se estreitaram um pouco. —E eu não tenho nenhuma razão para confiar em você, se a memória serve.

Dei de ombros, quase cansada demais para estar com medo. —Bem, então, nós estamos quites, hein? Exceto, é claro, que você pode canalizar a sua desconfiança em me fazer sumir da face da terra.

—E você poderia dizer para a horda de demônios lá fora que há um Nephilim na cidade. Roman riu. —Oh, eles amariam isso, não amariam? Se um deles pudesse caçar e matar um

Nephilim, isso reforçaria bastante a posição deles aqui.

—Sim, como se eu tivesse a chance de contar para alguém. Suspirei. —Roman, se você não vai me matar, então o que exatamente você quer comigo? Por que você me salvou todas aquelas vezes?

—Porque você é a única nesta merda de cidade com qualquer chance de encontrar Jerome. E você pode se mover muito mais livremente do que eu.

—Hum, a última vez que eu chequei, você era o único na Liga da Matança Junior, não eu. Agora mesmo, eu não tenho nenhum poder ou habilidade para me defender.

—Sim, mas se você for pega xeretando, as pessoas não vão declarar aberta a temporada de caça à você... Quer dizer, além daquela demoness vadia. Fiz uma careta ao me lembrar, Roman insistiu.

—Olha, Georgina, nós podemos sentar e discutir se eu vou matar você ou não, ou podemos tentar esquecer isso e trazer o seu chefe de volta. Então nós podemos explorar sobre eu assassinar você mais profundamente.

—Deus, eu gemi, me levantando. Eu precisava dos meus cigarros. Roman me viu acender.

—Novo hábito desde a última vez em que estive por perto.

—Velho, na verdade. E eu não estou com disposição para discursar.

Sentei-me novamente, sentindo-me muito mais tranqüila com a minha nicotina. Aubrey saiu pouco depois, aparentemente não assustada com o sociopata - mesmo um misterioso e sexy - imortal no nosso meio. —Então, o que há para descobrir? Foi Grace. Você disse que viu o selo em seu pescoço.

Roman se acomodou em uma cadeira da mesa da minha cozinha e continuou. —Eu vi. Faz sentido que ela o manteria tão perto dela quanto possível, no entanto, foi meio tolo mantê-lo assim tão exposto.

—Então por que você não me deixa contar pra alguém?

Ele fez um som impaciente. —Pense Georgina. Pra quem você vai contar? Qual demônio nessa confusão toda você acha que pode confiar? Nenhum deles gosta de Jerome. Nenhum deles o quer de volta.

—Eu ia contar para o Hugh.

—Você não pode contar para ninguém. Eu estava caminhando junto com você hoje, quando Cedric apareceu. Era de se imaginar. Não tinha como dizer a quanto tempo Roman estava me seguindo invisível. —Se ele estava dizendo a verdade sobre não contar para Nanette sobre suas teorias, então isso significa que um de seus amigos contou pra ela.

—Não, eu disse teimosamente. —É mais provável que Cedric estivesse mentindo. Nenhum deles me trairia.

Para minha surpresa total e absoluta, Aubrey pulou no colo de Roman. Ele coçou a cabeça dela distraidamente. —Bem, acredite no que você quiser, mas eu não acho que é seguro

contar para ninguém ainda. Exceto eu, claro.

—Certo. O cara que me quer morta.

—É, podemos falar sobre isso mais tarde. Por agora, vamos repassar o que sabemos.

Eu não estava realmente entusiasmada com a maneira casual como nós estávamos discutindo a minha destruição iminente, nem gostei de ainda não

saber por que ele estava aqui. Entretanto manter minha mente em Jerome ajudou, e foi bom finalmente ter alguém para debater verdadeiramente essas coisas.

—Nós sabemos que Grace foi o demônio que ajudou com a invocação, eu disse.

—Poderia haver mais, você sabe.

—Sim, mas só há uma posição de arquidemônio.

—É verdade. Só não descarte outras possibilidades. Ela e a outra demoness são bem próximas.

Eu pensei em Mei, cuja expressão impassível era tão boa quanto a de Grace.

—Sim... embora, elas pareçam estar trabalhando bem independentemente agora. Mas, pelo bem do argumento, vamos ficar com a Grace. Então, sabemos que ela fez parte da invocação e tem a metade do selo. O que nós não sabemos é: onde a outra metade do selo está? Quem a ajudou? E onde Jerome realmente está?

—Meio assustador, ele refletiu.

Um pensamento de repente me ocorreu. —Espere um minuto... você poderia fazer isso mais simples. Um imortal superior pode romper a prisão de Jerome. Com você, nós não precisamos realmente encontrar o selo inteiro para libertá-lo, ou conseguir a metade que descobrimos com a Grace.

Roman ficou embaraçado. —Bem... Eu não sei com certeza se eu posso fazer isso.

—Por que não? Você tem os mesmos poderes que Jerome.

—Minha força é a mesma que a dele quando se trata de combate e outras coisas mais, mas eu não tenho exatamente os mesmos poderes. Eu não sou realmente um imortal superior. Eu não sei se eu poderia quebrar-lo sem o selo.

—Adorável. Estamos de volta aonde nós começamos.

—Eu não sei. Nós devemos apenas dar um passo de cada vez. Vamos continuar tentando encontrá-lo e descobrir onde a outra metade do selo está.

—Estamos correndo contra o tempo, eu murmurei, puxando um cigarro.

—Então, por que você está fumando de novo?

—Isso não é realmente importante agora, eu rosnei.

—Eu não sei. Se eu tivesse um corpo mortal, eu estaria preocupado com isso.

—Eu não sou mortal. E eu volto ao meu estado normal em poucos dias no máximo. Provavelmente muito mais cedo.

—Isso é por causa do Mortensen?

—Nós não vamos falar sobre isso agora.

—Nunca pensei que você seria uma pessoa que levaria uma separação tão a sério, tendo em vista a facilidade com que você termina. Na verdade... ninguém jamais terminou com você antes?

Eu o fulminei com o olhar, estava tão irritada que eu não me importava se ele quisesse tentar me matar.—Nós não vamos falar sobre isso agora.

—Tudo bem, tudo bem. Que outras informações nós temos, então?

Eu quebrei a cabeça pensando. —O culto... o Exército das Trevas. Eu acho que há uma conexão com a invocação de Jerome e as atividades deles. Quem quer que seja que os esteja controlando - bem, Grace, eu acho - programou suas atividades para tirar a atenção de outras coisas. Eu resumi o que eu conhecia das suas atividades e a sua organização. —No entanto, nem todas as atividades deles correspondem exatamente a alguma parte da invocação. Pelo menos não que eu saiba.

Roman estava pensativo. —Hum... bem, é possível que alguns possam não estar envolvidos com nada disso. Um pouco disso pode ser apenas uma distração, meio que apenas para estabelecer a presença deles. Eu não te segui para o Canadá todas as vezes, por isso eu não sei exatamente como eles são.

—Uau. Seus dons de perseguição têm limitações.

—Parecia um grande tormento, ele disse. —Além talvez de ir ao Tim Hortons.

Os Nephilims não podiam se teletransportar como os imortais superiores, então ele se limitava ao transporte normal quando estava me seguindo por aí.

Constrangida, pensando nas minhas atividades com Seth, eu apenas desejava saber o quanto Roman havia me espionado. Não teria sido a primeira vez que ele tinha tomado um lugar na primeira fila para ver minhas atividades íntimas. Se ele não fosse mencionar isso, eu também não iria.

—Eles estão quietos desde o dia da invocação, quando eles estavam aqui nos Estados Unidos. Eu acho que a Grace não deixou mais nada para eles fazerem eu disse.

—Provavelmente... A mente dele ainda estava dando voltas, aparentemente com desconfiança. —Mas se eu fosse você, eu falaria com eles novamente.

Eu me encolhi. —Não... Eu quero terminar com eles. Você não conhece esses caras como eu. Isto é ridículo.

—Tudo o que eu sei é que você tem que procurar em baixo de cada pedra que você puder encontrar - sem trocadilhos - se você vai resgatar Jerome.

—Oh, eu é que tenho que procurar, hein? Eu perguntei. Eu realmente não gostei da presunção na voz dele.—Eu pensei você ia ajudar a encontrá-lo também?

—Eu vou, amanhã. Quando você vai procurar de novo? Eu pensei sobre isso.—À tarde, depois do trabalho.

Houve uma batida na porta, e eu espiei pelo olho mágico. —É o Dante, Eu murmurei. Para crédito dele, normalmente ele bate primeiro antes de usar a chave. Eu pousei minha mão na maçaneta e dei um olhar interrogativo para Roman.

—Vou encontrar você ao meio-dia, ele disse. —Segure a porta aberta um segundo

depois que você o deixar entrar.

Roman ficou invisível, e eu abri a porta. Dante entrou, e eu fiquei ali por mais alguns instantes até sentir o movimento de alguém passando por mim. Tudo aconteceu tão rápido hoje que eu mal tive tempo para pensar que, não só eu tinha acabado de fazer contato com o cara que queria me matar, mas eu também fiz planos para passar um tempo com ele. Cara, isso ia me manter acordada mais tarde quando eu fosse tentar dormir.

Eu fechei a porta e dei um rápido beijo na bochecha do Dante. Ele estava carregando uma sacola, e estranhei e tive que olhar de novo.

—Você comprou algo do Macy's? Eu exclamei. —Eu de certa forma imaginava que você pisando em uma loja de departamento seria como um vampiro caminhando sobre a luz do sol, quer dizer, exceto na situação atual.

Dante revirou os olhos e deixou a sacola no chão. Cruzando os braços, ele se inclinou contra a parede.

—Bem, talvez eu esteja estagnado também. Esqueça sobre isso por um segundo e me diga se você já conseguiu entrar pra lista negra de algum demônio hoje. Lá estava novamente, a doce preocupação apesar dos seus melhores esforços.

—Não que eu saiba, mas hey, o dia ainda não acabou.

Eu encobri os detalhes de com quem eu tinha ido na minha busca por Jerome, enfatizando principalmente que o meu tempo na praia tinha sido em vão. Eu também mencionei a visita de Cedric e que ele alegou não ter dito à Nanette sobre as minhas suspeitas. Dante parecia duvidar disso. Finalmente, eu terminei com o aparecimento de Grace, e naquele momento eu hesitei. Eu queria dizer para o Dante sobre a minha descoberta surpreendente, sobre como a Grace tinha o selo.

No entanto, Roman insistiu para eu manter segredo. Por quê? Ele estava realmente desconfiado de todos? Será que ele tinha segundas intenções? Contra o meu melhor julgamento, eu mordi meu lábio e não contei ao Dante sobre a minha descoberta. Fazer isso me matou, principalmente porque eu tinha um sentimento de que ele poderia ter algum palpite. Porém o aviso de Roman era muito forte, assim como o meu medo de que ele pudesse ainda estar em volta invisível. E claro, eu não poderia contar sobre o Roman para o Dante.

Felizmente, Dante não percebeu nenhuma omissão de informações. —Você teve um dia cheio, súcubos. O demônio corporativo veio falar com você?

—Ainda não. Eu não tive a oportunidade de conversar com a turma para ver se ele está

fazendo as rondas. Eu olhei para a sacola do Macy's, morrendo de vontade de saber o que estava nela.

Dante chutou a sacola pra trás dele. —O que você vai dizer a ele?

Eu dei de ombros. —Eu não sei. Eu vou lhe dizer o que eu sei sobre Seattle, e até aonde for recomendado... Bem, eu não sei. Eu já não podia confiar em Grace, e a participação da Mei ainda era um mistério. Dante notou a minha mudança de humor, mas não as razões.

—A julgar pelo que você disse antes, eu pensei que você era um fã da Grace e da outra demoness.

—Mei! Eu corrigi. —Eu não sei. Isso tudo é um pouco cansativo. Ansiosa para mudar de assunto, eu aponte para a sacola. —Você vai me dizer o que há nisso?

Ele me deu um de seus sorrisos zombeteiros. —Por que você acha que isso tem alguma coisa a ver com você?

—Porque de jeito nenhum você teria feito compras na Macy's para você mesmo.

Você se veste apenas marginalmente melhor do que o Carter.

Dante balançou a cabeça, com um longo olhar de sofrimento. —Tudo bem, tudo bem. Eu vou ficar com isso paramim.

Ele pegou a sacola e saiu pelo corredor. Após alguns momentos, e o segui e o abordei na porta de meu quarto.

—Ah qual é! Para com isso. Eu arranquei a sacola dele, mas a minha vitória foi pequena, pois ele não lutou. Eu a abri e arfei com o que eu encontrei. Dobras e dobras de um cintilante tecido púrpura, de seda da cor açafrão nova primavera. Hesitante, eu o tirei da sacola, revelando um longo roupão que ia até o tornozelo. Eu olhei espantada. —O que é isto?

—Você é a única com anos e anos de aprendizagem, ele ressaltou, parecendo extremamente satisfeito consigo mesmo. —Você me diz.

Eu o levantei, medindo sua altura. Parecia perfeito. —É deslumbrante. Qual é a ocasião?

—Eu estava cansado de ouvir você se queixando sobre aquele desgastado que você tem. E cansado de vê-lo, para ser honesto. Ele ignorou o meu olhar fulminante.

—Além disso, você teve um, hum, momento difícil ultimamente. Até mesmo para você.

Lembrei-me de outras coisas, como as flores e o café da manhã. Todas as tentativas de jantares.

—Dante...

Ele pressionou um dedo em meus lábios. —Olha, fique quieta um segundo. Eu não sou cego. Eu posso perceber o quanto tudo isso está te estressando. E porra, se eu pudesse colocar as minhas mãos sobre aquela demônio vadia... Raiva brilhava em seus olhos, e ele levou um momento para afastar isso. —De qualquer forma, você pode continuar fazendo suas piadas ou o que for e continuar obstinadamente a fazer o seu melhor como detetive para encontrar Jerome, mas você está se despedaçando. Você está deprimida, você está distraída. Quando conversamos, é como se sua mente estivesse em outro lugar. O mesmo

acontece com a nossa vida sexual.

Eu abri a boca para argumentar, mas eu não estava certa sobre o que dizer. Ele estava certo. Eu tenho estado distraída, mas uma boa parte disso - particularmente durante as atividades íntimas - não tem nada a ver com Jerome. Eu tenho estado com Seth na minha cabeça. Dante continuou falando antes que eu pudesse dizer

alguma coisa.

—Viu, agora você vai se desculpar, porque é isso que você faz - mas não precisa súbucos. Se alguém precisa ser egoísta agora, é você. Na outra semana ou algo assim, tudo estará de volta ao normal, e eu serei o egoísta.

Algo se apertou em meu coração. Todos diziam que era ele era escória, mas no final, eu me tornei a única indigna de confiança. Eu desviei meus olhos.

—Então, aonde entra o roupão nessa história?

—Algo para te animar. Desde que o seu guarda-roupa foi cortado.

—Dante, você tem me dado um monte de coisas ultimamente. Você não tem que torrar dinheiro comigo - dinheiro que você não tem - para me fazer sentir melhor.

—Se eu não tivesse, eu não iria torrar, ele, ele observou secamente. —E mesmo assim... Eu não sou realmente o tipo de cara que faz isso, como... velas ou praias enluradas ou recita poesia.

Eu fiz uma careta. —Eu não me importo em ficar longe das praias durante algum tempo.

—Mas, ele continuou, —Eu te conheço bem o suficiente para saber que mochas e seda fazem você sorrir, e que, pelo menos, é algo que eu posso fazer.

Meu coração se contorceu mais, e eu estendi a mão para pegar a mão dele. Eu entendi o que ele estava dizendo. Não era da natureza dele fazer gestos românticos excessivos, mas comprar o essencial era algo que ele poderia fazer, e era a única maneira de me mostrar que ele se importava.

Minha culpa aumentou porque, não importa o que ele disse, eu sabia que ele estava apertado financeiramente. No entanto, minhas ações e fixação com Seth estavam preocupando o Dante o suficiente para ele sentir que tinha que fazer alguma coisa. Eu o estava dirigindo a isto.

—Você é doce, eu disse. —Mas não se preocupe. Vai ser nosso segredo. Ele passou os dedos pelo meu cabelo. —Não tão doce. Olhe na sacola.

Eu olhei. Debaixo do roupão, despercebido por mim, estava um frasco de banho de espuma. Eu o segurei interrogativamente.

—Eu pensei que nós poderíamos tomar um banho juntos.

Eu ri. —Isso é quase romântico. Você pode estar mais perto de praias enluradas do que

você pensa.Entretanto, minha banheira é muito pequena.

—Eu sei, ele disse. —Isso é o que eu quis dizer sobre isso não ser tão doce. E principalmente eu quero ver que tipo de posições interessantes nós podemos ficar estando nus em um espaço pequeno.

—Bem, graças a Deus que em um mundo enlouquecido, algumas pessoas nunca mudam.

Aquilo se transformou em uma molhada e ensaboada bagunça, mas foi mais divertido do que eu esperava. Não importa o que ele alegava, todo aquele ato era semi-romântico. A conversa foi fácil e leve, e nós rimos e brincamos muito. Eu quase me esqueci do Seth - quase. Mas quando as coisas começaram a ficar um pouco quentes e intensas, eu recuei. Não importa o quão sexy era estar nua e molhada com alguém, apenas não parecia certo se essa pessoa não fosse o Seth.

O que me fez sentir pior foi que Dante estava se acostumando com o meu humor. Ele imaginou que a minha falta de desejo era devido ao meu estresse, e então, eventualmente, nós saímos da banheira, tão castos como entramos. Nós enxugamos um ao outro e, em seguida, nos encolhemos no sofá e assistimos TV juntos, enquanto eu tentava não me sentir muito culpada sobre o roupão púrpura enrolado em mim.

Eu decidi que no dia seguinte eu finalmente colocaria o meu nome de volta na escala de trabalho da livraria. Eu só iria me disponibilizar para meus períodos enquanto os negócios dos demônios não estivessem resolvidos, mas nesta altura, parecia improvável que eu teria que voltar ao Canadá novamente. A minha situação incerta não poderia durar para sempre se eu quisesse manter o meu emprego; A clemência do Warren só iria durar até um tempo.

Roman e eu tínhamos planos para ir à Edmonds à tarde, assim, no meu primeiro dia oficial de retorno, eu só trabalhei no turno da manhã. Parte dessa mudança envolveu chegar antes que abrissem a loja, e eu dei boas-vindas à solidão. A loja sempre me acalmou, e se alguma vez existiu um momento em que eu precisava me acalmar, esse momento era agora. Durou pouco, no entanto, desde que meus outros colegas começaram a chegar não muito depois de mim. Maddie estava entre eles.

—Ei, ela disse radiante, entrando de vez no meu escritório. —É só mais uma „visita“ ou você está de volta?

—Permanentemente, eu acho. Não que isso importe. Parece que foi tudo muito bem sem mim.

Ela sorriu e fechou a porta atrás dela. —Oh, nós sentimos sua falta, acredite. Não tinha ninguém aqui para arbitrar minhas lutas com Doug.

Eu ri e a assisti se sentar. Bem, então, eu acho que voltei bem a tempo. Sapatos legais.

Maddie estendeu as pernas e admirou os escarpam vermelho dela.

—Obrigado. O Nordstrom„s teve uma liquidação.

Os saltos de couro marrom Mia* que eu estava usando atualmente estavam entre os meus favoritos, mas depois de uma semana sem mudar de forma, o meu guarda-roupa estava começando a me deixar louca. Era como o meu cabelo, eu notei. Eu não havia percebido o quão dependente eu estava da minha mudança de forma para melhorar a minha aparência. Eu tinha me elogiado por viver como um ser humano, quando na verdade, eu estava trapaceando o tempo todo. (*http://www.fairyshoeprincess.com/wp-content/uploads/2009/02/mia_dolli-300x300.jpg)

Vendo o meu olhar melancólico, Maddie perguntou: —Você quer ir ao centro para almoçar e conferir a liquidação?

Eu balancei a cabeça com pesar. Procurar por sapatos soava muito melhor do que procurar por pedras.

—Não posso. Eu tenho que encontrar alguém.

—Ah, bem, me avise quando você conseguir algum tempo. Você sabe que eu adoro isso. O silêncio caiu, e Maddie se mexeu, desconfortável. Ela mordeu os lábios, como se quisesse dizer algo. Eu comecei a encorajá-la, mas ela falou primeiro.

—Então, o que você achou da lista de condomínios?

—Ah, eles eram... Merda. Eu não tinha sequer começado a ler eles. Roman e Dante tinham gastado mais tempo olhando pra eles do que eu. Qual deles Dante mencionou? —Eles eram ótimos. Eu realmente gostei daquele novo - aquele em que você ainda pode escolher os materiais.

Os olhos dela brilharam. —Ooh, Sim. Eu amei aquele também. Eu na verdade procurei por ele no site da construtora. Parece que não sobraram muitos, mas tem que haver pelo menos um, ou ele não estaria na lista. Nós deveríamos ir lá e falar com eles pessoalmente.

Eu sorri, sentindo-me horrível sobre a mentira. —Claro... mas pode levar um tempo para eu conseguir uma pausa. Nós teremos que fazer isso e a viagem de sapatos ao mesmo tempo.

Maddie assentiu com a cabeça, com a face agradável e simpática. —Não tem problema. Eu entendo.

Mais silêncio caiu, e eu percebi que não era sobre condomínios que ela queria falar comigo. Aquilo tinha sido uma distração para ela construir sua própria coragem.

—Maddie, o que está acontecendo?

Seu olhar alegre se desintegrou em algo muito mais melancólico. Foi assustador. Eu estava tão acostumada com o constante bom humor dela que a idéia de algo a transtornar era igual a alguma coisa quebrando as leis da física.

Ela encontrou meus olhos e imediatamente desviou o olhar.

—Oh Deus.

Eu não posso acreditar que estou prestes falar sobre isso.

Eu estava seriamente preocupada agora. —Você pode me dizer. Tudo bem. O que está acontecendo?

Ela suspirou. —É o Seth. Oh, merda.

VINTE E DOIS

—O que tem o Seth? eu perguntei duramente. Esperei por gritos de acusações. Qualquer um deles teria sido compreensível. O que eu não esperava, eram lágrimas se formando em seus olhos.

—Eu acho... Eu acho que tem algo errado. Acho que ele está tentando fazer com que eu me decepcione ou algo assim.

—Por que você acha isso? Eu imitei a Grace e a Mei, mantendo minha face imóvel e sem expressão como a delas.

—Ele apenas... Eu não sei. Ultimamente ele anda muito distraído.

—Seth sempre está distraído. Você sabe como ele é com seus livros.

—Sim, eu sei. E às vezes isso me deixa louca. Eu lembrei do desapontamento dela na festa da Casey. —Mas isso é algo diferente, eu posso sentir. Eu apenas não sei o que é. Ele não está muito por perto, e quando ele está, é como se ele estivesse comigo, mas não comigo. Ele sempre diz que não há nada errado, mas não parece estar bem. E nós não estamos...

—Não estão o que? eu perguntei, já sabendo a resposta.

Um rosa profundo floresceu em suas bochechas. —Nós não estamos transando. Toda vez que eu meio que sugestiono isso, ele apenas não... bem, ele não parece estar a fim.

Conversar sobre a vida sexual deles era um dos tópicos de conversa mais doloroso que eu poderia imaginar, ela não imaginava que eu era a causa desse problema. Então, eu mantive minha cara de paisagem no modo de terapeuta.

—Há quanto tempo isso está acontecendo?

—Por volta de uma semana.

É, isso fazia sentido. É próximo da época que minha estase tinha começado. Aqui estava eu, esperando que a Maddie viesse atrás de mim, acusando dos olhares indiscretos que eu e o Seth trocamos. Mas ela não estava. Nunca passou pela mente dela suspeitar da minha duplicidade. Na verdade, ela veio até mim buscar ajuda porque eu era uma das poucas pessoas que ela confiava para coisas assim.

E isso fez tudo ser pior quando tive que mentir para ela. Em qualquer outra situação, eu poderia ter avisado uma amiga para pegar o controle do seu relacionamento, para controlar seu homem e não ser usada. E talvez... Talvez eu devesse. E se eu aconselhasse

ela terminar com o Seth, isso limparia o caminho para nós. Eu queria isso de novo? Eu não sei. Eu ainda não estava pensando no dia que me tornaria súcubos novamente. Eu estava vivendo com irresponsabilidade, focando no agora e continuava isso aqui com a Maddie.

Minhas próximas palavras foram ditas tão decisivas, tão convincentes que não havia nunca como ela pensar que eu não queria o melhor para ela, de coração. Talvez eu tenha confiado em minha habilidade de súcubos todo esse tempo para

deixar meu cabelo liso, mas charme e persuadir as pessoas são partes centrais da minha personalidade. Ela nunca teve uma chance.

—Uma semana? Eu dei um sorriso gentil para ela. —Isso não é muito tempo. Você ainda não pode basear uma grande crise por causa disso - especialmente se você considerar com quem você está lidando. Quero dizer, como você disse, você o vê tão ocupado com o trabalho que ele cancela ou mesmo esquece as coisas, certo?

—Sim, ela disse, fungando em uma tentativa contínua de conter as lágrimas. —Nem sempre foi assim. Eu não sei. Eu nunca tive um relacionamento sério. Eu não sei bem como isso funciona.

—Você estão saindo, tipo, há uns quatro meses. Leva mais tempo que isso para conhecer bem alguém. Com uma dor cruciante eu percebi que ela e o Seth namoram há mais tempo que eu o tinha namorado. —Talvez isso seja uma das coisas que você vai ter que se acostumar. Provavelmente ele está estressado e sexo é a última coisa na mente dele - por mais difícil que seja acreditar nisso. Dê a ele algum tempo. Se isso continuar a acontecer, então talvez você deva se preocupar. Mas é muito cedo para isso agora.

Eu pude sentir, pelo seu rosto, que minhas palavras tinham dado esperança para ela.

—Sim... provavelmente você está certa. Mas... Você acha... Você acha que estou fazendo alguma coisa errada? Eu deveria fazer alguma coisa diferente? Agir diferente? Vestir-me de um jeito mais sexy?

Oh Deus. Eu não queria dar conselhos para a Maddie de como seduzir o Seth.

—Bem... Eu não me preocuparia com nada disso agora. Pensar demais nisso só vai te estressar mais. Apenas espere um pouco mais. Se há algo na mente dele, isso vai tomar algum tempo para que ele resolva.

Ela engoliu as lágrimas e agora tinha adotado um olhar resoluto. —Às vezes não sei se estou me enganando, mas é como se eu tivesse sido fisgada pelo meu primeiro grande romance. Mas, de verdade, alguns dias, eu sinto como se tivesse encontrado o cara. Como se ele quisesse fugir agora e eu tivesse que o agarrar. O amor em seu rosto era como um tiro no meu coração. —Se tiver algo errado, eu quero ajudá-lo a passar por isso.

—Eu sei, eu sei, mas você ainda não sabe o que é. Se for uma coisa de escritor, ele tem que trabalhar nisso. Se for alguma outra coisa... bem, tenho certeza que ele virá conversar sobre isso quando ele estiver pronto.

Seus olhos escuros estavam pensativos, olhando para mim sem realmente ver enquanto ela processava tudo isso. —Provavelmente você está certa, ela disse afinal, ela me deu um pequeno sorriso e chacoalhou a cabeça. —Deus, eu me sinto um pouco estúpida. Olhe

para mim. Algum tipo de campeã para mulheres fortes, huh? Eu estraguei minha maquiagem? E oh Deus, eu realmente perguntei isso?

—Não, está tudo bem. E você não é estúpida. Seus sentimentos são normais. Eu me levantei, com a necessidade de sair dali. O cômodo estava me deixando claustrofóbica. Eu tinha que sair de perto dela, de perto da confiança que ela tinha em mim. —Preciso dar uma verificada nas coisas. Eles devem abrir a qualquer minuto.

Ela também se levantou e passou as mãos nos olhos pela última vez. —Sim, eu

também tenho umas coisas para fazer. Obrigada por me escutar. Antes que eu pudesse abrir a porta, ela me deu um abraço apertado. —Estou feliz por você ser minha amiga.

Com isso, ela saiu para fazer seu trabalho. Enquanto isso, eu desejei que um buraco se abrisse no chão e me puxasse para dentro. Eu quase desejei que a Nanette aparecesse e acabasse com meu tormento e a auto-aversão que a Maddie tinha inadvertidamente colocado em mim. Mas se eu tinha esperanças que o trabalho fosse uma distração, eu estava errada. Meia hora depois, um assunto no café me deixou cara a cara com o Seth.

Ele estava sentado na mesa com seu laptop e olhou para cima assim que ele sentiu que eu estava por perto. Ele sorriu e meu coração disparou. Eu sorri de volta antes que eu pudesse me controlar. Parecia que ele queria que eu me aproximasse, eu ainda estava preocupada em chamar atenção ou dar pistas para os outros. Claro que ia parecer mais suspeito se eu não fosse falar com ele, eu percebi. Tempos atrás era perfeitamente comum para mim parar e ter uma conversinha com ele. Ninguém jamais tinha interpretado como algo além de brincadeiras amigáveis.

Então, depois de deixar alguns livros, eu voltei e sentei em frente a ele. —Hey, eu disse, sentindo calor sob seu olhar.

—Hey, ele respondeu. —Você está linda hoje.

Eu olhei para baixo e dei uma risada. Junto com meu guarda roupa limitado, eu também estava descobrindo que não lavá-las diminuía ainda mais minhas opções de roupa. Eu estava de jeans e uma camiseta preta básica, meu cabelo teve sorte de ter conseguido uma escovação breve, sem qualquer penteado elaborado. Eu tinha dormido demais e tinha descoberto que um penteado estilo praiano não requeria muito trabalho.

—Mentiroso, eu disse. —Eu praticamente caí da cama essa manhã.

—Você esqueceu que eu já vi você em todos os estados imagináveis. Você não tem que ter cada detalhe enfeitado e perfeito. Você é linda mesmo quando está despenteada. Às vezes mais.

—Hey! Você está dizendo que estou despenteada?

—Não, você está em algum lugar entre o enfeitado e o despenteado. E você ainda parece linda.

Eu recebia elogios o tempo todo, mas vindo dele, eles eram dourados e maravilhosos. Até mesmo os pequenos. —E você, eu disse, —parece tentar ser descabelado.

Ele passou a mão no seu cabelo ligeiramente bagunçado. Acho que a intenção dele era

alisá-lo, mas ele apenas o bagunçou mais. —Você sabia que as pessoas gastam fortunas em gel para conseguir esse visual.

—E fortunas em camisas como essa, eu disse, apontando para sua camiseta vintage do Ovomaltine.

—Muitos colecionadores pagariam um dinheirão por ela no eBay.

—Eu sou uma dessas pessoas.

Eu ri. —Há muitas camisetas dessas esperando por você em Vancouver, sabia? Eu as vi e pensei em você.

Cada momento passado, eu me sentia mais e mais dentro daquela conexão elétrica que havia entre a gente. O amor por ele me enchia, me fazia sentir completa. Deixá-lo tinha sido agonizante, mas então eu via um sentimento similar por mim em seu rosto.

Eu tinha me sentado, sentindo culpada e com sentimentos conflitantes em relação a Maddie, mas uma vez que eu estava com ele... Bem, isso era egoísta e horrível, mas eu não conseguia evitar. E honestamente, ficou difícil para eu me atormentar com os sentimentos dela porque eu estava muito caidinha por ele. Eu o queria. Eu queria que ele fosse meu. Eu queria que ele me amasse. E ainda, eu sabia que logo que eu deixasse a mesa, eu me sentiria mal por ela novamente. Não havia como isso acabar bem.

—Você tem mais viagens agendadas para lá? Ele abaixou sua voz, o olhar de flerte tinha deixado seu rosto e foi substituído por preocupação.

—Não, eu acho que minhas viagens internacionais acabaram. Eu tenho apenas que descobrir algumas coisas por aqui... ou, bem, qualquer dia desses eu os descubro. As coisas vão voltar ao normal em breve, com ou sem Jerome.

Sua expressão ficou confusa e ele desviou o olhar de mim e fixou em alguma coisa do lado de fora da janela.

Desde o começo nós dois sabíamos que o inevitável estava próximo, ainda assim, nenhum de nós foi capaz de falar sobre isso. E parecia que ainda não conseguiríamos falar sobre isso agora. Havia milhões de coisas que deveríamos estar discutindo, mas tudo que conseguíamos pensar era um no outro. Nós passamos tanto do nosso tempo com os limites entre nós, que agora que não havia nenhum, nós queríamos apenas nos perder infantilmente em nossos anseios e não pensar nas consequências - mesmo sabendo que as consequências nos pegariam qualquer dia.

—Bem, Seth disse finalmente. —Eu apenas espero que você fique segura. Você está perto de encontrá-lo?

Eu hesitei. Roman tinha me falado para não confiar em ninguém. Eu tinha quase certeza que o Seth não iria sair correndo contar o que eu falei para qualquer demônio por aí. Eu também suspeitava que o Seth não ficaria feliz em saber que o Roman estava na minha vida novamente, não importa o quão altruísta o Roman se dizia ser agora. Seth não confia

nele. Inferno, eu não confio nele.

—Eu tenho algumas pistas promissoras, eu disse finalmente. Eu pensei na Grace.

—Algumas mais promissoras que outras... Eu apenas não tenho certeza se eu posso fazer alguma coisa com elas.

—Ainda caminhando pelas praias? Você precisa de mim e da Kayla novamente?

—Eu pensei que ela tinha alguma coisa...

O olhar em seu rosto dizia que ele faria qualquer coisa por mim. —Sim, mas se você realmente precisar dela, eu poderia tentar dar um jeito. Se você quiser.

Oh, eu queria. Uma dor de saudades prazerosa cresceu em meu peito. Não havia nada mais que eu amaria do que passar outra tarde com os dois, mesmo que fosse uma busca por pedras. Isso me deixava ter a ilusão de ser uma família.

—Não, tudo bem. Relutantemente eu deixei a imagem apagar. Por mais que eu quisesse estar com eles novamente, Roman era um melhor parceiro para minhas caçadas agora. Eu preferia colocá-lo em risco a Kayla, e de qualquer forma, ele era mais hábil para saber se nos realmente encontramos o lugar que estávamos procurando. Eu olhei para o relógio. —Na verdade, eu preciso terminar meu trabalho aqui. Meu turno vai terminar logo e eu não posso me atrasar.

O rosto do Seth era uma mistura de preocupação e desapontamento. —Sem almoço, huh?

Eu não tinha certeza, mas suspeitava que almoçar com ele poderia envolver comida e sexo em algum lugar furtivo. Merda. Eu queria os dois.

Tristemente eu chacoalhei a cabeça. —Bem que eu queria... mas isso vem primeiro. Sinto muito. Por meio segundo eu lembrei-me da Maddie no escritório, tão triste e com o coração despedaçado. Eu pensei até mesmo no Dante e em seu gasto compulsivo. Se eu ainda tivesse qualquer fragmento de mortalidade em minha alma condenada, eu diria ao Seth que nós precisávamos terminar com isso, agora. Mas como em todas as outras vezes que eu disse isso para mim mesma, eu nunca escutei. —Talvez... talvez essa noite, eu acho...

Roman e eu já teríamos terminado a procura. Dante poderia estar por perto, mas bem... eu teria que lidar com isso mais tarde. Eu me senti confiante que poderia fugir de qualquer plano que ele quisesse fazer. Detalhes como esse não são importantes. Apenas estar sozinha com o Seth é. Como estar perto dele me afeta desse jeito?

Ele concordou tão ansioso quanto eu. —Me ligue quando estiver livre.

Eu ia brincar que nunca fico livre, mas não foi o que ele quis dizer. Ao me levantar, eu esperava parecer que eu estava saindo de uma conversa platônica e que eu não estava na verdade lutando com a tentação e dar um beijo de tchau nele. Nós nos encaramos por uns momentos e com seus olhos, o Seth disse milhões de coisas, doces e indecentes.

Caminhando para longe, eu estava certa que qualquer um que nos visse poderia instantaneamente perceber o que estava acontecendo - mas ninguém parecia estar

prestando atenção em nós.

Meu turno passou rapidamente depois disso e enquanto eu caminhava para casa, eu ouvi passos invisíveis ao meu lado. —Eu sei que você está aí, eu disse baixinho. Eu não queria que ninguém pensasse que eu era louca. —Grata ao ver que seu voyeurismo não mudou.

Hoje meu carro estava estacionado atrás do meu prédio e quando eu virei à esquina de uma quadra tranqüila, Roman se materializou ao meu lado. Ele

parecia lindo, soberbo e perigoso. O de sempre.

—Espero que esteja se divertindo ao me seguir por aí.

—Você deveria estar em um reality show, ele disse. —Isso é ótimo. Você sabe, eu posso até ser um ex-assassino instável, mas cara. Sua conduta choca até mesmo eu.

—Oh, cala a boca, eu respondi. Eu destranquei as portas do carro e sentei no banco do motorista. —Seu comentário sarcástico não foi desejado, nem apreciado.

—Não foi um comentário. Eu estava pensando alto. Não tinha nada a ver com você, verdade, não requer nenhuma resposta de sua parte.

—Então é isso? eu perguntei, saindo da vaga do estacionamento. —É por isso que você não vai me matar. Você vai apenas me torturar pelo resto da eternidade. Sofrimento prolongado, certo?

Ele sorriu, mostrando os dentes brancos perfeitos em contraste com sua pele bronzeada. Isso desencadeou uma memória em mim, como uma vez eu o achei tão atraente. Agora, acho, meu medo e inquietação bloquearam qualquer tipo de desejo.

—Eu acredito que esta é uma maneira de encarar isso. Além do mais, não haja como se não houvesse alguma parte em você que não goste secretamente de desempenhar esse papel de eternamente atormentada. Se você estivesse feliz, você não saberia o que fazer consigo mesma.

—Isso não é verdade. Eu estava surpresa ao perceber que estava ficando vermelha.

—Para de tentar me ferrar.

—Estou apenas intrigado, isso é tudo. Você veste essa máscara de superioridade moral. E o Mortensen também. Ainda assim, aqui estão vocês dois, se esgueirando por aí.

—Você não entende. Estamos apaixonados. O olhar seco que o Roman me deu, fez com que eu me arrependesse das palavras imediatamente.

—Oh, eu entendo. Pode acreditar. Eu mantive meus olhos na pista. Uma vez ele disse que me amava, e eu joguei isso de volta na cara dele. —Se vocês estão tão apaixonados, por que terminaram então? Vocês estavam se bajulando da última vez que a vi.

—Por muitas razões, eu murmurei. —É complicado.

—Sempre é.

Eu suspirei. Edmonds era a mais ou menos vinte e cinco minutos de distância. Essa vai ser uma longa viagem.

—Bom, não que isso seja da sua conta, mas eu quero dizer, há muitas coisas acontecendo. Em primeiro lugar, estamos com problemas de comunicação.

—Que terrivelmente mundano.

—E eu estava começando a surtar - você sabe, sobre como ele poderia morrer. Eu achei que não poderia lidar com isso. Eu esperei pela resposta do Roman quanto a isso, mas não houve nenhuma. —E, é claro... eu quero dizer, sempre há o sexo. Eu não podia fazer isso. Eu não podia lidar com o pensamento de tirar uma parte da vida dele. Nosso amor não era dependente de sexo... mas bem, isso também confunde as coisas.

—E agora você não tem problema com o sexo.

—Porque eu não posso machucá-lo agora! Olha, eu não posso mudar o calendário - ou o fato de que ainda nos importamos um com o outro.

—Ou o fato de cada um de vocês terem outras pessoas significantes. Agora eu fiquei em silêncio. Roman encostou sua cabeça no banco pensativamente.

—Em todas minhas observações dessa semana, eu tenho que admitir, eu gosto da Maddie.

—Eu também gosto dela. Eu disse baixinho.

—E o cara que você está namorando? Bem, eu acho que você consegue um melhor.

—Estou quase desejando que você tivesse me matado.

—Oh, eu tenho pensado nisso, ele disse. Para meu receio, a voz dele não tinha um tom de brincadeira.

Novamente, me recusei a olhar para ele. —Eu sinto muito... sobre a Helena. Eu nunca quis que aquilo acontecesse.

Roman deu uma gargalhada que soou como se ele tivesse ficado sem ar. —Oh? O que você pensou que aconteceria? Uns puxões de orelha? Eu sobrevivi, mas ainda não estou totalmente recuperado.

—Você disse que ia matar o Carter. E eu não sabia de quem mais você ia atrás depois, eu disse calmamente. —Eu não sabia o que fazer. Não havia opções fáceis para mim.

—Teria havido se você realmente me amasse assim como você tinha dito, ele respondeu amargamente. —E eu disse que deixaria o resto deles em paz.

—Era muito tarde quando você me disse isso. Nessa hora eu já tinha chamado ajuda. Eu não acrescentei que eu realmente tinha amado ele. Era de um jeito diferente do que eu amava o Seth, mas tinha sido amor.

—Bem, que seja. Isso não é relevante agora. Encontrar o Jerome é o importante. Pelo canto do meu olho, eu o vi estudar meu perfil. —Claro, que eu estou surpreso que você

está tão ansiosa... isso coloca um ponto final no nosso pequeno romance.

—Isso vai chegar a um final de qualquer maneira. Eu prefiro ter o Jerome na minha vida do que qualquer outro demônio. Na minha mente, eu podia ver os olhos amáveis e sorriso gentil do Seth. Eu quase podia sentir o jeito que suas mãos tocavam meu corpo. —Eu vou ter as recordações, no final Elas vão permanecer comigo.

—Lembranças. Roman chacoalhou a cabeça. —Como que alguém que transa com qualquer homem para viver pode ser uma romântica tão idiota?

Eu não respondi aquilo, e o resto da nossa viagem houve apenas conversa amena. O lugar que estávamos indo em Edmonds era outro parque. Engraçado, eu pensei, os humanos separam esses lugares mágicos e os preservam. Eu me perguntei se eles sentem o poder em algum nível. Eu tinha lido um pouco sobre esse parque e como ele tinha significado para os americanos nativos da região. Certamente isso era promissor. Era uma pequena praia flanqueada por uma área com mesas de madeira para pic-nic. Crianças corriam por toda parte enquanto suas mães as olhavam.

—Esse lugar não é muito forte, o Roman disse uma vez que estava fora do carro.

—Há um pouquinho de mágica na terra, mas não muita. Não acho que eles esconderam o Jerome aqui - eles querem muito mais para mascarar do que isso.

Eu me recusei a deixar isso me derrubar. —Temos que dar uma olhada. Não temos certeza de nada.

O parque não era enorme. Eu suspeito que levou menos tempo para dar uma olhada lá, do que dirigir de volta. Assim que saímos do estacionamento, meu celular tocou. Eu não reconheci o número. —Continue sem mim, eu disse para o Roman. Quando eu atendi, a voz não era uma que eu reconhecesse.

—É a Letha, também conhecida como Georgina Kincaid?

Eu fiz uma careta. Apenas funcionários de alto cargo no Inferno me chamam pelo meu nome original. —Sim.

—Aqui é Ephraim, do Setor de Assuntos Internos. A voz do demônio era vil e apressada, dando a impressão que era eu quem tinha ligado e o interrompido em algo. Eu achei engraçado ele ter ligado no lugar de falar pessoalmente. Mais eficiente, eu acho.

Eu sentei em uma mesa de pic-nic. —O que eu posso fazer por você?

—Nada, tenho certeza. Mas eu fui instruído a entrevistar todos os imortais menores na área sobre a situação do Jerome. Eu podia ouvir as letras maiúsculas em sua voz.

—Primeiro, eu gostaria de saber onde você estava quando o Jerome desapareceu.

—A caminho do Canadá, Jerome tinha me mandado para lá para ajudar Cedric.

Houve um momento de pausa. —Meus registros dizem que Cedric estava em Seattle quando Jerome desapareceu.

—Bem, quando eu parti, Cedric ainda estava lá, sim. Mas quando o Exército das Trevas fizeram aquilo no Space Needle, eu liguei para o Cedric porque eu imaginei que ele gostaria de saber. Eu acho que foi quando ele veio para cá.

—Você disse Exército das Trevas?

—Um, sim. É um culto em Vancouver que está fazendo algumas coisas constrangedoras.

—Ah. Aqueles com tintaspray.

—Yup. Estou ajudando o Cedric com eles e quando ele ouviu que eles estavam aqui, eu acho que ele veio falar com Jerome e fazer algum controle de danos para

que o Jerome não pensasse que ele tinha mandado os garotos.

—Sua informação está incorreta. Cedric nunca se encontrou com o Jerome.

—O que? Eu fiz uma careta, pensando na minha conversa anterior com a Kristin. Eu tinha perguntado se o Cedric tinha vindo falar com o Jerome e enquanto ela confirmava que tinha estado aqui, ela não tinha mencionado que eles realmente se falaram.

—Quando o Cedric veio, Jerome já estava desaparecido. Ele e Mei tentaram encontrá-lo e quando os imortais menores começaram a mostrar os efeitos da invocação, nós soubemos o que estava acontecendo. As palavras do Ephraim ainda eram ativas. Claramente ele não tinha interesse em discutir o que ele já sabia.

Eu estava perto de alguma coisa - tão, tão perto. Jerome tinha sido invocado antes do Cedric chegar? Isso poderia excluí-lo da suspeita de ser o invocador. Claro, que se Ephraim tinha recebido essa informação do Cedric, então isso poderia ser uma mentira. Talvez Cedric estivesse em uma armadilha.

Talvez ele estivesse aqui no exato momento que o Jerome foi invocado. Mencionar Mei significa que ela provavelmente confirmaria a história do Cedric. Que significa o que exatamente?

Ela também estava envolvida? Eu já sabia que a Grace está envolvida. É possível que a Mei e o Cedric estejam trabalhando com ela, mas isso significa que três demônios estariam conspirando.

Havia apenas uma recompensa em Seattle e eu não conseguia ver como todos se beneficiariam. Ter um grupo grande de demônios organizados é difícil. Eles fazendo isso sem oferecer vantagem para todos eles? Impossível.

Ephraim estava ansioso para voltar ao assunto. Ele me perguntou mais algumas questões sobre o desaparecimento do Jerome e um pouco sobre meus afazeres do dia a dia. Ele nunca chegou a perguntar minha opinião sobre quem deveria substituir o Jerome ou o que eu achava dos outros demônios. De qualquer maneira isso não era particularmente surpreendente. Como eu e meus amigos tínhamos discutido, nós não iríamos desempenhar um grande papel aqui.

Eu desliguei e fui encontrar o Roman. Eu esperava que ele tivesse terminado a busca, mas em vez disso, eu o encontrei jogando bola com algumas crianças em uma clareira perto das árvores.

Eles eram pequenos e não havia muito jogo. A maioria estava em um círculo e jogavam a bola de um lado para o outro. Os arremessos do Roman eram gentis e cuidadosos para que

fosse fácil para as crianças pegarem a bola. Eu fiquei do lado de fora, assistindo eles maravilhada. Na verdade ele parecia bom nisso e a esquisitice de um sociopata meio-anjo bastardo brincando com crianças pequenas não estava perdida para mim.

Roman viu que eu estava os assistindo e jogou a bola para uma garotinha. Ele deixou o círculo para se aproximar de mim, para o desespero das crianças deixadas para trás. Eles suplicaram para ele ficar, mas ele meramente acenou e disse que tinha que ir.

—Talvez nós pudéssemos voltar mais tarde. Ele disse jovialmente.

—Eu não consigo decidir se isso é bonitinho ou arrepiante, eu disse a ele. —Talvez um pouco dos dois.

—Por que arrepiante? Eu apenas matei seres imortais. Nenhuma criança.

—O fato de você ter falado isso com uma cara honesta já é prova suficiente. Eu fiz um gesto à nossa volta. —Você checkou esse lugar?

—Nope. Não queria roubar a diversão de você. Quem era no telefone?

Nós começamos a caminhar pela praia e eu recapitulei o que o Ephraim tinha me falado.
—Eu quase disse a ele que eu sabia sobre a Grace, eu admiti.

—Não, que bom que você não fez isso, Roman disse. —Nós ainda precisamos de mais informações.

—Nós estamos correndo contra o tempo, eu resmunguei. —Não há muito mais informações que podemos coletar. E há algo nisso... algo estranho sobre o dia que o Jerome foi invocado. Eu apenas não consigo - Eu congelei, olhando para baixo na praia. —Roman. Olhe.

Ele seguiu um olhar. Ali, perto da lata de lixo, havia um amontoado de pequenas rochas ásperas misturadas com a areia. Cinza e Branco. Eu corri pela praia, ignorando a areia que enchia meus sapatos. Puta merda. Depois de todas essas buscas infrutíferas, depois de seguir todas aquelas pistas esquisitas pela metade, nós realmente encontramos alguma coisa. Nós tínhamos encontrado o Jerome e não num momento demasiado cedo.

Ignorando os olhares de crianças espantadas, eu me ajoelhei perto das pedras e comecei a empurrá-las para o lado, cavando na areia. Então eu percebi que deveria ter trazido uma pá ou algo assim. Alguns momentos depois, Roman chegou e ficou em pé ao meu lado.

—Bem, o que você está fazendo? eu quis saber.

—Ajude-me.—Ele não está aqui Georgina.

—Ele tem que estar! Estamos perto da água salgada. Há areia. Há pedras brancas. O resto o lacre está camuflando, ele está aqui, enterrado em algum lugar.

—Eu não sinto nada. Ele não está aqui.

As pedras estavam cortando minhas mãos enquanto eu escavava e eu senti lágrimas em meus olhos. Até aquele momento, eu não tinha percebido o medo real e horrível que eu tinha de o Jerome não retornar. Meu tempo como súcubos tinha sido cheia de revoltas. Eu gostava do pequeno pedaço de tranquilidade que eu tinha esculpido aqui em Seattle. Eu não queria mudar. Eu não podia deixar que isso mudasse, não depois de tudo que

aconteceu recentemente.

—O propósito do lacre mágico é para mascarar a prisão do Jerome! Claro que você não pode sentir.

—O lacre protege de qualquer um que não o esteja procurando. Eu estou e eu estou dizendo que não está aqui.

—Talvez você não seja forte o bastante.

Com um suspiro, Roman se ajoelhou atrás de mim. —Georgina, pare.

—Droga! Ele tem que estar aqui!

Roman chegou por trás de mim e segurou meus braços. Eu lutei, mas ele era muito forte.

—Basta Georgina. Jerome não está aqui. A única coisa diferente nesta marca é o cheiro da lata do lixo. Sinto muito.

Eu lutei contra ele um pouco mais e finalmente desisti. Ao sentir-se certo que aparentemente eu não iria mais lutar, Roman me soltou. Eu me virei e olhei para ele, engolindo as lágrimas. —Essa era nossa última chance, eu disse suavemente.

—Não temos mais tempo.

Roman me estudou com seus olhos verde-mar. Eu não vi raiva ou perigo, apenas compaixão.

—Sinto muito. E eu não tenho certeza absoluta que é muito tarde.

—Ephraim vai terminar sua avaliação a qualquer momento. E aonde vamos a seguir?

À Península Olympic? Wenatchee? * Pegando uns lugares ao acaso é uma coisa quando eles estão no nosso quintal. Esses outros são muito longe. Nós escolhemos o errado e é isso. Fim de jogo. Não teremos tempo para mais nada. (*Cidade de Washington)

—Sinto muito, ele repetiu. Pelo seu rosto, eu podia ver que ele falava a verdade.

—Quero encontrá-lo tanto quanto você.

Eu fixei o olhar além dele, na água azul-acinzentada e nas gaivotas que estavam voando em círculos. —Por quê? Por que você quer encontrar alguém que tentou te matar?

Roman sorriu. —Porque você se apegou a um ideal romântico quando tudo na sua vida já mostrou que isso é impossível?

Acho que ele tinha falado retoricamente e pareceu surpreso quando eu tirei os olhos da água para olhar para ele e responder. —Por causa de um sonho.

Ele ergueu uma sobrancelha. —Que sonho?

Eu respirei fundo e rapidamente as imagens passaram pela minha mente, tão vívidas e reais como elas tinham sido da primeira vez. —Pouco tempo atrás... Nyx esteve aqui.

Ele pareceu assustado. —O que? A mãe do tempo e caos.

—Sim, é uma longa história.

—O que há com essa cidade?

—Sei lá. De qualquer modo, ela estava predendo minha energia e me distraíndo mandando uns sonhos. Roman, eles eram tão reais. Você nem pode imaginar. Minha voz foi ficando pequena enquanto eu falava. —Eu estava lavando louça na cozinha, e a música Sweet Home Alabama, estava tocando. No outro cômodo, havia uma garotinha sentada em um cobertor. Ela se machucou e eu fui até lá para

confortá-la. Ela tinha dois ou três anos e ela era minha. Minha filha. Não de outra pessoa. Não era adotada. Filha do meu corpo. Aubrey também estava lá e havia essa tartaruga e -

—Uma o que?

—Uma tartaruga. Um gato com pêlo tartaruga,* eu esperei, mas sua expressão ainda era vazia. —É como um gato calico,** mas sem o branco. Apenas manchas marrons e laranjas. Como você pode ter mais de um milênio de idade e não saber disso?

(*Não consegui descobrir o nome dessas raças em português, segue link para foto deles: http://en.wikipedia.org/wiki/File:Long-haired_tortoiseshell_DSCF0193.JPG)

(**http://en.wikipedia.org/wiki/File:Station-Master_Tama.JPG)

—Porque eu não assino a revista *Gatos Extravagantes*. E eu não posso acreditar que você se lembra de coisas como a raça do gato e a música de fundo.

—Foi tão real, eu disse baixinho. —Mais real que minha própria vida. Eu me lembro de tudo.

Qualquer que fosse a resposta sarcástica que ele tinha na ponta da língua desapareceu e ele ficou sério novamente. —Sinto muito ter interrompido. Então, o que aconteceu depois? Com você, a garota e os gatos?

—Nós estávamos todos juntos, quentes e felizes. Então um carro parou do lado de fora e eu peguei a garota nos braços e fui ver. Um cara estava saindo e ele era o homem da minha vida. Meu amante, marido e pai da minha filha. Aquele que era o centro da minha vida.

—Quem era ele? Roman perguntou com o rosto concentrado.

Eu chacoalhei a cabeça. —Eu não sei. Eu não pude ver seu rosto. Estava escuro do lado de fora e nevando. Eu só sei que o amava e que ele e a garotinha completavam minha vida.

Roman não respondeu imediatamente enquanto ele considerava minhas palavras. —Mas foi um sonho.

—Eu não sei. A Nyx pode mostrar o futuro... Ela mostrou outros desses. Ela alegou que esse era o meu, mas isso é impossível. Não posso ter nada disso. E ainda assim...

—... e ainda assim, você secretamente espera que seja verdade.

—Sim. E quando essa coisa do estase aconteceu, eu pensei que talvez...

Novamente Roman completou minha frase. —... talvez isso se tornasse real. Depois de

tudo, de repente você pode tocar o Seth. Talvez você também possa ter um filho?

Ele descobriu minha esperança secreta. —Eu não sei. Eu ainda não sei. Talvez eu possa ficar grávida. Quero dizer, meu corpo é meio que humano, certo?

—Sim. Mas não o suficiente. Eu não sei de cada detalhe dessa hierarquia demoníaca e as maneiras que eles canalizam o poder, mas eu sei que você não

pode ter filhos. Mesmo se você parecer humana, você ainda é imortal. Você ainda pertence ao Inferno. Sinto muito.

Eu mantive meus olhos nos seus por um momento e então olhei para baixo.

—Bem. Eu acho que não posso ficar realmente surpresa por isso, huh? E de qualquer forma, eu não tenho razões para confiar na Nyx. Não depois do que ela fez.

É isso aí. Sem crianças. Outra peça do sonho tinha escorregado para longe de mim. Tudo o que tinha sobrado era o homem sem face, o homem que eu queria que fosse o Seth e até isso parecia improvável agora.

Roman me puxou para cima. —Vamos lá. Vamos voltar antes que a chuva chegue. Vamos tomar um sorvete. Talvez isso a anime.

—Não tenho muita certeza que o sorvete pode consertar minhas esperanças e sonhos perdidos ou uma iminente tomada de poder demoníaco.

—Provavelmente não. Mas isso vai ajudar.

VINTE E TRÊS

Dante não estava por perto quando cheguei em casa, nem acessível por telefone. Isso me aliviou de qualquer sentimento de culpa que eu tinha em sair com o Seth, meu único obstáculo agora era o olhar acusatório que o Roman me deu quando nos separamos. Eu não fazia idéia de como ele ia passar sua noite, e sinceramente, eu não queria saber.

O problema que eu e o Seth tínhamos ao sair era que deveríamos evitar praticamente toda a cidade. Nós conhecíamos pessoas no subúrbio também, mas o perigo de encontrar com alguém era bem menor. O tempo chuvoso que eu e o Roman experimentamos a tarde tinha sumido e de repente nos encontramos em condições quase quentes que quase foi possível sair sem um casaco. Eu deveria entender a mudança de tempo ocasional como uma benção divina, se não fosse pelo fato de eu ter desistido de tais crenças anos atrás.

Para minha surpresa, Seth disse que queria ir para o centro da cidade e sentia-se bem confiante que não pareceríamos suspeitos. Ele nos levou até Beltown, parou na garagem subterrânea de um dos muitos apartamentos de torre alta que pareciam brotar a cada dia.

Uma chave misteriosa permitiu que nós entrássemos e o elevador nos levou para o último andar.

—O que é isso? Eu perguntei quando entramos em uma grande suíte na cobertura. Isso fez com que eu me perguntasse se eu deveria mudar a direção das minhas aspirações mobiliárias. Eu olhei para ele surpresa. —Isso aqui é seu? O Seth ter uma casa para lazer não era inteiramente improvável.

—Pertence a alguém que eu conheço e que está fora da cidade. Eu pedi emprestado como um favor.

—Você tem amigos que eu não conheço?

Ele me deu _O_ olhar e deixou passar. Além do mais, o lugar era tão lindo que eu tinha distração suficiente. As cores eram todas em tons de cinza e azul marinho, a mobília era macia e cara. Eu gostei especialmente das paredes que eram decoradas com enormes reproduções de antes dos trabalhos de Raphael.

Atualmente, arte abstrata é a nova tendência e era bom ver alguma coisa diferente.

—Espere até você ver o resto, o Seth disse, acenando para a sacada.

Ou, bem, _sacada_, era a palavra mais próxima que me veio à mente. Isso era praticamente metade do tamanho do meu apartamento e virada para o oeste, mostrando

parte das luzes cintilantes do centro da cidade e todo o barulho do Puget Sound.* Eu fiquei maravilhada, vendo uma balsa atravessar a imensidão escura de água.

(*É um sistema complexo de vias navegáveis marítimas e bacias.)

—Wow. Isso resumia tudo.

Ficamos em pé lá por algum tempo, os braços do Seth me envolvendo. A essa altura, o calor fora de época tinha se tornado rajadas de frio da estação. Eu estremeci e o Seth me envolveu em um cobertor que estava enrolado em

uma cadeira de ferro fundido.

—Sente-se, ele disse. —Eu já volto com o jantar.

Eu sorri com o galanteio e me sentei em uma mesa de vidro ornamentada com luz de velas que ainda me permitia apreciar a vista. Esperando pelo Seth, eu passei por todos os tipos de sentimentos estranhos criando vida dentro de mim.

É isso, eu percebi. Eu não sabia como eu sabia, mas esse era o fim do, seja lá o que a gente tem, neste momento. Talvez algo novo tomasse esse lugar. Talvez nós nunca vamos ter mais nada. Apesar de que esse momento vai ficar cristalizado no tempo para mim. Nada como isso iria vir novamente, nunca.

O jantar era patê de tapenade* com pão assim como - para meu choque - uma garrafa de vinho. —Tudo isso é para mim? eu perguntei.

(*Patê feito com alcaparra, alho, anchova, azeite, azeitona preta, mostarda, Brandy e pimenta.)

Ele chacoalhou a cabeça, —Eu vou tomar um cálice.

—O que? Starbucks e agora isso? Eu dei uma olhadinha na garrafa para ter certeza que isso não era uma daquelas coisas esquisitas sem álcool. Não.

—É uma ocasião especial, ele disse com um sorriso e eu soube que ele tinha o mesmo pressentimento que eu, que isso era o final de alguma coisa. —Além do mais, como posso viver sem o Rubaiyat* se eu não tiver todos os trajes? (*Rubaiyat, quarteto, poemas de quatro linhas; coleção de versos persas escritos por Omar Khayyam; Rubaiyat de Omar Khayyan)

—Claro. Seu encontro super romântico poderia ser baseado em um poema. Eu já podia vê-lo em seu modo de citação. Ele limpou a garganta para falar.

—Aqui com um Naco de Pão debaixo do Ramo Uma Garrafa de Vinho, um Livro de Poemas - e Tu Ao meu lado cantando na Selva -E o paraíso é Selvagem o suficiente.

Eu discordei simpaticamente. —Você tem o pão, vinho, eu... Mas não tem o ramo. E dificilmente a selva.

—Isso é uma selva urbana, ele argumentou.

—E não tem livro de poemas, eu continuei, gostando de contrariar. Então eu reconsiderarei.

—Apesar de que, eu não terminei de ler Noite de todos Tolos .A expressão do Seth ficou

imediatamente séria. —E?

—Você já sabe. É lindo.

—Não, eu não sei. É um mistério o tempo todo - sem trocadilhos. As palavras saem, mas no final.. Ele encolheu. —Você nunca sabe como eles vão ser recebidos, o que as pessoas vão pensar. Eu sempre fico surpreso.

—O que a citação de abertura significa? As letras de Kate Bush sobre fazer um trato com Deus?

—Você deveria ouvir o Placebo cantar essa música. Vai te deixar de queixo caído. Seth me deu um olhar de sabichão. —Você acha que tem algum significado escondido?

—Sempre há um significado escondido. Você acrescentou isso depois que me conheceu, não foi?

—Sim... quero dizer, obviamente está relacionado ao livro... À revelação do O'Neill no final. Mas eu acho que está relacionado a nós também. Seus olhos se afastaram, perdidos na vista ao nosso redor. —Eu não sei. Nós tivemos que lidar com tantas complicações. Ainda estamos lidando com elas. E o que podemos fazer?

Nada - bem, a menos que peguemos o seu ponto de vista e façamos um trato com o diabo. Mas por quê? Por que não podemos fazer um trato com Deus?

—As pessoas fazem isso o tempo todo. Deus, se você fizer isso por mim, eu prometo ser bom... Coisas como essa.

—É, mas eu não vejo contratos como vocês tem. Sem evidências concretas que isso funciona.

Se eu não estava enganada, havia um pouco de amargura em sua voz. —Por que podemos apenas conseguir o que queremos sendo maus? Por que não as conseguimos sendo bons?

—Vou perguntar pro Carter da próxima vez que eu o ver, eu disse secamente.

—Mas eu tenho um pressentimento que ele vai dizer que a bondade é sua própria recompensa.

Até agora nós tínhamos pegado o tapenade, mas mal tocamos o vinho. Colocando suas reivindicações de lado, eu não sabia se o Seth tinha ao menos bebericado o dele. Ele virou para mim.

—Você e eu não estamos sendo muito bons, estamos? ele perguntou. Isso era um eufemismo.

—Você e eu somos vítimas de um timing infeliz. Eu pausei. —E muitas outras coisas infelizes.

—Teria sido muito mais simples se esta coisa de pausa tivesse acontecido quando nos estávamos namorando. Ou se apenas tivéssemos nos entregado.

—Não, eu disse. —De jeito nenhum. Eu não me importo com essa confusão. É uma pena eu não ter acabado machucando você. Você o poupou da dor física, uma voz desagradável dentro de mim disse com sarcasmo. Mas e a Maddie? Dor nem sempre é física, você

dentre todas as pessoas sabe muito bem disso. E a dor de um coração partido que você causou a ela? Eu ignorei a voz.

—Eu não ligo, o Seth disse. —Eu deveria ter feito. Eu deveria ter vendido minha alma por você. Você e eu... Eu já te disse. Alguma coisa sempre vai nos manter próximos um do outro... mesmo se não estivermos juntos.

Eu me levantei da cadeira e sentei no seu colo, passando meus braços ao redor dele e me perguntando como era possível que meu coração tivesse se enchendo e se quebrando ao mesmo tempo. Eu inclinei a cabeça e encostei-me em seu

ombro.

—Eu te amo, eu disse suavemente. —E eu te perdô. Alguma coisa estranha nessas palavras me fez estremecer, nunca pensei que as diria para alguém. —E entendo agora porque você fez o que fez. Eu não elaborei muito no o que... Eu não precisava.

Seth beijou meu queixo. —Você alguma vez já sentiu como... Se nós estivéssemos vivendo esse momento de novo e de novo?

Eu pensei em nosso passado turbulento. —Se nós estivéssemos, eu não me preocuparia sobre isso. Não agora.

Eu achei que ele iria dizer mais, até possivelmente me corrigir, mas eu não dei uma chance a ele.

Eu o beijei, e como das outras vezes, foi doce, poderoso e a coisa mais certa no mundo. Nós nos abraçamos e de alguma maneira, apesar do frio, nós tiramos a roupa o suficiente e fizemos amor com o vento soprando nos nossos cabelos e o brilho das estrelas nos iluminando. E como daquela primeira vez, eu ainda tinha a sensação que não estávamos próximos o suficiente. Mesmo quando nossos corpos se uniram e ele se moveu para dentro de mim, eu ainda sentia que talvez eu nunca ficasse próxima dele o suficiente. Talvez seja isso a conexão mística que ele sempre fala.

Ou talvez tenha sido apenas uma metáfora para nosso destino.

Mais tarde nós nos sentamos juntos por um longo tempo, enrolados nos cobertores e falando pouco. Eu queria ficar aqui a noite inteira. Até mesmo para sempre. Neste romance, havia apenas uma coisa que não tínhamos feito: passar a noite juntos depois do sexo. Nós sempre temos que nos separar e continuar com o resto das nossas vidas.

Finalmente ele me deixou no meu carro e nos beijamos por um longo tempo antes que eu pudesse me desprender. Seth passou a mão no meu queixo e cabelo, relutante em me deixar ir. Eu compartilhava o mesmo sentimento.

—O que você vai fazer agora? ele perguntou.

—Eu não sei. Eu acho que vou fazer mais uma busca amanhã. Isso se der tempo. Eu espero o Ephraim nomear uma pessoa a qualquer momento.

Ele concordou, com os olhos escuros e pensativos. —Bem, se você precisar de companhia novamente...

Eu sorri, sem saber se isso era uma boa idéia ou não, mas não era uma decisão que eu

queria tomar essa noite. Eu não sabia que se eu queria que a sacada fosse nosso último momento juntos nesse lance ou se eu queria me agarrar a outros preciosos segundos, mesmo que fosse na praia.

—Eu te aviso, eu prometi. Eu o beijei uma última vez e então saí para ir para meu próprio carro. Eu tinha acabado de destrancar as portas quando uma voz falou comigo da escuridão.

—Você pode me dar uma carona?

Eu suspirei. Eu realmente não gostava do jeito que as pessoas conseguiam me pegar de surpresa ultimamente. Claro, que com o senso de humor do Carter, eu não estava inteiramente chocada. Antigamente, ele já tinha me enganado inúmeras vezes enquanto ele escondia a plenitude de sua aura porque ele gostava do elemento surpresa. Agora eu não tinha a mínima chance de luta.

Eu abri minha porta. —Desculpe. Eu não dou carona para mochileiros.

Determinado, ele entrou no banco do passageiro e colocou o cinto de segurança.

—Você teve uma noite boa, madame? Ele falou, educado, de um jeito antigo.

—Não use esse tom comigo.

—Qual tom? Eu estava sendo cortês.

—Você sabe exatamente o que eu estava fazendo, então não haja como você estivesse tendo uma conversa agradável.

—Por que elas são mutuamente exclusivas? Recusei-me olhar para ele. —Não quero ser julgada.

—E eu estou te julgando? Parece mais que você mesma está se julgando, o que na verdade, é jeito que deveriaser.

—Você me encontrou apenas para aprofundar a filosofia da minha moral? eu resmunguei.

—Nah, ele disse. —Sempre que encontro você, eu apenas me deixo levar e vejo onde o humor me leva.

—Talvez seu humor o pudesse te levar ao Jerome.

—Esse é seu pedido, não meu. Alguma sorte?

Novamente eu me deparei com o dilema. Com quem eu podia contar? Grace, Roman... são tantos jogadores a bordo agora e nenhum oponente distinto.

—Alguma. Eu disse afinal.

—Oh-ho, ele gargalhou. —Você poderia ser um anjo com uma resposta dessas.

—Bem, eu não acho que vai ser o suficiente para encontrar o Jerome, não a menos que um milagre aconteça.

O caminho foi curto. Eu estacionei do outro lado do meu prédio, com sorte de achar uma vaga na frente.

Carter virou e piscou para mim. —Bom, você sabe minha posição sobre tudo isso. Obrigado pela carona.

—Espera, eu disse, percebendo que ele estava prestes a se teleportar para longe.

—Eu tenho uma pergunta.

Ele ergueu uma sobrancelha. —Oh?

—Por que quando os mortais querem alguma coisa, a única opção deles é fazer negócio com o Inferno e vender a alma? Por que eles não podem fazer negócios com Deus em troca de bom comportamento?

Esse foi um dos raros momentos que eu surpreendo o Carter. Eu esperei pela resposta volúvel que eu tinha mencionado para o Seth, alguma coisa da linha de bondade ser a própria recompensa. O anjo considerou por vários segundos.

—Humanos fazem esses acordos o tempo todo, ele disse finalmente. —Eles apenas não os fazem com Deus.

—Então com quem eles fazem?

—Com eles mesmos. Ele desapareceu.

—Merda de anjos, eu murmurei.

Eu cheguei ao meu apartamento apenas alguns minutos antes do Dante aparecer. —Oh, eu estou com sorte. Ele disse, me vendo no sofá com a Aubrey.

—Parece que ultimamente você está sempre ocupada.

Eu senti uma pontinha de culpa pelo que eu fiz esta noite. Mentira é sempre uma mentira, não importa para quem você mente.

—Estou salvando Seattle, eu expliquei, dando espaço para ele sentar-se ao meu lado.

Ele sentou-se, barbeado e parecendo bem em sua roupa normal, jeans, uma camisa térmica, relógio e botas. Sua insegurança estava fazendo com que ele comprasse presentes para mim ultimamente, mas eu percebi que eu tinha que mostrar a ele alguma variedade de roupas depois que toda essa loucura terminar.

—E como isso está indo exatamente?

Todo mundo continua me perguntando sobre isso. Seth. Carter. Dante. E minhas respostas são vagas toda vez.

—Na verdade não muito bem. Eu acho que amanhã será o dia que tudo vai se resolver e Jerome vai estar perdido para sempre. Mesmo se ele não estiver, talvez seja tarde para ele ter sua antiga posição de volta. Na melhor das hipóteses vai ser tenente de alguém no norte de Michigan.

Dante colocou seus braços ao meu redor e os pés na mesa de centro. —Bom, súcubos, não leve isso para o lado ruim, mas eu vou ficar feliz quando tudo isso acabar, com ou sem novo arquidemônio. Estou cansado de ficar estressado o tempo todo e estou cansado de não ter um momento com você. Ele brincou com os fios do meu cabelo. —Estou também meio cansado de como isso está frisado. Não tem nenhum produto que você possa usar?

—Hey, eu disse. —Não é engraçado. O que aconteceu com minha beleza interna?

Ele pareceu audaz. —Você tem muito disso. Eu apenas quero o pacote completo. Além do mais, o seu olhar foi ótimo quando eu disse isso.

Sua mão saiu da minha cintura para passar carinhosamente entre meu quadril e coxa. Não foi notoriamente sexual, mas eu tinha um pressentimento que entre isso e seu bom humor - o que eu estava grata, mas não me leve a mal - houve um avanço amoroso no meu futuro.

—Você leu minhas cartas? eu perguntei de repente. Ele me deu um olhar chocado. —Cartas de Tarô?

—Sim.

—Você sabe que tudo isso é tolice.

—É quando você distorce a verdade para seus clientes. Por favor? Rapidinho.

—Tudo bem. Eu vou te dar a carta do dia. Todos os mistérios do universo em uma carta. Eu podia ouvir um _rolar de olhos,, eu sua voz enquanto ele se levantava para pegar suas cartas em sua mochila. Geralmente ele as tinha com ele para um eventual cliente inesperado.

—Não minta para mim, eu avisei. —Eu sei mais que seus clientes.

—Eu nem sonharia em fazer isso, ele disse, habilmente embaralhando as cartas. Eu já tinha visto ele engambelar seus clientes várias vezes dizendo o que eles queriam ouvir. Já que eu não sabia o que queria, acho que me excluí desta categoria. Depois das cartas embaralhadas e espalhadas, ele me deu para cortar e então as arrumou ordenadamente. —Puxe.

Eu peguei a primeira carta do topo e virei. —Merda.

O Cinco de Copas, O cálice derramado. Perda de esperanças e sonhos. Dante afirmou.

—Desapontamentos à frente, perda de algo que você tem. Pode ser fracasso ou inabilidade de resolver um problema recorrente. Muito típico ler para você.

—O que isso significa.

—Desgraça e melancolia sempre estão a sua volta. Eu não fiz a leitura da sua mão.

Isso seria bem pior que isso. —Isso provavelmente só está verificando que o Jerome foi para o bem - se você quiser acreditar nisso. E, hey, olhe. Ele bateu na carta. —Uma copa ficou para cima. Nem todas as esperanças estão perdidas.

Eu me perguntei se eu estava pensando em perder o Seth ou o homem do meu sonho. Eu me perguntei se o Roman estava certo, e se fosse verdade que eu não saberia fazer se

eu fosse realmente feliz.

Como eu suspeitava, Dante fez investidas sexuais em mim, mas eu duvidava que teria a semana toda. Eu sabia que a esse ponto eu não me importava mais. Meus copos estavam vazios e meu passeio com o Seth tinha acabado.

Ainda assim, nosso tempo juntos na sacada tinha sido doce e poderoso, que mais uma vez eu não poderia estar com outra pessoa depois de um encontro

como aquele. Logo, logo minha vida sexual com o Dante iria voltar ao normal - mas não esta noite. Não pareceu que ele ficou bravo ou magoado por ser colocado para baixo. Senti-me um pouco mal com isso, mas eu percebi que preferia me sentir culpada em trair ele a Seth.

Dante tinha se levantado e ido embora antes da manhã seguinte, mas Roman estava sentado na minha sala comendo um cereal e generosamente sentindo-se em casa. Ele deve ter percebido que eu estava ali, mas manteve seus olhos no noticiário da manhã. Quando ele terminou o cereal, ele estalou os dedos para a Aubrey e abaixou a tigela para ela.

—Hey, eu disse, falando de repente. —Leite faz mal para os gatos.

—Você precisa deixá-la viver um pouquinho, ele protestou, sem deixar de assistir o noticiário. —Então, qual é o plano para hoje?

—Eu não sei. Eu ainda estou em pausa, então acho que isso nos dá tempo. Quer jogar um dardo no mapa e ir para qualquer lugar? Eu fiz um gesto para o mapa do Oceano Pacífico que estava na minha mesa de centro.

—Talvez seja o método mais produtivo que já tentamos, ele murmurou.

Ele tinha aquele tom leve que ele usava freqüentemente, mas eu podia ouvir o desapontamento também. Ainda era um mistério para mim a razão de ele estar tão a fim de encontrar o Jerome. Eu decidi que era um mistério melhor se resolvido com café, eu vasculhei a procura do meu próprio café da manhã. Eu achei Pop-Tarts e me preocupei com meu peso novamente.

—Um, Georgina...

—Se você vai perguntar se você pode dar mais alguma coisa para ela comer a resposta é não.

—Você precisa vir dar uma olhada nisso. Sua voz era quase mortal. Os pêlos da minha nuca ficaram em pé eu corri para sala. O Roman apontou para a TV.

—Você deve estar brincando comigo, eu gemi.

O Exército das Trevas tinha atacado novamente. Estávamos assistindo o canal de Seattle, mas aparentemente, essa escapada no norte da fronteira estava sendo considerado digno de ser noticiado. A traquinagem tinha sido feita na verdade em Victoria, uma cidade numa ilha ao oeste de Vancouver, mas ainda na British Columbia. Há vários jardins muito bonitos e famosos lá e o Exército aparentemente tinha invadido a

noite e feito um pentagrama aparando uma enorme quantidade de arbustos. Eles reforçaram com tinta spray.

—Jesus Cristo, eu murmurei. O pentagrama já era um trabalho ruim, mas o grupo tinha sido esperto o suficiente para darem o fora sem serem pegos. Uma cena do jardim mostrou onde eles tinham pintado com spray: TODOS ACLAMAM O ANJO DAS TREVAS.

—Bom saber que eles não perderam o charme, Roman disse ironicamente.

Eu me espatifei no sofá ao lado dele, minha mente estava rodando. Por quê? Por que nesse momento? Eu brincava com a teoria de que as atividades do Exército tinha sido uma distração absurdamente elaborada para tirar a atenção

de todo mundo de Seattle. Por essa razão, as travessuras deles deveriam ter parado uma vez que o Jerome foi invocado. Ainda assim, aqui estavam eles novamente. Eles tinham agido por conta própria, apenas pela diversão? Teria o Blake descoberto uma promoção de tintas spray? Ou a Grace os tinha comandado novamente - e se sim, por quê?

A maioria das outras atividades deles estava relacionada à outra parte significativa para a criação do lacre do Jerome. Sem perder mais tempo, eu peguei meu celular e liguei para o Cedric. Na verdade eu consegui chegar até ele em vez da Kristin.

—O que? ele exigiu quando atendeu.

—Aqui é a Georgina. Acabei de ver o noticiário.

—Olha, eu não tenho tempo para você. Na verdade você é a última pessoa que eu quero falar agora, vendo como nada disso teria acontecido se você tivesse feito seu trabalho, em primeiro lugar.

—Yeah, yeah, eu sei, mas escute... tem alguma coisa importante acontecendo hoje?

Sua voz era cética. —O que? Você quer dizer além desses idiotas me envergonharem novamente?

—Não, quero dizer... qualquer evento ou, eu não sei... apenas alguma coisa importante, um, demoniacamente...

—Bem, se você considerar minha avaliação com o Ephraim importante, então sim. O sarcasmo escorria pelo telefone.

Eu congelei. —Obrigada. Isso é tudo que preciso saber. Ele pareceu realmente surpreso com isso. —Sério?

—Sim, não, espera - quando eu conversei com a Kristin no outro dia, ela disse que você veio para Seattle no dia que o Jerome foi invocado, mas então o Ephraim disse que quando você chegou aqui, ele já havia sumido. Isso é verdade?

—Sim, é claro. Você duvidadele?

—Não, não... apenas confirmando que eu entendi certo. E você ficou em Seattle por um tempo?

—Sim, mas com a Grace e Mei lidando com as consequências. Olha, se você quer rastrear minhas atividades, espere a Kristin voltar para o escritório. Ele suspirou frustrado.

—Merda. Eu gostaria que ela tivesse aqui agora.

Eu hesitei, então percebi que eu não poderia deixar as coisas piores. —Hey, apenas um conselho amigável... mas da próxima vez que você tiver olhando no Match.com ou pedindo por outra súcubos, por que você não procura mais perto de casa?

—Mas de que diabos você está falando?

—Kristin. Se você está procurando alguém que o saque,, você já a encontrou. Vejo você depois. Eu desliguei antes que pudesse ouvir sua resposta. Roman me deu um olhar estupefato.

—Você está sendo cupido no meio da crise?

—Apenas fazendo uma boa ação. Eu passei meu celular de uma mão para outra, pensando.

—Okay, então o Exército fez uma traquinagem hoje - enquanto o Ephraim estava entrevistando o Cedric. Isso não foi bom para o Cedric.

—O que vai arruinar sua candidatura para Seattle.

—Provavelmente, mesmo que ele diga que ele não queria. Ainda assim, faz sentido a Grace ter os mandado fazer isso hoje... se ela os manda fazer isso e eles não agem aleatoriamente...

Ele encolheu. —Faz sentido, mas qual a importância disso? Você já sabe que ela está completamente envolvida. E tudo que isso fez foi limpar ele.

Eu fiz uma careta. Eu tinha a mesma sensação que tive no outro dia enquanto analisava as atividades do culto, como se eu tivesse muito perto e não pudesse agarrar todas as peças. Contra meu melhor julgamento, eu liguei para o Evan. Ele atendeu e ficou louco quando percebeu que era eu.

—Georgina! Nós temos nos perguntado o que aconteceu com você. Cara, você não acredita no que fizemos hoje, isso foi -

—Eu já sei, eu interrompi. —Estava no noticiário daqui.

—O quê? Puta merda. Hey! Pessoa!! Eu coloquei o telefone para longe enquanto ele gritava com quem estava com ele. —Nós estamos no noticiário de Seattle! Um momento depois ele voltou para mim. —Wow, isso é demais. Reconhecimento internacional!

—Olha Evan. Eu preciso de uma coisa. O Anjo falou realmente para vocês fazerem isso? Quando eu digo isso, eu quero dizer, ela realmente apareceu em uma daquelas visões ou você presumiu que ela queria isso?

—Ela estava aqui. Disse para gente levar nossa marca para o Butchart Gardens, para que o mundo soubesse de sua glória. Legal também, já que você sabe, é um lugar poderoso e tal. Não é de se admirar que tivemos um efeito de longo alcance.

—Lugar poderoso... Meu punho se fechou sob as peças. —Evan, me escute. Você está familiarizado com outros lugares de poder a sua volta? Eu sempre neguei que esse grupo tivesse algum tipo de conhecimento arcano, nunca considerei que talvez eles soubessem algumas coisas sobre o mundo invisível.

—Claro.

Os olhos do Roman estavam fixos em mim tão profundamente, que pensei que eles iam atirar laser bem em mim. Ele podia dizer que eu tinha conseguido alguma coisa. Eu respirei fundo —Você conhece algum lugar que é uma praia - no oceano - que tem pedras brancas, cascalho, areia ou alguma coisa assim? Que esteja cheia de poder?

—Pedras brancas? Ele perguntou. Houve alguns segundos de silêncio. —Bem... tem a White Rock.*

(*Em inglês pedra branca.)

—O que?

—Essa cidade tem, bem, uma pedra branca gigante. Algum tipo de coisa glacial, mas os Indianos acham que veio dos deuses ou alguma coisa assim. Sempre foi um lugar sagrado.

—White Rock, eu repeti baixinho.

—Yup.

Não, não. Não poderia ser tão óbvio. Balançando o telefone com uma mão, eu abri o mapa com a outra e percorri a sessão do British Columbia. Aqui estava, na costa, bem ao norte da costa Americana.

White Rock.

—Filho da Puta, eu disse.

VINTE E QUATRO

Uma vez que eu tive certeza de que Evan tinha entendido que eu não estava chamando-o de filho da puta, desliguei o telefone e virei para Roman.

—A embarcação não é em qualquer lugar por aqui. Fica no British Columbia. (*Província do Canadá)

Os olhos de Roman tinham seguido meu dedo para White Rock* no mapa. —Certo, você ganha pontos pelo nome convincente, mas isso talvez não signifique nada. (*White Rock é uma cidade no Canadá e tem esse nome, pois possui uma grande rocha branca na praia)

—Sim! Significa tudo. O Exército tem sido uma distração, desde o início, quando a seita foi criada, quando Ephraim conversou com Cedric... e quando Jerome foi invocado. Eles realizaram seus eventos no Space Needle - aqui, mas realmente não fizeram nada até que Jerome foi capturado. Foi assim, eles agiram aqui sem chamar a atenção de Cedric, longe de seu próprio território.

Satisfação iluminou o rosto de Roman. Sociopata ou não, ele sempre foi inteligente.

—Por isso Grace escondeu o vasilhame no território de Cedric

Concordei. —É ali que ele está. Ela precisava que Cedric tivesse ido embora, no caso dele ter notado sua presença antes que Jerome estivesse escondido. Acho que ele está por aqui para a coisa com Ephraim, mas se eu ligar agora e lhe dizer-

—Não, disse Roman rapidamente. —Nós não podemos contar a ninguém.

—O que se passa com você? Eu exclamei, me levantando. —O relógio não pára. Nós podemos não ter tempo para um agradável passeio antes que esse congelamento termine.

—Chance nós temos que conseguir, amor. Ele se levantou também. —Pegue suas chaves. Vamos.

Comecei a ir para o meu quarto, então hesitei. —Maldição. Eu disse a Seth que consideraria levá-lo comigo. Muito tarde agora.

Roman considerou. —Não, faça isso.

—Por quê? Perguntei surpresa.

—Eu vou invisível. Não sei se alguém vai notar que você saiu, mas se você estiver acompanhada, mais fácil eles acreditarem que você está em uma fuga romântica. Mesmo

escondido, eu não quero que ninguém possa ver minha cara ainda.

Isso me colocou em uma situação estranha. O raciocínio de Roman estava cada vez mais bizarro. Houve também a discussão que tive noite passada, sobre se eu deveria deixar meu congelamento influenciar em meu último momento bonito com Seth ou se eu deveria ganhar mais alguns segundos. Deixá-lo terminar a noite passada teria sido a única coisa poética a fazer... mas eu era feita de materiais mais básicos. Liguei para ele enquanto eu estava na estrada e fui buscá-lo logo em seguida.

Ele andava na frente comigo enquanto Roman estava invisível no banco de trás, foi assustador, para dizer o mínimo. Felizmente, nenhuma conversa minha com Seth foi sentimental ou romântica. Ele sentiu a urgência crepitar em torno de mim e fez perguntas sobre a minha conclusão para a viagem. Eu respondi tanto quanto pude, ao mesmo tempo tentando conduzir no limite de velocidade. Eu não podia arriscar o atraso que uma multa causaria - ou contar com encantos sobrenaturais para me libertar. Demorou pouco menos de duas horas para chegar lá. Tínhamos deixado acidentalmente o mapa em casa, mas eu tinha todas as instruções memorizadas de qualquer maneira, era simples.

Quando nós havíamos quase chegado à praia onde tinha a rocha, tive o bom senso de ligar para Peter e dizer-lhe para não sair de casa.

—Você acha que sou estúpido? Ele perguntou. —Eu sei bem que este congelamento está prestes a terminar.

—Sim, eu concordei. —Mas pode não acabar como você está pensando. Desligamos.

—É aquilo, não é? Perguntou Seth. Uma placa nos direcionou ao estacionamento da praia.

—Sim, acho que é. Eu podia sentir-me começando a entrar em pânico. —Deus, estou com medo... eu não sei o que pode acontecer... Seth se aproximou e me deu um tapinha no ombro.

—Fácil, Thetis. Isso vai acabar da forma como deveria ser. Faça o que você tem que fazer, e nós vamos administrar da melhor forma que pudermos.

Estacionei o carro e olhei para ele. Tanto queimando entre nós, foi uma maravilha não ter sufocado Roman. Seth estava certo. Este era o fim, e deveríamos enfrentá-lo e fazer o que precisava ser feito, não importando o quão duro fosse. Essa era uma das coisas maravilhosas em Seth. Ele sabia a coisa certa a dizer. Saímos do carro.

Fomos para a praia de mãos dadas. A maré baixa revelou um cenário cheio de areia e cascalho. Uma vez que nos movemos mais para longe, o terreno ficou verde e coberto de capim - provavelmente devido às equipes de manutenção do parque. Semiahmoo Bay* se estendia em uma vastidão escura e irregular que teria sido provavelmente azul e bonito em um dia mais agradável. Grossas nuvens cinza obscureceram a maioria dos terrenos próximos ao lado da baía, e eu pensei ter ouvido um estrondo de trovão, algo que não era tão comum no suave Pacific Northwest.** Eu esperava que nós encontrássemos o que era necessário em breve, porque parecia que uma tempestade estava prestes a cair. Ah, metáfora. (*Formato de meia-lua na praia.

http://www.ourbc.com/travel_bc/bc_cities/vancouver_coast/photos/white_rock/sem

iahmoo_bay_01_640.jpg)

(**Pacífico noroeste é uma região no noroeste da América do Norte, abrigado pelo Oceano Pacífico)

Seth interrompeu meus pensamentos. —Aquilo, ele disse —é uma rocha branca.

Parei, voltando minha atenção da paisagem para o caminho diante de mim. Lá, cerca de alguns metros a nossa frente, estava uma rocha branca - uma enorme rocha branca. E pela aparência dela, Evan não tinha exagerado quando disse que a rocha pesava cerca de 500 toneladas.

—Eu meio que me sinto idiota perdendo meu tempo com migalhas de pedras brancas, Pensei, tirando o cabelo dos meus olhos.

—É tão óbvio... e ainda assim não é. Vamos?

Concordei, e nos aproximamos da rocha, nossos passos preenchidos com entusiasmo e apreensão. Depois de todo esse tempo e de todos os esforços que falharam, não parecia possível que nós tivéssemos realmente conseguido. Alguma coisa estava para acontecer. Alguma coisa tinha que acontecer.

—Whoa! Perdi o fôlego, olhando para cima da pedra quando chegamos a ela. Era tão grande que nos cobriu com sombras. —Eu posso ver porque as pessoas pensam que isto veio dos deuses.

Seth estava olhando para baixo. —Infelizmente, temos que direcionar nossa atenção para lugares menos nobres. Como é que vamos encontrar isso? Basta cavar ao acaso?

Se Seth e eu estivéssemos sozinhos, esse teria sido o método. Agora, eu estava esperando que Roman revelasse algumas informações sobre onde estava o vasilhame - se estava realmente aqui. Uma pequena parte de mim estava em pânico, temendo que termos acabado por aqui havia sido o maior direcionamento de todos. Olhei para o chão ao redor da rocha, mas não havia nada que indicasse uma escavação recente. Em uma praia como essa todo o terreno é irregular.

—Alguma coisa assim, eu disse, esperando que Roman pegasse minha dica.

Seth tinha largado a minha mão quando chegamos à rocha, mas agora ele a pegou de novo e me puxou para ele. —Georgina...

Tirei meus olhos do chão e olhei para ele. Minha adrenalina estava a mil, pronta para o desfecho desta aventura... ainda assim, meu coração estava apertado, sabendo quais seriam as conseqüências disso. Eu apertei as mãos de Seth e cheguei mais perto, descansando minha cabeça em seu peito. Seu coração estava acelerado. Sem dúvida, suas emoções eram confusas também.

—Eu sei, eu disse suavemente. —Eu me sinto da mesma maneira.

Ele me segurou firme e beijou minha testa. —Quando encontramos Jerome... quando ele for livre... isso vai rapidamente, não é?

—Sim. Eu não sei quanto tempo vai demorar, mas... bem, acho que vai ser rápido. Assim como quando ele foi invocado.

—É a mesma coisa.

—Eu acho.

Ficamos lá, nós dois feridos e confusos. Eu não acho que nada poderia ser pior do que quando Seth tinha terminado as coisas entre nós em dezembro. Entendi agora que ele tinha feito isso porque pensou que seria para um bem maior, mas ainda dóia. E isso... isso foi um tipo diferente de dor. Quando Seth e eu nos beijamos aquela primeira vez no meu apartamento, pensei que isso poderia ser como umas férias para mim, assim como foi para os vampiros. Seth seria o meu

sol, algo que eu poderia ter um breve deslumbre antes de regressar à minha triste imortalidade. Eu poderia guardar as memórias, e isso seria o suficiente. Somente agora, aqui com ele, percebi que não seria suficiente. Só doeria mais agora, sabendo exatamente o que eu nunca poderia ter novamente. Eu nunca mais iria fazer amor com Seth, nunca mais teria esses momentos íntimos de conforto e harmonia. Ele não era mais meu. Ele nunca poderia ser novamente.

—Eu não sei o que fazer, Seth disse, beijando minha testa.

—O que você quer dizer? Nós não temos uma escolha.‖

—Nós sempre temos uma escolha, Thetis. Depois disso, mesmo quando você voltar a ser uma súcubos... eu não sei. Eu queria tanto protegê-la de toda a dor do mundo. Mas depois de estar com você esta semana, eu estou começando a me perguntar se -

—Você só pode estar megozando.

Seth e eu olhamos para cima, surpresos. Eu teria esperado Roman vir atrapalhar nosso momento romântico ou talvez até Grace, em defesa de seu prêmio. O que eu não estava esperando, no entanto, foi Dante.

Eu não sabia de onde ele tinha vindo. Ele andou por toda a rocha como se estivesse escondido atrás dela, mas eu suspeito que ele só estivesse andando até nós imperceptivelmente enquanto tínhamos nosso momento de angústia entre amantes. Raiva irradiava dele, e seus olhos eram tão escuros e tempestuosos como o mar, além de nós. E logo que o vi, eu não precisei ser franca em meu questionamento, não precisei construir uma desculpa. Eu não precisava perguntar o que ele estava fazendo lá, porque de repente eu sabia.

—Você é o invocador, eu disse.

—É claro. Havia um tom de desprezo em sua voz, como se ele achasse um insulto outra pessoa poder desempenhar esse papel. —Quem mais? Eu não estava brincando quando disse que eu era o melhor na área. E honestamente não posso acreditar que você nunca me considerou. Não, nada disso. É claro que eu posso acreditar. Não importa o quão cansada ou triste você está, há ainda um pedaço Pollyanna* em você que quer acreditar no melhor nas pessoas.

(*Livro Pollyana - A filosofia de vida de Pollyanna é centrada no que ela chama "o Jogo do Contente", uma atitude otimista que ela aprendeu com o seu pai. Esse jogo consiste em encontrar algo para se estar contente, em qualquer situação por que passemos.)

—Você diz isso como se fosse uma coisa ruim, eu disse, sentindo minha própria raiva crescer. Ser usada é muito ruim. Mas ser usada pelo próprio namorado? Inaceitável. E

ainda... ele estava certo. Tinha sido estúpido da minha parte não considerá-lo, mas eu não podia acreditar que ele teria me submetido a todo este sofrimento.

—É uma coisa ruim. Eu estava esperando poder deixá-la fora disso, mas suponho que não deu certo. Os olhos dele encararam Seth e depois voltaram para mim.

—Claro, eu realmente não posso falar de ingenuidade desde que você estava me fodendo esse tempo todo. Ou melhor, fodendo com ele. Não havia realmente qualquer coisa que eu pudesse dizer. Eu mal podia dizer, „Não é o que você está pensando,“ por que... bem, era exatamente o que ele estava pensando.

Independentemente de seu papel na invocação de Jerome, o fato é que eu tinha

me enganado sobre Dante, e eu tinha sido pega de surpresa.

—Sinto muito, Eu disse, minha mão ainda segurando firmemente a mão de Seth. Ele havia dado um passo para frente. Não estava me bloqueando de Dante, mas era definitivamente uma postura protetora.

—Sim, sim, eu sei. Dante deu um suspiro irritado. "Maldição, Georgina. O que vamos fazer com você? Eu nunca te atrapahei em seu trabalho. Eu estava tentando dar uma vida boa para nós. E apesar disso... você voltou para ele. Assim que você viu que poderia foder com ele sem feri-lo, você pulou direto nele.

—Tentando nos dar uma vida boa... esse foi o motivo para você fazer tudo isso? Me lembrei dos comentários de Greg sobre quem ajudasse um demônio neste assunto seria pago com amantes e TVs. No caso de Dante tinha sido muito mais básico. Ele simplesmente foi pago em dinheiro, o suficiente para me comprar jóias, flores e começar a falar sobre dividir uma casa comigo.

—Súcubos, o que mais eu deveria fazer? Ele ainda estava falando comigo em um tom zombeteiro, mas eu pude ver a angústia em seu rosto. Isso rasgou o meu coração. —Você pode escravizar reis e estrelas do rock. Não havia nenhuma maneira de você ficar comigo para sempre, não como eu estava indo. As trapagens mal pagavam as contas, e quando meus feitiços puderam realmente ajudar, não deixei passar.

—Nada disso importava, Eu disse resolutamente. —Eu teria ficado... No entanto, mesmo quando falei, reconheci a contradição. Dante também percebeu, e apontou para um Seth muito silencioso. Seth parecia muito atento em alguma coisa. Dante revirou os olhos.

—Sim, é claro.

—Eu nunca quis isso... nunca quis que você, literalmente, fizesse acordos com o diabo.

—O que você esperava de mim? Você sabe quem eu sou. Você se envolveu comigo porque quis andar no lado escuro. Este acordo foi a minha maior chance - o pagamento ia me dar à chance de aumentar meu poder. Ela precisava do melhor, e ela poderia pagar por meus serviços.

—Ela... Grace.

Dante me deu um sorriso torto. —Eu deveria saber que você descobriu essa parte também e estava bem em cima disso. Mesmo quando você confiou em mim... você ainda não confiou realmente em mim. Talvez você não seja tão distraída como eu pensava. E quando cheguei ao seu apartamento e vi o mapa - bem, foi quando eu soube que tinha subestimado você. Você tem sorte que Grace acabou me enviando até aqui ao invés de vir

sozinha. Podemos tirar você daqui viva depois de tudo.

Seth e eu ainda estávamos perto, perto o suficiente para ele falar em meu ouvido sem ter que levantar a voz. —O relógio, ele sussurrou. —É o relógio.

Eu não tive nem tempo para processar a informação porque, de repente, Seth me largou e avançou sobre Dante. —Olha, apenas a deixe em paz, ok? Você a surpreendeu. Ela surpreendeu você. Vocês estão quites, agora nos deixe ir. O encarei. Foi estranhamente agressivo para ele.

—Quites? exclamou Dante. —Não estamos quites. Eu fiz o que fiz porque a amo.

A voz de Seth se elevou ainda mais. —Ama ela? Você a fez pagar um preço muito alto com essa história do culto. Você quase conseguiu que ela fosse morta por um demônio.

Dante olhou com raiva e deu um passo em direção a Seth. —Aquilo não devia ter acontecido. Jerome acertou na mosca com a coisa do Canadá. Ela não devia ter sido apanhada no meio disto. O plano era ela esperar o congelamento como todo mundo, e depois voltar ao normal uma vez que Grace estivesse no poder. Grace bagunçou tudo quando disse a Nanette sobre sua intromissão, mas Grace queria ter certeza que Nanette não iria foder com ela novamente. Eu trabalhei para manter Georgina segura. Cedric tinha dito a verdade. Ele realmente não tinha dito a Nanette sobre minhas teorias; Grace tinha. —Sim, você fez um ótimo trabalho.

—Não foi minha culpa! Gritou Dante. —Diga o que quiser sobre mim, mas meus motivos eram nobres. Considerando que os dela - ele apontou para mim -
—estavam em concordância com a prostituta egoísta que ela tem sido a vida inteira.

E então... o inesperado realmente aconteceu. Seth saltou para frente e socou Dante. Eu não sabia o que era mais surpreendente, Seth ser tão agressivo ou poder dar um soco tão bom. Ele havia se jogado em um ladrão uma vez, e embora tivesse sido maravilhosamente corajoso, não tinha sido tão preciso ou coordenado. Eu não tinha idéia de onde ele tinha aprendido isso. Dante pareceu tão surpreso quanto eu. Ele cambaleou para trás com o golpe e levou um tempo para se recuperar. Então, com um grunhido, ele pulou em Seth. Seth evitou apenas parcialmente o golpe - de propósito, pareceu - e caiu para trás com o impacto, os dois homens desmoronando até o chão.

Eles debateram-se um pouco, tentando se levantar e acertar o outro, por um momento eu estava muito impressionado com tudo para reagir. Então, finalmente, as palavras de Seth me atingiram. O relógio. Corri até eles, tomando o cuidado de não ser atingida por um soco. Seth teve um vislumbre do que eu ia fazer e deu o seu melhor para agarrar o pulso de Dante empurrando-o para mim. Dante ficou se contorcendo, no entanto - eu tive a sensação de que ele tinha tido algumas lutas a mais em sua vida do que Seth - e aumentou sua luta uma vez que percebeu o que estava acontecendo.

O relógio. Faz sentido, realmente. Grace usou sua parte em volta do pescoço. Dante iria querer manter a sua em segurança, então porque escondeu no único acessório que ele - por sua própria admissão - nunca usou?

No último momento, Seth conseguiu imobilizar o pulso de Dante, apenas tempo suficiente para eu pegar com meus dedos as tiras do relógio. Eu dei um puxão duro, com mais força do que eu pensava ser possível, e a pulseira quebrou. O relógio voou para minha mão, e eu corri quando Dante gritou de raiva. Seth diminuiu o aperto em Dante, já que nosso objetivo tinha sido alcançado. Assim que ele estava livre, no entanto, Dante

veio atrás de mim, e Seth se levantou para pegar ele.

Continuei correndo, mantendo o relógio seguro em minha mão, até que eu bati em alguma coisa - ou melhor, em alguém. Me virei e dei de cara com Grace me olhando com seus olhos duros e frios. Considerando que Dante apenas aparentava poder aparecer do nada, eu sabia que Grace realmente podia fazer isso. Eu gelei, e atrás de mim, os sons de luta pararam. Acho que os caras estavam tão surpresos quanto eu ao vê-la - ou talvez não. Dante tinha dito tudo a

Grace sobre nós estarmos aqui.

—Georgina ela disse. —Você é realmente uma boa funcionária... e, ainda assim, você também é uma má. Sua voz era tão plana e sem emoção como sempre, exceto que ao contrário de antes, eu tive a impressão de que ela estava realmente planejando me matar agora.

—Por quê? Eu perguntei, jogando por tempo. —Você tinha um bom emprego abaixo de Jerome.

—Abaixo sendo a palavra importante. Eu não ia passar o resto da minha existência como alguém segundo-em-comando, e certamente não a sua co-segundo-em-comando.

—Ela tem o selo, eu ouvi Dante dizer atrás de mim.

—Eu sei que ela tem, Grace respondeu. —Você deu a ela.

—Hey, eu-

Ela levantou a mão, e Dante gritou. Virando minha cabeça eu o vi se contorcendo de dor, como se estivesse suspenso por cordas controladas por ela. Depois de suportar a ira de Nanette, eu sabia verdadeiramente como era terrível a tortura de um ser demoníaco, e eu não podia ver ninguém passar por isso. Seth olhou de mim para Dante, claramente sem saber o que fazer. Brigas podem estar fora de sua zona de conforto, apesar de ser algo que ele poderia fazer. Mas isso? Totalmente diferente.

—Deixe-o ir! eu disse. Mesmo sendo estúpido, eu estendi a mão e tentei sacudi-la, mas eu teria tido tanta sorte quanto mover a rocha branca ao lado dela.

—Eu nunca deveria ter confiado em alguém que estava perto de -

Suas palavras foram cortadas quando de repente ela saiu voando pelo ar, batendo na rocha. O impacto pareceu deixá-la mais surpresa do que ferida e, felizmente, ela parou de torturar Dante. Ela olhou em volta, os olhos arregalados e confusos.

—O que-

Roman se materializou e caminhou em direção a ela, feroz e assustador. Finalmente, eu pensei. Sem os meus sentidos imortais, eu não conseguia sentir sua aura ou sua assinatura, mas algo me disse que estava usando uma fatia considerável de seu poder quando ele avançou. Fazer isso era arriscado. Isso faria sua identidade ser reconhecida por qualquer imortal mais próximo, embora com todo o drama em Seattle, provavelmente não teria ninguém na área para senti-lo. Cedric certamente não estava por perto.

Grace respirou profundamente. —Você... eu me lembro de sua assinatura.

Esse foi todo o aviso que ela deu antes de jogar fogo de suas mãos em direção a Roman. Ele não se moveu, porém o fogo atingiu uma parede invisível. Um arco em torno dele deixava-o ileso.

—Georgina, ele disse, sem tirar os olhos de Grace. "O vasilhame está mais para o lado norte da rocha."

Eu não perdi tempo e saí correndo até o local que ele indicou. Ouvi a indignação de Grace e vi com minha visão periférica ela se movendo em minha direção. Mas então, sua raiva se transformou em dor. Roman tinha explodido algo nela, fazendo com que sua atenção se voltasse para ele. Minha atenção estava sobre o chão, quando comecei a cavar com as mãos nuas. Em meu entusiasmo, eu mais uma vez tinha esquecido uma pá. Seth estava ao meu lado em um instante, cavando a superfície de areia comigo.

Grandes gotas de chuva começaram a cair sobre nós, mas eu não tive tempo de me preocupar.

—Quem é mais forte? ele perguntou ouvindo os sons de luta atrás de nós. Se a volta de Roman tinha o assustado, ele estava ignorando por agora.

—Eu não sei, eu disse. O solo foi ficando mais difícil para escavar. Estava úmido e endurecido por conta de uma chuva recente, e eu podia sentir areia sob as unhas.

—Roman teoricamente pode ser tão forte quanto Jerome, e eu acho que ela é menos poderosa do que Jerome. Eu não sei ao certo, e ele pode ficar para trás. Quanto mais poder ele usa, mais ele alerta os outros que está aqui.

Meus dedos bateram em algo rígido, e Seth e eu trabalhamos para desencavá-lo. Era uma caixa de madeira, uma caixa de charuto antigo. Consegui me manter segurando a caixa, e comecei a puxá-la.

—Aqui, disse eu, parando. Joguei-lhe a minha bolsa e logo em seguida voltei a cavar.

—Pegue meu celular. Olhe nos contatos e você vai encontrar Mei. Ligue para ela. Diga a ela onde nós estamos. A caixa de charuto saiu da terra.

—Você quer que eu ligue para um demônio?, Perguntou ele em choque.

—Nós precisamos dela. Diga a ela onde nós estamos. Em seguida, saia daqui. Pegue meu carro e vá.

—Georgina -

—Vá! Gritei.

Seth hesitou pelo tempo de um batida do coração, então se levantou e correu com a minha bolsa, mantendo-se bem longe dos combatentes. Eu não sei como Mei reagiria a um telefonema de um mortal. Eu nem sabia se ela iria responder, e também não sabia se ela poderia ser confiável. Eu estava confiando no meu instinto

- e na esperança ingênua sobre o lado bom de todos - que ela e Grace não estavam juntas nisso.

Um grito de Roman me fez olhar para cima rapidamente. Ele estava em volta, Grace avançando. O que parecia um raio estalou em sua direção, embora apenas com o fogo. Só que muito mais perto dele do que antes. Ele estava se enfraquecendo.

Freneticamente, eu raspei a areia da caixa de charuto. Parecia incrivelmente fácil de abrir, mas quando eu tentei tirar a tampa, nada aconteceu. Não adiantou nada, e eu sabia que nenhum esforço meu faria isso acontecer. Voltei-me para o relógio que eu tinha tomado de Dante, fiquei olhando para ele. Tinha um padrão de marrom pálido marmorizado - um que facilmente se misturou com o selo. Era um esconderijo engenhoso. Eu bati o relógio contra a caixa de charuto, e na terceira

tentativa o vidro rachou. Arranquei os pedaços e tentei puxar para cima. Estava grudado firmemente. Peguei um pequeno fragmento da superfície do relógio, deslizei sob o selo da borda, e depois de alguns momentos de pressão, tudo caiu por terra, e - não havia selo. Olhei. Engrenagens, ponteiros do relógio, pedaços de vidro, e superfície... mas nenhum selo. Seth havia tido certeza. Eu tinha certeza. Dante não tinha outro lugar para colocar que ficasse sempre com ele. Carter disse que era possível que o invocador pudesse esconder o selo de todos, e se Dante tinha feito isso, estávamos ferrados.

—Merd—

Eu cortei meu próprio palavrão e olhei para o meu pulso, o relógio de brilhantes piscando para mim. Não. Certamente não era tão óbvio. Dante tinha me dado o relógio antes de Jerome ser invocado, e então eu o perdi por volta do momento da invocação. Eu tinha culpado a mim mesma, mas era possível que Dante tivesse realmente pego de volta brevemente...?

Puxando o relógio do meu pulso, não hesitei em dar a ele o mesmo tratamento que dei ao de Dante. Me matou quebrar um belo pedaço de ouro-e-vidro trabalhado, mas quando a superfície saiu, eu encontrei um pedaço de quartzo fumê que complementava o de Grace. Dante precisava de mais crédito. Ele manteve o selo próximo a ele e escondido onde ninguém veria - e inclusive eu - jamais pensaria em procurar.

O selo era inútil, sem a outra metade. Olhando para cima, vi que Grace tinha a mão no pescoço de Roman levantando-o do chão. Ele estava completamente mole. Eu não entendi muito bem, mas algo me dizia que ele havia desligado completamente seu poder.

Por quê? Era suicídio. Eu queria gritar, correr e salvá-lo, mas não havia nada que eu pudesse fazer. Ela estava de costas para mim, mas eu podia imaginar o brilho em seus olhos.

—Quando eu te matar, ela sussurrou: —Minha posição estará garantida.

De repente, ela virou a cabeça para trás em minha direção. Por um momento pensei que havia atraído a atenção dela, mas ela não estava olhando para mim. Ela estava olhando adiante de mim, depois de ter percebido uma coisa que eu não poderia: a assinatura de um outro imortal. Mei estava ali, dura e implacável. Eu sempre havia considerado ela como cara-de-pedra, mas o olhar que ela estava dando agora era realmente assustador, e eu me encolhi.

Ela e Grace se encararam, e depois de alguns segundos Grace largou Roman. Ele aterrisou no chão com um baque e ficou imóvel por um momento. Então, ele levantou a cabeça e lentamente começou a engatinhar na areia até mim, cada movimento

aparentemente lhe causando agonia.

—Você está com sérios problemas, disse Mei.

—Eu tenho melhorado minha situação, disse Grace uniformemente. "E eu posso melhorar a sua."

—Eu não preciso de sua ajuda - especialmente quando eu revelar quem esteve por trás de tudo isso. Os outros vão me recompensar. Jerome vai me recompensar.

—Você é uma idiota! Quer passar o resto da eternidade trabalhando para alguém?!

—A minha hora vai chegar, Mei respondeu diretamente. —E eu prefiro trabalhar para ele do que para você.

E sem mais brincadeiras, uma avançou para a outra. Foi uma luta bizarra. Metade dela pareceu muito humana, completa com golpes físicos e luta. Ao mesmo tempo, houve definitivamente um elemento sobrenatural, pois usavam o mesmo tipo de elementos e golpes invisíveis que Grace e Roman tinham usado. A chuva caía, encharcando as duas. Com as suas habilidades, elas poderiam ter permanecido secas, mas estavam muito distraídas para isso. Roman continuou engatinhando em minha direção. Sustentando o selo e a caixa, eu hesitantemente me movi para encontrá-lo no meio do caminho.

—Você pode abri-la? Eu perguntei, entregando-lhe a caixa. Sua respiração estava pesada e dolorosa, mas ele agarrou a caixa e tentou tirar a tampa. Seus dedos apertavam a madeira, e eu vi o esforço em seu rosto, tanto de nível físico quanto mágico. No final, ele fez uma careta. —Não. Não é um poder imortal que eu tenha herdado.

Eu olhei para as duas. Havia um leve brilho em torno de ambas. Enquanto a batalha se intensificava, elas estavam mudando para suas verdadeiras formas imortais, o que seria ruim para eu ver. —Quem é mais forte? Eu perguntei.

—Elas estão equilibradas, disse Roman, seguindo o meu olhar. —No entanto, Grace está um pouco desgastada. Eu esperava que fosse o suficiente. Abraçando a caixa junto a meu peito, eu assistia a luta pronta para desviar o olhar se elas mudassem totalmente de forma.

Eu sempre pensei que elas tinham uma espécie estranha de beleza, mas agora, tudo era dureza e sem beleza, e não era difícil ver que, sem suas fachadas humanas, elas eram realmente demônios do inferno. Eu também podia ver o que significava elas estarem equilibradas. Cada uma ganhava um tempo de vantagem e depois conseguia voltar. Até que, quando parecia que Grace estava dando uma lição em Mei, Mei de repente entrou em pleno vigor com um ataque de explosões invisíveis que pegou Grace de surpresa fazendo-a tropeçar. Com uma velocidade desumana, Mei chegou à frente de Grace e rasgou a gargantilha de seu pescoço. Igualmente rápido, jogou a gargantilha para mim e depois voltou para bloquear Grace, que pareceu perceber que o fim estava próximo. Peguei o colar com os dedos trêmulos e tirei o selo da peça em forma de meia-lua.

Coloquei-o ao lado da parte de Dante, sem saber o que fazer, mas assim que estavam perto o suficiente, eles fundiram em um disco inteiro.

—Coloque-o na caixa, disse Roman. —Rápido

Apertei o selo na parte superior da caixa, e novamente, ele parecia saber o que fazer,

encaixando-se na superfície da madeira, quase como se derretesse. E com isso, não parecia haver nenhuma outra opção. Abri a tampa. O poder que veio disso jogou tanto eu como Roman para trás, e ao mesmo tempo, senti um tipo diferente de poder em meu corpo. As cordas que prendiam minha alma com o inferno sendo recolocadas. Minha essência imortal corria através de mim e, com ela, senti todas as outras habilidades que o inferno me concedeu voltar. Senti-me forte. Carregada. Invencível. Meus sentidos sintonizados de volta ao mundo invisível, e a explosão de uma poderosa aura imortal encheu o ar. E ali, na chuva, luz e cor lentamente fundiram fora da caixa em uma forma de homem. Poucos minutos depois, a forma assumiu uma aparência completamente humana. Uma

que parecia com John Cusack. Grace e Mei pararam seu ataque para olhar.

Cuidadosamente, de forma hesitante, Mei deu alguns passos para trás. Jerome não prestou nenhuma atenção nela. Ele estava focado em Grace.

—Oh cara, eu disse suavemente. —Você está tão fodida.

VINTE E CINCO

Tenho que reconhecer, Grace não se acovardou. Ela se firmou, recuperando a compostura e correspondendo ao olhar de Jerome. Na verdade ela estava recuperada o suficiente, ao ponto de evitar a chuva. As gotas não a tocavam, tanto quanto o fogo não havia tocado Roman. Seu terno estava seco e seus cabelos estavam encaracolados e perfeitos.

—Você teria feito a mesma coisa, disse a Jerome.

Eu não pude ver o rosto de Jerome, quando ele falou. —Eu não teria sido apanhado. Você foi. Você falhou.

—Você deveria ficar impressionado com a minha ingenuidade. Ela cruzou os braços, desafiadora. —Eu sou útil para você.

—Você é insignificante. Eu poderia destruí-la, e ninguém pensaria duas vezes sobre isso.

Eu não estava certa sobre isso. Demônios ferem seus iguais o tempo todo, mas isso não significa que o Inferno aprove. Isso cria papelada, e se você for pego, será mandado para o equivalente à prisão no Inferno.

—Eu não penso assim. Além disso, você terá sorte se tiver seu trabalho de volta quando retornar. Você foi invocado. Os olhos dela passaram de mim para Roman, caído sobre a areia. —Seu território é um caos. Eles vão mandar você para um trabalho em escritório - ou torná-lo alguém subordinado. Absolutamente uma queda de uma posição.

—Não é provável, disse Mei, se manifestando. —Não acontece dessa forma. Jerome tem conexões poderosas. Como eu. E Cedric vai advogar por ele.

Sua vontade de ajudar e sua garantia sobre Cedric me surpreenderam, mas então, talvez ela esteja de volta a filosofia conheça-seu-inimigo. Grace olhou para sua companheira anterior. —Você é a maior idiota de todos aqui.

—Já chega, repreendeu Jerome. —Já houve exposição demais aqui. O que importa já feito. Eu não tive que vê-lo para saber que ele estava sorrindo para Grace - só suspeitava que não era um sorriso cordial. —Te vejo no inferno.

Ele estalou os dedos e, de repente, o que parecia ser gelo negro levantou-se do chão e se arrastou pelo corpo de Grace. Ela quase não teve tempo de gritar porque foi revestida rapidamente e, em seguida, congelou no lugar, ficando imóvel. Ela tornou-se uma estátua negra.

—O que é isso? Murmurei, sem fôlego.

—Uma espécie de congelamento de demônio.‖ Roman murmurou de volta. —Um tipo de prisão. Ele é dez vezes mais poderoso do que ela - é uma coisa fácil para ele fazer.

Perguntei-me então o quão poderoso Roman realmente era. Ele parecia compatível a Grace, mas eu ainda não tinha certeza se tinha sido por medo de ser detectado. Como seria, agora que ele tinha desativado sua assinatura, aparentando ser um humano. Ele havia feito isso antes de Mei se materializar.

—Você precisa sair daqui, eu disse a ele.

—Espere. Ele respondeu.

Na verdade, Roman parecia ser a menor preocupação de Jerome, que estava estudando a forma congelada de Grace. Sua derrota tinha sido um anticlímax, realmente. Não havia acontecido uma briga chamativa, como as anteriores, mas também, com o poder de Jerome não havia necessidade. Eu também tive a sensação de que Grace estava certa sobre uma coisa. Mesmo que ele tivesse conexões, Jerome provavelmente corria o risco de ter que fazer algo para restabelecer seu controle de volta em Seattle. Ele provavelmente queria torturá-la e destruí-la da face da terra, mas forçá-la a enfrentar a justiça infernal - tal como seria - ia fazer mais por ele. O inferno seria mais bondoso com ele se ele seguisse todas as regras.

Ele se virou e encarou Mei, que permaneceu ao seu lado. Foi a primeira vez que eu dei uma boa olhada no meu chefe desde que ele retornou. Seu rosto estava branco e frio, mas eu tinha certeza que eu podia ver a fúria queimando por trás de seus olhos. Ser invocado era a pior coisa que podia acontecer com um demônio.

—Ela estava certa até certo ponto, ele disse a Mei. —Poderia ter sido vantajoso virarse contramim.

—E ser a segunda no comando? Mei balançou a cabeça. Como Grace, ela se manteve firme.

—Não. Eu não vou servi-lo para sempre, acredite em mim, mas por hora, creio que essa seja a melhor forma de agir. Estou apostando todas minhas fichas em você.

—Sua lealdade é apreciada. Mei deu um pequeno aceno de reconhecimento. Ao contrário de Kristin e Cedric, que serviam tanto por amor como por dever, a lealdade de Mei seria o que ela precisaria para subir. Jerome sabia disso e aceitou. —E isso será recompensada.

—Eu sei que será, ela disse calmamente. —E eu não terei uma co-tenente quando voltarmos?

—Não. Não se depender de mim.

E pela primeira vez desde que eu a tinha conhecido, Mei sorriu.

Seus olhos, em seguida, moveram-se para a estátua de Grace. —Você precisa de mim...?

—Não, disse Jerome, parecendo lembrar-se de nós. —Você pode ir.

Mei não perdeu tempo. Ela desapareceu, e Jerome se virou para olhar para mim e Roman. Seus olhos caíram em mim primeiro.

—Então. Você está aqui, Georgie. Porque eu não estou surpreso?

—Porque eu sou a única que se importava com você ficando para trás e não estava com preguiça de fazer qualquer coisa sobre isso?

O fantasma de um sorriso cintilou em seus lábios. —É justo. E você será recompensada também.

Eu queria dizer a ele que eu não precisava de uma recompensa, mas Jerome já havia deslocado a sua atenção para Roman. O sorriso se desfez. —Você entretanto, tem muita cara de pau de aparecer por aqui.

—Deve ser de família, disse Roman. Abatido como ele estava, ainda conseguiu fazer piada.

—No entanto, a natureza suicida não é. Você sabe que está a segundos de distância de ser destruído, não sabe?"

—Sim, sim, disse Roman. —E eu tenho certeza que me matar ajudaria a reforçar o seu status de mau. Mas a verdade é que eu ajudei a salvar você. Você não estaria aqui se não fosse por mim.

Eu não estava inteiramente certa se ele tinha trabalhado tanto quanto eu em tudo isto, mas certamente ele deixou as coisas mais fáceis para mim. No entanto, mesmo se ele tivesse trabalhado sozinho, salvar Jerome não significaria nada. Demônios não operam com um senso de justiça ou gratidão. Jerome sempre afirmou isso.

—Eu não lhe devo nada. Se você quer arriscar sua vida, isso não é preocupação minha. Eu não me importo se você viver ou morrer.

Roman esforçou-se para ficar de pé. —Isso não é verdade, ou então você teria me matado. Talvez você não me deva nada... e, ainda assim, você está em débito comigo, mesmo se você não acredita em pagar suas dívidas - e eu acho que você acredita. Você não pode viver sabendo que me deve.

Jerome estreitou os olhos. —O que você quer?

—Anistia.

—O que? Eu gritei. Ninguém prestou atenção em mim. Enquanto eles estivessem preocupados, seriam as duas únicas pessoas no mundo, pai e filho.

—Estou cansado de correr, cansado de me esconder. Eu quero um lugar para ficar. Um lugar em que eu possa me estabelecer por um tempo.

—Você não precisa de mim para isso.

"Não preciso?" perguntou Roman. "Qualquer lugar em que eu viva, mesmo com a minha assinatura escondida, vivo com medo de ser descoberto pelos imortais superiores que controlam a cidade. Estou sempre de olho nas minhas costas. Eu quero estar em algum lugar onde eu possa andar por aí sabendo que tenho, pelo menos, alguma proteção.

—Se alguém quiser matar você, eu não vou ficar no caminho.

—Eu sei disso. Mas pelo menos eu não terei que me preocupar diariamente se você é um deles.

Jerome calou-se, e para minha surpresa total e absoluta, percebi que ele estava a deliberando sobre o assunto. Eu nunca pensei que isso seria possível... e ainda, como Roman tinha dito, se Jerome o quisesse morto, ele com certeza já estaria.

No outono passado, quando descobrimos que Jerome teve Nephilins gêmeos, nós também soubemos que ele teve uma esposa muito tempo atrás, uma mulher que ele amou tanto que tinha inclusive caído para ficar com ela. E se algo desse amor permaneceu? Se tivesse queimado ao longo desses milênios como uma criatura amaldiçoada? Será que ele vê alguma coisa dela quando olha para Roman? Quando Jerome tinha ajudado a caçar Roman e sua irmã gêmea, pareceu que ele não se importava. Ele mesmo ajudou a matar Helena.

Agora, eu queria saber se Jerome era realmente tão indiferente como aparentava, e me perguntei se Roman também suspeitava disso. Eu sei que Roman odeia Jerome - provavelmente mais do que me odeia - mas valia a pena uma aliança com Jerome para ter um pouco de paz? Roman tinha percebido que jogar com essa relação paterna poderia ser a única forma de dar-lhe um alívio temporário? Com certeza sim. Este havia sido o plano de Roman desde o início. Prolongando o amor pela mãe de Roman... e atirando-lhe um pouco de obrigação. Foi por isso que Roman ajudou a libertar Jerome - e porque não queria me deixar contar a mais ninguém sobre o que havíamos descoberto, percebi ironicamente. Sigilo teria sido uma verdadeira preocupação, mas ele sem dúvida queria minimizar o envolvimento dos outros para que pudesse ter um papel importante no resgate de Jerome e usar isso como uma alavanca posteriormente.

—Mei sabe, disse Jerome. —Eu não posso controlar o que ela vai fazer.

—Ela não sabe, disse Roman. —Eu sabia que Georgina havia mandado Seth embora, e desliguei meus poderes antes da Mei chegar. Ela não viu meu rosto na última vez, então ela não me reconheceu agora. Ela não percebeu o que eu sou.

—Ele está certo, eu percebi, lembrando como Grace o pegou no final. Roman foi deixando seu poder de lado gradualmente e fez isso no tempo certo.

—Mesmo se isso for verdade, disse Jerome, que parecia estar cada vez mais frustrado pela lógica, —Eu não posso controlar o que os outros vão fazer. Os anjos sempre serão um problema.

—Bem, nem tanto um problema. A nova voz veio acompanhada de uma aura bastante familiar, parecendo cristalina e calma. Carter já estava ao nosso lado.

—Bem-vindo de volta.

Jerome olhou para o anjo, e por meio segundo quase pareceu satisfeito. Os dois estavam se avaliando, provavelmente comunicando-se telepaticamente. Ou talvez não. Talvez depois de tantas eras de amizade, eles não precisassem mais.

—Suponho que você vá advogar por ele também, disse Jerome.

Carter deu de ombros e olhou para Roman. —Eu não sei. Anjos tinham um instinto maior para caçar nephilins do que os demônios. Pensei em Carter como alguém benevolente, mas ele também tinha ajudado a destruir Helena. —Ele ajudou. Talvez se comporte bem.

Foi um sinal de como as coisas estavam loucas quando Jerome e Carter pareciam à beira de deixar um nephilim ficar ao redor - além disso, eu seria quem protestaria.

—Vocês perderam a cabeça? Exclamei. —Vocês sabem o que ele fez! Ele matou aquelas pessoas e feriu outras. Pelo que sabemos, isto é um erro. Deixá-lo voltar

para Seattle, ele poderia tentar matar outras pessoas. Ele pode tentar matá-lo. Ele pode tentar me matar!

Todo mundo se virou para mim, parecendo um pouco assustados com a minha explosão.

—E eu aqui pensando que éramos parceiros, disse Roman. —Acordo, disse Carter. —Façam um acordo.

Jerome e Roman se encararam, e eu segurei minha respiração. Um acordo feito por uma criatura imortal não poderia ser quebrado sem grandes conseqüências. Eu tinha feito poucos na minha vida. Tudo dependia de Jerome agora, se ele estava disposto a ir contra todos os tabus imortais deixando conscientemente um nephilim viver em seu território.

Finalmente, Jerome falou. —Eu lhe permitirei viver em meu domínio. Durante esse tempo, eu não vou prejudicá-lo - a não ser que você seja descoberto pelos outros, então não terei nenhuma escolha. Não dou garantias sobre o que outros imortais farão se te descobrirem. Você não dirá nada a ninguém que me envolva nesse assunto. Você promete não me prejudicar ou a qualquer outro imortal que atravessar meu território, a menos que seja em auto-defesa - ou a menos que eu tenha dado uma ordem. Você também promete não prejudicar nenhum dos meus subordinados. Ele olhou para mim, —em qualquer lugar do mundo.

—Eu aceito, disse Roman gravemente.

—E, acrescentou Jerome, um brilho afiado em seus olhos, "você ficará disponível caso eu precise de seus serviços como uma defesa, espião, ou - em condições muito raras - de maneira ofensiva. Lá estava. A razão porque Jerome poderia tirar algum proveito disso tudo, no final das contas. Ao oferecer a Roman um lugar, ele negociou de forma a ganhar um agente secreto nephilim, uma arma poderosa que nenhum de seus inimigos conhecia. Eu nunca tinha ouvido falar de nada assim.

—Eu aceito com a condição de que não matarei sob seu comando. Roman disse no final.

Jerome considerou.

—Concordo. Os termos desse acordo poderão ser renunciados a qualquer hora e você perderá sua anistia. Ou, se não cumprir com alguma parte do negócio.

—Eu quero um tempo para isso, disse Roman ironicamente. —Quando meu aluguel expira?

—Um século. Então nós vamos renegociar. "Eu aceito tudo."

—E eu concordo com os termos de anistia de Jerome, disse Carter. —Exceto que não preciso de você para espionar ou matar para mim.

—Aceito. Disse Roman.

Foi tudo tão terrivelmente formal, que minha presença parecia completamente

supérflua. Os três apertaram as mãos e, quando fizeram, poder queimou no ar, ligando-os ao que tinham acordado.

—Bem, disse Jerome vivamente. —Agora que isso está feito, vou voltar para limpar a bagunça que fizeram na minha ausência. Ele deu um olhar torto a Roman.

—Considerando que você não está tecnicamente em meu território, no entanto, te aconselho - Jerome de repente parou e olhou a praia. —E sobre o outro invocador? O humano? Ele estava aqui?

Olhei em volta também. A praia estava vazia. —Era Dante... Eu disse lentamente. Jerome revirou os olhos. —Típico. Onde ele está agora?

—Não sei, disse honestamente. —Grace o espancou. Eu tinha me preocupado se ele estava morto, mas aparentemente não estava. Olhando para onde ele tinha caído, vi o que parecia ser marcas na areia, onde ele provavelmente tinha sido arrastado para fora. Decidi manter isso para mim.

—Maravilhoso, disse Jerome. Voltando-se para nós, ele me examinou. —Você vai manter este assunto para si mesma, Georgie. E nós vamos discutir a sua recompensa outro dia.

Ele desapareceu e, com ele, a estátua do Grace. Eu não a invejei.

Roman, Carter, e eu começamos a andar em direção ao estacionamento. Eu não poderia falar por eles, mas minha mente estava tonta com tudo o que tinha acontecido.

—Você viu o que aconteceu com Dante? Perguntei a Roman.

—Eu estava meio ocupado. O que aconteceu com Mortensen depois de ter telefonado para Mei?

—Eu disse a ele para ir embora, e eu acho... Hesitei, não inteiramente certa de como eu sabia disso, a menos que fosse apenas a minha compreensão da natureza de Seth.

—Eu acho que Seth pode ter levado Dante para fora no meio da confusão. Oh cara, ele realmente me ouviu.

O estacionamento estava vazio. Meu carro havia desaparecido.

—Eles levaram o meu carro, expliquei. Eu sinceramente não tinha pensado que Seth me ouviria, apesar de meus apelos para ele ir embora.

—Uau, disse Roman, claramente satisfeito. —Seu ex-namorado ajudou a salvar o seu atual namorado e depois roubou seu carro. Ou - bem, espere - Mortensen é seu atual

namorado agora? Então tecnicamente ele salvou seu ex?

—Oh, cala a boca. Isso não importa. Ainda não temos uma maneira de voltar.

—Você disse para ele pegar o carro?, Perguntou Carter.

—Sim. Eu disse a ele para ir para longe. Eu queria que ele ficasse seguro, e acho que ele escutou.

—Depende de como você define isso, disse Roman. "Ele voltou pelo outro cara e se

colocou na linha de fogo dos demônios. Por que ele faria isso por alguém que ele não gosta?

Olhei para o lugar vazio no estacionamento. —Porque ele é Seth.

Carter parecia indiferente sobre tudo isso com Dante. —Bem, é uma coisa boa que eu estou aqui, hein? Ele descansou as mãos sobre os nossos ombros, e me preparei para o teletransporte imortal. —Prontos para uma carona pra casa?

—Preferia ir andando, disse eu.

Carter fez uma pausa e deu um olhar curioso a Roman. —Onde você vai morar?

Roman ficou pensativo por um momento. —Bem, ouvi dizer que a Georgina vai se mudar para um lugar maior. Ele olhou para mim com um de seus sorrisos bonitos.

—Precisa de um companheiro de quarto?

VINTE E SEIS

Infelizmente, Roman não estava brincando.

—O que você está fazendo? Eu exclamei quando voltamos para o meu apartamento. Ele tinha se jogado no meu sofá e imediatamente agarrou o controle remoto. Não havia sinal do meu carro na rua, mas se o Seth o tivesse trazido de volta, o teletransporte do Carter teria chegado muito mais rápido.

—Eu não tinha para onde ir, ele disse suavemente. Aubrey saiu do quarto e pulou perto dele.

—Você acabou de receber anistia de um arquidemônio. Isso é inédito para um nephilim. Eu achei que você quisesse criar raízes. Por que você não pega uma casa no subúrbio? Cuida da sua grama?

—Ninguém quer viver lá.

Eu alisei meus cabelos com a mão em exasperação e imediatamente o reorganizei. Deus, eu tinha sentido falta de transformar meu corpo. Se eu estava condenada, talvez fosse melhor curtir as regalias.

—Você não pode ficar aqui. Esse lugar não é grande o suficiente.

—Não me importo em ficar com o sofá.

Eu me preparei para dar um discurso, mas então alguém bateu na porta. Parte de mim esperava que fosse o Seth, mesmo achando que isso era quase impossível. Não havia uma assinatura imortal, o que significa que o visitante era humano. Sim, eu tinha definitivamente sentido falta das minhas habilidades, mesmo se elas estivessem ligadas a uma condição. Eu abri a porta e encontrei a Maddie.

—Hey, ela disse alegremente.

—Hey, eu disse, sem ter certeza se eu correspondia ao seu entusiasmo. —Entre.

Ela deu um passo adiante e vacilou quando viu o Roman. —Oh, desculpe-me. Eu não queria interromper -

Roman saltou do sofá. —Não, não. Eu sou apenas um velho amigo. Roman. Ele estendeu a mão. Ela mudou de mão alguns papéis que ela estava segurando e apertou sua mão. Seu sorriso voltou.

—Eu sou a Maddie. É um prazer te conhecer. Ela virou-se para mim. —Você tem um segundo? Eu estava a caminho do trabalho e gostaria de te mostrar uma coisa.

Ela passou alguns papéis para mim. Eles eram relatórios detalhados de um novo condomínio na Praia Alki. Estavam detalhados com a lista de preços, fotos de cômodo por cômodo de uma unidade em particular. Ainda não estava terminado. O chão estava no alicerce, às paredes não estavam pintadas. Apesar disso, as fotos eram claras e davam uma boa idéia da organização do espaço. Uma foto mostrava uma varanda aberta para uma vista de tirar o fôlego, água e a linha do horizonte de Seattle. Não era nada como a vista que eu e Seth compartilhamos, mas era bonita.

Roman, espiando por cima do meu ombro, deixou escapar um assobio.

—Linda.

Eu dei uma cotovelada para ele sair do meu espaço pessoal. —Onde você conseguiu isso?

Maddie sorriu. —Você disse que estava ocupada, então eu mesma fui até lá e falei com o construtor. Essa é a última que resta e ele me deixou visitar e tirar fotos.

Eu ergui a cabeça. —Você tirou todas essas?

—Eu sabia o quanto você estava estressada e quis ajudar. Olha, continue e você verá todas as opções que ainda pode escolher. Tem as opções para o piso: carvalho, bambu, cerejeira...

Eu respirei fundo para me manter. A Maddie não tinha apenas imprimido as informações para mim. Depois de toda a busca até encontrar, ela tinha ido até lá e feito um dossiê completo desse lugar, um lugar que eu fiquei sabendo a esmo para fazê-la sentir melhor.

—Eles tem um corretor de imóveis no site, mas você pode ter o seu próprio, ela continuou.

—Tinha outra pessoa olhando esse também, mas o cara falou que se você estiver interessada e fizer logo uma proposta, ele vai considerar junto com a outra pessoa.

—Olhe, acenei para o Roman. —Dois quartos.

—Maddie... eu engoli. —Você não deveria ter feito isso. Ela me deu um olhar confuso. —Por que não?

—Foi muito trabalho.

—Não importa. Além do mais, depois de todas as coisas que você fez por mim? Georgina, isso não é nada. Você vai falar com eles? Eu posso ir com você, se quiser.

Eu me sentei no sofá, mexendo nas páginas sem as compreender realmente. Eu tinha ficado brava quando ela e o Seth começaram a sair. De qualquer forma, eu não tinha o direito. Ela não sabia do nosso passado. E se eu não tivesse sido tão inflexível quanto a manter as coisas em segredo, se ela soubesse que eu e o Seth namoramos, eu tinha certeza absoluta que ela nunca teria se jogado para cima dele. Porque ela era minha amiga.

Eu senti uma queimação nos meus olhos e desejei que eu não chorasse. Eu não sabia o que eu tinha feito para merecer esse tipo de amizade. Ela era uma pessoa boa. Ela acreditava no melhor de mim - assim como o Seth. Mesmo em minha fase obscura, o Seth nunca desistiu de mim. Os dois eram tão bons, tão gentis. E no fim das contas, não existem muitos humanos assim.

Carter tinha falado que se não houvesse outras complicações no mundo, eu seria aquela que o Seth escolheria. Mas havia complicações. Eu ainda me recuso a feri-lo por causa do sexo e nesse momento, esse problema tinha o efeito completo novamente. Ele tinha se colocado em perigo por mim na praia. Sempre vai haver

perigo na vida comigo - perigo para ele, não para mim. Eu o quero muito, quero restabelecer o que tivemos, mas se eu o fizer, eu estarei sujeitando ele a mais dessa a montanha russa de existência. Eu devo a ele uma vida normal, um amor normal. Eu não podia fazer isso com ele, não importa o que ele disse sobre tentar novamente.

Não é porque as coisas não funcionaram, que não quer dizer que não possamos amar outras pessoas. Amor é uma coisa muito grande para você viver sem. Pelo menos para os humanos é. Eu quero que a Maddie e o Seth tenham isso. Eu quero que eles tenham o sonho que eu não posso.

A expressão da Maddie ficou mais suave enquanto ela me espreitava. —Por que você está me olhando para mim desse jeito?

Eu engoli e dei um sorriso para ela. —Ainda estou maravilhada com você ter feito tudo isso.

—Você vai lá dar uma olhada?|| ela disse muito animada.

—Sim. Eu irei.

Eu ganhei um abraço e um sorriso, então ela teve que correr para o trabalho. Eu sentei novamente no sofá, com os papéis ainda nas mãos. Roman sentou do outro lado.

—Você vai acabar com isso, não vai? Sua voz era surpreendentemente gentil.

—Com o Mortensen?

—Yeah. Quero dizer, eu sabia que iríamos, mas não tinha caído a ficha até este momento. Nós nos iludimos... Fomos pegos por uma situação temporária. Eles merecem estar juntos e eu não deveria ter feito o que fiz com ela. Eu suspirei.

—Nyx me enganou com o sonho. Não foi real. Sem pensar muito nisso, eu coloquei minha mão na barriga. Mesmo se houvesse qualquer chance de eu ter ficado grávida durante a pausa, tinha acabado agora.

—Mas acho que pode ser real para eles.

O Roman parecia tão pesaroso, tão simpático que era difícil acreditar que ele ainda queira me matar. Porém eu tenho certeza que ele quer.

—Sinto muito, ele disse.

—Sinto muito que você não possa ter seu homem e sua filha. Sinto muito até por você não ter seus gatos.

Eu olhei para onde a Aubrey dormia, lembrando o gato do sonho.

—Bem, eu acho que ela vai ser mais feliz sendo a única criança.

Naquela mesma noite, o Seth apareceu. Misericordiosamente o Roman não estava, tinha ido comprar umas coisas no mercado. Sem se importar com meus protestos, ele tinha a intenção de ficar comigo. Eu pensei em reclamar com o Jerome, mas eu tinha certeza que meu chefe não iria apreciar este problema neste momento. Isso se ele ainda fosse meu chefe. Eu estava interpretando a falta de notícias como uma boa notícia.

Seth me deu as chaves do carro enquanto ele entrava. —Está atrás do prédio.

—Obrigada.

—Desculpe ter saído daquele jeito. Eu não queria... Deus, aquilo foi duro.

—Era o que eu queria, eu disse. Nós ficamos parados um pouco longe, hesitantes em chegar muito perto. —Estou agradecida por você ter me escutado.

—Eu não ia, você sabe. Logo que eu desliguei o telefone com aquele demônio - e deixe-me te contar, foi estranho - eu ia voltar imediatamente, e... eu não sei. Eu não sei o que eu teria feito. Eu teria ficado por você. —Você poderia ter morrido.

Ele encolheu, como se aquilo fosse sem importância. —Na verdade eu voltei, e então... então eu vi o Dante.

Eu cruzei os braços, ainda receosa sobre me aproximar dele, muito disso era porque eu tinha medo de me jogar em cima dele.

—Eu sabia que você tinha feito isso. Mas por quê? Você não gosta dele. Você sabe o tipo de pessoa que ele é.

Seth confirmou com um acedo de cabeça.

—Eu não gosto dele, mas... eles o teriam matado, não teriam?

Eu pensei no Jerome, aquela raiva fria e mal represada em seus olhos. Ele estava puto da vida e eu sabia que o teria matado não poder despejar sua ira na Grace. Havia tabus sobre prejudicar e interferir na vida dos mortais, mas bem, isso não era inédito e sempre havia lacunas. Ele ficaria menos encrencado por isso do que por matar Grace.

—Bem, eu disse, —vamos apenas dizer que eles pelo menos o fariam sofrer consideravelmente.

—Eu imaginei. E eu não poderia deixar isso acontecer... nem mesmo com ele. O que ele fez foi errado - ferrou com as coisas para você e te colocou em perigo. Mas em algum jeito bizarro e louco, ele fez isso porque te ama. E não acho que alguém deveria ser torturado por isso. E... Seth me estudou cuidadosamente. —Eu tenho um pressentimento que você não queria que aquilo acontecesse.

Ele estava certo. Não importa o quanto eu tinha sido ferida, tirando a traição... Eu me importava com o Dante. Ainda me importava um pouco. —Deus, eu tenho que parar de me envolver com homens instáveis. Onde ele está agora?

—Eu o deixei na casa dele. Ele voltou a si, era capaz de andar e tudo mais.

—Se ele tem algum senso, ele já partiu. Eu acho que o Jerome tem uma memória boa.

—E, então... as coisas voltaram ao normal?

Eu levei um tempo para responder. —Yeah. Estou de volta com toda a glória súcubos.

Ele se virou e começou a andar. —Eu sabia que isso aconteceria... Sabia que estava próximo, mas ainda assim... Eu fingia que não aconteceria.

—Eu também. Eu acho que algum lugar na minha mente, eu tinha a fantasia que eu poderia encontrar o Jerome e continuar com você.

Seth parou e olhou para mim. —Ainda podemos. Quero dizer, o que eu falei... que eu iria tentar de novo...

Eu encontrei seu olhar. —E a Maddie?

—Eu... Eu deveria terminar com ela...

—Você a ama? Minhas palavras foram bruscas. Acho que o peguei de surpresa.

—Sim... mas é diferente. Diferente da forma de como te amo.

—Não importa, eu disse. —Eu e você não podemos ficar juntos. Se você tem a chance de ser feliz, então você precisa agarrar ela. Não podemos fazer isso com ela novamente. É errado. Ela não merece isso.

—Eu disse pra você que eu ia terminar com ela primeiro se fossemos ficar juntos. Eu não posso mais enganá-la.

—Você não pode terminar, eu disse, surpresa pela veemência na minha própria voz.

—Ela te ama. Você a ama. E depois do que fizemos com ela...

—Você quer que eu fique com ela como algum tipo de compensação?

Eu empaquei. —Bem, não... não exatamente. Mas vocês se merecem. Você merece ser feliz. E você não vai ser feliz comigo. Sempre vai haver altos e baixos - assim como antes.

—Estou começando a achar que todos os relacionamentos são assim, ele disse cansado.

—Eu ainda não quero te machucar. Eu não posso suportar isso - eu não consigo esquecer o que o Hugh disse, sobre como isso a destruiria. E mesmo assim... alguma coisa continua nos colocando juntos. Eu disse a você - nunca seremos capazes de ficarmos separados. Eu sabia exatamente o que ele queria dizer, mas eu não disse. —Eu achei que terminar as coisas antes iriam consertar tudo, que a dor a curto prazo seria a pena para estabilidade a longo prazo. Mas eu estava errado. Nós apenas encontramos novos problemas e a Maddie está no meio.

Eu estou disposto a tentar novamente... não importa o quão difícil for.

—Você estava certo ao terminar, eu disse duramente. —E eu não estou disposta a fazer isso

de novo.

Ele me encarou chocado. Minhas palavras eram uma mentira, claro. Parte de mim queria tentar de novo, suportar qualquer coisa para ficar com ele. Mas eu não podia parar de pensar na Maddie. Não podia parar de pensar no quanto ela iria sofrer. Na verdade isso era irônico. Da última vez, ele tinha ido por esse caminho para me machucar de propósito porque era para um bem maior. Agora eu estava fazendo a mesma coisa pelos dois, salvando-a de um coração partido e ele de mais mágoa comigo. Estávamos em um ciclo sem fim.

—Você não quer dizer isso. Você sabe que não.‖ Seu rosto era uma mistura

de incredulidade e dor. Eu balancei a cabeça.

—Eu quero. Você e eu somos um desastre. O que fizemos durante a pausa... Foi errado. Foi vergonhoso. Imoral. Nós traímos uma pessoa que nos ama, que não deseja menos que o melhor para nós. Como pudemos fazer isso? Que tipo de antecedente é esse? Como podemos esperar ter um relacionamento sólido que foi construído em uma fundição sórdida? Uma relação construída em mentiras e fraude? Dizer essas palavras machucou. Isso era manchar a beleza dos poucos dias preciosos que tivemos, mas eu precisava fazer isso.

Seth ficou em silêncio longos momentos enquanto ele me avaliava.

—Você está falando sério.

—Sim. Eu era uma boa mentirosa, boa o suficiente para a pessoa que mais me amava não pudesse reconhecer. —Volte para ela Seth. Volte para ela e faça as coisas funcionarem.

—Georgina... Eu podia ver, ver isso batendo nele. Todo o peso da traição com a Maddie estava afundando. Sua natureza não podia ignorar as coisas erradas que ele tinha feito. Era parte do seu bom caráter, o caráter que o tinha feito voltar e salvar o Dante, o caráter que o faria me deixar. Novamente. Hesitante ele estendeu a mão para mim. Eu a peguei, e ele me puxou para um abraço.

—Eu vou te amar sempre.

Meu coração ia explodir. Eu me perguntei: quantas vezes eu poderia suportar esse tipo de agonia?

—Não, você não vai, eu disse. —Você vai seguir em frente. E eu também

Seth saiu não muito depois disso. Olhando para a porta, eu relembrei minhas próprias palavras. Você vai seguir em frente. E eu também. Apesar do quanto ele me amava, o quanto ele estava disposto a arriscar, eu realmente achava que ele ia voltar para Maddie, que ele tinha acreditado no que eu tinha falado. Eu tinha levado para casa a culpa, feito do seu amor por mim em trunfo

Você vai seguir em frente. E eu também.

A parte ruim de ser uma boa mentirosa, porém, era que enquanto eu podia fazer as pessoas acreditarem nas minhas palavras, eu mesma não acreditava nelas.

VINTE E SETE

Enquanto eu estive bem confiante para dizer ao Seth que o Dante provavelmente tinha dado o fora da cidade, não obstante, eu dei uma passada na loja dele no dia seguinte. Eu nunca tinha sido muito favorável em começar a ficar, mas agora os sinais de abandono eram claros. A placa de neon VIDENTE não estava mais lá. As persianas também já não estavam mais lá, mostrando uma sala tão desnuda quanto antes. A placa de ALUGA-SE na porta era provavelmente a maior pista que Dante tinha ido.

Do jeito que as coisas iam com o Seth era difícil saber o que pensar sobre o Dante. Meu coração quase não tinha energia para isso. Eu me importava com ele, absolutamente.

Ele tinha suportado minha fase decadente, e tirando sua alma escura, havia partes dele que era amável. E acima de tudo, parecia que ele se importava comigo, de um jeito equivocado ou não.

Eu não estava feliz com o acordo que ele tinha feito com a Grace, mas eu estava grata por ele não ter que encarar a punição do Jerome e da Mei. Ninguém merece isso, nem mesmo o Dante. Eu espero que onde quer que ele esteja, ele tente começar uma nova vida - talvez uma que pudesse deixar sua alma um pouco mais leve. Eu bem sei, que humanos com a alma condenada raramente se recuperam.

Mais tarde naquela noite, eu dirigi até o Capitol Hill. Peter e Cody estavam dando uma festinha para celebrar o retorno do Jerome, mas eu meio que suspeitava que eles quisessem simplesmente beber pela tristeza de perder o sol.

—Como podemos celebrar a volta do Jerome se ele nem está aqui? Tawny quis saber. Ela estava de volta ao normal. Loira, alta segurando sua taça de Martini de um jeito precário. O Peter não conseguia tirar os olhos.

Eu estava cuidando de um meio copo de uísque polidamente. Os vampiros tinham saído para pegar Grey Goose* e lima fresca, mas na verdade, eu estava um pouco enjoada de álcool. Parecia que eu estive perpetuamente bêbada nos últimos quatro meses. Eu ainda não estava enjoada dos cigarros, mas eu estava tentando muito deixar o hábito mais uma vez.

(*Marca de vodka destilada em Cognac, França, feita do trigo francês)

—Jerome tem muita coisa para se manter ocupado, eu disse.

—Estamos apenas bebendo em sua honra.

—Mas ele vai ficar, né? o Cody perguntou.

Todos nós olhamos para o Hugh. Assim como todos nós, as habilidades do Hugh tinham se restaurado e eu honestamente esperava que ele ficasse muito mais feliz em nos dizer sua visão de imp. Em vez disso, ele parecia muito sério e eu tinha a impressão que ele estava me encarando quando eu não estava olhando.

—Yep. Ele e a Mei enrolaram muito bem o cara da corporação e pediram muitos favores que outros estavam devendo para eles. Cedric e Nanette juraram que ninguém era mais bem qualificado para Settle que ele.

—Nanette finalmente cedeu, huh? eu balancei o gelo em círculos no meu copo.

—Claro que sabendo que o Jerome deve uma a ela agora, provavelmente ela se sintia mais segura em seu território.

Cody balançou sua cabeça.

—Ainda assim. Grace passou por muita coisa para que desse certo entre Canadenses e negociações. E o Dante. Ele me deu um olhar de desculpas e eu fiz uma menção que não havia problemas.

—Eu não sei, o Peter disse. Parecia que finalmente ele estava convencido que a Tawny não ia arruinar sua tapeçaria.

—Ela é uma demoness de gestão intermediária com poderes mais ou menos. Fazer o que ela fez - agarrar uma oportunidade quando ela achou que o Jerome parecia fraco - é provavelmente o mais próximo que ela vai chegar de governar uma área como essa.

—O que você quer dizer? Ela está estagnada para sempre? Nunca vai ter seu próprio domínio? a Tawny perguntou fazendo uma careta.

—Eventualmente talvez ela possa ter o controle de alguma cidade inexistente no meio da América, mas duvido que tenha muito mais que isso. Hugh ainda parecia estranhamente especulativo.

—Claramente ela não iria querer. Ao que parece, nem a Mei.

—Tanto para ser melhor reinando no Inferno do que servir no Céu, eu disse, satisfeita com minha própria sagacidade.

—Claro, eu acho que vamos ver muito mais na carreira da Mei. Ela pode ter um poder mais ou menos, mas ela tem um plano.

—Vocês já notaram como ela parece menos assustadora sozinha?o Cody perguntou.

—Eram as roupas iguais, o Peter disse sabiamente.

—Quando elas se vestiam iguais, era muito mais como aquelas garotas do O Iluminado.

Mais risadas e conversas seguiram-se, eu eventualmente fui ficando quieta e simplesmente escutava. Talvez eu fosse o fogo da festa, como o Seth tinha falado, mas esse grupo podia lidar com as coisas sem mim. Eu tinha um certo grau de contentamento por estar de com eles novamente e ter nossas vidas de volta ao normal - assim como eles estavam. Eu nunca poderia ser humana novamente, mas estas eram as pessoas que

eu queria estar condenada junto.

A certa altura, eu fui trocar meu copo vazio por água e descobri que o Hugh tinha me seguido até a cozinha. Ele ainda parecia incomodado. Os outros estavam rindo e falando, fornecendo cobertura para nossa conversa.

—O que está acontecendo? eu perguntei, —eu achei que você estivesse feliz.

—Eu estou, estou, ele disse. —Acredite, eu estou. Deus, aquilo era horrível.

Eu não pude segurar um sorriso. Hugh teve que _acertar o passo,, sendo um imortal menor. Ele já tinha passado o estágio dos novatos Cody e Tawny e podia colher todos os benefícios da sua posição. De qualquer forma, ele não era velho o suficiente para ter adquirido todos os séculos exaustivos que eu e o Peter tínhamos. De todos nós, eu não duvido que o Hugh seja o que mais sofreu.

—Então o que está acontecendo?

Ele hesitou, e novamente, eu fiquei impressionada por como ele estava se comportando.

—Georgina, o Seth fez alguma coisa... ruim ultimamente? Roubou um banco? Sonegou imposto?

—Claro que não, eu disse mais confusa que nunca.

—Ele fez... ou bem... ele fez alguma coisa, uh, ruim com você?

Pare meu desgosto eu fiquei ruborizada. Você acha que nada faz uma súcubos ficar envergonhada, mas eu ainda tentava manter a linha entre minha vida pessoal e vida sexual profissional. Meu silêncio foi resposta suficiente para o Hugh.

—Merda.

—O que? eu perguntei. —Nós fizemos quando eu estava em pausa. Eu não peguei nada da energia dele. Eu não reduzi a vida dele. E não fizemos mais desde que o Jerome voltou. Está acabado. Ele voltou para Maddie.

Hugh ergueu uma sobrancelha. —Oh?

—Eu percebi como era impossível para nós e o convenci voltar para ela. Eu realmente o fiz ver a culpa. Apenas mencionar o que tinha acontecido me fazia sofrer tudo de novo.

—Tenho certeza que você fez, Hugh disse secamente.

—O que você quer dizer?

—Georgina... Ele suspirou. —Não tem um jeito fácil de explicar isso. A primeira vez que eu encontrei o Seth, a alma dele era como... uma supernova. Enchia todo o cômodo. Aquele cara tinha um espírito tão generoso que era até insano.

Tinha.

—E agora? A resposta estava vagarosamente formigando em mim.

—Agora, há uma sombra nele. Uma mancha na sua alma. Ele traiu a Maddie com você... e

está de volta com ela, escondendo o que aconteceu...

A cozinha começou a sair de foco e eu me forcei a me concentrar no Hugh.

—O que nós fizemos, não foi frágil. Nós estávamos... estávamos... apaixonados. Era doce - quer dizer, se isso importa.

—Talvez importe, docinho. Talvez os planetas alinharam quando vocês fizeram

amor. Mas tirando o que aconteceu entre você, ele foi errado com ela - e ele sente isso agora. Aquele pecado está escurecendo sua alma.

—O quanto escuro? eu perguntei, minha voz agora era quase um sussurro.

—Se ele batesse o carro agora... O rosto do Hugh era duro e triste.

—Ele iria direto para o Inferno.

—Oh meu Deus, eu colapsei no balcão.

—Eu não achava... não percebi... Já que eu não estava súcubos, eu não estava pensando como uma. Eu não tinha me preocupado em encurtar a vida dele ou o deixar exausto porque não havia necessidade. Embora eu soubesse que nós dois enganamos Maddie e senti uma boa dose de culpa por isso, eu nunca considereei isso em termos de condenação. Eu tinha desligado parte da minha vida, a parte súcubos que contava e registrava almas - a principal parte do meu trabalho.

O que foi estúpido da minha parte. Humanos não precisam de nós para pecar. Eles fazem isso o tempo todo com eles mesmos e fazem tão bem - se não melhor - que nós. Eu não tive que ser uma súcubos para fazer o Seth pecar. Eu poderia ter sido qualquer mulher, qualquer mulher que ele tivesse um caso. Pecar era muito subjetivo e pessoas diferentes a sentiam de maneiras diferentes. Para alguém como o Seth, fazer o que ele fez poderia deixar uma marca desagradável - e eu o fazendo se sentir culpado sobre isso não ajudou.

—Isso é pior, eu disse. Eu ri, mas o tipo de risada histérica que poderia virar lágrimas a qualquer momento.

—Teria sido melhor se nós tivéssemos feito sexo enquanto estávamos namorando. Eu teria tirado anos de sua vida, mas sua alma teria continuado pura - e no final das contas é isso que interessa. No lugar disso, eu fui tão inflexível sobre recusar-me a fazer isso... e agora olhe. Olhe o que eu fiz.

Hugh pegou minha mão e apertou. —Sinto muito.

—Tem... tem algum jeito que ele possa desfazer isso?

—Você sabe a resposta tanto quanto eu. Claro, que ele eventualmente pode mudar o pêndulo para o outro lado. Mas é difícil. Muito difícil.

—Ele é uma boa pessoa, eu disse.

—Talvez, mas isso pode não ser mais o suficiente.

—Ele precisa de um trato com Deus, eu murmurei.

Eu encarei o chão, estudando os azulejos distraidamente. O que eu tinha feito? Como pude ser tão estúpida? Eu tinha fiquei tão cega pelo amor e luxúria que eu tinha esquecido os princípios que ditavam minha vocação imortal ao longo destes séculos?

—Georgina, Hugh disse hesitante. Eu olhei para ele.

—Tem mais uma coisa... apenas um lembrete. Você sabe disso tão bem quanto

eu. Quando pessoas boas se ferram assim... eles tentam remendar de algum jeito. A culpa deve estar devorando ele. Pessoas assim tentam fazer as coisas para concertar. Coisas precipitadas. Alguma coisa me diz que ele vai ser assim.

—Obrigada pelo aviso. Eu disse.

—Acho que não posso imaginar ele fazendo alguma coisa para deixar isso ainda pior.

O demônio me deu um olhar cortante.

—Docinho, ele é humano. Não o subestime. Hugh estava certo.

No dia seguinte, eu fui para o escritório do construtor do condomínio e conversei mais profundamente com o corretor que cuidava das vendas. Nós jogamos um pouco de conversa fora, falamos sobre números, eu ainda não podia mandar embora o sentimento de que eu estava fazendo isso sem pensar melhor no assunto. As fotos eram bonitas, a planta baixa era bonita assim como as opções de piso. Ainda assim, eu não sabia se eu estava tendo uma reação impulsiva aos altos e baixos da minha vida.

Então, quando ele me levou na unidade e me mostrou a varanda, eu soube. Era um dia lindo, um que não era realmente de verão, mas nos dava esperanças que o inverno estava para terminar. Puget Sound era de um azul profundo e abaixo da linha do horizonte brilhava no sol contra um céu sem nuvens. Do lado oeste, as Montanhas Olympic eram visíveis pela primeira vez depois meses, seus picos ainda estavam cheios de neve. Como geralmente acontecia nesse tipo de temperatura, as pessoas saíam em massa como se fosse alto Verão. Famílias do lado de fora, shorts. Essa parte do Alki não tinha uma praia de verdade - isso era no parque um pouco mais para baixo - mas a água batia na pedra do lado de fora da minha construção, separado apenas por uma pequena rua e uma faixa estreita de grama. Eu assisti as ondas quebrarem contra a costa e percebi que era aqui que eu precisava estar.

—Eu quero fazer uma oferta, eu disse a ele.

Eu sabia que a Maddie gostaria de ficar sabendo, então me certifiquei que ela fosse a primeira a contar quando eu voltei para Queen Anne mais tarde. Era o começo da noite, meu último dia antes de retornar à agenda cheia, eu passei na loja, a peguei e contei a ela.

Apenas, ela me viu primeiro, com suas próprias notícias.

—Georgina!

Eu mal entrei quando ela agarrou meu braço e me puxou para os livros de culinária.

—Hey,

Eu ri. —Bom te ver de bom humor. Eu tenho notícias.

—Eu também!

Seu rosto estava radiante e depois de tudo que aconteceu, fiquei feliz por vê-las assim. Eu não pude evitar um sorriso.

—O que foi?

Ela olhou em volta dissimuladamente, então abaixou a voz. —Você estava certa.

—Sobre o que?

—Sobre o Seth precisar de tempo - sobre ele estar preocupado.

O Senhor. Ele tinha finalmente dormido com ela novamente, agora que as coisas tinham terminado entre nós. Eu não podia dizer que estava feliz em ter estas notícias entregues a mim, mas pelo bem dela, eu estava pelo menos satisfeita em ela parar de se preocupar.

—Wow, isso é ótimo Mad-

—Ele estava esperando para me pedir em casamento!

Ela ergueu sua mão em direção ao meu rosto que por um instante eu achei que ele ia me dar um soco. Mas, não, não houve impacto - a menos que você conte o brilho do anel de noivado turvando minha visão.

—Oh meu Deus. Mas isso é... é tão cedo...

—Eu sei, ela disse, sem fôlego pelo entusiasmo.

—Eu não posso acreditar nisso. E quero dizer, sim, nós estamos saindo há apenas quatro meses, mas Seth disse que nós podemos ter um noivado longo, que ele apenas queria oficializar as coisas entre nós.

Claro que ele queria. Quando pessoas boas se ferram assim... eles tentam remendar de algum jeito. A culpa deve estar devorando ele. Pessoas assim tentam fazer as coisas para concertar. Coisas precipitadas. Como eu poderia estar surpresa? Eu me transformei em súcubos porque traí meu marido e fui pega. Eu vendi minha alma para apagar aquele ato, fazer ele e todos os outros que eu conhecia me esquecerem. Por que isso seria diferente?

—Você não acha... Madie disse inquieta, mais uma vez querendo minha aprovação e conselho.

—Você não acha que é muito rápido? Eu cometi um erro? Quero dizer, mesmo se esperarmos um pouco pelo casamento...

Eu mantive meu sorriso.

—Está tudo bem, Maddie. Não há um período de tempo

definido para cada um. Se você acha que isso está certo, então você tem que fazer isso.

Seu sorriso voltou.

—Oh, obrigada. Estou grata por ouvir você dizer isso. Quero dizer, eu disse sim, eu estava tão excitada... eu só não quero que pareça que eu corri para isso. Ela olhou para baixo, admirando o anel. Eu percebi uma coisa.

—É um diamante.

Ela me deu um olhar curioso. —Claro. Por que não seria? A maioria dos anéis de noivado é.

Ano passado, eu tinha gracejado com o Seth sobre casamento e ele disse que se algum dia casasse, ele daria a sua futura noiva um rubi porque diamantes são comuns e se casar era extraordinário.

Eu encarei a pedra multifacetada brilhante, perplexa. —Você que escolheu esse? Você disse para ele que queria um diamante?

—Nope. Eu não desconfiava. Ele apenas me deu esse. Por quê?

Eu balancei a cabeça e tentei parecer feliz por ela. —Por nada. É lindo. Parabéns. Eu me virei para sair.

—Até amanhã.

—Georgina, espere.

Eu parei e olhei para trás.

—Quais eram suas novidades?

—O q- oh. Sim. Estou comprando aquele lugar em Alki.

—Sério? Eu juro que ela quase parecia mais animada com isso do que com o noivado.

—Quando vai estar pronto?

—Julho.

—Oh, wow. Isso é ótimo. Você vai poder dar ótimas festas de verão.

—Yep. Vamos esperar que eles terminem no tempo certo. Ela suspirou alegremente e me deu um abraço rápido.

—Esse não é um dia ótimo? Boas notícias para nós duas.

—Sim, eu concordei. —Ótimo.

Eu andei de volta para casa, muito atordoada por causa da notícia do noivado, muita coisa para processar. Considerando a profecia do Hugh, não havia muito o que processar. Eu tinha convencido o Seth que ele e eu éramos uma fantasia, que ele precisava cair na real e agarrar o que ele tinha de bom com a Maddie. Seth tinha acreditado em mim e tentado fazer as coisas funcionarem com ela - até por ele mesmo - com esse noivado apressado. Geralmente ele não é uma pessoa precipitada, mas as circunstâncias extremas tinham o transformado em um.

Meu telefone tocou depois de meio quarteirão da loja. Eu reconheci o código de área de Vancouver, mas não conhecia o número. Até onde sei, Evan queria que eu contrabandeasse alguns sprays pela fronteira. Para meu alívio era a Kristin.

—Hey, eu disse. —Como está?

—Bem. Melhor que bem. Na verdade ótima. Houve alguns segundos embaraçosos.

—Eu e o Cedric... nós estamos...

Eu senti a primeira centelha de entusiasmo bater a tempos. —Sério? Vocês estão tendo... uma coisa?

—Sim. Havia surpresa em sua voz, como se ela mal pudesse acreditar nisso. —Ele me disse foi você que disse que ele deveria sair comigo.

—Oh, bem. Eu... apenas sugeri que ele estava procurando nos lugares errados.

—Georgina, não tem como eu te agradecer pelo o que você fez. Sua voz estava transbordando de emoção, uma coisa que eu não pensava ser possível nos negócios de demônios.

—Isso é... Eu queria isso há tanto tempo. Amo ele há tanto tempo. E ele nunca me notou até você o fazer parar e olhar. Foi exatamente isso que ele disse. Que ele estava tão ocupado caçando por aí que ele nem viu o que estava na frente dele.

Eu acho que talvez estivesse chocada também.

—Estou feliz por você, Kristin. De verdade. Você merece. Ela riu.

—A maioria diria que nós com as almas condenadas não merecíamos nada.

—Nós somos como qualquer um, merecemos o bom e o ruim. Não acho que estar condenado tenha alguma coisa a ver com isso.

Ela ficou quieta por um momento e então falou novamente, sua voz estava baixa, quase impossível de ouvir. Na verdade eu parei de andar e parei no lado longe do ruído do tráfego.

—Engraçado você mencionar isso, ela disse devagar.

—Por que... bem, eu fiz algo por você.

De repente eu vi uma imagem dos donuts do Tim Horton's aparecendo na minha porta.

—Er, isso não é necessário. Eu nem fiz tanto assim.

—Acho que você fez. Para mim, pelo menos. E também... eu quis fazer uma coisa tão grande quanto para você. Eu, uh, fui dar uma olhada no seu contrato.

Eu segurei minha respiração. —O que?

—Nó temos muita papelada para arquivar e eu consegui um trabalho numa viagem corporativa.

—Viagem corporativa era um jeito bonitinho de dizer que ela tinha visitado os escritórios das profundezas do Inferno. —Kristin... se você for pega...

—Eu não fui, ela disse orgulhosa. —E eu achei o seu contrato e li.

Eu parei completamente agora. O mundo a minha volta não existia. —E?

—E... nada.

—O que você quer dizer com nada?

—Quero dizer, que não há nada de errado com seu contrato. Eu li e reli. Está tudo em ordem.

—Não pode ser! Niphon estava se esforçando tanto para me ferrar... para me pegar novamente. Hugh estava certo que isso significava que ele estava tentando distrair a atenção do meu contrato.

—Não sei nada sobre isso, a Kristin disse, parecendo verdadeiramente simpática.

—Tudo que sei é o que eu li. Você vendeu sua alma e assumiu a posição de súcubos em troca de todos os mortais que você conhece esquecerem quem você é. Isso parece correto?

—Sim...

—Foi o que eu disse. Toda a linguagem está como deveria ser. Eu não tinha resposta, então não dei nenhuma.

—Georgina, você ainda está aí?

—Sim... Sinto muito. Eu apenas pensei... Eu tinha tanta certeza... Tinha sido uma esperança tola, que talvez em algum lugar houvesse uma abertura para mim. Mas então, parece que eu caía nesse tipo de coisa o tempo todo, assim como eu tinha feito com o sonho da Nyx e a chance impossível de ficar grávida enquanto eu estava em pausa. Eu era tão ingênua quanto o Dante tinha dito.

—Obrigada. Eu realmente agradeço você ter procurado.

—Eu sinto muito por você não ter conseguido o que queria. Se houver mais alguma coisa que eu possa fazer por você - que não envolva invadir os registros - me avise.

—Obrigada. Eu farei isso.

Nós desligamos e eu olhei desolada para meu ambiente, para o quarto residencial quieto que eu estava.

—Não tem jeito, eu disse em voz alta, —desse dia ficar pior.

Um ruído atrás de mim me fez pular e eu me virei. Eu achava que estava sozinha e agora

me sentia idiota ao ser pega falando comigo mesma. Eu não vi ninguém. Então um arbusto na calçada mexeu um pouco. Eu dei uns passos para frente e me agachei. Olhos amarelos espiaram para mim, seguido por um miado lamentoso. Eu fiz o som que todos os donos de gatos do mundo fazem e depois de alguns instantes meu observador apareceu.

Era um gato, um muito magricelo - e um gato que eu tinha certeza de já ter visto

antes. Era menor que a Aubrey, talvez mais novo, e eu podia ver suas costelas apontando embaixo do pêlo, que era embaraçado e sujo. Quando eu acariciei a cabeça do gato, eu notei a textura seca do pêlo que geralmente é um indicativo de pulgas. O gato parecia inseguro com relação a mim - mas não o suficiente para fugir. Ele parecia mais estar curioso, tentando me sacar - e talvez ganhar comida.

O que era bom, porque eu também estava tentando descobrir alguma coisa sobre ele. Claramente, esse gato não tinha dono, ou se tinha, o direito dele tinha que ser revogado. Eu estudei seus olhos amarelos e cada linha frágil do seu corpo. O gato parecia tão diferente e ainda assim... eu tinha certeza que era ele. E uma meditação digna de Carter, eu de repente questione se o universo ainda não tinha terminado comigo depois de tudo.

Eu deixei o gato cheirar minha mão um pouco mais e então cheguei mais perto e o peguei. Era fêmea. Ela não lutou comigo enquanto eu a segurei no meu peito e andei para casa. Na verdade, ela começou a ronronar. Talvez ela me conhecesse. Talvez ela também estivesse apenas esgotada de lutar contra o tempo.

Quando eu abri minha porta com o ombro, Aubrey ergueu imediatamente a cabeça da onde ela estava tirando uma soneca. Ela não fez nenhum som, mas todos os pêlos da suas costas se ergueram enquanto ela estudava nossa nova visitante com olhos estreitos. Roman, deitado no sofá como sempre, também nos estudou.

Ele olhou para o gato, para sua cobertura laranja e marrom. Então ele olhou para cima e encontrou meu olhar. Não sei o que ele viu, mas o fez sorrir.

—Deixe-me adivinhar. Essa é uma tartaruga.

—Sim, eu concordei. —Essa é uma tartaruga.

FIM !!!

A série Georgina Kincaid continua com **Georgina Kincaid 5: Succubus Shadow**

Créditos: Comunidade Traduções de Livros

[<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=25399156>]

Tradução: Grazi

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=10803005155040813750>]

Tradução: Jaqueline

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=451645816339257869>]

Tradução: Amanda

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=3844082435795292963>]

Tradução: Carol

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=16592676966293637234>]

Tradução: Alba

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=14657458809865260903>]

Tradução: Thábata

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=1224165313819057875>]

Tradução: Mariana

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=5298624630443160772>]

Tradução: Deise

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=625413317238133255>]

Colaboração: Pâmela

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?rl=pv&uid=17042180859827724872>]

Colaboração: Alba

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=14657458809865260903>]

Revisão Final: Tata

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?rl=mp&uid=5334391235273105549>]

Skoob

[<http://www.skoob.com.br/usuario/mostrar/140942/perfil:on>]

Twitter

[<http://twitter.com/tdlivros>]

Blog

[<http://traducoesdelivros.blogspot.com>]